UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MARIA NAHIR BATISTA FERREIRA TORRES

O ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: TRAJETÓRIAS E LUGAR NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

FORTALEZA–CEARÁ
2019

MARIA NAHIR BATISTA FERREIRA TORRES

O ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: TRAJETÓRIAS E LUGAR NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: Formação de Professores

Orientadora: Profa. Drª. Síllvia Maria Nóbrega-Therrien.

FORTALEZA–CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Torres, Maria Nahir Batista Ferreira .
O ensino de história da enfermagem: trajetórias e lugar na formação do enfermeiro [recurso eletrônico] / Maria Nahir Batista Ferreira Torres. - 2019.
1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 378 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.
Área de concentração: Formação de Professores.
Orientação: Prof.ª Dra. Síllvia Maria Nóbrega-Therrien..

1. Ensino de História da Enfermagem. 2. Formação. 3. Currículo. I. Título.

MARIA NAHIR BATISTA FERREIRA TORRES

O ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: TRAJETÓRIAS E LUGAR NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: Formação de Professores

Aprovado em: 27 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvia Maria Nóbrega-Therrien (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE

Profa. Dra. Valéria Aparecida Alves
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Fernando Rocha Porto
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Profa. Dra. Ana Maria Iório Dias
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Osmir Claúdiano da Silva Junior
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

De modo muito especial, dedico este trabalho aos meus pais: Antonio Francisco Ferreira (*in memoriam*), que tão cedo partiu do nosso convívio e Jesuita Batista Ferreira, que nos educou de maneira tão sábia.

AGRADECIMENTOS

Assim como o canto de apenas um único "*galo não tece uma manhã,*" também não se compõe uma tese sozinha, nos dias de absoluta ausência ou na solidão das madrugadas. Desde os primeiros passos no percurso do doutorado, até a conclusão da tese, muitos contribuíram direta ou indiretamente para que eu conseguisse distender 'meu canto' que, como uma "*tela tênue se* [foi] *tecendo entre todos"* e tantos a quem manifesto a minha gratidão.

A Deus, fonte de amor, sabedoria e amparo, que, na tessitura da vida, me faz renascer a cada novo amanhecer. Seria impossível seguir essa trajetória sem esse amor e amparo! E a Nossa Senhora, mãe que cuida, protege e abençoa sob todos os títulos e a todos os seres de luz.

A minha família, base de tudo. Aos meus pais, Antonio Ferreira (*In memoriam*) e Jesuita Batista Ferreira, mãe sempre presente com suas lições práticas de sabedoria, amor e resistência. Aqui estou! Aos meus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas. Alegria de nossa casa.

Ao meu marido, Luiz, pelo amor, companheirismo e apoio incondicional. Sua companhia nessa caminhada foi imprescindível.

A minha orientadora, Profa. Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien, pela generosidade com que me acolheu, pela contribuição na minha formação, orientando esta pesquisa de maneira competente, ética, paciente e amorosa; pela oportunidade de participar do seu sonho e da sua luta de construir o NUDIHMEn e que tanto me ensinou. Pela grandeza de ser humano e por ter modificado minha vida de modo tão significativo.

Aos meus amigos e parceiros de caminhada, doutorandos da turma de 2015, pela generosa partilha de saberes e afetos e por ter confiado a mim a representação discente da nossa turma no colegiado do PPGE/UECE. Minha eterna gratidão a Elane Barbosa, pela amizade, ensinamentos, partilhas e afetos que fizeram com que essa caminhada intensa fosse permeada de risos. E ao Emerson Medeiros, pela partilha de saberes, valores e com quem aprendi tanto da vida!

À Profa. Dra. Ana Maria Iório Dias, ao Prof. Dr. Fernando Rocha Porto, ao Prof. Dr. Osnir Claudiano Silva Junior, à Profa. Dra. Valéria Aparecida Alves pelas contribuições no exame de qualificação que foram imprescindíveis para o amadurecimento do nosso trabalho e pelo carinho e atenção em compor a banca de defesa de tese.

À profa. Dra. Maria Irismar de Almeida, pela acolhida e serenidade em todos os momentos, inclusive por ocasião do Estágio de Docência no Curso de Medicina, na Disciplina Educação em Saúde. Um aprendizado inesquecível sobre ser professora! E pela generosidade, dedicação e aceite do convite para compor a banca de defesa de tese.

À Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho, que tive a alegria de conhecer no colegiado do PPGE/UECE e aprender com sua história insipiradora de foco e determinação e pela generosidade do aceite do convite para compor a banca de defesa de tese.

Ao corpo docente do PPGE/UECE, que, durante esta caminhada, contribuiu com minha formação, principalmente, aos Professores, Jacques Therrien, uma voz sempre sábia e afetuosa, ao professor João Batista, pela dedicação ao PPGE e compromisso com a nossa formação. Ao Prof. Dr. Osterne Maia, pelas contribuições à elaboração do projeto de tese, por ocasião da disciplina Seminário de Prática de Pesquisa. Às professoras doutoras Ana Iório, que deixou sua marca de competência, alegria e ternura, e Meirecele, pela leveza de ensinar. E ao Prof. Dr. Antonio Gemano Magalhães Junior, por ter apostado no meu potencial e ter me acolhido no seu grupo de pesquisa e conduzido o trabalho de orientação no mestrado com tanto rigor e leveza, por estar presente na minha entrevista, por ocasião do processo seletivo para o doutorado e passar tranquilidade num momento tenso e decisivo.

À Secretaria do PPGE, pelo atendimento gentil e eficaz de Jonelma Marinho e Rosângela Evangelista em todos os momentos.

Ao Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva (GPEHSC), pelos encontros plenos de partilhas, aprendizados e afetos e à Profa. Dra. Raquel Azevedo que, com um sorriso acolhedor e palavras encorajadoras, trouxe tanta luz para o grupo.

Aos representantes discentes do colegiado PPGE/UECE, com quem tive a oportunidade de conviver e aprender sobre as dores e as delícias da pós-graduação *stricto sensu.*

Ao Curso de Enfermagem da UECE, pela acolhida em nossas buscas durante a pesquisa.

À Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará, pela liberação para os estudos de pós-graduação *stricto sensu*.

Á Profa. Dra. Lourdes Neta, pela luz, amizade e as palavras sábias, que me ajudou ao longo dessa caminhada; à Profa. Dra. Tania Lopes, amiga e incentivadora do meu

percurso acadêmico; sem ela a caminhada teria sido mais longa; e Profa. M.ª Francy Rabelo, confundida como irmã gêmea durante o mestrado, uma irmã que ganhei no Maranhão.

À coordenação, tutores presenciais e a distância, professores e estudantes do Curso de Pedagogia UAB/UECE, que me possibilitaram muitos aprendizados na docência e para minha formação.

Às professoras colaboradoras da pesquisa, que me presentearam com a singularidade de suas narrativas.

A todos os meus alunos, de todos os níveis e temporalidades, que constituíram a professora que sou hoje.

Aos amigos de todos os tempos, de perto e de longe, que compreenderam minha ausência e sei que torceram por mim. Gratidão!

RESUMO

O ensino de História é essencial na formação do profissional de Enfermagem. Para compreensão das raízes históricas, requer análises acerca da sua inserção no currículo no curso de formação inicial acadêmica. Por meio deste estudo, buscou-se analisar a trajetória do ensino de História da Enfermagem no curso de formação desse profissional na Universidade Estadual do Ceará – UECE, desde a sua origem, na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo - EESVP, considerando o entendimento da inserção dessa profissão na sociedade. O recorte temporal do estudo considerou a trajetória das 12 matrizes curriculares produzidas pelo curso em suas três fases - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP) como instituição isolada (1943-1955); EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará (UFC) (1956-1975) e EESVP, anexada à Universidade Estadual do Ceará (UECE) (1975-2018). Assim, o recorte temporal inicial refere-se ao ano de 1943, quando foi produzida a primeira matriz curricular do curso, e o ano de 2018, considerando que a última matriz curricular elaborada pelo curso em 2005 continua em vigência. A tessitura metodológica investigativa foi expressa na abordagem qualitativa, como apoio na perspectiva multirreferencial e recorrendo à utilização do método de pesquisa histórica, compreendido pelas etapas de coleta, organização, problematização e avaliação crítica dos dados. No estudo também depreendeu-se das fontes orais, por meio de 12 entrevistas do banco de história oral do Núcleo de Informação História e Memória da Enfermagem no Ceará (NUDIHMEn) e nas entrevistas realizadas no estudo em que cinco professoras de História da Enfermagem que ministraram/ministram a disciplina no curso trouxeram suas colaborações para concretizar a investigação. Constatou-se que o ensino de História no currículo do Curso de Graduação de Enfermagem da UECE passou por variações significativas de denominação e carga horária. Os conteúdos trabalhados perpassaram as raízes históricas da profissão, bem como o itinerário da Enfermagem moderna. As concepções de História constituídas pelos professores responsáveis por ministrar a disciplina traduzem o ensino de História como elemento indispensável na formação do enfermeiro e na inserção dessa profissão na sociedade. Comprovou-se, além disso, que o lugar do ensino de História no currículo é tênue, pois, inserido em outras temáticas em uma disciplina, perdeu espaço e visibilidade. Tal fato é notório ao se levar em conta as drásticas reduções na carga horária na trajetória da disciplina, fato que acena esforços para que a História tenha lugar na formação do profissional de Enfermagem.

Palavras-chave: Ensino de História da Enfermagem. Formação. Currículo.

ABSTRACT

The teaching of history is essential in the formation of nursing professionals. In order to understand the historical origins, it is required to study the inclusion of history in the curriculum in the initial academic training. The purpose of this study is to analyze the history of teaching nursing history in the Nursing School of the State University of Ceará - UECE, from its origin at the São Vicente de Paulo Nursing School - EESVP, considering the insertion of this profession into society. The study took into account the period of 12 academic curriculums of the Nursing School in its three phases - São Vicente de Paulo Nursing School (EESVP), as an isolated institution (1943-1955); EESVP integrated with the Federal University of Ceará (UFC) (1956-1975), and EESVP being part of the State University of Ceará (UECE) (1975-2018). Thus, the first period studied was the year 1943, when the first curriculum of the Nursing School was produced, and the year 2018, because the last curriculum alteration was in 2005 and it is still in effect. The research methodology used in this study was the qualitative approach, based on the multireferential perspective, and using the historical research method, comprised by the collection, organization, problematization, and critical evaluation of data. The study also includes 12 interviews from the oral history bank of the Center of Information, History and Memory of Nursing in Ceará (NUDIHMEn). Also, it consists of interviews conducted with five teachers who deliver or had already delivered the course of Nursing History in the Nursing School and brought their collaborations to carry out the investigation. It was evidenced that the teaching of History in the curriculum of the Undergraduate Nursing Course of UECE underwent significant variations of denomination and programme. The contents were based on the historical origins of the profession, as well as the pathway of modern nursing. The conceptions of history constituted by the teachers responsible for teaching the course explain the teaching of history as an indispensable element in the training of nurses and the insertion of this profession into the society. It was also proven that teaching history in the curriculum is vague, because it is delivered as other themes in a course, losing space and visibility. This fact is notorious when taking into account the drastic reductions in the schedule of the course, what beckons efforts so that history takes place in the Nursing professional formation.

Keywords: Nursing History Teaching. Formation. Curriculum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	**Descritores da BVS e quantitativo dos trabalhos localizados. .....**	**47**
Figura 2-	**Dados quantitativos das produções de TCC e *stricto sensu* locais selecionados no NUDHIMEn.....**	**51**
Figura 3-	**Dados quantitativos das produções selecionados na HERE. .....**	**53**
Figura 4 -	**Livros da biblioteca pessoal utilizados na configuração do estado da questão. .....**	**56**
Figura 5-	**Categorias teóricas da pesquisa.....**	**86**
Figura 6-	**Interfaces da disciplina História da Enfermagem no currículo. .....**	**100**
Figura 7 -	**Síntese do currículo Tradicional, Escolanovista e Tecnicista no Brasil. .....**	**106**
Figura 8 -	**Palavras-chave acerca das teorias curriculares.....**	**112**
Figura 9 -	**Mapa da atuação da UECE na Capital e no interior, por meio dos centros e faculdades. .....**	**163**
Figura 10-	**Demonstrativo da remoção das fontes de pesquisa.....**	**166**
Figura 11-	**Deusa grega Ártemis.....**	**177**
Figura 12-	**Deusa grega Héstia.....**	**177**
Figura 13-	**Deusa grega Hera.....**	**178**
Figura 14-	**Deusa grega Atena.....**	**178**
Figura 15-	**Deusa grega Deméter.....**	**179**
Figura 16-	**Organização das unidades do plano de ensino da disciplina Exercício Enfermagem.....**	**250**
Figura 17-	**Pirâmide Informacional de José Nilson Machado. .....**	**251**
Figura 18-	**Esquema de Análise documental. .....**	**256**
Figura 19-	**Caracterização da disciplina observada.....**	**269**
Figura 20-	**Registro das palavras dos estudantes diante da metáfora dos espelhos. .....**	**279**
Figura 21-	**Temas dos cordéis produzidos pelos estudantes do curso de Enfermagem da UECE, turma 2017. .....**	**285**

Figura 22- A observação da História ensinada nas aulas da graduação do curso da UECE 2017. 288
Figura 23- Representação gráfica dos caminhos delineados para desvelar o objeto. 316

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1-	**Prédio da EESVP 1945..... .... 127**	
Imagem 2-	**Imóvel pertencente á Congregação das Irmãs de Caridade onde funcionou a EESVP..... 128**	
Imagem 3-	**Diário de Campo. 185**	
Imagem 4-	**Cartão histórico da aluna da EESVP..... 193**	
Imagem 5-	**Irmã Margarida Breves..... 196**	
Imagem 6-	**Jornal *O Povo*..... 206**	
Imagem 7-	**Waleska Paixão..... 208**	
Imagem 8 -	**Capa do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão..... 209**	
Imagem 9-	**Diploma da Irmã Orminda Santana..... 222**	
Imagem 10-	**Histórico da Irmã Orminda Santana. 223**	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	**Dados quantitativos dos artigos mapeados da BVS.....**	**48**
Quadro 2-	**Dados quantitativos dos artigos selecionados da BVS...**	**49**
Quadro 3-	**Dados quantitativos dos trabalhos selecionados no Banco Digital de Teses e Dissertações.....**	**49**
Quadro 4-	**Relação dos trabalhos selecionados na *Revista Brasileira de Enfermagem – REBEN*. .....**	**52**
Quadro 5-	**Distribuição das produções localizadas na *REBEN*.....**	**52**
Quadro 6	**Demonstração das produções utilizadas para o estudo do estado da questão do objeto de investigação.....**	**55**
Quadro 7-	**Relação dos artigos da BVS. .....**	**56**
Quadro 8-	**Relação das dissertações e teses selecionadas no BDTD.....**	**63**
Quadro 9-	**Relação das produções de TCC e *stricto sensu* locais.....**	
Quadro 10-	**Relação dos artigos da *REBEN*. .....**	**69**
Quadro 11-	**Relação dos artigos da *HERE*.....**	**77**
Quadro 12-	**Relação dos livros da biblioteca pessoal. .....**	**80**
Quadro 13-	**Foco da produção científica de História da Enfermagem.**	**94**
Quadro 14-	**Marcos da teoria educacional crítica e da teoria do currículo, na década de 1970. .....**	**107**
Quadro 15-	**Quadro sinótico da profissionalização da Enfermagem em vários países 1860-1897.....**	**116**
Quadro 16 –	**Primeiras escolas de Enfermagem no Nordeste, no período de 1943 a 1975. .....**	**125**
Quadro 17 -	**Distribuição das instituições que ofertam o curso de Enfermagem, por Estado.....**	**132**
Quadro 18 –	**Distribuição das instituições que ofertam o curso de Enfermagem, conforme a região.....**	**134**
Quadro 19 -	**Disciplina/temática História da Enfermagem nas matrizes curriculares das universidades públicas e privadas do Estado do Ceará.....**	**135**

Quadro 20- **Descrição da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares dos cursos de Enfermagem dos centros e faculdades da rede privada de Fortaleza, na modalidade presencial..... 141**

Quadro 21- **Descrição da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares dos cursos de Enfermagem das IES de outros municípios do Ceará, na modalidade presencial..... 146**

Quadro 22 – **Unidades de Ensino Superior incorporadas à UECE no ano de 1975 para sua criação..... 158**

Quadro 23- **Distribuição das unidades administrativas responsáveis pelos cursos de graduação e pós-graduação na UECE, pelos *campi* da Capital do Estado do Ceará..... 161**

Quadro 24 - **Distribuição das unidades administrativas responsáveis pelos cursos de graduação e pós-graduação na UECE.... 162**

Quadro 25- **Titulação acadêmica dos professores do Curso de Enfermagem, em relação ao vínculo de trabalho na UECE..... 164**

Quadro 26 - **Quadro demonstrativo dos documentos legais utilizados para subsidiar as análises das 12 matrizes curriculares..... 167**

Quadro 27- **Descrição das matrizes curriculares analisadas desde a criação da EESVP à sua anexação junto a UECE (1943-2018)..... 169**

Quadro 28- **Demonstrativo das entrevistas utilizadas do acervo do NUDIHMEN. 173**

Quadro 29- **Nome e caracterização das sete deusas da Grécia Antiga. 176**

Quadro 30- **Trajetória da disciplina História da Enfermagem, desde a criação da EESVP em 1943, até o ano atual de 2018**

Quadro 31- **Cronologia do ensino de História da Enfermagem, no curso de Enfermagem desde a EESVP à UECE..... 189**

Quadro 32- **Comparativo do quantitativo de disciplinas nos currículos da EESVP, no período de funcionamento como escola isolada. 196**
Quadro 33- **Composição do corpo docente da EESVP - 1943-1946..... 199**
Quadro 34- **Comparativo do quantitativo das disciplinas nos currículos da EESVP agregada à Universidade do Ceará 219**
Quadro 35 - **Plano de Ensino da disciplina História da Enfermagem, de 1978. ..... 238**
Quadro 36- **Temática dos encontros trabalhados na disciplina A Enfermagem, o Curso e a Profissão..... 271**
Quadro 37- **Internato do Curso de Enfermagem da UECE. 276**
Quadro 38- ***Principais ideias de cuidados em Enfermagem* de Virginia Henderson. 282**
Quadro 39- **Títulos das entrevistas das colaboradoras..... 293**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
ABO	Associação Brasileira de História Oral
AI	Atos Institucionais
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAPS	Centro de Atendimento Psicossocial
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CCT	Centro de Ciências e Tecnologia
CECITEC	Faculdade de Educação, Ciências e Letras dos Inhamuns
CED	Centro de Educação
CEDOC	Centro de Documentação
CESA	Centro de Estudos Sociais Aplicados
CF	Constituição Federal
CH	Centro de Humanidades
CIC	Colégio da Imaculada Conceição
CIE	Conselho Internacional de Enfermagem
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
CPC	Centro Popular de Cultura
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CVB	Cruz Vermelha Brasileira
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
EaD	Educação a Distância
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EECC	Escola de Enfermagem Carlos Chagas
EEHSP	Escola de Enfermeiras do Hospital de São Paulo
EERP	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
EESVP	Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
EQ	Estado da Questão

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FACEDI	Faculdade de Educação, de Itapipoca
FAEC	Faculdade de Educação, de Crateús
FAFIDAM	Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, de Limoeiro do Norte
FAVET	Faculdade de Veterinária
FECLESC	Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central
FECLI	Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu
FIEC	Federação das Indústrias do Ceará
GEHCE	Grupo de Estudos História do Conhecimento da Enfermagem
HE	História da Enfermagem
HERE	*História da Enfermagem*: Revista Eletrônica
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ISCB	Instituto Superior de Ciências Biomédicas
MARCA	Movimento de Artistas da Caminhada
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
MES	Ministério da Educação e Cultura
NDE	Núcleo Docente Estruturante
NSE	Nova Sociologia da Educação
NUDIHMEn	Núcleo de Documentação, Informação História e Memória da Enfermagem
NUPHEBRAS	Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira
PABAEE	Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PET	Programa de Educação Tutorial
PT	Partido dos Trabalhadores
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNE	Plano Nacional de Educação

PPP	Projeto Político-Pedagógico
PROFAE	Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Àrea de Enfermagem
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PSD	Partido Social Democrático
PSF	Programa Saúde da Família
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
REBEN	*Revista Brasileira de Enfermagem*
SALTE	Saúde, Alimentação, Transporte e Energia
SENADEn	Seminários Nacionais de Diretrizes para a Educação em Enfermagem
SESI	Serviço Social da Indústria
SISU	Sistema de Seleção Unificada
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UC	Universidade do Ceará
UDN	União Democrática Nacional
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRG	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNE	União Nacional dos Estudantes
URCA	Universidade Regional do Cariri
USP	Universidade de São Paulo
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS: DESDE UMA TEIA TÊNUE, SE VÁ TECENDO..... 23

1.1 O ENCONTRO DA PESQUISADORA COM A TEMÁTICA DE ESTUDO: O ENTRELAÇAMENTO DOS PRIMEIROS FIOS DA TEIA TÊNUE..... 25

1.2 PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO: *QUE COM MUITOS OUTROS SE CRUZEM*..... 30

1.3 JUSTIFICATIVA: ERGUENDO-SE EM TENDA..... 36

2 OBJETIVOS: QUE PLANA LIVRE DE ARMAÇÃO..... 40

2.1 GERAL..... 40

2.2 ESPECÍFICOS..... 40

2.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE: NOSSA TEIA..... 41

3 ESTUDOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: TECENDO O ESTADO DA QUESTÃO..... 43

3.1 MAPEANDO AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS: ‘UM GALO SOZINHO NÃO TECE A MANHÃ’..... 44

3.2 O QUE REVELAM AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS: ‘O GRITO DE UM GALO ANTES’..... 54

3.3 CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTADO DA NOSSA QUESTÃO: O QUE FOI POSSÍVEL TECER..... 82

4 HISTÓRIA DA ENFERMAGEM E CURRÍCULO: INCORPORANDO-SE EM TELA..... 85

4.1 CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: O ENTRELAÇAR DOS FIOS..... 87

4.2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PENSAMENTO CURRICULAR E O CURRÍCULO DE ENFERMAGEM: O EMARANHAR DOS FIOS..... 99

4.2.1 Reflexões acerca do pensamento curricular: fundamentos e teorias..... 100

4.2.2 Tessituras do currículo em Enfermagem: trilhas da formação..... 114

4.3 A DISCIPLINA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NO CURRÍCULO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO CEARÁ: CONECTANDO OS FIOS..... 132
5 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: OS FIOS DA
5.1 **TESSITURA DA PESQUISA.....** 151
5.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA..... 152
5.3 ABORDAGEM QUALITATIVA E MÉTODO HISTÓRICO..... 154
5.4 CONTEXTO DA PESQUISA..... 157
5.5 RECORTE TEMPORAL..... 164
5.6 FONTES DE RECOLHA DE DADOS..... 165
5.7 AS MATRIZES CURRICULARES..... 169
58 A HISTÓRIA ORAL E OS SUJEITOS COLABORADORES 170
5.9 A OBSERVAÇÃO COMO RECURSO PARA COLETA DE DADOS..... 180
5.10 DIÁRIO DE CAMPO: A REFERÊNCIA DE APOIO PARA O REGISTRO CONSTANTE..... 183
ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA: TESSITURA NECESSÁRIA..... 185
6 O LUGAR DA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO: TRAMAS DA TESSITURA CURRICULAR..... 187
6.1 A DISCIPLINA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NAS MATRIZES CURRICULARES NA GRADUAÇÃO: A TESSITURA DOS FIOS DA EESVP A UECE..... 187
6.1.1 Matriz curricular da EESVP como instituição isolada (1943-1955). 193
6.1.2 Matriz curricular da EESVP como instituição isolada (1943-1946)..... 197
6.1.3 Matriz curricular da EESVP como instituição isolada (1947-1952). 201
6.1.4 Matriz curricular da EESVP como instituição isolada (1953-1963). 210
6.2 MATRIZ CURRICULAR DA EESVP AGREGADA À UNIVERSIDADE DO CEARÁ (1956-1975). 217
6.2.1 Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade do Ceará (1964-1966)..... 222

6.2.2 Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará (1967-1969)..... 225
6.2.3 Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará (1970-1973)..... 229
6.2.4 Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará (1974-1978)..... 235
6.3 MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE ENFERMAGEM ELABORADA PELA UECE (1979-2018)..... 241
6.3.1 Matriz curricular 1979.2..... 245
6.3.2 Matriz curricular 1981.2..... 247
6.3.3 Matriz curricular 1985.2..... 249
6.3.4 Matriz curricular 1997.1..... 252
6.3.5 Matriz curricular 2005.1..... 258
7 TESSITURAS DO ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NA MATRIZ ATUAL DO CURSO DA UECE: O LUGAR DA HISTÓRIA.. 267
8 CONCEPÇÕES DE ENSINO DE HISTÓRIA DAS PROFESSORAS-ENFERMEIRAS: A EXPERIÊNCIA NA TESSITURA DOS FIOS..... 290
8.1 ADENTRANDO A HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: A EXPERIÊNCIA DISCENTE..... 291
8.2 INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: O FAZER-SE PROFESSORA-ENFERMEIRA..... 299
8.3 ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA: A EXPERIÊNCIA DOCENTE.. 303
9 CONCLUSÃO: LUZ BALÃO..... 317
REFERÊNCIAS..... 325
APÊNDICES..... 342
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE..... 343
APÊNDICE B – PAUTA DE ENTREVISTA..... 345
APÊNDICE C – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO..... 347
ANEXOS..... 349
ANEXO A- MATRIZ CURRICULAR (1943-1946)..... 350
ANEXO B - MATRIZ CURRICULAR (1947-1952)..... 352
ANEXO C- MATRIZ CURRICULAR (1953-1963)..... 354

ANEXO D - MATRIZ CURRICULAR (1964-1966)..... 358
ANEXO E - MATRIZ CURRICULAR (1967-1969)..... 360
ANEXO F- MATRIZ CURRICULAR (1970-1973)..... 362
ANEXO G - MATRIZ CURRICULAR (1974-1978)..... 3654
ANEXO H - MATRIZ CURRICULAR (1979)..... 367
ANEXO I - MATRIZ CURRICULAR (1981.2)..... 369
ANEXO J - MATRIZ CURRICULAR (1985.2)..... 371
ANEXO L - MATRIZ CURRICULAR (1997.1)..... 372
ANEXO M - MATRIZ CURRICULAR (2005.1)..... 376

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS: DESDE UMA TEIA TÊNUE, SE VÁ TECENDO...

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro [...]
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo [...]
(Poema Tecendo a manhã – João Cabral de Melo Neto)

Desde o início do ingresso no curso de doutorado, escolhi[1] o poema '*Tecendo a Manhã',* de João Cabral de Melo Neto[2], para utilizá-lo como metáfora na escrita deste estudo doutoral. O cerne dessa escolha está no encantamento com a cena poética e nas possibilidades de utilização do poema em situações de aprendizagem, seja nos aspectos pessoais ou profissionais, aspectos esses que podem ser observados nas leituras diversas que o poema suscita como o uso da palavra *galo*, ressaltado desde a ave que canta anunciando o nascer do dia; o homem no seu processo de recriação e produção; a alternância singular/plural (galo/galos), que ressalta o individual e o coletivo. A cena demonstra um trabalho (a constituição da manhã) que só se realiza plenamente pela ação coletiva. Deste modo, existe uma ideia de ação praticada pelos *galos* expressa pelos verbos apanhar, lançar, bem como pela forma verbal tecendo, palavra utilizada no título desta seção. O gerúndio expressa ação em processo. Logo, como se trata de um texto poético e, principalmente, metafórico, a ambiguidade sempre será um componente constante e importante. Por isso, a leitura sobre os dois aspectos, pessoal e coletivo, se cruza e se completa.

O autor no decurso do texto, também nos deixa distintas possibilidades de interpretação. Uma delas é a de que as coisas, por si, não acontecem, *"um galo*

[1]Esta parte do texto é apresentada na primeira pessoa do singular pelo fato de recorrer relatos pessoais.
[2] João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, em 1920. Pertencente à geração de 45 do Modernismo Nacional, o escritor foi membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Morreu em 1999. O poema Tecendo a Manhã recebe diferentes leituras e interpretações e foi publicado pela primeira vez, em 1966 no livro, *A educação pela pedra*, pela editora Alfaguara, Rio de Janeiro.

sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos". Outra delas nos sugere questões de ordem social, de que ninguém vive sozinho e precisamos das relações interpessoais para viver, já que em todas as nossas atividades há, de algum modo, a ação de outras pessoas, até mesmo para realizar atividades que julgamos individuais. Deste modo, o poema metalinguístico *Tecendo a manhã* reflete modernamente sobre o ato de tecer. O autor começa com uma paráfrase do provérbio *"uma andorinha sozinha não faz verão*".

O autor traz no texto a imagem que tece a manhã, mostrando diante dos nossos olhos como está sendo tecida e, na ausência de um verbo no verso "*de um que apanhe esse grito que ele"*, é demonstrando que o autor está encenando, que ainda está começando a tecer, ou seja, o texto está sendo produzido e a manhã ainda está sendo tecida. Ocorre também uma gradação no texto, que constitui em algo que vai acontecendo em sequência, um lança o grito, o outro apanha, lança a outro. Podemos observar que, posteriormente, a palavra omitida no verso aparece, o texto se tece e surgem *os fios de seus gritos de galo,* a imagem é completada a partir do grito de cada galo. Cada grito de galo é um fio de sol, a manhã é tecida, o texto se completa, os fios de sol começam a surgir. Assim, cabe a analogia dessa imagem com a escrita desta tese que envolveu muitos fios na busca da "*luz balão*". Convido o leitor a acompanhar o trajeto dos fios traçados nesta tessitura científica que integra a linha de pesquisa Formação e Desenvolvimento Profissional docente, compondo o Núcleo Formação, Profissão e Práticas Educativas em Saúde do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Estadual do Ceará - UECE. O estudo desenvolvido - *O ensino de História da Enfermagem: trajetórias e lugar na formação do enfermeiro* abordou a trajetória da disciplina História da Enfermagem na Formação do Enfermeiro, no curso da UECE. Esta pesquisa vinculou-se ao projeto intitulado Preservação da Memória da Enfermagem no Estado do Ceará: a História da Profissão e o Núcleo de Documentação (1943-2013[3]), que objetiva, entre outros aspectos, desenvolver estudos que contemplem a História da Formação em Enfermagem no Ceará. Este estudo, portanto, se volta para o lugar do ensino de História na formação do enfermeiro e as concepções de História dos professores que ministraram e/ou ministram a disciplina.

[3] Projeto de pesquisa que concorreu ao Edital Universal do CNPq, de nº 014/2011, sendo aprovada por essa instituição de fomento em dezembro do mesmo ano, sob a coordenação da Professora Dra. Silvia Maria Nóbrega-Therrien. Depois houve várias outras aprovações até o ano de 2015 a 2018.

A seguir o relato do encontro que tive com a temática de estudo, e as seções com a problemática, a definição da tese, a justificativa e os objetivosda investigação; bem como a estrutura pensada para a tese, visando a uma melhor compreensão do estudo em foco.

1.1 O ENCONTRO DA PESQUISADORA COM A TEMÁTICA DE ESTUDO: O ENTRELAÇAMENTO DOS PRIMEIROS FIOS DA TEIA TÊNUE

O encontro com o objeto da pesquisa que culminou nesta Tese de Doutorado faz parte de uma trajetória que se deu no entrelaçamento entre vida, trabalho e formação. O meu percurso formativo para o ensino iniciou cedo, ainda na adolescência, quando adentrei o Curso Normal, cuja proposta se voltava à preparação de professoras para o magistério nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A minha inspiração foi a minha irmã professora, que me alfabetizou antes que eu entrasse na escola. Órfãos de pai desde a infância, todos começaram a trabalhar cedo. Assim, desde o Curso Normal, tornei-me professora. Foi com as crianças que primeiro experimentei a docência. Foi também através delas que me questionei muitas vezes e indaguei aos meus professores do Curso Normal sobre as lições recebidas.

O espaço do entrelaçamento dos primeiros fios para a docência foi nas ruas de traçado urbanístico imposto pelas normas da Coroa Portuguesa, no século XVIII, na cidade de Icó, no interior do Ceará. Foi nesses conjuntos urbanos protegidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan[4], no convívio com os estrondos dos fogos da secular Festa do Senhor do Bonfim que principiei a docência. Inicialmente, com as crianças da escola pública, depois com as crianças da escola privada.

Posteriormente, já seduzida pela docência, entrei em contato com os escritos de Paulo Freire e fui trabalhar com adultos, como voluntária. Essa experiência

[4]O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia do Governo do Brasil, vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pela preservação do acervo patrimonial tangível e intangível do país. A sua criação foi o fruto de debates e pesquisas envolvendo o então ministro Gustavo Capanema e sua equipe, que incluiu também o poeta Mário de Andrade, ícone da Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922. A sua criação foi o fruto de debates e pesquisas envolvendo o então ministro Gustavo Capanema e sua equipe, que incluiu também o poeta Mário de Andrade, ícone da Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922. O conjunto arquitetônico e urbanístico de Icó foi tombado em 1998, como instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio histórico. Ver Revista Oceanos 41.

foi significativa e inquietante. Significativa porque eu estava fascinada em ministrar aulas para adultos, conhecer suas histórias de vida, suas lutas diárias, suas buscas e resistências para aprender a ler com as mãos já tão calejadas. Inquietante, porque, enquanto as crianças viam com naturalidade eu ser professora, os adultos sempre comentavam: “Minha filha, você tão novinha, já sabe tanta coisa, por que vai ser professora, dá pra você ser outra coisa”.

É deste lugar que as tramas que me constituíram professora se entrelaçaram com tantas outras pessoas que teceram comigo vivências que me formaram pessoal e profissionalmente.

Chamo atenção agora para uma experiência marcante no meu percurso formativo e profissional. Corriam os anos de 1990. Integrei o corpo docente de uma escola privada, e foi nessa escola, nos anos vividos, no convívio com as professoras gestoras, com a coordenação e todos os colegas que nela trabalhavam, que vivenciei um projeto político pedagógico desafiador e que resultou numa experiência significativa para todos nós e para a educação icoense. Aprendi sobre aspectos da Pedagogia, História, gestão, planejamento participativo, organização de professores. Foram anos de muitas leituras, aprendizados, partilhas, sonhos, celebrações, embates e afetos. Nós nos formamos numa trama coletiva. Essa experiência motivou a minha entrada no ensino superior. Deste modo, ingressei no curso de licenciatura em História, na Universidade Federal da Paraíba. Ora aluna, ora professora. Outras indagações foram geradas no tocante à formação inicial acadêmica e a disciplina História na Educação Básica. Será daí o cerne da pesquisadora em ensino de História?

> Se através da História se olha o mundo, o imperativo das suas relações e as motivações dos seus comportamentos é através do ensino que se aprende a partilhar o saber e o poder e, por isso mesmo, porque as margens da investigação e do ensino estão tão próximas (COSTA, 2010, p. 19).

Sendo assim, a História ajuda a olhar o mundo e com o seu ensino se aprende a compartilhar saberes e aproxima-se pesquisa e ensino. Foi, portanto, na sala de aula, no exercício da docência na Educação Básica, nas escolas públicas e privadas, na relação e aprendizado com os estudantes, que fui me compondo como docente, porque [...] “o fazer-se professor é permanentemente construído, é fruto de

uma trajetória social e profissional circunscrita na história de cada um". (FONSECA; COUTO, 2008, p. 117).

Assim sendo, no entrelaçamento dos fios, vida, trabalho e formação, perpetrei quatro especializações, de acordo com o que demandava o meu trabalho, e estas revelaram um desafio, de que a pesquisa não habitava o universo da minha formação inicial, revelando um distanciamento entre ensino e pesquisa. Foi uma experiência desafiadora e estimulante que perpassava as normatizações, a busca de leituras, o processo da escrita, os sentimentos de insegurança, incertezas, medo e dificuldades de fazer escolhas, compreender os métodos e as técnicas, mas, sobretudo, como lidar com a gestão do tempo, na tríade vida, trabalho e formação, com a singularidade de cada orientador em seu processo de conduzir a tessitura da Orientação. E, ainda, uma inquietação de quem se inicia na pesquisa: como encontrar o meu objeto no mundo?

Percebi como eram relevantes para o professor a pesquisa, o ensino com pesquisa, a formação continuada como um processo em uma constituição permanente.

Posteriormente, adentrei o ensino superior como professora. Essa experiência revelou novos cenários, outras demandas e aspirações, isso porque, como menciona Deepak Chopra (2009), com cada experiência nova, torno-me algo novo. Com cada nova aventura na vida, quer seja um novo emprego, uma nova relação, uma nova amizade ou um novo ambiente, cresço e me transformo. Daí surgiu a Especialização em Metodologias do Ensino Superior e distintos alunos e outras experiências adentraram o meu universo de professora.

Deste modo, na relação com cada aluno em variados níveis de ensino, colegas que partilharam lutas e esperanças, professores que habitaram o meu percurso formativo constituíram minha prática e compreensão de docência. Na condição de Professora da Rede Pública do Estado do Ceará, vivenciei também a função como gestora escolar, e uma das especializações realizadas foi em Gestão Escolar, na busca de aliar teoria e prática. Levei tempo para entender as ações que alguns gestores são capazes de engendrar pelo poder da e na escola. Posteriormente, essa experiência foi redimensionada, com atividades desenvolvidas na composição da Equipe Pedagógica na 17ª Coordenadoria Regional de Educação (CREDE) de Icó/CE. Nessa equipe, nasceu o meu interesse em compreender o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação como ferramenta pedagógica, bem

como o encontro com a Educação a distância; por último, como assessora técnica na COGEP/SEDUC, na atuação do Fórum Permanente de Formação dos Profissionais da Educação do Ceará e outros processos da Secretaria relacionados à gestão de pessoas, como ouvir os professores nas suas tentativas de ingresso na pós-graduação *stricto sensu*.

Esta minha trajetória profissional e formativa foi lançando inquietações e indagações, no tocante às lacunas observadas, entre as políticas educacionais propostas e as práticas efetivas, os modelos da gestão escolar praticados, bem como as proposições para formar professores, sobretudo para o ensino de História, E, principalmente, demandou minha mudança de cidade. Saí da Princesa do Sertão[5] e fui residir na Capital do Estado.

Em Fortaleza, Terra da Luz, com seus encantos e desafios, aonde "as velas do Mucuripe saem para pescar"[6], continuei buscando a formação continuada, que considero inacabada, segui o meu percurso formativo na área do ensino e da pesquisa que entrelaçou o ingresso no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UECE no ano de 2012; uma formação *stricto sensu,* qualificação tão almejada por tantos professores da Educação Básica, e, ainda distante, para muitos, sobretudo, para os que estão no interior do Estado, distante das Universidades.

O Mestrado foi concluído no início de 2014, sob a orientação do professor doutor Antonio Germano Magalhães Júnior. Durante o curso de Mestrado, a pesquisa teve como foco analisar a formação docente e a constituição dos saberes e práticas dos professores de História da educação básica.

O percurso no Mestrado foi relevante para a formação de pesquisadora (ainda iniciante). Estar nesse espaço de formação, cuja área de concentração é a formação de professores, me possibilitou refletir sobre a formação inicial e a prática docente, e, em decorrência, sobre a relação universidade e escola, tendo o foco na minha experiência de professora com toda a sua formação na escola pública, ora aluna, ora professora, constituindo sua formação nos desafios diários, imbricados em

[5]O Município de Icó foi a terceira vila instalada no Ceará e possui um sítio arquitetônico datado do século XVIII. Os avanços no desenvolvimento da Vila, em pleno ciclo do gado e do algodão, ganharam expressão no cenário da Província do Ceará, transformando-se em entreposto comercial e recebendo o título de Princesa do Sertão.

[6]A música "Mucuripe" foi cantada pelos cearenses Belchior (1946) e Fagner (1949). A primeira, com letra e música frutos apenas da inspiração de Belchior. Era cantado, pelo autor, em encontros boêmios de Fortaleza, principalmente, no Bar do Anísio, localizado na praia que deu o título à música e nas rodas de músicas do chamado "Pessoal do Ceará", grupo de talentosos artistas cearenses que faria história na MPB.

vida, trabalho e formação. Essa duplicidade acompanhou toda a minha trajetória formativa. É o 'formar-se formando' referenciado por Paulo Freire (1996, p. 12).

Com o término do mestrado, no início de 2014, percebi que o ponto relevante não foi a conclusão, a chegada, mas o percurso, as muitas leituras, os encontros com os colegas dentro e fora da sala de aula, os professores que fincaram suas marcas na minha formação, sejam na pesquisa ou no encantamento pela docência, nos momentos de orientação; isso tudo somado aos eventos acadêmicos, como espaço de formação, ao estágio de docência na graduação de História, os lugares visitados e revistados no diálogo com outros pesquisadores. E, especialmente, a convivência tecida com o grupo os Filhos de Clio[7] pelas leituras, debates sobre o ensino de História, a formação docente, partilhas e afetos.

Algumas experiências profissionais aconteceram nesse largo percurso. A necessidade de continuar a formação de pesquisadora para desenvolver atividade de pesquisa sobre formação de professores na perspectiva do ensino de História, articulada à busca pela titulação e novos desafios profissionais - impulsionam a continuidade da minha profissionalização, no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, a qual alcancei, com o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) - UECE no ano de 2015.

No ano de 2015, ao entrar no doutorado no mesmo programa no qual cursei o mestrado, iniciando um diálogo profícuo com a orientadora, percebi logo na primeira conversa a sua dedicação aos orientandos e o compromisso com a pesquisa. Também notei a sua luta para constituir um núcleo de pesquisa e documentação relativa à história da Enfermagem no universo brasileiro, em particular, o cearense. Isto compõe um desafio, considerando que as sensibilidades para a preservação da memória são tão escassas; não maior, porém, do que a paixão que a move nessa direção, sempre destinando o melhor de si para essa causa, seu tempo, entusiasmo, energias, conhecimentos e recursos.

No caminho não linear em busca do espelhamento do objeto, percorri leituras, me envolvi com o grupo de pesquisa e com o Núcleo de Documentação,

[7]Grupo de estudo coordenado pelo Professor Antonio Germano Magalhães Junior. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. Aberto para a participação de orientados, alunos dos cursos de graduação da UECE e professores da Educação Básica das redes pública e privada.

Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará - NUDIHMEn[8]. Fui vivenciando esse novo espaço onde eu habitava. Como única orientanda do grupo com formação em História, revivi muitos saberes desse campo nos trabalhos do núcleo, juntamente com o grupo que muito contribuiu nesse percurso formativo, seja nos estudos ou nos mutirões de limpeza e organização. Eis um registro no Diário de Campo de um momento de partilha.

> Hoje indaguei como serão meus primeiros escritos da tese e Elane Barbosa, colega de doutorado e da mesma linha de pesquisa e orientação asseverou: "você não está aqui por acaso. E você sabe da sua tese. Você só não tem coragem de dizer. Está com medo"? (Diário de Campo, abril de 2015).

O somatório de encontros no grupo de pesquisa e fora dele, aliado a afirmação da colega, traçou os caminhos deste estudo doutoral, no qual também estão inseridas as vivências da minha trajetória pessoal e profissional. Entendi a importância de realizar um estudo com escopo na Disciplina História da Enfermagem, no lugar que ela habita no currículo, as concepções dos professores acerca do seu ensino na formação inicial do profissional enfermeiro. Percebi que estava no percurso do ensino de História. Como alude Hess (2005), uma tese de doutorado é uma obra da vida inteira.

1.2 PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO: QUE COM MUITOS OUTROS SE CRUZEM

[...] Que com muitos outros galos se cruzem.
(Poema Tecendo a manhã – João Cabral de melo Neto)

Na busca não linear de espelhamento do objeto, as leituras realizadas acerca da História da Enfermagem e do seu ensino trouxeram alguns sentidos,

[8]NUDIHMEn é um núcleo de pesquisa e de acervo sobre a Enfermagem. Tem como objetivo central constituir-se em núcleo de pesquisa e documentação relativa à história da Enfermagem no universo brasileiro, em particular o cearense, no passado recente. Sua trajetória de luta para preservação, produção e socialização da História da Enfermagem cearense foi iniciada no ano de 2007 pelos pesquisadores do 'Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva' da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Foi anexado à Academia Cearense de Enfermagem - ACEn em 29 abril de 2014. Teve seu regimento aprovado pelo Colegiado do Centro de Ciências da Saúde - CCS da UECE em 13 de abril de 2015. Foi idealizado pela professora Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e inaugurado no dia 29 de maio de 2018.

propiciram reflexões e questionamentos, pois tudo o que o homem produz, ou produziu, se torna objeto de reflexão e questionamento para o historiador.

Assim sendo, é preciso ter clareza do papel do historiador ante os fatos históricos, ou seja, atenção com a descoberta cuidadosa e exaustiva das fontes, à crítica da documentação, problematização e incorporação destas à interpretação da História. Nesse sentido, a História da Enfermagem se insere num [...] "movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa na História da Enfermagem e constitui um campo interdisciplinar (BARREIRA; BAPTISTA, 2003, p. 702). Tratar do ensino da História da Enfermagem nos leva a refletir entre outras questões sobre o lugar da História na formação do enfermeiro e, ainda, como os professores se apropriam da profissão e ministram o seu ensino no curso de graduação.

Os estudos que abordam o ensino da História da Enfermagem nos currículos de graduação no Brasil trazem alguns elementos sobre o que deve ser ensinado, e também os estudos pioneiros como os realizados por Glete Alcântara[9]. A autora alude que,

> [...] inserida como está na história dos acontecimentos humanos, seus objetivos, sob certos aspectos, são comuns aos da história universal, ou seja, conseguir que os estudantes conheçam e apreciem nossa herança cultural para melhor entenderem a sociedade em que vivem. (ALCANTARA, 1966, p. 397).

Além da escolha dos conteúdos trabalhados, no entanto, para se alcançar o objetivo assinalado por Glete, entendo que é preciso, inicialmente, que a História esteja contemplada no currículo, bem como ter clareza de como ensinar. Assim, é preciso perceber se os acontecimentos históricos são trabalhados de maneira descontextualizada, linear, ou se estes se inserem numa proposta problematizadora que possibilite a reflexão dos estudantes no sentido de entender o presente como algo que se constituiu com raízes no passado. Nesse contexto, alguns elementos se cruzam, estimulando reflexões aqui elencadas como questões norteadoras, umas mais amplas e gerais, outras mais focadas e, portanto, mais específicas. As gerais

[9]Glete de Alcântara nasceu em 1910 em Minas Gerais. Em São Paulo, graduou-se na Escola Normal e como Educadora Sanitária. Em 1941, foi indicada para concluir um curso de Enfermagem no Canadá. Retornou ao Brasil em 1944, revalidou o diploma na Escola de Enfermagem Anna Nery, lecionou na Escola de Enfermagem da USP - São Paulo até 1952. Em 1952, através da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto, organizou a Faculdade de Enfermagem em Ribeirão. Dirigiu a escola que fundou até 1971, paralelamente colaborou na Associação Brasileira de Enfermagem e exerceu por duas vezes a presidência da entidade. Desempenhou papel importante nos Congressos Internacionais de Enfermagem. Atuou na Associação, nos congressos, na Academia e na Comunidade. Faleceu em 1974.

gravitam em torno da importância que tem a História na e para a profissão de Enfermagem e como se configura o seu ensino na trajetória do curso. Que lugar teve e tem a História na formação desse profissional desde a criação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo em 1943 até a sua consolidação no curso oferecido pela UECE? As questões mais específicas se relacionam a como tem sido o seu ensino. Como a disciplina História da Enfermagem se insere nas matrizes curriculares da graduação desde a sua origem, na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo-EESVP até a atual proposta curricular vivenciada pelo curso na Universidade Estadual do Ceará–UECE?[10]Onde e como os conteúdos da História da Enfermagem se inserem na matriz atual em vigência no Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará–UECE? Quais as experiências e as concepções dos professores acerca da História da Enfermagem para a formação dos futuros profissionais?

A problemática do nosso estudo se configura no entendimento de uma realidade que aponta algumas ponderações. A primeira diz respeito à história *da* EESVP - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo[11] e a segunda - a história [seu ensino] *na* Escola. A história *da* Escola como primeira instituição no Estado e no Nordeste e a terceira no Brasil, pioneira de uma proposta ousada para a época, constitui uma trajetória de 75 anos de ensino dessa profissão no ano de 2018; condição que configura o entendimento de que a Escola, como pioneira, constitui-se a própria história. Nessa lógica de reflexão [dedução], vem a segunda parte - como a História como ensino [disciplina] traduz esse legado às gerações de formandos? Nossas inquietações desenham uma problemática com foco nesta reflexão e dedução, uma vez que, em constatações feitas *a priori,* havia evidências de descaso na preservação da história e memória da Enfermagem cearense[12], somadas às lacunas identificadas em produções sobre a temática[13], bem como o velamento na matriz currícular do curso de Enfermagem da UECE, da palavra História ou da disciplina História da enfermagem. Tal quadro evidencia realidade inquietante do

[10]A matriz curricular do curso elaborada em 2015 continua em uso em 2018.
[11] Lembramos que, quando assinalamos a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, estamos considerando também o curso de Enfermagem da UECE que é dela originário.

[12] A falta ou insuficiência de registros históricos sobre a Enfermagem no Ceará foi detectada pelos pesquisadores e professores da Universidade Estadual do Ceará Silvia Maria Nóbrega-Therrien, Maria Irismar de Almeida e Marcelo Gurgel Carlos da Silva e registrada no artigo Enfermagem no Ceará: fatos, reflexões e propostas para preservação da história e memória da profissão, publicado na **Rev Bras Enferm**, 2008, mar-abr; 61(2): 258-61.
[13] Os resultados do Estado da Questão Capitulo 2 desta tese revelaram essa lacuna.

ponto de vista histórico, com repercussões na formação, no trabalho e constituição da identidade e, notadamente, no desenvolvimento do sentido de pertença, da enfermeira no Ceará.

Ainda sobre a problemática da História da Enfermagem, outra ponderação complementa as anteriores, mas diz respeito ao ensino da História como disciplina, com foco, no caso, nos docentes que ensinam e nos discentes que passam a conhecer a história dessa profissão. Estas são provenientes das análises de Secaf[14], quando esta se reporta à carência de docentes preparados para desenvolver o ensino de História na graduação, apontando ainda a desmotivação dos estudantes, bem como os resumidos trabalhos escritos sobre este ensino, produzidos na disciplina História da Enfermagem ou fora dela. Após ter atuado ministrando a referida disciplina, recomendou que o ensino da disciplina, "permita desenvolver curiosidade intelectual, o interesse e a atenção para os valores contidos na disciplina [...] conhecimentos específicos e o desenvolvimento de atitudes e valores socioprofissionais". (1977, p.81)**.**

As observações feitas por Secaf, há 40 anos, chamam a atenção para aspectos relevantes que envolvem a disciplina, a formação do professor, o desestímulo dos alunos e a carência de produções para subsidiar o trabalho docente. Foi essa realidade naquela época (1977) que motivou as pioneiras da enfermagem brasileira a produzirem os primeiros escritos para subsidiar os professores na condução de suas aulas de História da Enfermagem.

Essa ausência de material sobre a história da profissão no Brasil também foi expressa já na década de 1950 por Waleska Paixão[15] na primeira edição de seu

---

[14] Victoria Secaf cursou Bacharelado em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo-EERP-USP. Cursou licenciatura em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP e Jornalismo Científico (Núcleo José Reis Escola de Comunicação e Artes - ECA - USP). Fez Mestrado e Doutorado pela Escola de Enfermagem da USP-EEUSP, de onde é atualmente, professora aposentada. É membro do Conselho Editorial e parecerista de várias revistas e de boletins desociedades de especialistas e membro do Grupo de Pesquisa Histórica da Profissão de Enfermagem, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

[15]Waleska Paixão nasceu em 3 de novembro de 1903, em Petrópolis, Rio de Janeiro. Foi uma pioneira nos estudos de História da Enfermagem. A primeira edição do livro **História da Enfermagem** foi publicada em 1951, segunda (1960), terceira (1963) e quarta (1968). A quinta e última edição foi publicada em 1979. O título "**História da Enfermagem**" somente foi utilizado a partir da quarta edição, sendo as três primeiras nomeadas de **Páginas de História da Enfermagem**. Foi o primeiro livro, escrito no Brasil, sobre a História da Enfermagem e foi, durante muitos anos, o único a ser utilizado no ensino e apoio à pesquisa em História da Enfermagem. Waleska Paixão concluiu sua graduação na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em Belo Horizonte. Cursou, simultaneamente, Sociologia; Filosofia; Moral, no Instituto Superior de Cultura Católica, em Belo Horizonte. Atuou na catequese e escreveu contos infantis. Estudou na Universidade de Cornell, em Nova Iorque, no período de 1943–1944 onde cursou Administração e Ensino. Lecionou em várias instituições de ensino, entre elas: Colégio Sion, Colégio Santa Maria, Escola de Comércio de Belo Horizonte, Externato Paixão, Escola de Enfermagem Carlos Chagas e Escola

livro intitulado '*Páginas de História da Enfermagem'*, assinalando como motivação para a publicação da obra "a escassez e dispersão do pouco material que se possuía em língua vernácula" (PAIXÃO, 1951, p.4). Durante cerca de 50 anos, a obra da enfermeira Waleska Paixão foi talvez o texto nacional mais difundido para o ensino da disciplina no País (ALVES; SILVA JUNIOR, 2006), sendo impresso em cinco edições (1951), (1960), (1963), (1968) e (1979). É um fato que nacionalmente comprova uma lacuna de produções das enfermeiras no campo da história naquela temporalidade.

É importante compreender essa problemática, pois, apesar da contribuição das pioneiras para o ensino de História da enfermagem, entre elas Paixão e Secaf, posteriormente, Cecília Maria Domenica Sanioto Di Lascio, (1985) chamou novamente a atenção, em meados dos anos de 1980 para o fato de que a disciplina sobre História da Enfermagem - HE não fazia apelo ao aluno, sendo, à época, uma sucessão de nomes importantes para a Enfermagem, sem a devida correlação com o contexto histórico, social e político das sociedades em que cada sujeito apareceu.

É importante também ressaltar que as discussões levantadas pela autora nos remetem para a renovação da História, aos desígnios da História Nova articulada à História da Enfermagem.

O surgimento de outras produções sobre HE, decorre, como pontuaram Padilha *et al* (2007), com [...] "a institucionalização da pós-graduação em enfermagem e o fortalecimento dos grupos e linha de pesquisa dedicados a esse campo do saber, o que vai acontecer no final do século XX". Não apenas, no entanto, da pós-graduação em Enfermagem, mas, em alguns casos, com trabalhos provenientes de cursos de pós-graduação pertencentes as áreas de Educação e História; e, ainda, com a [...] "estruturação dos centros históricos ou assemelhados e de seus esforços de salvamento e organização e disponibilização de documentos" (SILVA JUNIOR, 2016, p. 279). Como também, assinalam Carrijo e Leite (2015), a organização de Centros de Memória e Documentação relativos à HE iniciada nos anos de 1990 por meio dos

---

de Enfermagem Anna Nery. Nas três últimas, ocupou também o cargo de diretora. Dirigiu a Escola Carlos Chagas durante nove anos. Dentre as várias funções exercidas por Waleska Paixão, destaca-se a presidência da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn Nacional) de 1950 a 1952, e das seções do Rio de Janeiro, Sergipe e Minas Gerais em períodos distintos. Após a aposentadoria foi para o interior de Sergipe, onde ficou por aproximadamente vinte anos. Se dedicando além da enfermagem, com outras necessidades locais. Em 1983, por meio da Escola de Enfermagem Anna Nery, recebeu o título de *"Doctor Honoris Causa*" pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faleceu em 1993, com quase 90 anos, no Rio de Janeiro.

espaços gerados para pesquisa nessa temática nos meios acadêmicos com abertura de vagas para o ingresso nos cursos de pós-graduação. As autoras aludem que

> [...] a primeira iniciativa ocorreu com a fundação do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-americana – CHCEIA, em 1992, e do Núcleo de Pesquisa de História da enfermagem Brasileira – NUPHEBRAS, em 1993, sediados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e na Escola de Enfermagem Anna Nery, respectivamente. (CARRIJO; LEITE, 2015, p. 188).

Assim, é o caso do Ceará, com o trabalho do NUDIHMEn – Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará, o qual concentra esforços de um grupo de pioneiras com escopo em atividades de pesquisas, documentação, guarda, conservação, divulgação e exposição da História da Enfermagem no Ceará. O fato mais concreto acerca do ensino da HE, porém, é o velamento da disciplina na trajetória do currículo do curso, haja vista a importância do ensino da História para uma profissão.

A problematização da HE exposta permite o entendimento em torno dos desafios e tendências do ensinar e aprender História, de como a História se insere na formação da enfermeira, no caso, formada pela UECE, como os professores concebem e ministram suas aulas no curso de graduação, já que a atuação dos professores da História da Enfermagem pode instigar os estudantes à tomada de consciência, possibilitando o entendimento de como se constituiu a profissão como produto histórico e, assim, a constituição da identidade profissional e o desenvolvimento do sentimento de pertença. No tocante a esse aspecto, os autores Moreira et al. (2001), ao discorrem sobre a história e memória da Enfermagem no Brasil, destacam a importância da História como elemento fundamental na formação do enfermeiro. Desse modo, é na graduação que os estudantes entram em contato com a história da sua profissão, sendo essa etapa da formação significativa para apreensão do ofício.

Mesmo ante o surgimento das produções na pós-graduação envolvendo aspectos históricos da Enfermagem, existem lacunas acerca de como a História se insere na formação inicial, qual o seu lugar, como esta é trabalhada nesse espaço e temporalidade que remete à EESVP e à UECE. Com foco nessa problemática, buscamos investigar acerca do ensino de História, desde a EESVP (criada em 1943) haja vista o entendimento da sua importância e lugar que ocupa na trajetória deste ensino.

Em tais pontos suscitados, o estudo tem como base a **TESE** de que o ensino de História da Enfermagem na formação acadêmica inicial do enfermeiro contribui [substancialmente] para a formação desse profissional, e o entendimento de inserção dessa profissão na sociedade.

1.3 JUSTIFICATIVA: ERGUENDO-SE EM TENDA

A função da História, desde seu início, foi a de fornecer à sociedade uma explicação sobre ela mesma. A História se expressa, hoje em dia, cada vez mais próxima às outras áreas do conhecimento que estudam o homem (BORGES, 2003), portanto, imprescindíveis para o conhecimento de si, com os demais e num mundo em transformações constantes e aceleradas.

A História, como ciência que busca examinar as ações formuladas por pessoas de contextos e temporalidades diferentes, busca compreender contextos políticos, econômicos e culturais atrelados ao reflexo social na constituição contínua de uma sociedade. Deste modo, sua importância alcança todos os segmentos, mas ela é particularmente interessada em olhar para o passado e se construir e reconstruir com base na pesquisa de fontes. Por isso, trata-se de um conhecimento adquirido para o presente com o estudo da realidade do passado.

Alguns tipos de comportamento observados atualmente (2018), como a violência motivada pelo racismo, por xenofobia ou a estranheza por determinadas tradições que cultivam práticas culturais muito diferentes, em geral, ocorrem por falta de conhecimento histórico ou por um mau conhecimento da História. Assim, o estudo da História tem a importância de propiciar uma base compreensiva às pessoas, para que atuem com maior tolerância, prudência e civilidade, em situações estranhas à sua cultura. A História nos concede, deste modo, a possibilidade de compreender algumas situações ou os problemas da atualidade.

Nesse sentido, a aproximação entre Enfermagem e História permite problematizar o passado da profissão, ou seja, analisar a HE em seus múltiplos contextos, percursos diversos e distintas instituições e personagens (OGUISSO; FREITAS, 2015). A busca pela compreensão da trajetória da História da Enfermagem ensinada na graduação desde a criação da primeira Escola de Enfermagem cearense é relevante para que os futuros profissionais conheçam as bases da sua profissão, pois, como mencionam Padilha; Borenstein (2005), conhecer a história dessa

profissão é perceber como se constitui o seu contexto, suas relações com outras atividades da vida, do mundo da saúde e seus compromissos e posições sociais.

As produções científicas mapeadas no estado da questão revelaram que os estudos referentes à História da Enfermagem constituem um campo interdisciplinar com realização de pesquisas nos programas de pós-graduações *stricto sensu* de Enfermagem, Educação e História. É importante lembrar o surgimento de pesquisas envolvendo o saber histórico da Enfermagem por meio das linhas de pesquisa da HE nos Programas de Pós-Graduação de Enfermagem *stricto sensu* no Brasil. “A produção foi incrementada a partir da década de 1990, fato que culmina com o reconhecimento como uma linha de pesquisa pela CAPES em 2000”. (PADILHA et al., 2007, p. 677). Vale salientar que esse movimento não ocorre em todas as regiões brasileiras, a exemplo da Universidade Federal de Santa Catarina, que está entre os programas de pós-graduação em Enfermagem que incluíram, em suas linhas de pesquisa, a de pesquisa histórica, denominada “História em Enfermagem e Saúde”. Esta é vinculada ao Grupo de Estudos História do Conhecimento da Enfermagem (GEHCE). E, no caso do Ceará, que não constam em seus programas *stricto sensu* linhas de pesquisa específicas para a pesquisa histórica em Enfermagem, esta é contemplada pelo grupo de pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva com uma linha da qual surgiu o Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem (NUDIHMEn), que agrega alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e alunos de graduação de vários cursos com afinidades nestas três grandes áreas História, Educação e Saúde. Linha de pesquisa sobre *História, memória, formação e profissões se insere* no Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva, da UECE, antes assinalado, grupo registrado no Diretório de Grupos CNPq desde o ano 2000.

A pesquisa, proveniente dos grupos, linhas e núcleos, na perspectiva histórica, é relevante para compreender como a HE se constitui um campo de conhecimento necessário e imprescindível para a fundamentação da profissão.

Investigar sobre o ensino de História é relevante e permite a constituição de novos conhecimentos, inclusive sobre o percurso formativo dos professores que o ministram, considerando que o historiador não vagueia ao acaso pelo passado como um viajante em busca de achados, mas parte com uma intenção precisa, um problema a resolver, uma hipótese de trabalho a verificar (FEBVRE, 1989).

Consideramos, também, que os conteúdos selecionados e a maneira como os professores ministram a disciplina HE proporciona outras percepções aos futuros profissionais, bem como contribuem para a destruição de mitos fundadores, possibilitando a reconstituição da identidade profissional.

Ao realizar o nosso estado da questão, um estudo consttuído para compreender como se encontra o cenário da nossa investigação por meio das produções inventariadas, isto propiciou afirmar que os estudos acerca da temática se concentram no Sul e Sudeste. As lacunas de estudos sobre o ensino de História da Enfermagem no Ceará são evidentes, mesmo tendo este estado abrigado uma das escolas de Enfermagem mais antiga do Brasil. Só como uma produção para esse campo tão escasso, essa investigação já se justifica. A importância conferida à História e ao seu ensino na Enfermagem cearense ante as considerações expostas por todo este escrito, bem como e as realidades observadas, também justifica sua realização. Expresso de outro modo, as produções surgem da relação entre ensino e pesquisa nas universidades, no entanto, apesar da existência de algumas delas, permanece a lacuna de estudos voltados para a HE, sobretudo, com escopo na disciplina História da Enfermagem. Desse modo, no panorama da nossa pesquisa, cabe ressaltar as indagações que faz Silva Júnior, quando alude:

> Por que tão poucos frutos? Foram poucos os insumos (*fontes documentais, base teórica solidificada)?* A terra ou o clima foram ruins (*condições adversas nas universidades para a produção de conhecimento em História da Enfermagem*)? As estufas são poucas e não produzem sementes o suficiente para o plantio (*os grupos e linhas de pesquisa em história da enfermagem não atingiram ainda a distribuição adequada pelo país ou estão inacessíveis aos pesquisadores*)? Ou, no mercado, os produtos não atraem os consumidores? Talvez um pouco de cada elemento apontado tenha alguma relevância no panorama evidenciado (SILVA JÚNIOR, 2016, p. 280).

As indagações de Silva Júnior são pertinentes e, além de fortalecerem a nossa justificativa há pouco explicitada, ainda motivam a reflexão sobre a realidade da nossa pesquisa. Assim, este estudo é uma nova *tenda que se ergue*.

Na temporalidade que estamos estudando, alguns aspectos merecem ser observados, como a Dissertação de Andrea Costa da Silva (2015), que, ao analisar as matrizes do curso de Enfermagem da UECE, revelou o perfil do profissional que se intentava formar em distintos períodos. Além disso, possibilitou a percepção acerca da disciplina HE, que se insere no currículo com variados nomes e mudanças de carga

horária na trajetória do curso, bem como o trabalho monográfico de Talita Silva Rebouças sobre a História da disciplina HE na UECE.

Outro aspecto observado é que, em conversa informal com uma estudante de Enfermagem no refeitório da UECE, em 2017, sobre a disciplina HE, ela não se lembra dos conteúdos e não reconhece nem o nome da disciplina que abordou os conteúdos, embora já a tivesse cursado a referida disciplina.

Com base na discussão apresentada, os objetivos do estudo desta tese de doutorado foram definidos.

2 OBJETIVOS: QUE PLANA LIVRE DE ARMAÇÃO

A inquietação inicial que moveu este estudo pretendia trazer diversos questionamentos que a investigação científica poderia esclarecer. Na percepção de que não há um só caminho possível, mas que é preciso fazer escolhas, nem sempre fáceis, ouvimos a voz de João Cabral de Melo Neto, '*plana livre de armação'*. Nessa direção, apontamos os objetivos da investigação:

2.1 GERAL

Analisar a trajetória do ensino de História da Enfermagem no curso de formação desse profissional na Universidade Estadual do Ceará–UECE, desde a sua origem na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo-EESVP, considerando a importância da história no entendimento de inserção dessa profissão na sociedade.

2.2 ESPECÍFICOS

Mapear a inserção do ensino de História da Enfermagem nas matrizes curriculares da graduação desde a sua origem, na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – EESVP, até a atual proposta curricular vivenciada pelo curso da UECE;

Verificar como os conteúdos da História da Enfermagem se inserem na matriz curricular atual em vigência, evidenciando o lugar da História na formação do enfermeiro do Curso de Enfermagem da UECE;

Identificar as experiências e as concepções das professoras enfermeiras acerca da História da Enfermagem para a formação dos futuros profissionais e a inserção dessa profissão na sociedade.

Esses objetivos foram delineados, buscando-se considerar o papel da História na formação inicial acadêmica do profissional de Enfermagem, proporcionando uma reflexão sobre a trajetória e o lugar da História no ensino dessa profissão, sua articulação no currículo do curso e o entendimento de inserção dessa profissão na sociedade. Em decorrência da predominância feminina no corpo docente

do curso de Enfermagem da UECE, todas as colaboradoras do estudo são mulheres. Assim, a expressão professoras-enfermeiras.

2.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE: NOSSA TEIA

A organização do trabalho exposto nesta tese obedece ao seguinte formato: a seção introdutória composta pela apresentação da temática, e de como com ela nos encontramos, à explicitação da problemática do estudo, seguida da definição da tese, da justificativa e dos objetivos da investigação. Durante todo o trabalho, recorremos ao uso da analogia do Poema *Tecendo a manhã,* de João Cabral de Melo Neto para a tessitura da tese fruto de quatro anos de cuidadosa produção desenvolvida no curso de Doutoramento; ou mais de quatro, se levarmos em conta o tempo de preparação para o ingresso no curso a elaboração do projeto e os estudos para cumprir as etapas da seleção.

Segue essa organização a segunda seção sobre o Estado da Questão, que traz os "Estudos sobre o ensino de História da Enfermagem: tecendo o estado da nossa questão", na qual apresentamos os estudos inventariados e analisados sobre a temática, com a finalidade, entre outras, de evidenciar as lacunas e, consequentemente, contribuições do objeto de investigação desta tese ao campo da ciência na qual o estudo se insere. Assim, apanhamos "*o grito de um galo antes"*.

Em seguida, a terceira seção é acrescentada e passa a ser intitulada "História da Enfermagem e Currículo: o entrelaçar dos fios." É dividida em três subseções, apresenta as bases teóricas do estudo, que se articulam em torno do objeto investigado, no entendimento de que, para a análise da trajetória da disciplina História da Enfermagem, necessário estabelecer um diálogo com as concepções de História e o pensamento curricular, já que a disciplina/temática HE constitui um componente do currículo. Assim, se *"encorpando em tela, entre todos",* constituímos a base teórica para ancorar o estudo.

Na sequência, vem a quarta seção, denominada de "Percurso teórico-metodológico: *os fios da tessitura da pesquisa*". Nela expressamos a trajetória teórico-metodológica na qual a pesquisa foi desenvolvida, apoiada na multirreferencialidade, no entendimento dos *Annales* como renovação da historiografia e do ensino de História, bem como na discussão de currículo com escopo no currículo prescrito. Para

a recolha dos dados, foi realizado um diálogo com fontes orais e escritas, anunciando "*os fios de sol de seus gritos de galo"*, na nossa busca da "*luz balão"*.

Na quinta, sexta e sétima seções, trazemos os resultados da pesquisa. A quinta intitulada "A disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares na graduação: a tessitura dos fios da EESVP à UECE", mapeamos a trajetória da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares no curso investigado em suas três fases como escola isolada (1943-1955), agregada à UFC (1956-1975) e encampada pela UECE (1975-2018) com escopo nas 12 matrizes curriculares produzidas pelo curso. Esta divisão foi utilizada pela primeira vez nos estudos de Nóbrega-Therrien et al, (2008) ao analisar o ensino de Enfermagem no Ceará.

A sexta seção intitulada "Tessituras do ensino de História da Enfermagem na matriz atual do curso: um olhar sobre o lugar da história". Discorre sobre como os conteúdos da História da Enfermagem se inserem na matriz em vigor produzida em 2005. Assim, por meio da observação em sala de aula durante um semestre, estabelecemos discussão e análise do lugar da História na formação, não somente atual como também passada, do enfermeiro. Nela, consideramos *os fios da teia tênue!*

A sétima seção é denominada "Concepções de ensino de História das professoras-enfermeiras: a experiência no desemaranhar dos fios". Nela analisamos as concepções de História das professoras-enfermeiras com foco nas suas experiências relacionadas com o ensino de História da Enfermagem. Por meio da história oral, cinco mulheres professoras-enfermeiras, cognominadas no texto com nomes de deusas gregas, tiveram voz para fazer emergir as vivências e as concepções, ecoando as experiências do passado-presente referentes ao ensino de História. São *seus gritos de galo*!

Assim como na cena poética dos *galos tecendo a manhã e o poeta tecendo seus versos*, completamos a tessitura para os propósitos desta tese. Eis que surgem os fios de sol! Finalmente, a oitava seção, a conclusão: "*luz balão*" resultante desta caminhada.

3 ESTUDOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: TECENDO O ESTADO DA QUESTÃO

[...] ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro: de outro galo
que apanhe o grito que um galo antes...

(Poema *Tecendo a manhã* -João Cabral de melo Neto)

A produção do conhecimento relacionado à História pode dar-se em várias dimensões. O trabalho historiográfico situa-se constantemente na confluência entre o tempo do objeto investigado e o tempo do sujeito investigador. A compreensão desse tempo é relevante para afastar a ameaça do anacronismo na pesquisa histórica.

O interesse da Enfermagem pelos aspectos históricos da profissão constitui um campo de estudo que desperta para a investigação cada vez mais o interesse crescente sobre como e onde essa história se encontra e é ensinada nos cursos de graduação.

A indicação poética de que '*um galo sozinho não tece a manhã'* remete à nossa temática de pesquisa intitulada: O lugar do ensino de História da Enfermagem: trajetórias e concepções dos professores enfermeiros, uma vez que para se constituir o objeto de investigação, é preciso conhecer sobre que aspectos outros pesquisadores já se debruçaram em seus estudos e o que alcançaram e '*apanhar esse grito*'. Sendo assim, desenvolvemos, nesta seção, o estado da questão sobre o nosso objeto de investigação. O objetivo do texto é constituir o Estado da Questão (EQ) do nosso objeto de investigação com escopo na compreensão do panorama proposto para a pesquisa a ser desenvolvida.

O EQ, na definição de Nóbrega-Therrien e Therrien (2010, p. 34), [...] "é um modo particular de entender, articular e apresentar determinadas questões mais diretamente ligadas ao tema ora em investigação". Na acepção dos autores, a constituição do EQ leva o pesquisador a registrar, com suporte em um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance (NÓBREGA-THERRIEN; THERRIEN, 2010).

Vale ressaltar que o EQ se distingue do Estado da Arte e da Revisão da Literatura, no tocante aos objetivos e aos resultados. Na acepção de Nóbrega-Therrien e Therrien (2010), o Estado da Arte visa a conhecer e discutir a produção de um determinado campo científico, resultando numa descrição acerca da temática estudada, onde o objeto é a própria temática. A Revisão da Literatura consiste no desenvolvimento de uma base teórica que sustente a realização do estudo, ancorada em categorias teóricas, refutadas, validadas ou acrescentadas a este referencial quando da realização do EQ, texto que ampara as análises dos dados. Já o EQ possibilita com maior clareza a delimitação e a caracterização do nosso objeto de pesquisa, além do reconhecimento e da definição das categorias teórico-metodológicas há pouco referidas, resultando na percepção do que já existe publicado sobre a temática a ser pesquisada, identificando lacunas tendências, bem como sobre de que modo o estudo pode colaborar para o aprimoramento daquela área do saber. As produções localizadas são confrontadas com a proposta de investigação a ser desenvolvida, havendo um diálogo entre o pesquisador e a produção científica mapeada, buscando-se articulações, convergências e divergências.

Portanto, o exercício de mapear os estudos publicados acerca de um determinado tema ou área de conhecimento são basilares para a delimitação do nosso objeto de pesquisa ou precisamente, para definir o estado da nossa questão.

Assim, como o canto do poeta sendo tecido, verso a verso no poema, o texto sobre o EQ será expresso em duas partes, além desta abertura e das considerações expostas em sua síntese. A primeira relata os procedimentos adotados para a busca e realização do EQ e anuncia os achados; a segunda analisa as produções mapeadas, no EQ, observando de que modo estes estudos podem dialogar com o nosso objeto em suas semelhanças e diferenças, notadamente, o que nosso estudo se torna inovador ou acrescenta ao conhecimento sobre a tematica.

3.1 MAPEANDO AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS: ‘UM GALO SOZINHO NÃO TECE A MANHÃ’

Na busca de delimitação e entendimento do nosso objeto, nos questionamos algumas vezes: qual o estado da nossa questão? Como começarmos a tecer a investigação? Assim, como *um galo sozinho não tece a manhã,* não estaríamos nós tecendo sozinha essa temática? Não seria necessário apanhar o grito

de outros ‘galos’? Na indicação do Poeta modernista, é preciso aproximar o canto do galo para tecer a manhã. Foi com esse intuito que iniciamos o inventário das produções científicas no nosso alcance.

O inventário das produções científicas sobre a temática de pesquisa foi realizado em seis bases de dados consideradas relevantes nas publicações científicas, considerando a credibilidade e a confiabilidade destas, bem como a disponibilidade através de meios digitais. A primeira base consultada foi a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)[16], que constitui uma rede de fontes de informação *online* para a distribuição de conhecimento científico e técnico em saúde. A BVS foi desenvolvida sob coordenação do Centro Latino-Americano de Informação em Ciências da Saúde (BIREME), que também criou os Descritores em Ciências da Saúde (DesC) para servir como linguagem única na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos e outros tipos de materiais, assim como para ser usado na pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica disponíveis na BVS. A BVS é composta pelas bases de dados da Biblioteca Crochrane, IBECS, LILACS, MEDLINE e SciELO. Congrega produções de 31 países e o acesso é aberto e universal.

A segunda foi a base nacional de teses e dissertações da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)[17] do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) tem por objetivo integrar portal único, os sistemas de informação de teses e dissertações do País e disponibilizar para os usuários um catálogo nacional de teses e dissertações em texto integral, possibilitando uma forma única de busca e acesso a esses documentos.

As buscas pelas produções locais compõem o terceiro inventário realizado. A quarta base de dados consultada foi a *Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)*. O periódico, criado em 1932, é uma publicação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). É o mais antigo periódico da Enfermagem brasileira e seu objetivo é divulgar a produção científica das distintas áreas do saber que sejam do interesse da Enfermagem, em sintonia com o projeto político da Associação Brasileira de Enfermagem-ABEn.

[16]Sítio *online* consultado: http://www.bireme.br/php/index.php

[17]Sítio *online* consultado: http://bdtd.ibict.br/

Inicialmente foi denominado "Annaes de Enfermagem"[18], de maio de 1932 a abril de 1941, sendo modificado para "Anais de Enfermagem", de janeiro de 1946 a dezembro de 1954, quando passou a ter o título atual - *Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)*. Em sua trajetória, teve interrupção, no período de maio de 1941 a dezembro de 1945. Foi publicado o número 17, em abril de 1941 e a interrupção da publicação da revista ocorreu em razão das dificuldades financeiras, agravadas pelos elevados custos do papel importado, em decorrência da Segunda Guerra Mundial[19], havendo o Brasil entrado no conflito em 1942.

A *REBEn* teve publicação na versão impressa e eletrônica, com periodicidade bimestral. A partir de 2016 a REBEn está publicada apenas na versão eletrônica.

A quinta base de dado examinada foi o periódico *História da Enfermagem: Revista Eletrônica (HERE)*[20], uma publicação do Fórum Permanente de Pesquisadores de História da Enfermagem, criada em 2009, com a primeira edição em 2010. Tem periodicidade semestral e publicação em versão eletrônica, pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). A Revista tem por objetivo promover a disseminação do conhecimento relativo à História da Enfermagem, Saúde e Educação, por meio de publicações com foco no conhecimento histórico, para a expansão de referenciais teóricos e metodológicos, fontes de pesquisas históricas que propiciem a interlocução de pesquisadores e interessados em História da Enfermagem e da saúde. A sexta base de consulta foi a nossa biblioteca, justamente, à da nossa orientadora Profa. Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien.

O levantamento realizado, empreendido nos meses de setembro a dezembro de 2015 e janeiro de 2016 a fevereiro de 2017 não considerou recorte temporal para não limitar a busca e, assim, procedeu, com o intuito de obter uma

[18]Sítio *online* consultado: http://www.reben.abennacional.org.br/sobre-nos.

[19] Após o final da Segunda Guerra Mundial, em um contexto de repensar a profissão e a formação em enfermagem, a publicação foi retomada em um processo de reorganização da Associação Brasileira de Enfermagem Diplomadas ABED, em 1945-1946, o periódico passou a ser editado e publicado trimestralmente, em São Paulo. A retomada da publicação foi empreendida, em 1944, pela enfermeira paulista, Glete de Alcântara, com a arrecadação de recursos financeiros. O número 18 da revista saiu em março de 1946, sob a denominação de Anais de Enfermagem, tendo sua capa modificada e Edith de Magalhães Fraenkel como redatora chefe. O símbolo foi reduzido e lateralizado, mantendo-se assim nos anos de 1946 e 1947. No ano seguinte foi centralizado, assim permanecendo até 1954, quando foi novamente alterado. A última mudança de nome ocorreu no ano de 1955, quando passou a *Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn.*

[20] Sítio *online* consultado: http://here.abennacional.org.br/revista/here/

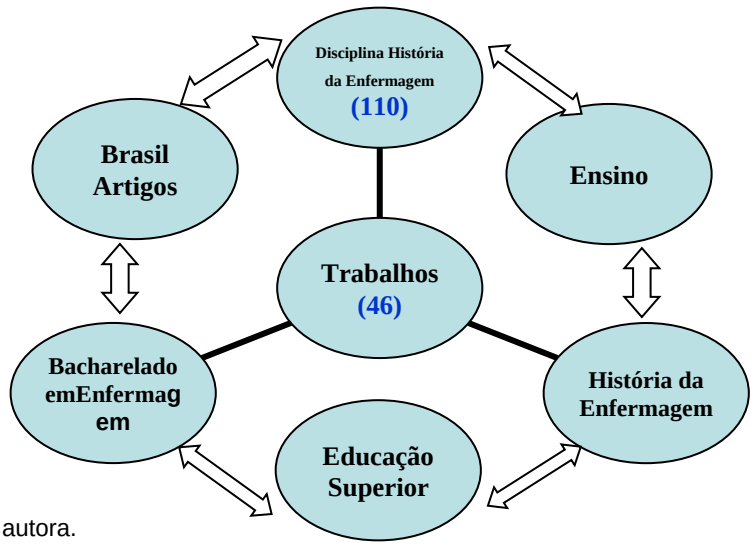
composição mais abrangente dos estudos sobre o tema no decurso do tempo. Os artigos selecionados na BVS, no entanto, compreendem o período de 2003 a 2009. Os estudos escolhidos na BDTD foram defendidos na fase de 2012 a 2015; os estudos de TCC e dissertativos locais - 2013 e 2015. Os trabalhos da *REBEn* escolhidos para compor o estado da nossa questão foram produzidos nos anos de 2001 a 2008 e os artigos da *HERE* abrangem os anos de 2010 a 2015. Isso porque foi nos anos 2000 que as pesquisas nesse campo se intensificaram na pós-graduação *stricto sensu.*

Assim, entre os estudos encontrados, estes foram os selecionados, para compor o estado da questão, por terem relação com o nosso objeto de investigação. Nas trilhas investigativas para apropriação da temática da nossa pesquisa, recorremos também à biblioteca pessoal, compondo o estado da questão duas produções de 2011 e 2015.

Para o mapeamento dos estudos, foram utilizados os seguintes descritores de busca: *história da enfermagem, disciplina história da enfermagem, ensino de história da enfermagem/ensino superior, formação inicial da/o enfermeira/o, história da formação e currículo-enfermagem.*

Na BVS, focamos na busca somente de artigos publicados no Brasil, haja vista as várias bases de dados que compõem a BVS. Usando a palavra-chave *disciplina História da Enfermagem*, apareceram 110 trabalhos. Vale lembrar que esse não é um descritor da BVS, motivo por que os trabalhos encontrados foram de âmbito geral. Assim, fomos aplicando os filtros para o refinamento da busca por meio dos DeSC Ensino, História da Enfermagem, Educação Superior, Bacharelado em Enfermagem. Conforme descrito à frente:

Figura 1- Descritores da BVS e quantitativo dos trabalhos localizados.



Fonte**:** Elaborado pela autora.

Após o refinamento, foram eliminados os trabalhos referentes ao nível médio/técnico e pós-graduação *stricto sensu* e escolhidos os trabalhos referentes ao ensino de História da Enfermagem na graduação. Restando 46 trabalhos, destes, 29 foram eliminados por versarem sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), Psiquiatria, Saúde Coletiva, Grupos de Terapia na Enfermagem, Ensino/Administração, Cuidado, sem relação com o objeto da nossa investigação. Dois estavam indisponíveis e nove repetidos. Restaram 11 onze trabalhos que se articulam com a temática, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 1- Dados quantitativos dos artigos mapeados da BVS.

ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM				
TOTAL	Descartados	Indisponíveis	Repetidos	Relativos
46	**29**	**02**	**09**	**11**

Fonte: Elaborado pela autora.

Os trabalhos repetidos decorrem do fato de a BVS compor várias bases de dados, podendo ocorrer a duplicidade dos artigos. No tocante aos artigos indisponíveis, vale ressaltar que foi feita a consulta direta na base de dados cujos trabalhos estão depositados e também estavam indisponíveis. Restaram, portanto, dos 46 trabalhos, 11 relativos à temática investigada. A seleção dos artigos se deu pela leitura dos títulos e resumos e só em alguns casos de dúvidas no tocante a relação do artigo com o nosso objeto de investigação realizamos a leitura completa. Os artigos selecionados foram lidos na totalidade.

Ainda na BVS, realizamos a busca utilizando o DesC currículo, aplicando os filtros Bacharelado em Enfermagem, Brasil, Enfermagem, Educação, tendo sido localizados 43 trabalhos, dos quais foram descartados 33 por tratarem de temáticas como serviço de saúde, análise do ensino em centro cirúrgico, saúde dos homens, perfil socioeconômico e cultural dos estudantes, produção científica na graduação, aspectos éticos na profissão, saúde pública, Enfermagem Psiquiátrica, estágio, violência intrafamiliar, interdisciplinaridade em na educação em diabetes. Cinco

ensaios estavam repetidos e cinco foram selecionados para a análise, conforme está no quadro 2.

Quadro 2- Dados quantitativos dos artigos selecionados da BVS.

CURRÍCULO			
TOTAL	Descartados	Repetidos	Relativos
43	**33**	**05**	**05**

Fonte: Elaborado pela autora.

No tocante ao levantamento feito no Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), encontramos um total de produções utilizando as seguintes palavras-chave: *história da enfermagem, disciplina história da enfermagem, ensino de história da enfermagem/ensino superior, educação Superior, Bacharelado em Enfermagem, Formação inicial do/a enfermeira/a, história da formação, currículo-enfermagem. Esses* Descritores foram seguidos em todas as buscas*.* Essas palavras-chave foram combinadas entre si a fim de delimitar a procura com foco nos descritores utilizados para busca na BVS. Os achados estão dispostos no quadro 3.

Quadro 3- Dados quantitativos dos trabalhos selecionados no Banco Digital de Teses e Dissertações.

TOTAL	DESCARTADOS	RELATIVOS	DISSERTAÇÕES	TESES
23	**18**	**05**	**02**	**03**

Fonte: Elaborado pela autora.

Foram encontradas 23 produções, sendo descartadas 18, por não terem relação com a nossa investigação, abordando as seguintes temáticas: ensino de

Psicologia na Enfermagem, ensino/neonatal, ensino/cuidado, ensino/modelo militar, alunas egressas, a vinda das enfermeiras francesas para o Hospício Nacional de Alienados (HNA), no Rio Janeiro, alunas pioneiras, escola/seção feminina, inovação pedagógica, o fazer do enfermeiro-docente. Restaram cinco produções, sendo duas dissertações e três teses, conforme descrito no quadro 3, selecionados para o estudo.

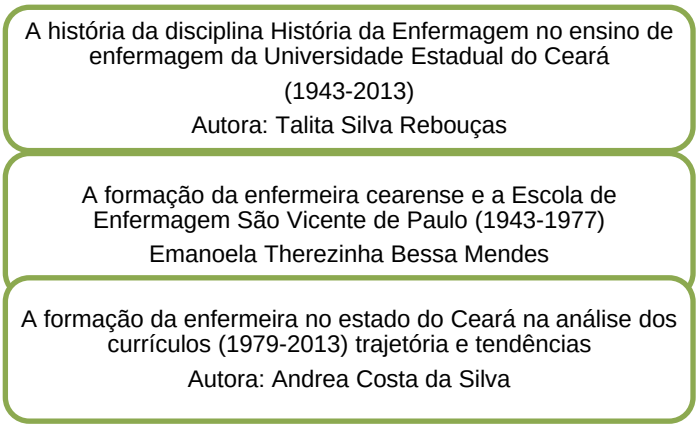
A seleção das produções se deu por meio da leitura dos títulos, resumos, metodologias e resultados. Essas produções demonstram que sobressaem as mulheres na atuação da Enfermagem. Esse dado mostra a relevância feminina na Enfermagem desde a origem dessa profissão. Inclusive a terminologia da palavra expõe essa dimensão, pois, o vocábulo enfermeira/o se compõe de duas palavras do latim: *nutrix*[21], que significa Mãe, e do verbo *nutrire*, que tem como significados criar e nutrir. Essas duas palavras, adaptadas ao inglês do século XIX, se transformaram na palavra NURSE que, traduzida para o português, significa enfermeira. Assim, a palavra "mãe" está implícita na formação do nome da profissão que se enleia com a história das mulheres.

A singularidade da Enfermagem instiga algumas indagações, grande parte delas já assinaladas no escrito introdutório deste texto, porém, se faz importante reprisar, como: Como a história tem sido contemplada no currículo no curso de graduação? Como tem sido o ensino da História da Enfermagem? Quais as concepções de História dos professores que trabalham com a História? Nesse momento do estado da questão, confessamos ser pertinente buscar produções, sobretudo, locais. Encontramos dois trabalhos dissertativos no *NUDIHMEn*[22] - Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará, fruto do Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva, orientado pela profa. Dra. Silvia Maria Nóbrega-Therrien que investiga temáticas relacionadas á História da Enfermagem no Ceará e estão descritos na figura abaixo.

[21] Sítio *online* consultado: http://www.enfermagemonline.com.br/

[22]Núcleo vinculado ao Laboratório de Educação, História e Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará, bem como à Academia Cearense de Enfermagem. Tem como objetivo constituir um núcleo de pesquisa e documentação relativa à história da Enfermagem brasileira, em particular, cearense, no passado recente. Possui acervo documental relevante a ser utilizado no desenvolvimento deste estudo. Do seu acervo, constam revistas, livros, anais de encontros, jornais e objetos tridimensionais.

Figura 2 - Dados quantitativos das produções de TCC e *stricto sensu* locais selecionados no NUDHIMEn.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os estudos dissertativos foram defendidos em 2013 e 2015, respectivamente, na Universidade Estadual do Ceará[23]. Na data da busca no BDTD não foram localizadas, entretanto, foram divisadas no NUDHIMEn e, posteriormente, no *site* do programa de pós-graduação da Universidade.

A publicação da *REBEN*, além de seis fascículos regulares por ano, pode ser procedida, eventualmente, em números especiais, de acordo com avaliação da pertinência pela Comissão de Publicação ou Conselho Editorial da *REBEn*, e com a aprovação expressa da Diretoria da ABEn Nacional.

Na busca realizada, conforme utilizações de descritores anunciados, foram localizados 283 trabalhos. Após o refinamento, sobraram 143 produções e, após a leitura dos títulos e resumos, foram excluídas 133 produções, por não terem relação com o objeto investigado, abordando temas que englobam a saúde da criança e da mulher, o cuidado, a assistência e administração em Enfermagem, bem como o pensar/fazer da prática do enfermeiro. Também foi descartado o artigo “O movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa em história da Enfermagem”, produzido por Ieda de Alencar Barreira e Suely de Souza Baptista, que já foi mapeado na BVS. Os artigos selecionados foram lidos na totalidade. O quantitativo dos artigos está descrito no quadro 4.

[23] Trabalhos desenvolvidos sob a supervisão da Profa. Silvia Maria Nóbrega Therrien, orientadora deste estudo.

Quadro 4 - Relação dos trabalhos selecionados na Revista Brasileira de Enfermagem - REBEN.

ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM				
TOTAL	APÓS REFINAMENTO	DESCARTADOS	REPETIDOS	RELATIVOS
283	**143**	**132**	**01**	**09**

Fonte: Elaborado pela autora.

As produções encontradas concentram-se no período de 2001 a 2008, sendo todos números regulares, com exceção de um número especial no ano de 2006, como mostra o quadro 5.

Quadro 5- Distribuição das produções localizadas na REBEN.

ANO	MÊS	VOLUME	Nº	PÁGINA
2001	Out-dez.	54	4	638-644
2003	jul-agos.	56	4	417-419
2005	nov-dez.	58	6	723-726
2006	-----	59(esp.)	---	397-402
2006	mar-abr.	59	2	217-221
2008	jan-fev.	61	1	125-130
2008	mar-abr.	61	2	258-261
2008	mar-abr.	61	2	233-238
2008	maio-jun.	61	3	354-60

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses dados demonstram o crescimento da pesquisa com foco na História da Enfermagem nos últimos anos. Os fatores relacionados a esse crescimento já foram discutidos no texto Introdutório desta tese.

A pesquisa na *HERE* foi feita inicialmente pelo sumário e, em caso de dúvida, com a leitura dos resumos. As produções selecionadas foram lidas na íntegra. A figura 3 demonstra as produções localizadas.

Figura 3 - Dados quantitativos das produções selecionados na HERE.



Fonte: Elaborado pela autora.

As produções descartadas das 12 edições consultadas incidiram por não se relacionarem com o objeto de investigação. Embora se trate de HE, as temáticas se relacionavam com hospital psiquiátrico, políticas de saúde, mortalidade infantil, o feminismo nas profissões, o cuidado da hanseníase no Brasil, modelos de planejamento e assistência na Enfermagem, Educação sanitária, administração do serviço de Enfermagem, modelos comunicativos da Enfermagem (passagem de plantão), enfermeiros empreendedores, produção cientifica da *REBEn*, Interfaces Enfermagem e diabetes, programas Educativos em enfermagem, conferências nacionais de saúde, biopolítica contemporânea, conselho profissional de Enfermagem, prática do cuidado, saber/poder da equipe de Enfermagem, rituais de formatura, cuidados preconizados no livro *Enfermeiro de Pscicopatas*, amas de leite, atribuições técnicas da Enfermagem.

Na procura dos estudos para tecer o estado da questão do nosso objeto, trazemos publicações da biblioteca pessoal e da orientadora, conforme figura 4, a seguir.

Figura 4 – Livros da biblioteca pessoal utilizados na configuração do estado da questão.



Fonte: Elaborado pela autora.

É importante lembrar que a escolha desses livros se deu pelo fato de comporem produções atuais no campo da pesquisa em História da Enfermagem, contribuindo para compor o conjunto da investigação. Deste modo, as produções mapeadas nesse estado da questão reportam-se a aspectos que circundam o nosso objeto e, como na metáfora poética é preciso apanhar esse grito.

3.2 O QUE REVELAM AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS: ‘O GRITO DE UM GALO ANTES’

O Estado da Questão exige uma busca minuciosa das produções, um levantamento criterioso e um poder de análise e síntese com foco no objeto a ser investigado. Impõe-se, então, que o pesquisador perceba o “*grito de um galo antes”,* ou seja, o que outros pesquisadores já produziram sobre o tema a ser investigado.

O quadro a seguir traz o panorama com todos os levantamentos realizados para o estudo do estado da questão do objeto de nossa investigação.

Quadro 6-Demonstração das produções utilizadas para o estado da questão do objeto de investigação.

Nº	BASE DE DADOS	TIPO	ANO	QUANTITATIVO
01	BVS	Artigo	1996-2013	11
02	BDTD	Teses e Dissertações	2012-2015	03 02
03	Produção Local	Monografia/ Dissertação	2013-2015	03
04	REBEN	Artigo	2001-2008	09
05	HERE	Artigo	2013-2015	03
06	Biblioteca Pessoal	Livro	2011-2015	03
TOTAL				34

Fonte: Elaborado pela autora.

Não pretendemos esgotar todas as produções da seara de HE para composição desse estado da questão. Acreditamos que as seis bases consultadas e as 34 produções analisadas oferecem um panorama e denota *"o grito de um galo antes",* mostrando avanços, desafios, contribuições e ausência das produções, atendendo o nosso objetivo na realização do EQ.

Mapeadas as produções científicas, se faz necessário um olhar atento para decifrar o que elas revelam, analisando: quais os objetivos dessas produções? De que modo estes estudos podem dialogar com o nosso objeto de estudo? Iniciamos as análises e discussõespelos artigos demonstrados no quadro 6.

Quadro 7- Relação dos artigos da BVS.

Nº	TÍTULO	AUTOR (ES)	ANO
01	A dramatização como recurso no processo ensino-aprendizagem na disciplina de História da Enfermagem	Marcelle Aparecida de Barros; Cláudia Cristina Pereira Cyrillo	2006
02	O ensino de História da Enfermagem nos cursos de graduação de Santa Catarina	Maria Itayra C. de S. Padilha	2006
03	História da Enfermagem: ensino, pesquisa e Interdisciplinaridade.	Maria Itayra C. de S. Padilha; Miriam SusskindBorenstein	2006
04	Thinking about place: researching and reading the global history of nursing	Patricia D'Antonio	2009
05	Páginas de história da enfermagem: o jubileu de ouro de uma obra (1951-2001)	Ana Paula Costa Alves; Osnir Claudiano da Silva Júnior	2006
06	O movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa em História da Enfermagem	Ieda de Alencar Barreira; Suely de Souza Baptista	2003
07	Análise das diretrizes curriculares: uma visão humanista na formação do enfermeiro	Jorge Ponciano Ribeiro; Marcelo Tavares Elizabeth Esperidião; Denize Bouttelet Munari.	2005
08	Ciências Humanas e Sociais na formação das primeiras enfermeiras cariocas e paulistanas	Aline Corrêa de Araújo, Maria Cristina Sanna	2011
09	Currículos de enfermagem do Brasil e as diretrizes - novas perspectivas	Silvana Sidney Costa Santos	2003
10	O currículo na e da enfermagem: por onde começar e recomeçar	Dulce Maia Silva Vendrúscolo; Maria Cecília Manzolli	1996
11	Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Enfermagem: avanços e desafios	Josicelia Dumêt Fernandes; Lyra Calhau Rebouças	2013

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os artigos publicados, o ano de 2006 tem a maior incidência de publicação. Os estudos são recentes, o que revela uma demanda atual em pesquisar sobre a História da Enfermagem e o seu ensino nos cursos de formação, sendo, portanto, pertinente para alguns pesquisadores adentrar esse campo. Os 11 artigos selecionados focam esses aspectos. O primeiro é intitulado "A dramatização como recurso no processo ensino-aprendizagem na disciplina de História da Enfermagem", escrito por Marcelle Aparecida de Barros; Cláudia Cristina Pereira Cyrillo, (2006). Traz

como objetivo a busca de uma nova estratégia de ensino, destacando a dramatizaçãoou *role playing*, que, de acordo com a teoria de Jacob Levy Moreno (1889/1974), propõe que tais modalidades sejam atividades que possam ser usadas em situações de aprendizagem como recursos facilitadores de compreensão de fenômenos que envolvem inter-relações pessoais.

O estudo envolveu 199 graduandos do primeiro ano do curso de Enfermagem em relação à experiência de participar de atividade de dramatização na disciplina História da Enfermagem e a importância desse recurso no processo de aprendizagem. As autoras apontam nos resultados que os alunos são favoráveis à experiência vivida. Deste modo, os conteúdos trabalhados na disciplina foram ressignificados por meio da atuação do professor.

As autoras mostram nessa experiência como a História da Enfermagem é/ou pode ser trabalhada na graduação, revelando o *role playing* como um expediente para ensinar aos graduandos a história da sua profissão. A discussão realizada pelas autoras se articula com o nosso objeto, pois foca o ensino da História da Enfermagem na graduação, e ao mesmo tempo, se distancia, uma vez que se insere no terreno de como ensinar.

O segundo artigo foi escrito por Maria Itayra Coelho de Souza Padilha, (2006) - “O ensino de História da Enfermagem nos cursos de graduação de Santa Catarina”. Tem como objetivo estabelecer uma rede de contatos com todas as escolas de Enfermagem daquele Estado, para traçar um diagnóstico do ensino de História da Enfermagem, com vistas a subsidiar a criação de uma política para nortear a reformulação curricular da disciplina, em face das necessidades do Estado. O estudo foi realizado em 15 escolas de Enfermagem do Estado, tendo em vista o *modus operandi* do desenvolvimento da disciplina. Os resultados indicaram que as estratégias educacionais e curriculares são variadas, havendo interfaces. Indicaram, ainda, um avanço relativo à carga horária e às estratégias de ensino-aprendizagem, contudo, a inserção do conteúdo em questão ainda carece de reflexão coletiva sobre a sua importância no currículo dos cursos. Esse artigo suscita algumas reflexões, e traz aspectos de Santa Catarina, uma realidade do sul do Brasil que ajuda a pensar o nosso objeto, com o foco no Ceará. Qual a carga horária destinada para a disciplina História da Enfermagem no curso da UECE, *locus* da nossa investigação? Como esta carga horária se comporta no tempo, nos currículos e em suas mudanças? Quais conteúdos/ temáticas são trabalhados? A quais conteúdos são dedicados maior e/ou

menor tempo? Qual a inserção no currículo? Qual o perfil dos professores que trabalham a História?

O terceiro artigo encontrado é uma reflexão sobre a importância da História da Enfermagem para a pesquisa e para o ensino da Enfermagem, escrito por Maria Itayra Coelho de Souza Padilha; Miriam Susskind Borenstein (2006). Tem por título, “História da Enfermagem: ensino, pesquisa e interdisciplinaridade”.

As autoras instigam o debate, com foco na realidade de Santa Catarina sobre a importância da interdisciplinaridade para a realização dos estudos históricos, considerando a relação desta com as demais disciplinas. Apontam e problematizam nos resultados do estudo acerca dos desafios e tendências futuras sobre o ensinar, aprender e pesquisar a História da Enfermagem. A interdisciplinaridade é um caminho para reduzir as insuficiências nesta senda de estudo e mobilizar tanto docentes quanto discentes e outros interessados para a importância do assunto. As autoras não propõem anular a disciplinaridade, mas analisam a Enfermagem, que quando trata de sua história, necessariamente, se apropria e se aproxima dos territórios interdisciplinares.

Consideramos essa discussão pertinente ao nosso estudo, porquanto o debate sobre o ensino da História da Enfermagem trazendo uma realidade do sul do País que estimula a pensar o nosso contexto de Ceará, embora estejamos ainda na fase diagnóstica desse ensino e de seu lugar em termos de trajetória percorrida nas matrizes curriculares.

O quarto artigo se reporta à Enfermagem como disciplina prática e a HE como um campo de conhecimento, sendo que ambos se situaram em maior área de autoconsciência global, e os estudiosos estão se deslocando além de seus países e estados como contexto primário para a investigação histórica. De autoria de Patricia D’Antonio (2009), está escrito em inglês e tem como título: *Thinking about place: researching and reading the global history of nursing.* Em português, fica*: Pensando sobre o lugar: pesquisando e lendo a história global da Enfermagem.*

Dentre os artigos localizados é o único que considera o lugar como categoria de análise, o que nos chama bastante atenção, mediante o nosso interesse em trabalhar o lugar do ensino da História da Enfermagem na graduação. Nesse sentido, tem uma aproximação que nos motiva nessa direção. Por outro lado, este estudo considera dois desafios para aqueles interessados em explorar como a História da Enfermagem pode considerar a justaposição do global e do local. Menciona que o

primeiro é conceitual e considera as maneiras de explorar os estudos nacionais da História da Enfermagem mais sistematicamente. O segundo é estrutural e explora como podemos constituir um corpo de conhecimentos e um quadro de estudiosos que atravessem a linguística convencional, barreiras culturais e criem uma vibrante comunidade para discussão e diálogo sobre a HE. É o tempo das redes.

Já o quinto artigo “Páginas da História: o jubileu de ouro de uma obra (1951-2001)”, de autoria de Ana Paula Costa Alves e Osnir Claudiano da Silva Júnior (2006), focaliza a permanência do livro *Páginas de História da Enfermagem* em referências acadêmicas em 2001, ano do cinquentenário da primeira edição do livro de Waleska Paixão.Os autores realizaram um levantamento bibliográfico nas dissertações e teses, do ano 2001, de três programas de pós-graduação, nos programas da disciplina História da Enfermagem, nas três escolas públicas de graduação no Município do Rio de Janeiro e em artigos que apresentavam como palavra-chave História da Enfermagem, publicados na *REBEn* no volume 54 (2001).

O estudo revelou a citação do livro de Waleska Paixão em apenas um programa de disciplina de graduação e concluiu que, apesar da importância do referido livro, em razão do seu pioneirismo no Brasil (1951), as citações desta obra estão desaparecendo das referências pesquisadas, o que aponta para o surgimento de outros títulos e fontes para o estudo da História da Enfermagem; sobretudo, com o surgimento dos programas de pós-graduação *stricto sensu* e sua produções, bem como dos novos grupos de estudo e pesquisa na área da HE. Essa discussão nos leva a pensar qual abordagem da História da Enfermagem é enfatizada nos cursos de graduação pelos professores. Olhar para obra de Waleska Paixão como uma publicação do seu tempo ajuda a evitar o anacronismo. Pensar sobre isso é ser instigada a outras investigações nesse campo que levem em foco, não o lugar, mas os conteúdos que são ensinados na disciplina História.

O sexto artigo é “Movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa em História da Enfermagem”, escrito por Ieda de Alencar Barreira; Suely de Souza Baptista (2003). O estudo focaliza a realidade do Rio de Janeiro. O recorte temático desse estudo é o movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa na História da Enfermagem. As autoras analisam as possibilidades e limitações do ensino e da pesquisa em História da Enfermagem, bem como sua contribuição para o avanço da profissão, e discutem as implicações do entendimento da História da Enfermagem como setor interdisciplinar.

Esse debate é significativo para compreensão da realidade da nossa pesquisa, sobretudo, no tocante ao entendimento das possibilidades e limitações do ensino e da pesquisa em História da Enfermagem. Há de se considerar, ainda, [...] “o despertar da enfermagem para a necessidade de buscar um equilíbrio entre a competência técnico-científica e a capacidade de crítica social e autocrítica profissional”. (BARREIRA; BAPTISTA, 2003, p. 702), ancoradas na História para melhor entendimento do presente e redirecionamento para o futuro.

O estudo de Barreira; Baptista (2003, p.702), aponta como uma das maiores contribuições da História da Enfermagem [...] “a formação crítico reflexiva de profissionais, capazes de pensar a enfermagem inserida em um campo de forças dinâmicas e contraditórias, que é passado, é presente e é também futuro”.

Considerando que a HE contribui na formação crítico-reflexiva dos enfermeiros, é importante compreender como os professores se apropriam dessa história e trabalham no curso de graduação, como estruturam essa história ou seu ensino, bem como as rupturas e continuidades que se inserem ao correr do tempo nos conteúdos e compreensões sobre esse aspecto, que, embora não seja o nosso foco, a ela está ancorado.

As autoras reconhecem a existência de órgãos dedicados à HE e concluem que, talvez, isso tudo ainda seja pouco. Mencionam a urgência da criação e desenvolvimento de linhas de pesquisa específicas, tendo em vista que, no Estado do Rio de Janeiro, existem quatro escolas federais e, aproximadamente, trinta escolas particulares**.**

Nas produções mais voltadas ao currículo, encontramos o artigo “Análise das diretrizes curriculares: uma visão humanista na formação do enfermeiro”, dos autores Jorge Ponciano Ribeiro; Marcelo Tavares; Elizabeth Esperidião; Denize Bouttelet Munari (2005), que objetivou refletir e analisar as Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Enfermagem, instituídas pela Resolução CNE/CES de 2001. Os autores aludem que a força de uma resolução não está no poder de quem a formulou, mas na lógica de seus argumentos na possibilidade de respostas concretas para as necessidades daqueles que a utilizarão, bem assim, na sua capacidade de criar e modificar comportamentos inadequados.

A discussão suscitada pelos autores dialoga com o nosso objeto de investigação, haja vista que a análise da trajetória de uma disciplina perpassa o

currículo e o marco regulatório que determina por onde caminha a formação evidenciando nesta a importância que se confere ao ensino da História.

O oitavo artigo - “Ciências Humanas e Sociais na formação das primeiras enfermeiras cariocas e paulistanas”- de autoria de Aline Corrêa de Araújo e Maria Cristina Sanni (2011) é uma produção que teve o intuito de descrever e analisar o lugar que as Ciências Humanas e Sociais ocuparam no primeiro currículo escolar dos cursos de nível superior de Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) e da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP). As autoras discutem as semelhanças e as diferenças no tratamento das Ciências Humanas e Sociais nos currículos das duas escolas pesquisadas. É interessante perceber que disciplinas de humanidades ocuparam lugar secundário nos currículos examinados em comparação com as disciplinas técnicas e o aspecto utilitário que a profissão exigia na época. Essa indicação nos conduz a perceber que, no *locus* da nossa investigação, é pertinente analisar se os currículos praticados seguem esse modelo e como a disciplina História da Enfermagem se insere nas mudanças curriculares. E aproximando-se do objeto do nosso estudo, porquanto busca praticamente respostas a perguntas semelhantes, embora com foco em outra disciplina ensinada.

O nono artigo é “Currículos de Enfermagem do Brasil e as diretrizes - novas perspectivas,” escrito por Silvana Sidney Costa Santos (2003). Ela realizou uma retrospectiva dos currículos para o curso de graduação em Enfermagem, desde a sua primeira escola, Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, do Rio de Janeiro, em 1890, até a Resolução CNE/CES 3/2001, documento que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem no Brasil. Nesse trabalho a autora menciona a participação de enfermeiros e o interesse coletivo dos que estão engajados em formar enfermeiros mais humanistas, reflexivos e críticos. É com base nas orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem (2001) que a UECE produziu o PPC do curso e a matriz curricular em 2005, ainda em vigor, e que orienta a formação do enfermeiro.

Os elementos apontados pela autora contribuem na reflexão do EQ, considerando que as atividades teóricas e práticas do currículo não estão isoladas do contexto socioeconômico, político e cultural. Entendemos este ponto como importante na formação inicial acadêmica dos profissionais de Enfermagem.

O décimo artigo é “O currículo na e da enfermagem: por onde começar e recomeçar” Foi produzido por Dulce Maia Silva Vendrúscolo; Maria Cecília Manzolli

(1996), com o intuito de investigar a percepção do professor acerca das concepções curriculares norteadas do currículo de graduação em Enfermagem. As autoras apontam que a prática curricular da Enfermagem demonstra a existência de um pluralismo de posicionamentos filosóficos e pedagógicos na orientação do ensino de graduação, sendo estas escolhas, muitas vezes, resultantes das aspirações e dos ideais do próprio professor atribuídos ao processo educacional vigente na Enfermagem. As abordagens desse trabalho dialogam com o nosso objeto, no tocante à discussão das concepções de currículo, bem como em perceber as concepções do professor sobre este, no nosso caso, sobre a disciplina História da Enfermagem.

O último artigo analisado nessa base de dados foi “Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Enfermagem: avanços e desafios”, da autoria de Josicelia Dumêt Fernandes e Lyra Calhau Rebouças, cujo objetivo foi analisar os avanços e desafios de uma década dessas Diretrizes. As autoras asseveram que o texto das DCN/ENF, em alguns pontos, traz aspectos subjetivos, favorecendo múltiplas interpretações e reforçando uma adesão a conceitos e concepções equivocadas sem um adequado entendimento.

O estudo revelou que as DCN/ENF conformam um instrumento norteador da elaboração de Projetos Pedagógicos, trazendo como parâmetros: eixo orientador dos conteúdos mínimos para a formação do profissional; flexibilidade na organização do curso; princípio da formação integral; adoção de metodologias ativas; incorporação de atividades complementares; princípio da interdisciplinaridade; predominância da formação sobre a informação; articulação entre teoria e prática; indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão. Os aspectos apontados no texto dialogam com o nosso objeto, uma vez que analisar a trajetória de uma disciplina requer olhar para as DCN do curso, o Projeto Pedagógico e como estes se articulam na composição das disciplinas. E as DCN/ENF (2001) inspiraram a matriz curricular (2005) produzida pelo curso investigado, ainda em vigor, e que será analisada neste estudo.

Deste modo, os artigos demonstram na escrita de seus autores como a História da Enfermagem é pesquisada, ensinada e compreendida. As produções assinalam, ainda, os caminhos que o currículo da Enfermagem percorre e como os professores compreendem as suas dimensões teóricas e práticas na formação do enfermeiro. Dessa maneira, cabe analisar o lugar da disciplina História da Enfermagem na graduação e nos motiva a pensar sobre as concepções da História ensinada na formação inicial acadêmica. Assim, conhecer como os estudos realizados

abordam o ensino da História da Enfermagem é reconhecer o "*grito de um galo antes"* e o contexto em que a nossa pesquisa será desenvolvida e em que irá contribuir.

No tocante às dissertações e teses, o ano de 2012 tem maior incidência de publicação. Os estudos são recentes, o que revela o interesse dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em pesquisar a HE. Das três dissertações, uma foi defendida no ano de 2009, no Mestrado em Enfermagem, enquanto, as outras foram sustentadas no Mestrado em Educação, uma no ano de 2012 e a outra em 2015. As três teses foram produzidas no Doutorado de História e de Enfermagem, duas defendidas no ano de 2012 e a outra no ano de 2015.

Como "*apanhar esse grito*"? Percebe-se que a História da Enfermagem é uma seara interdisciplinar, sendo uma área de interesse da Enfermagem, da História e da Educação, conforme revelaram as teses e dissertações. Percebemos, ainda, a ampliação dos estudos relativos à História da Enfermagem, inclusive em periódicos de circulação nacional e internacional, como demonstraram os artigos analisados.

Nesse momento de formulação do EQ do nosso objeto de investigação, é animador perceber o empenho de pesquisadores de áreas diversas interessados na preservação e na memória da Enfermagem. O quadro 8 mostra essa dimensão. Nele podemos observar os objetivos de cada estudo, pois, como se trata de teses e dissertações optamos por elencar também os objetivos de cada estudo.

Quadro 8 - Relação das dissertações e teses selecionadas no BDTD. (Continua)

TIPO/ANO	PROGRAMA/ INSTITUIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	OBJETIVO
Dissertação 2012	Mestrado em Educação UEM/Maringá	Dayana Firmino Barradas Costa	Nem dama, nem freira, enfermeira ou do ideário pedagógico da profissionalização de Enfermagem no Brasil (1931 a 1961).	Compreender como as ideias pedagógicas em voga no Brasil contribuíram para a profissionalização da enfermagem num período de mudanças de ordem econômica e social.
Dissertação 2015	Mestrado em Educação	Fillipe Manoel Santos Cavalcanti	A formação em Enfermagem no Brasil e as imposições do capital em crise	Analisar as determinações do capital em crise estrutural na formação profissional de enfermeiros brasileiros, partindo centralmente, da relação entre o projeto societário burguês e as diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em Enfermagem.

(Conclusão)

Tese 2012	Doutorado em História UFMG/Minas Gerais	Virginia Mascarenhas Nascimento Teixeira	De práticos a enfermeiros: os caminhos da enfermagem em Belo Horizonte (1897-1933)	Analisar a enfermagem no período pré-profissional na cidade, compreendendo desde 1897, ano da inauguração de Belo Horizonte, até 1933, ano da inauguração da Escola de Enfermagem Carlos Chagas.
Tese 2012	Doutorado em Enfermagem USP/São Paulo	Alessandra Rosa Carrijo	Ensino de História da Enfermagem: Formação inicial e identidade profissional	Discutir o lugar da disciplina História da Enfermagem na construção de competências no Curso de Graduação em Enfermagem da EEUSP.
Tese 2015	Doutorado em Enfermagem USP/SP	Emiliane Silva Santiago	Currículo da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP: Inovações de Profa. Glete de Alcântara (1953-1963)	A pesquisa teve por finalidade, através da comparação entre currículos das duas Escolas de Enfermagem da Universidade de São Paulo, discutir o primeiro currículo da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP (EERP-USP), apontado pela fundadora, Profa. Glete de Alcântara em 1962.

Fonte: elaborado pela autora (2015)

A primeira dissertação identificada foi produzida por Dayana Firmino Barradas Costa (2012) *Nem dama, nem freira, enfermeira ou do ideário pedagógico da profissionalização de Enfermagem no Brasil* (1931 a 1961). O título dessa produção traz um dado relevante, “Nem dama, nem freira, enfermeira...” que nos diz da história dessa profissão. Primeiro, um mister eminentemente feminino. Depois, indica quais mulheres se ocupavam da Enfermagem antes de esta ser reconhecida como ciência e regulamentada como profissão. Percebe-se a proposta do estudo em tratar da profissionalização da Enfermagem, que, entendemos, não deixa de estabelecer algumas rupturas, embora continue imbuída de continuidades provenientes das damas e das religiosas.

O objetivo do estudo foi compreender como as ideias pedagógicas em voga no Brasil contribuíram para a profissionalização da Enfermagem num período de mudanças de ordem econômica e social. Na discussão de Costa (2012), discute a profissionalização de Enfermagem no Brasil esteve anotada em modelos de ensino

introduzidos no Brasil, atrelados ás necessidades materiais de um tempo em que foi preciso articular o País para modernizar a Nação por meio da instalação de indústrias e da urbanização.

O estudo reporta-se ao contexto escolanovista nos anos de 1930, que permeou a trajetória histórica e também legal da Enfermagem, e articulou-se às ideias tecnicistas dos anos de 1960. Com suporte nas diversas regulamentações do ensino de Enfermagem no Brasil, a autora problematiza quais as ideias pedagógicas que tinha curso na profissionalização por meio dos modelos de ensino de Enfermagem. Tal incide sobre o ensino de História, pois este permite ao estudante comprender o contexto em que está inserido e as raízes do seu ofício.

Essa produção mostra que o ensino de Enfermagem no Brasil não é um todo homogêneo, baseado somente em modelos de ensino próprios para a profissão, mas um conjunto de forças heterogêneas e contrárias que se matizaram para constituir uma profissão que não esteve à margem do debate educacional entre de 1931 a 1961. Tais fatores, entendemos, ainda perduram na concepção de conteúdos curriculares, em sua permanência e ou em sua extinção.

Esse estudo se relaciona com o nosso objeto, pois, ao tratar do ensino História da Enfermagem na graduação, é fundamental entender como a sua história se constituiu, assim como em quais bases legais se sustenta.

O estudo dissertativo de Fillipe Manoel Santos Cavalcanti (2015), sobre *A formação em Enfermagem no Brasil e as imposições do capital em crise*, buscou analisar as determinações do capital em crise estrutural na formação profissional de enfermeiros brasileiros, partindo, centralmente, da relação entre o projeto societário burguês e as diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em Enfermagem. Essa produção discute problema da formação de enfermeiros no Brasil em tempos de consolidação do projeto neoliberal, com foco nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Cavalcanti (2015) discorre acerca das condições atuais da Enfermagem, vinculada às determinações do mercado de trabalho, com escopo no contexto da Educação em Geral, com tendência a incorporar conceitos como autonomia, participação, trabalho em equipe, cooperação e qualidade de vida no trabalho (QVT).

A criticidade com que o autor discute as DCN/ENF, o contexto em que ela foi produzida e a sua finalidade dialogam com o nosso objeto, haja vista que a

existência de uma disciplina no currículo se insere num âmbito que envolve a implantação dos documentos legais orientadores do currículo.

O quarto trabalho encontrado foi a tese de Virginia Mascarenhas Nascimento Teixeira (2012) - *De práticos a enfermeiros:* os caminhos da enfermagem em Belo Horizonte (1897-1933). O estudo possui foco diferente do estudo de Dayana Firmino Barradas Costa, que se insere no período da profissionalização da Enfermagem, enquanto este trata do chamado período pré-profissional da Enfermagem. O trabalho tem como objetivo analisar a Enfermagem no período pré-profissional na cidade de Belo Horizonte, compreendendo desde 1897, ano da inauguração de Belo Horizonte, até 1933, quando da inauguração da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, vista como um marco para a formação profissional em Enfermagem em Minas Gerais.

A autora ressaltou os desafios para a pesquisa do período pré-profissional da Enfermagem, como falta de documentos, escassez de preservação destes e dificuldades de localização e acesso, para destacar a historiografia da Enfermagem.

O estudo indicou a existência de um grupo específico para a prática de cuidados aos doentes, denominados enfermeiros, com um corpo de conhecimentos organizado e estruturado e reconhecimento público, tendo, na tradição religiosa, eixo para sua configuração inicial. Coube às religiosas iniciar a modernização da Enfermagem. Elas representaram um avanço para a organização e moralização do ambiente hospitalar, sendo auxiliadas e, posteriormente, substituídas, pelos enfermeiros laicos. A autora alude a ideia de que a estruturação da Enfermagem seguiu os interesses da Medicina, sendo essa a responsável por determinar as áreas de atuação do enfermeiro, assim como delimitar suas possibilidades de atuação. A autora considera que

> A medicina foi o ponto de partida para o desenvolvimento da enfermagem dessa época e valeu-se dela para também se desenvolver, uma vez que precisava contar com uma estrutura organizada para atuar e com a aceitação do público, o que, em muitos casos, foi possibilitado pela atuação dos enfermeiros. (TEIXEIRA, 2012, p. 11).

Sendo um estudo do período pré-profissional da Enfermagem, difere do nosso objeto, no entanto, contribui para a composição do panorama da História da Enfermagem, embora não cearense. Aproxima-se, no entanto, haja vista o fato de que a História não é linear, e conhecer as marcas desse período contribui para o

entendimento da formação do profissional de Enfermagem e, consequentemente, para a importância da História como conteúdo de ensino na formação inicial. “É o grito de um galo antes” que ajuda no enquadramento do objeto.

O quinto trabalho analisado foi a tese de Alessandra Rosa Carrijo (2012), intitulada *Ensino de História da Enfermagem: Formação inicial e identidade profissional*, cujo objetivo foi discutir o lugar da disciplina História da Enfermagem na formulação de competências no Curso de Graduação em Enfermagem da EEUSP.

A investigação realizada se aproxima do nosso objeto, pela escolha de estudar o Ensino da História por meio da trajetória da Disciplina História da Enfermagem, bem como no entendimento da complexidade do currículo, e, portanto, está relacionada a fatores que envolvem a trajetória do ensino de História da Enfermagem no currículo. A autora buscou identificar as competências geradas pela Disciplina História da enfermagem na formação da identidade da profissão de Enfermagem. Menciona que [...] “a aquisição do saber conhecer, do saber fazer, do saber viver juntos e do saber ser enfermeiro que, quando integrados, confere identidade ao grupo profissional”. (CARRIJO, 2012, p.160). A autora exprime que a formação e o desenvolvimento de competências oriundas da aprendizagem de História da Enfermagem devem estar assuntados em uma concepção do que se entende por História, não como algo introdutório ou finalizador de um curso de graduação, mas alguma coisa que seja transversal e contínua durante o processo. Distancia, no entanto, do nosso objeto por possuir foco na formulação de competências.

A última tese analisada foi *Currículo da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP*: Inovações de Profa. Glete de Alcântara (1953-1963). De autoria de Emiliane Silva Santiago, o estudo teve por objetivo analisar sob qual perspectiva, Profa. Glete de Alcântara denominou o currículo da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- EERP/USP como inovador. Para definir de inovação, a autora observou dois distintos conceitos empregados à época: a inovação como novidade, algo inédito, e a inovação como renovação, na definição de dar nova abordagem para algo já existente. O estudo concluiu, de modo geral, que o discurso de Profa. Glete de Alcântara sobre as inovações curriculares significou inovações com definição de renovação, no sentido de fazer diferente, de mudar uma maneira na qual algo era trabalhado, para atender melhor as exigências na formação dos enfermeiros voltados para a humanização, ensino e preparação para cargos de chefia. Constituiu exceção

as disciplinas “Didática e Psicologia Educacional" e "Ensino e Supervisão", que podem ser consideradas inovações com definição de novidade, para o Brasil, seja frente à legislação vigente, ou à EEUSP e outros currículos localizados, o que corrobora o discurso da Profa. Glete de Alcântara sobre a inserção das inovações no currículo da EERP, no período estudado.

O estudo focalizou as disciplinas do currículo, com escopo no debate da inovação, observando carga horária, nomenclaturas das disciplinas e a metodologia das aulas. Assim, o estudo circunda o nosso objeto por trazer para o debate a Disciplina História da Enfermagem, inclusive, apontando, as lições de Alcântara (1966) de que a História da Enfermagem oferece horizontes culturais e permite aos estudantes a valorização de sua herança cultural, e que os problemas enfrentados pela profissão naquele momento poderiam ser compreendidos mediantem a perspectiva histórica. Esse trabalho se aproxima do nosso estudo, por discutir o ensino de História na graduação por meio da inserção da disciplina História da Enfermagem no curricículo nos cursos de graduação. Distancia-se, porém, no tocante ao foco principal do estudo, que analisa inovações curriculares, o que demonstra a pertinência do nosso estudo.

São produções de realidade nacional, de modo que a análise dessas produções permite pensar o ensino da História da Enfermagem em uma disciplina específica e além dela, bem como leva a pensar no currículo adotado na graduação e se os professores trabalham suas ementas trazendo a perspectiva histórica, já que a Enfermagem tem intensas raízes históricas.

No tocante aos trabalhos dissertativos incentivados pela linha e produção do grupo pertencente ao NUDIHMEn, e que se aproximam do nosso objeto de estudo, são três produções: uma monografia e duas dissertações. Vejamos o quadro 9.

Quadro 9 - Relação das produções de TCC e *stricto sensu* locais.

TIPO/ANO	PRORAMA/ INSTITUIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	OBJETIVO
Monografia 2013	Graduação em Enfermagem	Talita Silva Rebouças	A história da disciplina História da Enfermagem no ensino de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. (1943-2013)	Reconstituir e analisar a história da disciplina História da Enfermagem no ensino de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará.
Dissertação 2013	Mestrado em Educação UECE/CE	Emanoela Therezinha Bessa Mendes	A Formação da enfermeira cearense e a escola de enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1977)	Reconstituir a história da Formação Profissional da Enfermeira no Estado do Ceará, no período de 1943 a 1977, destacando a trajetória da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), visando à preservação e socialização da história e da memória desta categoria profissional nesta unidade federada.
Dissertação 2015	Mestrado em Educação UECE/CE	Andrea Costa da Silva	A Formação da enfermeira no Estado do Ceará com base na análise dos currículos (1979-2013): trajetória e tendências	Reconstituir a trajetória da formação da enfermeira cearense com base na análise dos currículos no período compreendido entre 1979 a 2013.

Fonte: Elaborado pela autora.

A monografia *A história da disciplina História da Enfermagem no ensino de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (1943-2013),* deTalita Silva Rebouças, objetivou reconstituir a história da disciplina História da Enfermagem no curso da UECE. O escrito monográfico apontou a criação da EESVP e as disciplinas teóricas e práticas do curso, destacando a disciplina História da Enfermagem, na tentativa de reconstituir a trajetória da disciplina no currículo, fazendo com que esse estudo se aproxime da nossa investigação, por ter como objeto a disciplina História da Enfemagem no curso da UECE desde as suas raízes na EESVP. Aborda, porém, o currículo com foco na constituição das disciplinas teóricas e práticas, enquanto o nosso ensaio amplia a análise do objeto, levando em conta o lugar da disciplina

História da Enfermagem na formação acadêmica inicial considerando conteúdos trabalhados, a concepção de história dos docentes e o entendimento de inserção dessa profissão na sociedade.

A dissertação *A Formação da enfermeira cearense e a escola de enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1977*), escrita em 2013 por Emanoela Therezinha Bessa Mendes[24], teve como objetivo reconstituir a história da formação profissional da enfermeira no Estado do Ceará, no período de 1943 a 1977, destacando a trajetória da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), visando à preservação e à socialização da história e da memória desta categoria profissional nesta unidade federada, o Estado do Ceará. O estudo ressalta o contributo da Congregação das Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo na pessoa da Irmã Margarida Breves, bem como e o empenho do médico Dr. Jurandir Picanço para o fomento da Enfermagem no Estado. O estudo apontou a proposta de formação da enfermeira cearense na EESVP, mediante o contexto político, e de saúde, nos decênios de 1940 a 1970, e mostrou que, no período em que era unidade isolada, o enfoque dado à formação técnica, ética e humanista era a meneira de sanar os problemas de mão de obra e de se combater o preconceito sobre a profissão. Essa produção é relevante para a composição do EQ, por trazer o contexto da Enfermagem cearense e do curso investigado.

O segundo estudo dissertativo, publicado em 2015, intitulado *A Formação da enfermeira no Estado do Ceará com base na análise dos currículos (1979-2013): trajetória e tendências,* elaborado por Andrea Costa da Silva[25], este levantou dados sobre o período de 1979 estendendo-se até 2013, ano que marca os 70 anos de comemorações do ensino de Enfermagem no Estado do Ceará. A investigação aponta aspectos relacionados ao caminho percorrido pelo Curso de Enfermagem da UECE no que diz respeito às mudanças ocorridas no âmbito da formação do enfermeiro, sob a óptica da análise do currículo no período investigado.

Silva (2015) menciona que o Curso de Enfermagem da UECE evoluiu com o passar do tempo, cresceu em carga horária e ampliou a discussão no âmbito da saúde - adequando-se ao momento histórico e situado, cuja formação perpassou a

[24]Membro do Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva, atuou na coleta de dados de criação do NUDIHMEN.

[25] Membro do Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva, atuou na coleta de dados de criação do NUDIHMEN. É pesquisadora deste núcleo.

formação tecnicista e hospitalocêntrica e seguiu seu curso até propor uma formação generalista, crítica e reflexiva. O estudo revelou aspectos fundantes do currículo na formação da enfermeira cearense. Nesse sentido, dialoga com o nosso objeto, tendo em vista que a nossa proposição de tratar do ensino da História da Enfermagem, analisando a trajetória da disciplina História da Enfermagem, perpassa o currículo do curso, no caso, também da UECE.

As três produções são relevantes para a composição do estado da nossa questão, por abordarem uma realidade do Ceará, produções iniciadas com o grupo pertencente ao NUDIHMEn[26], reforçando a importância de pesquisas nesse campo, possibilitando o conhecimento da situação atual na realidade de desenvolvimento da nossa pesquisa.

As produções localizadas na *REBEN*, mostram a incidência de publicações nos anos de 2010, o que revela o crescimento de pesquisas com foco na História da Enfermagem. Os nove artigos selecionados demonstram essa realidade, conforme o quadro 10.

Quadro 10 - Relação dos artigos da *REBEN.*

(Continua)

Nº	TÍTULO	AUTOR (ES)	ANO
01	A Enfermagem como objeto da História: uma reflexão sobre o tema	Regina Maria dos Santos; Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza; Zandra Maria Cardoso Candiott; Joséte Luzia Leite.	2001
02	Repensando a licenciatura em enfermagem à luz das diretrizes curriculares	Maria de Graça Corso da Motta; Miriam de Abreu Almeida	2003
03	Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história	Maria Itayra Coelho de Souza Padilha;Joel Rolim Mancia.	2005

[26]Além das produções iniciadas pelo NUDIHMEn que subsidiam este estudo, destacamos três relevantes produções - uma tese, uma dissertação e uma monografia, que integram os estudos do NUDIHMEn, concluídas no ano de 2017 sob a orientação da professora doutora Silvia Maria Nóbrega-Therrien. São elas: Roberlandia Evangelista Lopes - *A inserção do auxiliar de enfermagem:* contribuições para o ensino em enfermagem. 2017. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Ceará. Sun-Eiby Siebra Gonçalves. *História da Formação da Enfermeira no Brasil*: o Estado da Arte. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Ceará. Mariza da Costa Pereira. *Maria Grasiela Teixeira Barroso*: um estudo sobre suas contribuições para a formação da enfermeira cearense. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual do Ceará.

(Conclusão)

04	Fragmentos da história: a enfermeira tornando-se sujeito de si mesma	Valéria Lamb Corbellini; Marilú Fontoura Medeiros	2006
05	Perfil de egresso de Curso de Enfermagem nas Diretrizes Curriculares Nacionais: uma aproximação	Silvana Sidney Costa Santos	2006
06	Ensino de enfermagem no Ceará de 1942-1956: a memória que projeta o futuro	Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Maria Irismar de Almeida; Marcelo Gurgel Carlos da Silva	2008
07	Enfermagem no Ceará: fatos, reflexões e propostas para preservação da história e memória da profissão	Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Maria Irismar de Almeida; Marcelo Gurgel Carlos da Silva	2008
08	Mudança curricular: desafio de um curso de graduação em enfermagem	Rosiele Pinho Gonzaga da Silva; Rosa Maria Rodrigues	2008
09	Formação profissional: mudanças ocorridas nos Cursos de Enfermagem, CE, Brasil	Silvia Maria Nóbrega Therrien; Marcília Chagas Barreto; Maria Irismar de Almeida; Thereza Maria Magalhães Moreira	2008

Fonte: Elaborado pela autora.

O primeiro artigo, “intitulado A Enfermagem como objeto da História: uma reflexão sobre o tema”, escrito de Regina Maria dos Santos, Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza, Zandra Maria Cardoso Candiott e Joséte Luzia Leite (2001), teve por objetivo refletir sobre a Enfermagem como objeto da História. As autoras se ancoraram nos estudos realizados sobre a História da Enfermagem Brasileira, bem como na abertura que a História Nova confere aos estudos históricos. Apontam que muitos fatos aprendidos no curso de graduação sobre a história da Enfermagem brasileira ganhariam novos matizes se revisitados à luz das memórias de tantas enfermeiras que presenciaram o jogo de interesses determinantes da escolha do modelo em que foram formadas.

O artigo analisado é relevante e denota elementos circunscritos ao nosso objeto, embora este estudo amplie os conteúdos na direção do currículo proposto e em sua trajetória para entender, no caso, como os professores se apropriam da história de sua profissão e atuam nos cursos de graduação, relativamente ao ensino da História. Desse modo, analisa a trajetória da disciplina História da Enfermagem é relevante para a compreensão do lugar dessa disciplina no currículo.

O segundo texto analisado foi “Repensando a licenciatura em Enfermagem à luz das diretrizes curriculares*”,* de autoria de Maria de Graça Corso da Motta e

Miriam de Abreu Almeida (2003), que tem como objetivo discutir a elaboração da proposta curricular para o curso de Licenciatura em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

As autoras mencionam que a proposta de alteração curricular do curso ocorreu privilegiando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores e a regulamentação do exercício profissional. Percebe-se que o marco regulatório e o contexto que o produziu influenciam nas diretrizes do curso e, consequentemente, na proposta curricular praticada no curso. Esse trabalho dialoga com o nosso objeto, haja vista que a continuidade e/ou ruptura da disciplina investigada está relacionada também com as DCN/ENF com escopo no perfil do professor que se intenta formar. Ajuda-nos a pensar como estas normatizações também determinam espaços de conteúdos curriculares que redefinem o perfil do formando, enfermeiro.

O terceiro artigo “Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história”, de autoria de Maria Itayra Coelho de Souza Padilha (2005), trata de uma reflexão historiográfica acerca dos elos entre a prática de Enfermagem e a influência recebida das ordens/associações religiosas, que marcaram o ideário de Enfermagem até os dias de hoje, especialmente das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo. Padilha (2005) ressalta a Enfermagem profissional, advinda no século XIX na Inglaterra, erigida por Florence Nightingale, com influência direta dos ensinamentos de amor e fraternidade traduzidos pelo conceito de altruísmo, da valorização do ambiente adequado para o cuidado e a divisão social do trabalho em Enfermagem. O estudo mostrou também a influência recebida por Florence Nightingale pelo trabalho exercido pelas Irmãs de Caridade.

A leitura dessa produção contribuiu na reflexão e na tessitura do EQ, no sentido de apreensão da realidade do objeto e de como essa história é trabalhada na graduação de Enfermagem. Analisando as transformações demonstradas por Michel Foucault no ambiente hospitalar e o vínculo entre a Enfermagem e o saber médico, numa posição de subordinação, a autora exprime que o hospital é um campo de saber e consequente de poder. A trajetória da disciplina História, com seus conteúdos transportados para outro contexto, no caso da EESVP e UECE, evidencia também um saber e um poder ou a ausência deste.

Voltando à produção das autoras, é importante lembrar as rupturas e continuidades desse saber e poder, pois, quando o médico assume este espaço e as

irmãs de caridade o cedem passivamente, se observa, porém, que continuam o assegurando-o por meio do poder silencioso do cuidar (PADILHA, 2005).

O quarto artigo intitulado, “Fragmentos da história: a enfermeira tornando-se sujeito de si mesma”, produzido por Valéria Lamb Corbellini (2006), teve como objetivo analisar como o ensino de graduação na Enfermagem, contribuiu para legitimar e cristalizar o seu saber, como uma profissão subalterna e mantenedora desse *status quo*, e dar visibilidade à constituição de outro discurso, com base nas práticas.

A pesquisa evidenciou fortes marcas da formação inicial da enfermeira pautada no fazer, posteriormente, na cientificidade e depois, como assinalam algumas produções, no despertar crítico. Ao tratar do ensino de graduação, se reporta à disciplina História da Enfermagem, já que esta compõe o currículo, daí o diálogo com o nosso objeto, mas, quando fazem apenas uma análise centrada no ensino de graduação como um todo, o nosso estudo focaliza o ensino de História da Enfermagem na formação inicial acadêmica.

O quinto artigo, “Perfil de egresso de Curso de Enfermagem nas Diretrizes Curriculares Nacionais*: uma aproximação*”, a autora, Silvana Sidney Costa Santo (2006), teve como objetivo realizar uma revisão crítica de literatura sobre as palavras ou categorias explícitas no perfil de egressos sugeridas pelas DCN/ENF. Ela reconhece a importância das DCN/ENF na formação do enfermeiro, contudo, ressalta a importância de perceber que não se trata só de estabelecer novos marcos, priorizar novos objetivos, mudar perfil, reestruturar conteúdos, restabelecer condições de funcionamento ou de cargas horárias, mas de realizar um trabalho coletivo de crescimento. Este estudo, embora diferente do nosso objeto, por ser de perfil de egresso, dialoga com o nosso objeto, por abordar as DCN/ENF e refletir sobre a implicação destas na formação do enfermeiro e, no caso que estamos investigando, cabe refletir no tocante ao lugar da disciplina História da Enfermagem na formação inicial e o que mudou no ensino de História desde as DCN de Enfermagem.

O sexto trabalho localizado é, intitulado *“*Ensino de enfermagem no Ceará de 1942-1956: a memória que projeta o futuro*”,* elaborado por Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Maria Irismar de Almeida; Marcelo Gurgel Carlos da Silva (2008). Objetivou uma reflexão de natureza histórica que se propõe recuperar e preservar a história e memória do Ensino de Enfermagem no Ceará.

O estudo é um marco, uma vez que reinicia as pesquisas históricas da e sobre a Enfermagem cearense. Traz a história e abre uma discussão sobre o início da Enfermagem profissional no Ceará, com a instalação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, que viria a ser agregada à Universidade do Ceará e, posteriormente, anexada a outras faculdades, constituindo-se na Universidade Estadual do Ceará-UECE, em 1975.

A pesquisa revelou que, desde os cursos de Emergência de Voluntários Socorristas e de Defesa Passiva Antiaérea, ministrados no Patronato Nossa Senhora Auxiliadora, dirigido pelas Irmãs de Caridade, foi criada a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, em 1943.

A análise dessa produção mostra uma possibilidade de investigação, tendo em vista que o Ceará teve a primeira escola de Enfermagem do Nordeste e a terceira do Brasil, criadas no século XX e existem poucas produções sobre a fase profissional da Enfermagem, sendo essa produções impulsionadas com o NUDIHMEn e, sobre a Enfermagem pré-profissional no Ceará, há uma ausência das produções. Por se tratar do contexto de Ceará, ajuda a compor o estado de nossa questão, quando o situa em seu contexto.

O sétimo artigo, “Enfermagem no Ceará: fatos, reflexões e propostas para preservação da história e memória da profissão,” também de autoria de Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Maria Irismar de Almeida e Marcelo Gurgel Carlos da Silva (2008), objetivou evidenciar as dificuldades encontradas para escrever sobre a História da Enfermagem no Estado do Ceará. Os autores suscitam a reflexão com foco na observação de que as informações contidas no passado contribuem também para o entendimento de pontos críticos pelos quais passa a profissão no presente. Ressaltam, ainda, a proposição de criar da Academia Cearense de Enfermagem, como *locus* também de produção e preservação da história da Enfermagem cearense. Na acepção dos autores, a Academia seria um caminho de reconstrução e preservação da história da Enfermagem no Ceará, bem como um espaço de luta por um ensino de qualidade, pela valorização do trabalho e pelo direito à saúde de todos.

O estudo indica uma lacuna na pesquisa sobre História da Enfermagem no Ceará e assinala que o ensino dessa disciplina na graduação parece não ter influenciado esta temática como campo de reflexões, estudos e/ou pesquisas. Nossa investigação se debruça nessa perspectiva, numa proposta de recuperar a trajetória da história como ensino na Enfermagem cearense, no caso da UECE. É explícita a

necessidade de produções sobre a História da Enfermagem no Ceará. É, portanto, uma área fecunda para esta investigação.

O oitavo trabalho analisado foi *"*Mudança curricular: desafio de um curso de graduação em Enfermagem*",* das autoras Rosiele Pinho Gonzaga da Silva; Rosa Maria Rodrigues (2008). O objetivo foi analisar e discutir a reformulação curricular desencadeada no ano de 2003, em um curso de Enfermagem na região Oeste do Paraná. As autoras aludem que com base nas discussões iniciadas em 2001 para o estudo e proposição de um novo PPP para o curso, organizou-se um currículo disciplinar com cinco anos de formação e que mantém a licenciatura articulada à sua estrutura.

O estudo ressalta que o PPP implantado em 2003 na instituição pesquisada destaca-se pelo seu aperfeiçoamento e inclusão de conceitos e pressupostos o que em projetos anteriores não se evidenciava. Citam-se os conceitos de homem, humanização, interdisciplinaridade, trabalho, processo de trabalho, enfermeiro, Enfermagem, formação generalista, crítica e reflexiva. As autoras observam, ainda, mudanças de ordem estrutural, como carga horária, ementas, desmembramento de disciplinas, sem, contudo, abandonar a estrutura disciplinar e objetivar a formação qualitativa do profissional.

No diálogo com o nosso objeto, podemos refletir sobre o lugar dos conteúdos de História no PPP do curso de Enfermagem, sempre que estes passam por modificações com restruturação das disciplinas e carga horária. Qual, no caso, a força dos conteúdos, e com sua necessidade de se fazerem presentes no currículo?

O nono artigo – "Formação profissional: mudanças ocorridas nos Cursos de Enfermagem, CE, Brasil", de autoria de Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Marcília Chagas Barreto; Maria Irismar de Almeida; Thereza Maria Magalhães Moreira (2008), o estudo teve como objetivo compreender as novas realidades de formação da enfermeira nas instituições pedagógicas, e foram analisados os cursos de Enfermagem das duas universidades públicas mais antigas do Estado do Ceará: a Universidade Estadual e a Universidade Federal do Ceará.

As autoras, ao analisarem os documentos normativos e curriculares dos referidos cursos, exprimem que a trajetória histórica de formação da enfermeira ocorreu vinculada às reformas das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, acompanhando sempre as mudanças nas políticas de saúde e no mercado de trabalho.

Essa produção circunda o nosso objeto, por mostrar uma realidade da Enfermagem no Ceará e, mais especificamente, do currículo da UECE, e motiva-nos a analisar as rupturas e continuidades do ensino da História no curso de Enfermagem desta instituição, mediante as mudanças legais, políticas e demandas da profissão no contexto passado e atual.

Importa lembrar, conforme assinalamos há pouco, que, para buscar as produções em todas as bases utilizadas para a composição do EQ, não dete*rminamos datas para não limitar a busca, critério também adotado nas buscas na HERE*, na qual foram encontrados 12 artigos e selecionado um total de três trabalhos, conforme descrito no quadro 11. Os trabalhos descartados abordavam acerca da história das produções científicas da *REBEN*, biografias de enfermeiras, Fórum Catarinense das Escolas de Enfermagem, constituição da história e memória de hospitais, contribuições da história oral para a Enfermagem, o cuidado de Enfermagem como objeto de conhecimento nas teses e dissertações de Enfermagem e histórias de vida de enfermeiras brasileiras.

Quadro 11- Relação dos artigos da HERE.

Nº	TÍTULO	AUTOR (ES)	VOLUME/N Nº
01	Contribuição da História da Enfermagem para a construção da identidade profissional	Paulo Joaquim Pina Queirós	V 6(2) n.1 2015
02	Programa educativo de escolas de Enfermagem e o currículo da escola de enfermeiras do Hospital São Paulo	Aline Corrêa de Araújo; Raquel Josefina de Oliveira Lima; Maria Cristina Sanna	V 4 n.2 2013
03	Produção do conhecimento sobre história da enfermagem na pós-graduação stricto sensu brasileira (1988-2011)	Abel Silva de Meneses; Maria Cristina Sanna	V 5 n.2 2014

Fonte: Elaborado pela autora.

O primeiro artigo, “Contribuição da História da Enfermagem para a construção da identidade profissional”, foi produzido por Paulo Joaquim Pina Queirós. Analisou acerca da constituição da identidade e discutiu que História possui um papel

não instrumental no estabelecimento da identidade, apontando ser esse um aspecto complexo, mas de compreensão e interpretação dos processos construtivos e constituintes da identidade, e que estes são da esfera da sociedade, do jogo pessoal e de grupo, em que os enfermeiros e a Enfermagem são o que acreditam ser, são aquilo que os fizeram ser, são aquilo que os outros pensam deles, mas são também aquilo que querem ser e o que os deixa ser.

O autor discute a contribuição da História e da História da Enfermagem, para constituir a identidade profissional dos enfermeiros. A discussão se aproxima do nosso estudo, pois, entendemos, o ensino de História da Enfermagem na graduação tem papel relevante para a constituição desse profissional e o entendimento de inserção dessa profissão na sociedade. Há, no entanto, uma lacuna no tocante ao lugar do ensino de história da enfermagem na graduação, aspecto contemplado pelo nosso trabalho.

O segundo artigo, “Programa educativo de escolas de Enfermagem e o currículo da escola de enfermeiras do Hospital São Paulo”, de autoria de Aline Corrêa de Araújo, Raquel Josefina de Oliveira Lima e Maria Cristina Sanna, objetivou comparar as proposições do Programa Educativo de Escolas de Enfermagem do Conselho Internacional de Enfermagem (CIE) de 1934 e o primeiro currículo da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP), 1939. Esse trabalho possui aproximação com este estudo, por trazer análises sobre o currículo do curso de Enfermagem, e, na discussão apontada pelas autoras, é possível perceber como a HE se insere na formação do enfermeiro, o que circunda o objeto deste estudo de doutorado.

As autoras consideram que o currículo da EEHSP foi então concebido, observando-se a legislação vigente no Brasil à época, que estabelecia a Escola de Enfermagem Ana Neri - EEAN como padrão para a formação de enfermeiros, o que, por sua vez, atenderia as necessidades socioeconômicas da época, realidade vivenciada também pela EESVP, que precisava ser reconhecida como tal.

Ao analisar a matriz das disciplinas de ambas as propostas, as autoras destacam que o primeiro ano, denominado preliminar nos dois currículos, eram ministradas disciplinas voltadas para o conhecimento do corpo humano e seu funcionamento, além de aspectos relativos à História da Enfermagem e à Ética, ou seja, ocorria a introdução do alunado no curso de Enfermagem. Nos demais períodos,

a atenção dos currículos voltava-se para a qualificação do profissional no cuidado em distintos momentos da assistência.

A discussão realizada sobre o currículo das duas instituições e as disciplinas ministradas cinge o nosso objeto, por trazer aspectos relevantes das disciplinas que compõem os primeiros cursos de Enfermagem, motivando a reflexão sobre a trajetória do ensino da História na formação inicial, embora na realidade do Sul do País. Essa produção contribui com a discussão acerca do currículo e ajuda no entendimento da composição das disciplinas com foco no perfil do profissional que se almeja formar. Desse modo, circunda o nosso objeto, no sentido mais amplo de mostrar o panorama em que as mudanças curriculares ocorrem e, claro, se distanciam da realidade cearense, evidenciando, nesse caso, a importância da realização deste estudo.

O terceiro, trabalho intitulado “Produção do conhecimento sobre história da enfermagem na pós-graduação stricto sensu brasileira*” (1988-2011*) de autoria de Abel Silva de Meneses; Maria Cristina Sanna (2014), objetivou analisar e descrever as características da produção científica da pós-graduação brasileira sobre História da Enfermagem no período de 1988-2011, relativamente à titulação, orientadores, método de estudo, período e locais de produção. Os autores mencionam que o início da produção sobre História da Enfermagem coincidiu com a geração de enfermeiras acadêmicas nos anos de 1980, época que tem como principal marco histórico a criação dos primeiros cursos de doutorado na Enfermagem.

O estudo revelou que as produções prevalentes se concentraram nas investigações sobre imagem e identidade profissional, história dos movimentos participativos, história do cuidado e história das escolas de Enfermagem.

Os autores concluíram que, até 2011, as produções sobre HE ainda são modestas em relação às demais temáticas investigadas, no entanto, apontam que esse campo do conhecimento contou com a contribuição de renomeado grupo de cientistas de alto nível intelectual e tradição científica nessa área, que vem produzindo conhecimento de maneira regular e consistente. Observaram, ainda, que 78,8% da produção científica sobre HE foi proveniente da região Sudeste do Brasil, com a concentração no Rio de Janeiro, onde se destacaram os programas de pós-graduação com produções na área de História da Enfermagem.

Mesmo que esse estudo se insira na pós-graduação *stricto sensu*, essa produção mostra a realidade em que as pesquisas são desenvolvidas e evidenciam

uma lacuna na espacialidade que estamos pesquisando, bem como acerca do nosso objeto de estudo, no Nordeste, no Ceará, expondo um terreno fecundo para a investigação ser desenvolvida.

As produções da biblioteca pessoal estão descritas no quadro 12.

Quadro 12- Relação dos livros da biblioteca pessoal.

Nº	LIVRO	AUTORES	CAPÍTULOS	AUTORES
01	Pesquisa em História da Enfermagem	Taka Oguisso; Paulo Fernando de Souza Campos; Genival Fernandes de Freitas. (Org.)	História, Instituições e Enfermagem	Alessandra Rosa Carrijo; Maria Madalena Januário Leite.
			Pesquisa documental	Osnir Claudiano Silva Junior
02	História da Enfermagem	Taka Oguisso; Genival Fernandes de Freitas. (Org.)	Contexto legal e político de ensino superior de enfermagem no Brasil	Vilanice Alves de Araújo Püschel.
			Escola São Vicente de Paulo, Ceará: história e memória de uma proposta ousada – 1865-1943	Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Maria Irismar de Almeida; Emanuela Therezinha Bessa Mendes e Roberlândia Evangelista Lopes.
03	Enfermeira, profissão, saberes e prática: limites e possibilidades	Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Maria Irismar de Almeida	Enfermeira: profissão e formação	Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Maria Irismar de Almeida

Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro livro, *Pesquisa em História da Enfermagem,* organizado por Taka Oguisso, Paulo Fernando de Souza Campos e Genival Fernandes de Freitas,

(2011), foram trabalhados os capítulos que se aproximaram do objeto desta tese como: “História, Instituições e Enfermagem”, de autoria Alessadra Rosa Carrijo e Maria Madalena Januário Leite. As autoras, ao abordarem a história da Enfermagem e a organização de centros de documentação, discorrem sobre a pesquisa em torno da história das instituições, com foco no ensino e nos modelos curriculares, o que circunda o nosso objeto.

O capítulo de autoria de Osnir Claudiano Silva Junior, intitulado “Pesquisa documental”, reporta-se ao uso dos documentos textuais nas pesquisas de HE, enfatizando como e onde localizá-los e como analisar. São aspectos que nos ajudam no estudo no sentido de entendimento de apropriação do objeto.

O segundo livro que compõe o estado da questão é *História da Enfermagem*, organizado por Taka Oguisso e Genival Fernandes de Freitas, (2015). A obra contribui no entendimento dos estudos de HE, não só da realidade do Sul do País, mas também do Ceará, Piauí e Mato Grosso do Sul. Aproxima-se, no entanto, deste ensaio o Capítulo 1- “Contexto legal e político de ensino superior de enfermagem no Brasil”, de autoria de Vilanice Alves de Araújo Püschel, por se tratar do Plano Nacional de Educação, do Projeto Político-Pedagógico e das Diretrizes Curriculares Nacionais. A autora discorre sobre os tipos de currículo, o que no nível macro ajuda a entender os currículos da Escola/UECE, tendo em vista o marco regulatório nacional. O Capítulo 5- “Escola São Vicente de Paulo, Ceará: história e memória de uma proposta ousada – 1865-1943”, foi produzido por Silvia Maria Nóbrega-Therrien, Maria Irismar de Almeida, Emanuela Therezinha Bessa Mendes e Roberlândia Evangelista Lopes. Elas cuidam da criação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), mencionam o contexto que envolve a realidade que antecede a sua criação e a chegada e atuação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo no Ceará. Os aspectos abordados no texto ajudam a compor e a situar o contexto do nosso objeto, já que é nessas circunstâncias que o estudo foi desenvolvido.

O terceiro livro abordado foi *Enfermeira, profissão, saberes e prática: limites e possibilidades* (2007), de autoria de Silvia Maria Nóbrega-Therrien e Maria Irismar de Almeida. Resulta de duas teses que versam sobre a enfermeira. Toda a obra ajuda a constituir o panorama da formação da enfermeira, também formada no Ceará. O capítulo 3, contudo, “Enfermeira: profissão e formação” ao abordar o processo histórico e influências do contexto socioeconômico na formação da enfermeira, traz

elementos que favorecem o entendimento da constituição desse profissional, sobretudo, quando trata da estrutura do ensino de Enfermagem no Ceará, discorrendo sobre o seu currículo, o que ajuda na compreensão do nosso objeto e na realidade que a pesquisa foi desenvolvida.

As produções mapeadas e analisadas, portanto, mostram a realidade na qual podemos avançar no conhecimento da profissão, de sua formação, o que envolve "*apanhar o grito de um galo antes",* como retrata João Cabral de Melo Neto, conhecendo o que já existe de publicações sobre ou aproximadas ao nosso objeto de investigação, evidenciando as lacunas, bem como a importância da nossa pesquisa para o conhecimento na área investigado.

3.3 CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTADO DA NOSSA QUESTÃO: O QUE FOI POSSÍVEL TECER

A elaboração do Estado da Questão é um exercício fundamental para a definição dos caminhos a serem trilhados para o delineamento do nosso objeto de estudo, que se insere na temática do ensino de História da Enfermagem, mediante a análise da trajetória dessa disciplina desde a EESVP ao curso na UECE.

A realização desse inventário que constitui o nosso estado da questão demonstra nas produções analisadas que a HE é importante para a formação profissional, apontando à necessidade de discutirmos como se dá o seu ensino nos cursos de formação inicial, o que é pertinente, haja vista a nossa vinculação a um programa de pós-graduação *stricto sensu*, cuja área de concentração é a formação de professores.

Além das questões identificadas e assinaladas no curso da constituição desse inventário, é relevante também pontuar a existência de uma lacuna de produções na região Nordeste, inclusive no Ceará. Embora o pioneirismo do Ceará com a criação, em 1943, da primeira escola do Nordeste e a terceira do Brasil, seja um fato e um acontecimento, não existe uma demanda de produções que registre essa trajetória. Tal situação está sendo modificada desde 2008, com os trabalhos desenvolvidos pelo grupo do NUDIHMEn. Das seis bases de dados utilizadas (BVS; BDTD; REBEN; HERE; Produção local e Biblioteca pessoal) foram localizados 373 trabalhos utilizando os descritores já anunciados. Após o refinamento, foram descartadas 339 produções por motivos já anunciados e mapeadas 34 produções,

conforme descrito no quadro 6. Nestas, o Ceará contribuiu com duas dissertações, uma monografia, três artigos e um livro, totalizando sete produções. Todas resultam do grupo de pesquisadores assinalados.

Percebemos, desde o início, a relevância desses estudos para composição do estado da nossa questão, ajudando a delimitar o foco da nossa proposta de estudo. Além destas, mais 27 produções compõem o nosso EQ formadas por 23 artigos, três teses, duas dissertações e três livros. Sintetizando as produções inventariadas, percebemos que a HE é abordada em diversas perspectivas: desde a história das instituições; das obras produzidas; da formação da/o enfermeira/o com foco nos currículos; formação da/o enfermeira/o e as diretrizes educacionais; pesquisa e interdisciplinaridade, do ensino de História, formação inicial e identidade profissional. Sobre o ensino de História na graduação, somente três produções trabalham a disciplina História da Enfermagem, sendo dois artigos e uma tese, embora com focos diferentes.

O artigo “A dramatização como recurso no processo ensino-aprendizagem na disciplina de História da Enfermagem”, que discutiu a metodologia trabalhada na disciplina História da Enfermagem, analisa o uso da dramatização como estratégia de ensino, experiência desenvolvida no interior de São Paulo e apontou que as abordagens tradicionais de ensino vêm se mostrando insuficientes para responder a toda complexidade exigida para a formação profissional do enfermeiro, sobretudo, na apreensão da história.

O artigo “O ensino de história da Enfermagem nos cursos de graduação de Santa Catarina” expressou que o ensino da História da Enfermagem é fundamental para a formação dos alunos do curso de graduação e de que a maneira como se ministra o seu conteúdo proporciona ou não a aderência a este conhecimento. O estudo teve o intuito de constituir uma rede de contatos com todas as escolas de Enfermagem de Santa Catarina para traçar um diagnóstico do ensino de História da Enfermagem nos cursos de graduação. Uma tese, trabalha o ensino de História na formação inicial com foco na identidade profissional. Essa constatação evidencia a contribuição e importância do nosso estudo para a área investigada.

Expresso de outra maneira, essas informações contextuais avigoram o interesse pela História da Enfermagem, sobretudo, no tocante ao seu ensino, uma vez que faltam nas produções inventariadas, sobretudo, os modos como os professores se apropriam dessa história e trabalham nos cursos de graduação o seu ensino, como

também que concepções de história possuem quando assim estruturam essa disciplina, questões que investigamos também nesta tese. Este trabalho, portanto, contribui com a discussão e análise da inserção do ensino da História no currículo, evidenciando qual o lugar desse ensino e quais as concepções de história dos professores que ministram ou ministraram a disciplina. Entendemos que conhecer ou responder a estas questões aponta para o desvelamento do lugar da disciplina História no currículo da EESVP ao curso da UECE e na formação do enfermeiro.

Após a análise das 34 produções inventariadas, o poema anunciado no início do texto fala por nós, “d*e um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro*”, pois, assim como a silepse nesse verso é facilmente entendida, com a ausência de palavras, fica evidente com a realização do estado da nossa questão que a esta proposta de estudo voltada para a trajetória da disciplina de História da Enfermagem no currículo é original, tem ineditismo, não há trabalhos publicados nos bancos de dados e *sites* acessados, e na época pesquisada, que cuidem do tema da nossa tese. Para encerrar, retomando a analogia do poema, podemos afirmar que apanhar o grito de um galo antes conduziu tecer uma reformulação mais sólida do objeto de investigação desta tese, fato esperado quando se desenvolve um EQ.

4 HISTÓRIA DA ENFERMAGEM E CURRÍCULO: INCORPORANDO-SE EM TELA

[...] Em se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
Se entretendendo...
(Poema *Tecendo a manhã* - João Cabral de Melo Neto)

No poema *Tecendo a manhã*, o homem metaforizado como galo, também aparece como humano, pois só ele é capaz de fabricar tenda, toldo e tela. Assim, aos poucos, com a devida calma, vai tecendo para que o idealizado seja realizado e alcance o seu resultado final. O homem faz a História. É ele quem realiza as ações que tece os acontecimentos, que move o cotidiano.

Nesse momento de investigação, como no poema que vai sendo escrito, *se erguendo em tela enquanto a manhã é tecida,* passamos a erguer a tenda da base teórica e a enfrentar o desafio de incorporar a tela, neste caso, realizar leituras, fazer escolhas, formular análises, estabelecer relações, traçar caminhos. A elaboração deste referencial assinou-se nas contribuições do estudo desenvolvido inicialmente com suporte na realização do estado da questão, anunciado na seção anterior. Desse modo, a realização do estado da questão possibilitou o entendimento da produção cientifica em torno do objeto investigado, contribuindo, também, na definição das categorias teóricas da tese, bem como se encontra submergido em todas as fases desta pesquisa, que objetivou: Analisar a trajetória do ensino de História da Enfermagem no curso de formação desse profissional na Universidade Estadual do Ceará–UECE, desde a sua origem na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo-EESVP, considerando a importância da História no entendimento de inserção dessa profissão na sociedade.

Definir categorias em pesquisa é traçar elementos conceituais comuns que se relacionam entre si e, sobretudo, com a nossa temática de investigação, fornecendo a esta fundamentos teóricos para ancorar nossas análises. Assim, para a compreensão dos aspectos que movem esta investigação, elegemos as categorias teóricas para compor didaticamente o texto de fundamentos desta tese. A primeira delas denominamos de *História da Enfermagem* e a segunda *Currículo,* que foram elaboradas com base no debate com e entre os autores, suas posições e produções na área pretendida por nós, inseridas nesta opção de entendimento dessas categorias

nesta tese. Entendemos que as discussões sobre história da Enfermagem e currículo permeiam o debate no decorrer do texto acerca do ensino de História, fazendo uma contraposição entre a disciplina História da Enfermagem e currículo, conforme descrito na figura 05.

Figura 5- Categorias teóricas da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao trabalhar a fundamentação teórica desta pesquisa, é preciso também assinalar que adotamos a atitude da multirreferencialidade, que, de acordo com Borba (1998 p. 13), se firma em leitura plural expressa pela "[...] quebra da monorracionalidade na compreensão, análise, explicação, articulação, construção do nosso objeto. Supõe a leitura plural de diversos ângulos", sem que isso se configure como ato epistemológico imprudente. Essa escolha está explicitada na seção que trata dos aspectos teórico-metodológicos da tese.

Ressaltamos, ainda, que as categorias explicitadas se articulam em torno do objeto investigado, uma vez que, para compreender a trajetória da disciplina História da Enfermagem, se faz necessário estabelecer um diálogo com as concepções de História e o pensamento curricular, já que a disciplina/temática História da Enfermagem constitui um componente do currículo. Com efeito, esta seção está organizada, didaticamente, em três tópicos, uma vez que entendemos seu movimento e articulação: o primeiro, *Concepções de História e História da Enfermagem: o entrelaçar dos fios*; o segundo, *Desenvolvimento histórico do pensamento curricular e*

o Currículo de Enfermagem: o emaranhar dos fios; e o terceiro segmento *A disciplina História da Enfermagem nos cursos de graduação do Ceará: conectando os fios.*

4.1 CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: O ENTRELAÇAR DOS FIOS

[...] Ele precisará sempre de outros galos.
(Poema *Tecendo a manhã* - João Cabral de Melo Neto)

O objetivo desta subseção é discutir as concepções de História e suas relações com a História da Enfermagem. Essa discussão tem escopo na concepção de que, para se ensinar História, é preciso, primeiramente, ter clareza de suas concepções, o que exige o conhecimento de como essa área se constitui e como a História da Enfermagem se apropria dos elementos que a entretecem e a alimentam.

Assim, para compreendermos e, ao mesmo tempo, explicitarmos a inserção da disciplina História da Enfermagem na formação inicial do enfermeiro, com suporte no nosso entendimento, com base nessa discussão, é preciso entender como a Enfermagem se apropria da História para compor a história da sua profissão.

A Enfermagem, quando trata de sua história, necessariamente, realiza um diálogo interdisciplinar com as áreas do conhecimento que envolvem História, Filosofia, Sociologia, entre outros, uma vez que sem eles não há como compreender os processos pelos quais a História dessa profissão foi constituída.

Deste modo, há de se considerar na área da História, as mudanças desenvolvidas com a criação dos *Annales d'histoire économique et sociale*, movimento historiográfico que ocorreu no ano de 1929 pelas mãos de Marc Bloch e LucienFebvre. Desde o encontro entre Marc Bloch e Lucien Febvre, a historiografia nunca mais foi a mesma (BURKE, 1997). O movimento dos *Annales* buscava entender a sociedade e as maneiras de sociabilidades entre os seres humanos, que os distinguem por constituírem seres sociais. Assim, a História foi assumindo o estudo de problemas do social e aos poucos deixando de ser uma disciplina preocupada somente com os meandros políticos. Esse movimento historiográfico preparou, portanto, mudanças significativas na compreensão da disciplina e do papel do historiador. Essas mudanças influenciaram a história cultural, fizeram aparecer a história das mentalidades, das sensibilidades e, até mesmo, a micro-história.

Podemos considerar uma macro mudança na área da História. Restou ampliado o espaço da História; a narração deixou de ser linear; os eventos políticos deixaram de ser privilegiados e se alargou a concepção de documento. Assim, a Escola dos *Annales* possibilitou ao historiador de hoje buscar fontes variadas, de origens diversificadas, que revelem os vários aspectos das manifestações humanas, possibilitando a aproximação com o objeto investigado.

A Escola dos *Annales* deixou sua marca bem notável da historiografia desde então e continua existindo até hoje. Desde seu surgimento, passou por quatro fases e teve grandes nomes como representantes de cada uma. A primeira delas, a fase de fundação, é identificada por seus criadores Marc Bloch e Lucien Febvre. A segunda fase, já em torno de 1950, é caracterizada pela direção e marcante produção de Fernand Braudel. A partir da terceira, geração a Escola dos *Annales* passou a receber uma identificação mais plural, na qual se destacaram vários pesquisadores, como Jacques Le Goff e Pierre Nora. A quarta geração da Escola dos *Annales* é referente a um período que se iniciou em 1989, momento em que houve um desenvolvimento notório da História Cultural e os grandes nomes que a representam são, por exemplo, Georges Duby e Jacques Revel (GASPARETTO JUNIOR, 2006).

A terceira geração dos *Annales* conduzida por Le Goff, conhecida como Nova História, contou com a participação de Foucault[27], que ampliou o conceito das fontes utilizadas pelos historiadores do século XX, desde sua noção de poder-saber.

Vale ressaltar que, no início do século XX, a Teoria da Relatividade, a Teoria Quântica e a Teoria Elétrica da Matéria romperam com o paradigma científico empírico-analítico, quebrando certezas e flexibilizando conceitos (AZEVEDO; STAMATTO, 2010). E as mudanças no terreno historiográfico ocorreram no contexto de debates acerca da chamada crise de paradigmas da ciência (BURKE, 1997). Essas transformações na área historiográfica nascidas na França influenciaram a história ensinada. O resultado de tais acontecimentos para a História é visto na mudança da concepção de fontes e objetos, bem como na [...] “ampliação considerável dos objetos

[27]Michel Foucault nasceu na França em 15 de outubro de 1926. Foi filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário. Filho, neto e bisneto de médicos, não foi fácil para Michel dizer a seu pai que não iria continuar a tradição familiar. Aos onze anos surpreendeu os mais velhos que davam por certo que ele seria cirurgião, quando anunciou que queria ser professor de história. Foi considerado um dos pensadores mais famosos do mundo. Morreu em 1984 aos 57 anos de Aids, período em que a doença era rapidamente mortal. O vírus havia sido descoberto, apenas dois anos antes de sua morte por Luc Montagnier, um pesquisador que foi discípulo de seu pai. https://www.ebiografia.com/michel_foucault/ acesso em novembro de 2018.

e das estratégias de pesquisa e a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico como dimensões necessárias e legítimas da análise histórica". (CARDOSO, 1997, p. 22).

Nesse sentido, a Escola dos *Annales* tem na sua história o marco de uma "revolução" historiográfica francesa (BURKE, 1997). Considerando as particularidades do século XX, os *Annales* são, portanto, frutos de seu tempo, de cada geração em que se deu seu desenvolvimento. De tal modo, quantas outras correntes historiográficas, como o Positivismo, no começo do século XIX, corrente que visava a explicar a História por meio do estudo dos fatos, datas e personagens históricos considerados importantes durante o período em estudo e o Materialismo Histórico, século XIX, buscando explicar as mudanças históricas mediante as condições materiais, modos de produção ou disputa entre classes sociais em determinado período histórico.

Com a Nova História,[28] foram empregadas mudanças teórico-metodológicas no modo de conceber a História, no implemento da história-problema**.** A expressão "História Nova" ou "Nova História", como proposta teóric, aflorou, de acordo com Peter Burke, juntamente com a fundação da revista *Annales,* em 1929, para [...] "promover uma nova espécie de História" (BURKE, 1997, p. 11). Para Jacques Le Goff (1998, p. 8), os historiadores ligados a esse movimento teórico-historiográfico procuraram edificar "uma história do poder sob todos os seus aspectos, nem todos os políticos, uma história que incluía notadamente o simbólico e o imaginário".

Assim, a renovação historiográfica, iniciada por Bloch e Febvre e, posteriormente, pela segunda e terceira gerações dos *Annales*, aponta um deslocamento na maneira de pensar e ensinar a História, haja vista a ampliação da ideia de tempo histórico. Deste modo, "[...] a história seria feita segundo ritmos diferentes e a tarefa do historiador seria, prioritariamente, reconhecer tais ritmos [...]". (LE GOFF, 2003, p. 15). Isso porque o trabalho do historiador exige o reconhecimento da noção de espaço e tempo. Importa lembrar as distintas temporalidades discorridas como tempo físico, social e histórico.

[28]A expressão Nova História ("em francês Nouvelle histoire") é a corrente historiográfica surgida nos anos 1970 e correspondente à terceira geração da chamada Escola dos Annales. Seu nome derivou da publicação da obra *Fazer a História*, em três volumes, organizada pelos historiógrafos Jacques Le Goff e Pierre Nora, seus principais expoentes na França. É a história associada à École de Annales, agrupada em torno da Revista Annales: économies, societés, civilizations, publicada na França em 1929.

Fernand Braudel reporta-se sobre às temporalidades na História, compreendidas como tempo de longa, média e curta duração. A longa duração é ligada aos aspectos estruturais que conformam uma sociedade, tais como o tempo geográfico, considerada uma história que se move lentamente, relacionada ao homem em suas relações com o meio que o cerca, assim como com os aspectos mentais, considerados atavismos das sociedades. A média duração é ligada aos aspectos conjunturais que conformam uma sociedade em uma instância de tempo social, relacionado a “forças de profundidade” articuladas às estruturas econômicas, sociais e políticas, que atuam de maneira “lentamente ritmada” (BRAUDEL, 1983, p. 25). E a curta duração é ligada ao tempo individual, do tempo presente, dos acontecimentos, o tempo das “oscilações breves, rápidas, nervosas”, mas que são, por sua vez, manifestações desses largos destinos, forças de fundo e que “só se explicam por elas”. (BRAUDEL, 1983, p. 25).

Perceber as diferenças temporais possibilita encontrar, no passado, as origens dos acontecimentos e suas conexões com o processo histórico. Vale ressaltar, no entanto, o fato de que esses ritmos temporais podem não ser independentes. Assim, [...] “a percepção dos níveis de duração torna-se importante à análise histórica porque permitem reconhecer as intensidades, permanências e rupturas que denotam a história não como uma via de mão única, mas com uma via de mão dupla e que se entrecruza”. (CAMPOS, 2007, p.176).

Bloch (2001) esclarece que o tempo é uma categoria basilar para o historiador, ao descrever a história como ciência dos homens no tempo, afirmando que aquele que elabora narrativas sobre o passado, na verdade, tenta entender questões do presente, pois não pode escapar de conceitos inerentes a sua própria época. Assim, os modos de conceber e ensinar a História da Enfermagem no curso da sua trajetória na espacialidade que abrange esse estudo é passado, mas também presente.

O embasamento para se constituir o conhecimento histórico é, precisamente, a reconstituição, a contextualização e a indagação que envolvem o pesquisador. Esse modo de agir possibilita a busca de uma melhor compreensão dos fatos ocorridos no passado e que acomodam nossa constituição social e profissional, que, de acordo com Le Goff (2003, p. 34), [...] “significa compreender o presente pelo passado, mas também, compreender o passado pelo presente”.

Na reconstituição da História Positivista, recorria-se a uma perspectiva cronológica e imbuída de neutralidade, uma história que reconstituía o passado tal qual era pensado e passado, com causalidade encadeada, uma história de causas e consequências. Entendemos que, como os acontecimentos não são lineares, coexistiram e/ou coexistem modos distintos de conceber e ensinar a História.

Como foi mostrado no nosso EQ, o trabalho mais conhecido e um dos mais antigos no Brasil sobre a História da Enfermagem foi escrito pela enfermeira e professora Waleska Paixão, em 1951. Ela por meio de pesquisa bibliográfica, fez uma retrospectiva cronológica da Enfermagem desde a Idade Antiga até o século XX, enfatizando em sua obra a influência religiosa sobre a profissão. Tal escrito [...] "foi durante muitos anos, o único a ser utilizado no ensino e apoio à pesquisa em História da Enfermagem". (ALVES; SILVA JÚNIOR, 2006, p.183). E foi publicado em cinco edições.

Waleska Paixão é uma autora importante, por ter sido pioneira em registrar a História da Enfermagem, constituindo um desafio à elaboração da aludida produção. Durante muito tempo, foi nessa obra que os professores-enfermeiros se apoiavam para ensinar a História da Enfermagem. Embora a autora siga a perspectiva positivista de História, dando ênfase aos fatos, sem vinculá-los ao contexto da época, numa abordagem cronológica e linear, teve a preocupação em registrar a história da sua profissão. Desse modo, o início do entrelaçamento da História da Enfermagem com a História, ocorreu com a História positivista.

Há de se considerar, contudo, o contexto em que a produção foi publicada, cuja abordagem da história se exprimia mediante a história factual, de caráter descritivo, fundamentada nas ideias e decisões de 'grandes homens' públicos. Esta abordagem influenciou o ensino da História do Brasil em todos os níveis até pelo menos até a década de 1970. Aproximadamente por esta época foi quando o Brasil teve no ensino a influência dos *Annales* em sua 3ª geração – a Nova História – no final do século XX, fazendo com que a história dos heróis cedesse lugar para uma história ensinada e empenhada com a compreensão da realidade social e histórica.

Em análise da nova história, Burke (1992, p. 11) depreende:

> A base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é socialmente construída. [...] A nova história considera que tudo tem uma história, tudo tem um passado que a princípio pode ser reconstruído. O que era considerado imutável é agora encarado como uma construção cultural sujeita a variação, tanto no tempo quanto no espaço.

As contribuições de Burke ajudam a compreender o conceito de História e a influência dos *Annales* no ensino de História, o que possibilita a apreensão da História da Enfermagem e o seu ensino na realidade social e histórica, uma vez que, como alude Burke (1992), a realidade é socialmente constituída.

Nessa perspectiva de entendimento de Burke (2003) insere-se também, as contribuições de Foucault, que participou dos *Annales* em sua terceira geração. A originalidade e revolução conceitual realizada por Michel Foucault partiu da compreensão de uma história-problema em sua descontinuidade. Situa, então, sua contribuição do seguinte modo:

> Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modificá-lo não é revelar os pressupostos filosóficos que podem habitá-lo; não é retornar aos fundamentos que a tornaram possível e que a legitimam: é colocá-la novamente em questão como formação discursiva; é estudar não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema deformação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. É retomá-la como prática entre outras práticas (FOUCAULT, 2013, p.224).

Para Foucault, a ciência e, deste modo, o conhecimento, é formado mediante relações entre sujeitos, entre poderes. Assim, o pensamento de Foucault possibilita conhecer a Enfermagem como fazer histórico e com uma prática constituída em determinados contextos sociais. A apreensão dos discursos veiculados pela ciência, pelos professores-enfermeiros que lecionam ou lecionaram a História da Enfermagem, bem como pelo poder político de cada momento histórico, revela os discursos de verdade e os dispositivos e estratégias de poderes utilizados no ensino e no registro desta história.

O referencial foucaultiano nos subvenciona para poder constituir uma história do presente. Ele permite lançar um olhar crítico, não sendo o único, é claro, que possibilita uma reproblematização dos dispositivos presentes no cotidiano.

Recorrer a Foucault como referencial teórico na concepção de História possibilita o entendimento de poder como em fenômeno relacional, que ocorre no exercício da convivência humana, em todos os espaços da vida social cotidiana, em que as pessoas vivem, onde está o seu discurso e a sua prática de vida.

No que concerne aos estudos sobre História da Enfermagem, mediante fontes primárias, estes foram iniciados nos anos de 1960, por Glete de Alcântara, representante da primeira geração de memória e história de pesquisadoras da área, como abordamos no desenvolvimento do nosso EQ. Considera-se como a primeira

pesquisa histórica, na área da Enfermagem brasileira, o estudo desenvolvido pela Professora Glete de Alcântara, em 1963, intitulado *A Enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira*, reconhecido como marco na História da Enfermagem brasileira, por se tratar da primeira tese de cátedra de um enfermeiro da América Latina, (LUCHESI; AMORIM; PORTO, 2009). Esse estudo motivou o debate acerca da História da Enfermagem, por discutir as mudanças sociais ocorridas em diversos setores da vida social, em consequência da industrialização e urbanização, que contribuíram tanto para a elevação do nível da educação feminina como para o desenvolvimento de modernos serviços de saúde que exigem a colaboração dos trabalhos de enfermeira diplomada (ALCÂNTARA, 1963). Assim, esse estudo, entendemos, marcou o início das produções no terreno da Enfermagem, e outras enfermeiras se preocuparam em editar resenhas históricas sobre suas escolas e seus serviços, bem como a publicar teses e dissertações abordando as várias temáticas da área, estudadas nos programas de pós-graduação *stricto sensu*[29].

Posteriormente, surgiram outros títulos e fontes para o estudo da História da Enfermagem, possivelmente, fruto de "novas investigações empreendidas nos grupos de pesquisa de História da Enfermagem, na pós-graduação *stricto sensu*" (ALVES; SILVA JÚNIOR, 2006, p.185), conforme discutimos no nosso EQ.

Após as iniciativas de programas de pós-graduação com indicação de programas com mestrado e doutorado em História da Enfermagem, [...] "a produção foi incrementada a partir da década de 1990, fato que culmina com o reconhecimento da história como linha de pesquisa pela CAPES em 2000" (PADILHA et al, 2012, p.197). O fato de que a História da Enfermagem tenha sido reconhecida como linha de pesquisa no Fórum Nacional de Coordenadores de Cursos de Pós-Graduação em Enfermagem, promovido, em 2000 pela CAPES, certamente, motivou o aumento da produção envolvendo a área da História.

Com o fomento dessas pesquisas e o debate acerca do tema, principalmente, no Sul e Sudeste do País, os estudos produzidos na seara da História da Enfermagem passaram a ter um entrelaçamento com o entendimento de História

[29] A pós-graduação *stricto sensu* em Enfermagem no Brasil teve início em 1972, na Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o iniciou do Mestrado em Enfermagem Fundamental. Em 1973, a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) iniciou o Mestrado na área de Concentração em Fundamentos de Enfermagem.

concebida desde os *Annales*, inclusive com a ampliação das fontes para constituir a trajetória da Enfermagem; embor, tenham surgido, também, estudos em outras regiões brasileiras, como, por exemplo, no Ceará, com a realização dos estudos desenvolvidos pela pesquisadora Sílvia Maria Nóbrega-Therrien, que situa em evidência o pioneirismo do Ceará com a criação da primeira escola de Enfermagem do Nordeste.

Nessa perspectiva, onde se abordam os conceitos e entendimentos sobre a história, seu ensino e pesquisa na Enfermagem, Barreira e Baptista (2003) exprimem, já em 2003, que os estudos sobre o movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa em HE vêm abordando temáticas na produção científica de HE, que podem ser agrupadas em três temáticas: a profissional, a assistencial e a organizacional. Essas, organizadas no quadro 13, ajudam na visualização do foco dessas produções assinaladas pelas autoras.

Quadro 13- Foco da produção científica de História da Enfermagem.

Vertente	Temática
Profissional	Raízes da identidade profissional; o processo de cientifização do saber da enfermagem; a formação da comunidade de enfermagem; as entidades de classe no processo de institucionalização da enfermagem; historicidade das questões éticas; o ensino e a pesquisa em História da Enfermagem.
Assistencial	Configurações da prática da enfermagem no tempo e no espaço; impacto das tecnologias na assistência de enfermagem; o ensino da assistência, conteúdos e estratégias; abordagem histórica nos modos de comunicação entre enfermeiros e clientes; histór(conclusão)
Organizacional	Trajetória das escolas de enfermagem; a enfermagem nos hospitais modelares; atuação da enfermagem nos programas nacionais de saúde; a organização do trabalho de enfermagem nos serviços de saúde; a enfermeira na administração da assistência, do ensino e da pesquisa interdisciplinar.

Fonte: Barreira; Baptista, 2003.

As vertentes e temáticas abordadas nas produções científicas demonstram que, a partir de 2003 - e entendemos que permanecem até o momento atual, 2018 - o interesse de pesquisadores da área das Ciências Humanas e Sociais em investigar a História da Enfermagem contribui para a consolidação das pesquisas. A distribuição

assinalada pelas autoras demonstram o percurso da produção científica em História da Enfermagem. Porto (2017, p. 2) ressalta, porém, que, para não se cometer algum deslize na organização da área de História da Enfermagem, [...] “tem-se o ensaio de três eixos temáticos, estruturados em decorrência do I Simpósio Iberoamericano de História da Enfermagem em 2009, a saber: Antropologia dos Cuidados, História das Instituições e História de Vida”. Isto sucedeu cinco anos depois da organização explicitada no texto de Barreira; Baptista (2003), o que, consideramos, instigou para que essa organização em eixos das produções acontecesse.

Porto (2017) elucida que o primeiro eixo, atinente à Antropologia dos Cuidados, também conhecido como Cultura dos Cuidados, é designado o entendimento da reflexão sobre as ideias, ações e circunstâncias. Envolve os aspectos teóricos relacionados à prática e a situações no processo das necessidades de saúde, como escopo na garantia da integridade e da harmonia de todas e de cada uma das etapas que constituem a vida humana. Os estudos desse eixo são considerados essenciais no conjunto dos comportamentos, desenvolvidos na área da saúde e implicados no processo de sua satisfação de necessidades, cabendo-nos estudar o seu mecanismo, tendo em vista os variados contextos.

O segundo eixo, que se destina à História das Instituições e/ou trajetória do ensino, da assistência e agremiações de Enfermagem, ao reunir os movimentos sociais considerados no âmbito da formação profissional, evoca a memória dos espaços da formação e do trabalho, sendo ele o eixo temático aglutinador das investigações de monta por diversos pesquisadores e grupos de pesquisa. O terceiro eixo direciona a perspectiva para a História de Vida, quando as biografias e memórias individuais de ilustres ou anônimos tornam-se o foco e visa-se, por elas, a versão/interpretação do desenvolvimento da profissão e dos cuidados prestados (PORTO, 2017).

Sendo assim, entendemos que existem algumas possibilidades para a pesquisa na área da História da Enfermagem e para que esta se aproprie da pesquisa histórica e do debate historiográfico, no entrelaçamento dos fios com a Ciência Histórica no tocante aos estudos do passado da profissão e no diálogo com o presente.

Na acepção de Porto (2017), os eixos temáticos apontados para a pesquisa atinente à História da Enfermagem poderiam ser uma das estratégias de organização dos estudos em HE, pois eles [...] levam a compreensões e possibilidades. Em suas

palavras, eles “podem também nortear a construção do conhecimento histórico em suas versões e interpretações, considerando a pluralidade e o aspecto transversal das outras áreas de conhecimento na enfermagem e na saúde”. (PORTO, 2017, p. 3).

Uma das maiores contribuições da História da Enfermagem, no entanto, é [...] “a formação crítico reflexiva de profissionais, capazes de pensar a enfermagem inserida em um campo de forças dinâmicas e contraditórias, que é passado, é presente e é também futuro”. (BARREIRA; BAPTISTA, 2003, p.703). Nessa perspectiva, o ensino de História da Enfermagem na graduação, entendemos, possibilita aos alunos futuros enfermeiros uma compreensão das raízes da sua profissão e como esta se reflete no presente. Promove o conhecimento identitário e o sentido de pertença e o entendimento de inserção dessa profissão na sociedade.

Além da necessidade de assimilação e organização da área da HE, como ressaltou Porto (2017), cabe ainda observar os desafios encontrados no desenvolvimento de tais pesquisas.

A pesquisadora Maria Cristina Sanna, ao discutir as contribuições e perspectivas da História da Enfermagem brasileira para o desenvolvimento da profissão, assevera que a pesquisa em HE não tem aplicabilidade imediata e sua inflência não pode ser medida por meio de indicadores objetivos. Deste modo, de tempos em tempos, volta-se a questionar a validade da pesquisa nesta área, comparando-a com outras linhas, que, aparentemente, produzem resultados mensuráveis e modificações imediatamente reconhecíveis na prática da Enfermagem.

A dificuldade apontada pela pesquisadora Sanna (2003) revela que, de modo geral, a Enfermagem é concebida como uma área prática, tendo sua História um caráter de menor valor. Nessa perspectiva, Barreira; Baptista (2003) expressam que parece haver uma hesitação, se não mesmo certa resistência, por parte de alguns pesquisadores e docentes, sobre a aceitação da História da Enfermagem como linha de pesquisa, com suas diferenças de propósito, abordagem e interpretação. Para as autoras, comumente, [...] “ocorrem omissões e esquecimentos sobre a História da Enfermagem, que se não são intencionais, também não são casuais”, (BARREIRA; BAPTISTA, 2003, p.704). São pontos abrindo uma discussão que, no mínimo, precisa de sensibilidade além de conhecimentos que fundamentem o valor da História.

A participação de Sanna (2003) no painel que discutiu as contribuições e perspectivas da História da Enfermagem brasileira para o desenvolvimento da profissão contou com a participação de outros pesquisadores. Suas advertências

revelam que, ao se buscar adentrar a História, se esbarra em alguns desafios relacionados à conservação dos arquivos, como registra a pesquisadora Tânia Cristina Franco Santos (2003), ao mencionar que a preservação, conservação e restauração das fontes dependem da atitude das instituições de ensino, de assistência e de entidades de classe ante desse patrimônio. Esse fato constitui um desafio, pois, como assegura Sanna (2003), a ideia do descartável e do virtual resulta na destruição de fontes preciosas para a História da Enfermagem, em favor do uso de espaços, materiais e outros recursos, entendidos como desperdiçados, quando voltados para a conservação de documentos e, ainda, a falta de apoio financeiro para a criação, organização e manutenção de centros de documentação, uma vez que não há incentivos específicos dirigidos para essa atividade por parte dos órgãos apoiadores de pesquisa, a que complementamos: nem das associações e/ou órgãos de classe na Enfermagem.

A realização de pesquisas em História da Enfermagem, em certa medida, depende da criação e/ou do fortalecimento de centros de documentação para a preservação e organização de fontes primárias. Depende da importância que se concede a História como área de conhecimento e reconhecimento identitário. E isso está ou deveria estar no foco da formação e/ou de seu ensino.

Na apropriação da área da História pela Enfermagem, registra-se essa realidade de problemas com a preservação dos documentos também no Ceará, a escassez das fontes para a pesquisa em História da Enfermagem, como assinalou Eneida Schramm Frazão (1973)[30], que compôs o corpo docente da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo - EESVP, mediante o registro da História da Escola quando dos 30 anos dessa instituição, Frazão registrou: "*Designada pelo Conselho Departamental para escrever a linha histórica da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo desde o início nos deparamos com inúmeras dificuldades no tocante a insuficiência de fontes para a coleta de dados*" (FRAZÃO,1973, p. 1).

Nesse contexto, a constituição do Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará – NUDIHMEn assina sua trajetória na luta para preservação, produção e socialização da História da Enfermagem cearense. Entendemos que o ensino e a pesquisa da História demandam a preservação e conservação preventiva de seus documentos, precisando, também, da

[30] Eneida Schramm Frazão, enfermeira, docente da EESVP que escreveu. ***30 anos****: Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo 1943-1973.* Fortaleza: [s.n], 1973.

conscientização dos profissionais no tocante à importância da preservação da memória da profissão.

Estudos de períodos da História da Enfermagem no Ceará, como a fase que antecede a criação da EESVP e até mesmo dos anos da atuação da escola, que exigem análise documental, não poderão ser realizados em virtude da ausência de políticas institucionais de guarda e preservação dos documentos, além dos descartes compulsórios.

A organização dos acervos e os estudos realizados são significativos para a constituição de uma área de História da Enfermagem no Brasil. Assim, a contribuição da História da Enfermagem, como asseguram Barreira e Baptista, ocorre da seguinte maneira:

> [...] se dá primeiro na formação de uma consciência crítica e reflexiva e de uma atitude intelectual do enfermeiro e depois no que se refere à elaboração de novas formas de percepção e apreciação da realidade social (2003, p. 705).

Na perspectiva assinalada por Barreira e Baptista (2003), da constituição de passos necessários para iniciar o despertar e/ou formar para a consciência da importância da História, no caso, da Enfermagem, possibilita, a análise da realidade social, e, de certo modo, para a valorização do ensino de História da Enfermagem capaz de ampliar as percepções do enfermeiro no contexto em que está inserido, e isso pode acontecer na formação inicial por meio da disciplina História da Enfermagem.

Nosso movimento nessa subseção foi, portanto, buscar compreender a concepção de História com escopo nos *Annales,* tenda teórica que fundamenta nossa concepção de História, no entendimento de que a História Nova contribuiu na ressignificação do ensino de História e na visibilidade das histórias dos alunos, colocando-os como sujeitos, dotando-os de criticidade e possibilitando intervir em suas realidades e na constituição de suas identidades; e, nesse movimento teórico necessário, perceber a constituição do ensino da História da Enfermagem e apreender as apropriações que esta faz no desenvolvimento da pesquisa histórica.

Nas fronteiras entre a HE e a História ensinada na graduação, há um caminho necessário que permeia a constituição do currículo. Esse entendimento

contribui para erguer a tenda teórica deste estudo, conteúdo discutido na próxima seção.

4.2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PENSAMENTO CURRICULAR E O CURRÍCULO DE ENFERMAGEM: O EMARANHAR DOS FIOS

[...] Se vá tecendo, entre todos os galos.
(Poema *Tecendo a Manhã* - João Cabral de Melo Neto)

O objetivo desta subseção é tratar sobre os escritos acerca do currículo com foco no desenvolvimento histórico curricular, com escopo no entendimento do currículo nos contextos educacionais. Assim, como na escrita do poema que o Poeta *segue tecendo os versos enquanto pelo canto dos galos a manhã vai sendo tecida,* seguimos erguendo a tenda teórica da nossa investigação com a discussão da categoria teórica currículo. Nessa via teórica, tecemos considerações sobre a constituição do currículo e como este se estabeleceu na Enfermagem. - são fios que se emaranham na trama que envolve o currículo em seus aspectos teóricos e práticos - uma vez que definir a composição do currículo de uma formação envolve embates.

Na organização deste escrito, três segmentos o compõem. O primeiro, “Reflexões acerca do pensamento curricular: fundamentos e teorias”, que descreve e analisa o desenvolvimento histórico do pensamento curricular, possibilitando um entendimento de como o currículo de um curso é gestado, bem como as influências históricas, políticas, econômicas, sociais e também legais que demandam as suas reformulações. Nada é por acaso ou linear, pois, aqui a história tem seu peso e nela as demais influências. O segundo, “Tessituras do currículo em Enfermagem: trilhas da formação”, traz reflexões, discussões e compreensões acerca dos currículos para a formação do enfermeiro. Essa discussão contribui no entendimento dos componentes curriculares e subsidia com fundamentos teóricos a reflexão do fato de algumas disciplinas no currículo possuírem maior capital/prestigio, em detrimento de outras, colaborando na compreensão/determinação do lugar da História da Enfermagem na formação do enfermeiro. O terceiro, “A disciplina história da enfermagem no currículo nos cursos de graduação no Ceará*: conectando os fios”,* evidencia a disciplina História da Enfermagem e como esta se insere nos currículos prescritos dos cursos de Enfermagem das instituições de ensino superior, públicas e

privadas, do Estado do Ceará, seja como disciplina específica ou como temática dentro de outra disciplina. Essas discussões acerca do currículo vinculam-se às demais reflexões realizadas acerca da concepção de História, bem como da História da Enfermagem, no entendimento de que a disciplina História da Enfermagem, como componente curricular, demanda um lugar no currículo, bem como uma concepção de história a ser ensinada, compondo a formação do enfermeiro. A figura 06 demonstra esse entendimento e articulação.

Figura 6 – Interfaces da disciplina História da Enfermagem no currículo.



Fonte: Elaborado pela autora.

O ensino de História ocorre por meio de uma disciplina específica ou como temática inserida em outra disciplina que se implante no currículo e incide sobre a formação do profissional de Enfermagem. Assim, essas discussões acerca do currículo vinculam-se às demais reflexões realizadas acerca das categorias teóricas da pesquisa.

4.2.1 Reflexões acerca do pensamento curricular: fundamentos e teorias

As discussões sobre currículo e a interlocução com os autores que discutem esse segmento de estudo demonstra que o conceito de currículo é um dos conceitos mais controversos. A compreensão que temos de currículo exige uma leitura multirreferencial da realidade, pois consideramos que a constituição do conhecimento advém de forma transversal, uma vez que transcorre por diversas áreas do saber. Compreendemos o conhecimento como um elemento complexo, com múltiplas

possibilidades de interpretação e que “[...] se estabelece a partir da convergência, ou melhor, da convivência, do diálogo, trans, pluri, interdisciplinarmente”. (MARTINS, 1998, p. 23). Esse enredamento implica ter consciência do inacabamento do conhecimento, pois qualquer que seja ele, sempre será limitado a um determinado contexto e nunca completo para explicar determinada realidade social.

Sendo assim, para a organização e estruturação deste segmento da tese, abordamos acerca do currículo com escopo nos conceitos e teorias do currículo, com as contribuições dos estudiosos dessa área de nacionalidades diversas como estadunidenses, ingleses, espanhóis, portugueses e brasileiros. Temos os estudos do inglês Ivor Goodson, que fornece diversos *insights* para o estudo histórico das disciplinas escolares e acadêmicas, na busca da compreensão de como estas se constituem historicamente, sendo bastante estudado no Brasil.

O americano Michel Apple já realizou seminários no Brasil, tendo o brasileiro e estudioso do currículo Antonio Flavio Barbosa Moreira, dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como um dos interlocutores do seu trabalho. José Gimeno Sacristán, espanhol, professor na Universidade de Valência-Espanha, cujos escritos têm ampla circulação no Brasil, bem como o português José Augusto Pacheco, que tem colaborado com instituições de ensino superior em países oficias de língua portuguesa, sobretudo no Brasil, e de renomeados professores brasileiros que concentram suas pesquisas nessa área de estudo, como o gaúcho Tomaz Tadeu da Silva, que possui estudos discutindo as teorias do currículo, a distinção entre as teorias tradicionais e as teorias críticas do currículo e teorias pós-críticas; e das pesquisadoras Ana Maria Iório Dias e Meirecele Calíope Leitinho, docentes dos programas de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará, tendo desenvolvido pesquisas e experiências em currículo.

É importante lembrar que as concepções acerca do pensamento curricular e as produções dessa área de estudo são basilares para a discussão em qualquer área de formação que abranja o currículo. Nesse sentido, não é a pretensão deste estudo fazer um arrolamento dos autores e obras do currículo, mas, ao fazermos a análise sobre currículo, numa perceptiva multiferrencial, trazer entre os vários autores aqueles que nos auxiliam a ver o currículo numa dimensão ampla, envolvendo os elementos do contexto social.

Perante o fértil crescimento de produções acadêmicas que cercam o currículo e do diálogo com os autores, estamos assumindo o currículo prescrito e vivido, de Ivor Goodson, (2013), que nos auxilia no entendimento do lugar da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares do curso analisado neste estudo de tese.

Na definição de Goodson (2013), o currículo prescrito é um registro público de uma lógica de organização, cuja retórica legitima a escolarização. É, dessa maneira, um roteiro oficial criado para a estrutura institucionalizada da escolarização, que promulga e justifica suas intenções. Nos estudos de Goodson, o currículo prescrito é definido com suporte na constituição de uma série de documentos que versam acerca de variados assuntos em diversos níveis, juntamente com a elaboração de metas e objetivos, que forjam as normas, regulamentos e princípios que referendam o que deve ser lecionado.

O currículo, de certa maneira, precisa ser desenvolvido e seguido pelo professor junto ao aluno em suas mais diversas séries e níveis. Reiteradas vezes, entretanto, é seguido pelo professor sem o entendimento de suas implicações contextuais, políticas e de poder nele submergidas.

A palavra currículo do latim, *curriculum*, significa caminho, trajeto, percurso, pista ou circuito atlético. Segundo Goodson (2013, p. 31), [...] “a palavra currículo vem da palavra latina *Scurrere,* que significa correr, e refere-se a curso (ou carro de corrida)”. Para Goodson, a partir das implicações etimológicas da palavra currículo, este pode ser definido como um “caminho percorrido” ou um “caminho a ser percorrido”. Encontramos em Pacheco (2005), ao descrever o étimo latino *Scurrere*, também o significado de caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir. O autor indica ainda duas ideias principais: uma de sequência ordenada, outra de noção de totalidade de estudos.

Entre os teóricos que estudam currículo, é consenso que o conceito de currículo é um dos mais controversos da área educacional, sendo as discussões de currículo motivos de debates entre professores e pesquisadores. Assim, importa uma passagem, além da etimologia da palavra, pelas concepções de currículo para caracterizar as nuanças epistemológicas que suplantam tais concepções.

Temos que considerar, no entanto, o fato de que o currículo é impregnado de interesses de uma determinada sociedade, de valores, necessidades, ideologia, poder e cultura. De tal maneira, Tomaz Tadeu da Silva menciona que “uma definição

não nos revela o que é, essencialmente, o currículo: uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o currículo é" [...] (2014, p.14).

A acepção de Silva (2014) revela que existe uma complexidade nas definições de currículo, no entanto, para o autor, mais do que atribuir definições, o mais relevante seria saber a quais questões a teoria ou um discurso curricular busca responder. Assim, é possível perceber o enredamento inerente ao currículo, pois, [...] "como ele é oriundo de escolhas ideológicas, culturais, em uma sociedade onde esses interesses são diversos e, por vezes, conflitantes, não podemos descontextualizá-lo de sua base material histórica e política". (DIAS; LEITINHO, 2017, p.188).

No nosso entendimento, o currículo envolve a sistematização dos meios para que esta elaboração se efetive. Nesse sentido, Silva (2014, p. 150) assevera que o currículo é lugar, espaço, território. "O currículo é relação de poder. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade".

Importa lembrar que, mesmo antes de se definir o currículo como tal, ele já existia por meio dos procedimentos educativos, que estão nos conteúdos escolhidos para um determinado fim formativo no contexto da sociedade. Nesse sentido, alguns autores, a exemplo de Goodson (2013); Pacheco (2006) e Silva (2014), mencionam que o currículo não precisa estar explicitado num documento formal; ele apenas existe.

Corroborando os autores há pouco assinalados, podemos trazer como exemplo da existência de um currículo, sem explicitação em um documento, a antiguidade ocidental clássica, mais designadamente na civilização grega, ali prevalecia a Paidéia, isto é, um conjunto de práticas educativas que visavam à formação humanística. O modelo educacional era voltado à socialização, o desenvolvimento integral do ser humano em todas as suas potencialidades, não só cognitivas, mas também éticas (JAEGER, 1994).

Cabe denotar que a Paidéia era voltada aos cidadãos gregos: homens, nascidos em território helênico e livres. Sendo assim, excluía mulheres, estrangeiros e escravos, o que implicava a separação educativa das mulheres (educadas para serem mães) e dos escravos (que eram apenas treinados para o trabalho).

Nesse sentido, a exemplo da Grécia, o currículo sempre existiu, adquirindo distintas nuanças em cada contexto histórico, mesmo que não tivesse um registro documentado. Para Moreira e Silva (1995), abordar sobre o currículo como

conhecimento é não esquecer de que sua constituição na educação se fez sob a influência da institucionalização da educação formal.

É no contexto da educação formal, como assinala Moreira e Silva (1995), que o primeiro estudo sobre o currículo foi produzido no início do século XX, vindo da América do Norte. Intitulado de *The Curriculum,* a obra de autoria de John Franklin Bobbitt (1876–1956), publicada no ano de 1918, nos Estados Unidos, é considerada o marco no estabelecimento do currículo como área especializada de estudos. (MOREIRA, SILVA; 1995; SILVA, 2014). Esta obra se volta para o conjunto de ‘coisas’ que as crianças e jovens precisam fazer e experimentar para desenvolver habilidades que lhes permitam tomar decisões a respeito de assunto condizentes com a vida adulta (SCHIMIDT, 2003, p. 62). Nesse sentido, o currículo era visto por Bobbitt, no entendimento de Silva (2014), como um conjunto de temas a serem executados nas instituições educativas por intermédio de ações rigorosamente conhecidas e desintegradas, ainda, para o autor, que assinala

> a teoria de Bobbitfoi consolidada por Ralph Tyler quando propõe que o desenvolvimento do currículo deve responder a quatro principais questões: que objetivos educacionais deve a escola procurar atingir; que experiências educacionais podem ser oferecidas que tenham probabilidade de alcançar esses propósitos; como organizar eficientemente essas experiências educacionais e como podemos ter certeza de que esses objetivos estão sendo alcançados.(SILVA, 2014, p.25)

No surgimento dos estudos sobre currículo, o livro *Basic Principles of Curriculum and Instruction*, produzido por parte de Ralph Tyler (1902-1994), há pouco assinalado, referenda a necessidade de uma teoria sobre o currículo, ou seja, de um modelo organizado de conhecimentos que orientasse a organização do currículo, já que o desenvolvimento do currículo sem uma teoria tem resultados fatais para essa área de estudo e pesquisa (SILVA, 2014). Um entendimento que, desde então, abriu discussões e referendou concepções de programas de ensino nas escolas e, posteriormente, nas universidades.

No Brasil, na acepção de Moreira e Silva (1995), a origem do pensamento curricular ocorreu nos anos de 1920 e 1930, logo após o trabalho de Ralph Tyler, como se pode evidenciar, tendo como parâmetro sua teoria, bem como as ideias defendidas

por John Dewey[31], que criticava o currículo pois o considerava então tradicional e elitista e defendia ideias progressistas. Assim, as concepções denominadas de 'escolanovista' influenciaram o pensamento educacional e curricular brasileiro nos anos de 1920.

No Brasil, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova[32], de 1932, concebeu um marco na História da Educação, pois, por meio desse movimento, se deu a possibilidade de debater a educação com suporte no ideal da escola pública gratuita e de boa qualidade. Nesse contexto, anos de 1930, emergem no País novas perspectivas curriculares provenientes desse movimento, principalmente, na Bahia (Anísio Teixeira), no Ceará (Lourenço Filho), Distrito Federal (Fernando Azevedo), São Paulo (Sampaio Dória), Minas Gerais (Mário Casasanta e Francisco Campos) e o currículo aparece como foco de estudos e preocupações de maneira contundente.

Essa perspectiva curricular concebe o rompimento com a escola tradicional, por meio da renovação do currículo, da modernização de estratégias de ensino e avaliação, da democratização da sala de aula e da relação professor-aluno, uma vez que [...] "a especificidade do campo curricular reconhece-se na sua conexão com a prática educacional e com o contexto social e cultural nos quais está inserido. (PACHECO, 2005, p. 17). Assim, posterior às influências das ideias pedagógicas da Escola Nova, a promoção de reformas educacionais brasileiras incide sobre o currículo e a promoção de reformas educacionais brasileiras e a perspectiva tecnicista surgiram de modo concreto nos anos de 1960 e 1970, com a ideia de currículo como algo programável, técnico e burocrático, refreando as ideações 'escolanovistas'.

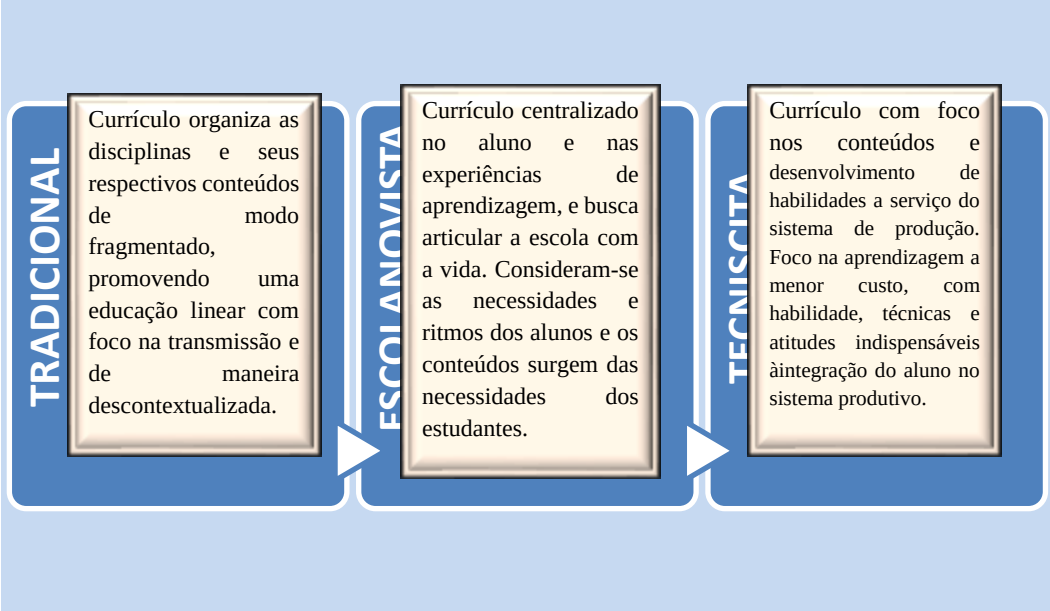
Importa lembrar que a Pedagogia Tecnicista surgiu nos Estados Unidos na segunda metade do século XX e chegou ao Brasil nos anos de 1960, no período do regime civil-militar e tinha o intuito de moldar a sociedade à demanda industrial e tecnológica da época. O entendimento de currículo envolvendo a escola na perspectiva tradicional, escolanovista e tecnicista, está exposto na figura 07.

---

[31]John Dewey nasceu no dia 20 de outubro de 1859. Foi um pensador e filósofo norte-americano. Dewey foi um dos principais representantes da corrente pragmatista e das ideias da Escola Nova, movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. Dewey morreu em 1 de junho de 1952 aos 92 anos em New York.

[32]O Manifesto dos Pioneiros da Educação, datado de 1932, foi escrito durante o governo de Getúlio Vargas e consolidava a percepção de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, enxergava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Foi redigido por Fernando de Azevedo, dentre outros 26 intelectuais, entre os quais Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Cecília Meireles.

Figura 7 – Síntese do currículo Tradicional, Escolanovista e Tecnicista no Brasil.



Fonte: Elaborado pela autora.

A figura 07 demonstra o entendimento de currículo tradicional, escolanovista e tecnicista, concepções estas produzidas em momentos históricos distintos.

Em oposição às concepções de currículo expostas até então, surgiram nos anos de 1960, nos Estados Unidos e em alguns países europeus - França, Inglaterra, Espanha, entre outros, - discussões no na Educação, relacionadas mais uma vez com o currículo. Nesse contexto e época de novas discussões aflora a perspectiva sócio-histórica de entendimento derivada das concepções do movimento da Nova Sociologia da Educação-NSE, surgido na Inglaterra nos anos de 1960/1970.

A perspectiva da NSE centrava-se na crítica sociológica e histórica dos currículos, tendo como seu principal teórico Michael Young[33], que compreendia o conhecimento escolar e o currículo de então como invenções sociais, nos quais era necessário investigar as conexões entre currículo e poder, entre a organização do conhecimento e a distribuição de poder (SILVA, 2014). Young (2000), como expoente da Nova Sociologia da Educação, tem o currículo como principal objeto de

[33]Michael Young nasceu no dia 9 de agosto de 1915. Foi um sociólogo britânico, ativista social e político que cunhou o termo “meritocracia”. Faleceu em 14 de janeiro de 2002.

investigação. Em suas produções, enfatiza o conhecimento e o modo como este é selecionado, organizado e compreendido no currículo.

No final dos anos de 1970, os modelos curriculares tradicionais passarram a ser contrapostos de maneira mais efetiva, mediante o movimento conhecido como reconceitualização, cuja finalidade era questionar a hegemonia da concepção técnica de currículo com base nas teorias sociais, assentadas na fenomenologia, hermenêutica, no marxismo e na teorização produzida na Escola de Frankfurt[34]. Assim, ampliam-se as discussões acerca do currículo, e Silva (2000), ao discorrer sobre a produção curricular nos anos de 1970 demonstra obras pertinentes ao desenvolvimento da teorização crítica sobre currículo. São produções que influenciam as discussões sobre o currículo dos cursos de graduação, e, no caso que estamos estudando, da graduação de Enfermagem, uma vez que em maior ou menor grau o desenvolvimento histórico do pensamento curricular é vivenciado pelas universidades e pelos professores. No quadro 14 é possível a visualização das obras.

Quadro 14- Marcos da teoria educacional crítica e da teoria do currículo na década de 1970.

ANO	AUTOR	OBRA
1970	Paulo Freire	A pedagogia do oprimido
1970	Louis Althusser	A ideologia e os aparelhos ideológicos do estado
1970	Bourdieu e Jean Claude Passeron	A reprodução
1971	Baudelot e Establet	L'écolecapitaliste em France
1971	Basil Bernstein	Class, code and control, vol. 1
1971	Michael Young	Knowledge and control: new directions for the sociology of education
1976	Samuel Bowles e Herbert Gintis	Schooling in capitalist America
1976	William Pinar e Madeleine Grumet	Toward a poor curriculum
1979	Michael Apple	Ideologia e currículo

Fonte:Silva (2000).

[34] A Escola de Frankfurt é o nome dado ao grupo de pensadores do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt. Foi fundada em 1924. O Instituto era associativo à Universidade de Frankfurt, na Alemanha. A Escola de Frankfurt foi um movimento filosófico, social e político e criou o movimento filosófico conhecido como Teoria Crítica.

As produções acerca do currículo apontadas por Silva (2000) compreendem obras relevantes desenvolvidas nos anos de 1970 para o desenvolvimento da área curricular de maneira significativa. São pensadores que explicitam suas ideias articuladas ao seu contexto francês, inglês, mas que influenciaram o pensamento curricular no Brasil, bem como o brasileiro Paulo Freire, cujas ideias influenciaram também fora do Brasil. Como registra Moreira (1990), havia no Brasil dessa época intensiva influência de ideias progressistas e tecnicistas em relação ao currículo, ambas conectadas à busca de propostas sintonizadas com as necessidades socioeconômicas e políticas no País. Desse modo, almejava-se um currículo capaz de contribuir para a coesão social, ao mesmo tempo em que preparasse a sociedade para necessidades da ordem industrial em um mundo em mudanças.

Assim, o ensaio de Althusser, *A ideologia e os aparelhos ideológicos do Estado* tornou-se uma referência para as críticas da educação e do currículo, haja vista a escola como importante aparelho ideológico do Estado, uma vez que esta atinge grande parte da população extenso período. A teoria de Althusser a propósito de currículo busca, portanto, situar a relação entre escola e economia, entre educação e produção.

Na análise de Bourdieu e Passeron (1970), a reprodução social está situada na reprodução cultural, uma vez que concebe uma cultura dominante, de importância, que garante a manutenção da ordem capitalista. Sob essa concepção, existe um capital cultural representado por símbolos que possuem valor concreto e subjetivo. É, pois, essa compreensão de capital cultural concebida pelos autores que, de modo valorizado e tido como dominante, surge no currículo como instrumento de dominação e de segregação que separa trabalhadores subordinados e de baixa escolarização daqueles que assumem os postos privilegiados do mercado de trabalho.

Dentre os nomes pautados à teorização curricular crítica no contexto estado-unidense, o pensamento de Apple (1979) está relacionado ao papel ideológico do conhecimento escolar. Sua contribuição é considerada relevante para os estudos curriculares críticos, já que ultrapassa o intuito de explicar as relações entre as estruturas econômicas e sociais mais abrangentes, educação e currículo, ao situar a

ideia de que essa relação economia-escola é mediada pelas próprias relações estabelecidas no contexto escolar.

Apple (1979) compreende que o *locus* social é um espaço contestado, no qual grupos dominantes trabalham para o convencimento ideológico da sociedade, com a finalidade de garantir a manutenção da dominação econômica por meio da hegemonia cultural manifesta no senso comum. Nesse sentido, o currículo aparece como algo profundamente relacionado às estruturas sociais e econômicas, é intencional e insere conhecimentos que refletem os interesses específicos das classes dominadoras. A concepção de Apple sobre currículo encerra a necessidade de compreender por que existem conhecimentos mais importantes do que outros e quais os interesses norteadores para a seleção desses conhecimentos particulares.

O movimento NSE, contudo, comportava perspectivas heterogêneas representadas pelas distintas abordagens que reuniam seus autores, postulavam concepções estruturalistas (Young, Bourdieu, Bernstein) e fenomenológicas (Geoffrey Esland, Nell Keddie). Esse movimento, desde os anos de 1980, dissolveu-se numa ampla variedade de perspectivas analíticas e teóricas: [...] “feminismo, estudos sobre gênero, raça e etnia; estudos culturais; pós-modernismo; pós-estruturalismo”. (SILVA, 2014, p. 70).

Assim, no domínio da produção intelectual da nova sociologia inglesa, Goodson (1997; 2008; 2013) estabeleceu a relação entre currículo, cultura e classes sociais, oferecendo a possibilidade de as pesquisas acadêmicas abordarem as experiências cotidianas dos estudantes e professores. Ancorado nos pressupostos da teoria crítica do currículo, o autor demonstra a importância de analisar o currículo prescrito como um artefato social imbricado a um contexto histórico e social.

No Brasil, os estudos em História do Currículo apareceram no final dos anos 1980, promovendo o surgimento de grupos de estudos e pesquisas que dialogam tanto com vertentes francesas de História do Currículo, principalmente com André Chervel[35] e Dominique Julia[36], quanto com a vertente inglesa, defendida por Ivor Goodson, de quem assumimos neste trabalho o conceito de currículo prescrito; e

[35]André Chervel, historiador francês, nasceu em 5 de novembro de 1931 (idade 87 anos). Sua obra intitulada “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”, traduzido e publicado no Brasil e 1990, contribuiu decisivamente para a constituição desta perspectiva de investigação.
[36]Dominique Julia nasceu em 1940. É um historiador francês dos séculos XX e XXI Possui estudos sobre os períodos do Antigo Regime e a Revolução Francesa, bem como a história das religiões e história da educação. Julia investiga as disciplinas escolares na França, do século XVI ao século XX.

desde o final dos anos de 1990, com as contribuições da vertente americana, com Thomas Popkewitz[37].

Em termos de Brasil, no tocante aos estudos do currículo, Pacheco (2005) exprime que, nos anos de 1950 e 1960, foram publicados os primeiros livros sobre currículo, principalmente, os de José Roberto Moreira e Marina Couto. O autor acrescenta ainda que nos anos de 1970, foram editadas obras de cunho tecnicista como as de Lina Traldi e Dalila Sperp e que, nos anos seguintes (1980), a área curricular brasileira [...] “conheceu uma significativa produção, sobretudo, com publicações de António Flávio Moreira, Tomaz Tadeu da Silva e Alfredo Veiga Neto, entre outros” (PACHECO, 2005, p.8). Na área curricular brasileira, surgiu uma diversidade de publicações, discussões e análises acerca do currículo. Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs tiveram origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB de 1996 e as DCNs do Curso de Enfermagem foram publicadas em 2001 e, depois destas diretrizes, as instituições de ensino superior reorganizaram seus currículos.

As discussões na área curricular brasileira foram intensas em 2018, com a publicação da BNCC- Base Nacional Comum Curricular, documento normativo para as redes de ensino públicas e privadas, referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a educação básica, bastante questionada pelas IES e que substitui os PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais criados nos anos finais de 1990.

Importa ressaltar o fato de que, na constituição da área curricular brasileira, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, desenvolveu cursos de formação de professores, e pesquisas foram produzidas no Programa de Assistência Brasileiro-Americana à Educação Elementar–PABAEE[38]. Há de se considerar, ainda, que o desenvolvimento da seara curricular no Brasil[39] foi

[37]Thomas S. Popkewitz nasceu em 16 de agosto de 1940 em New York, (87 anos). É um teórico de currículo e professor dos Estados Unidos da América, no corpo docente da Escola de Educação da Universidade de Wisconsin-Madison.

[38]O Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (Pabaee) foi criado em 1956, num momento de expansão do sentimento nacionalista no Brasil. O governo assinou convênio com os Estados Unidos para formar educadores brasileiros, no Brasil e nos EUA, e publicar textos para as escolas normais e primárias. O convênio teve início no governo de Juscelino Kubitscheck (1956 a 1961), momento em que o país era tomado pelo discurso de cunho nacional desenvolvimentista, pautado em uma política que apregoava e estimulava o crescimento econômico. Esta política buscou redimensionar vários setores e suas funções, sendo que a educação foi um deles.

[39]Considera-se como demarcação e expansão dos estudos do currículo no País como campo específico de pesquisa, a criação do Grupo de Trabalho - GT – 12 - Currículo da ANPED em 1986, espaço de referência para a

marcado pela inclusão do componente curricular “Currículo e Programas” nos cursos de Pedagogia após a Reforma Universitária, via Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 (PACHECO, 2005). Esses acontecimentos contribuíram para o surgimento de um terreno curricular no Brasil, aliados aos estudos produzidos pelos pesquisadores estrangeiros, conforme já discutimos neste texto e, consequentemente, muitos influenciados por eles.

Vale lembrar, no entanto, que a área do currículo brasileiro também produziu expressivas investigações e ensaios teóricos na perspectiva de estudos críticos, sobretudo com as produções de Dermeval Saviani[40] e Paulo Freire[41].

Sobre o currículo, como conhecemos na contemporaneidade, Tomaz Tadeu da Silva (2013, p.11), na apresentação da obra de Ivor Goodson, esclarece que o trabalho de Goodson, mediante um corpo consistente e denso de teorização, demonstra que [...] “as categorias pelas quais vemos e construímos hoje o currículo educacional são resultados de um lento processo de fabricação social, no qual estiveram presentes conflitos, rupturas e ambiguidades”.

Dessa discussão densa sobre o desenvolvimento histórico do pensamento curricular, é possível apreender que o discurso e a constituição curricular no mundo, principalmente, Estados Unidos, Europa e no Brasil, não se deram sob única ideologia, mas com influência de tendências, objetivos e interesses diferentes. Assim, o currículo não está dissociado da constituição histórica e social, tampouco de contestações. Atualmente (2018), contamos com esta diversidade e ambiguidades ainda com o peso importante neste terreno das ideias de estudiosos do currículo e das produções dos programas de pós-graduação, sobretudo, na área da educação.

Assim, as teorias curriculares surgem em virtude da necessidade de compreensão das diversas dimensões que refletem um contexto social. Deste modo, elas podem demonstrar discussões de natureza humana, sobre a natureza da

---

socialização, fortalecimento e discussões entre pesquisadores sobre a pesquisa em currículo. Destaca-se também o Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP que iniciou suas atividades de Mestrado em 1975 e de Doutorado em 1990 e tem como objetivo formar educadores-pesquisadores em ambiente de produção de pesquisas, elaborando conhecimentos em educação, especificamente em Currículo.

[40]Dermeval Saviani nasceu em 25 de dezembro de 1943 na cidade de Santo Antônio de Posse, SP/Brasil. Renomeado teórico brasileiro produziu ensaios teóricos que faz a crítica ao modo como a educação forma os sujeitos e a sociedade. Em seus escritos não produziu estudos especificamente sobre currículo, mas a sua obra contribuiu nesse campo de estudo.

[41]Paulo Freire nasceu no dia 9 de setembro de 1921, Recife, Pernambuco. Faleceu em 2 de maio de 1997 em São Paulo. Influente teórico brasileiro não discutiu propriamente o currículo, porém, é evidente em seus escritos referências ao tema. Nas obras freiriana está o conceito de “educação bancária” que compreende o conhecimento como sendo transferido do docente para o aluno como um ato de depósito bancário. O autor pernambucano influenciou significativamente muitos autores críticos no campo curricular por meio de suas obras.

aprendizagem acerca da natureza do conhecimento, da cultura e da sociedade. À medida que estas se diferenciam e/ou explicitam distintos aspectos constitutivos do currículo e priorizam um ou vários em detrimento de outros uma teoria curricular pressupõe que o currículo é sempre resultado de uma seleção que deve justificar a escolha dos conhecimentos selecionados à luz de uma questão principal "- Qual conhecimento deve ser ensinado?" (SILVA, 2014, p. 14).

Este questionamento anuncia a compreensão de que este conhecimento a ser ensinado deveria ser ou o que ele deveria se tornar; a ação de selecionar é uma maneira de poder. Logo, as teorias do currículo estão situadas na seara epistemológica social, no centro de um território contestado, e que elucidam de modo direto ou indiretamente o desenvolvimento de critérios para a seleção daquilo que deve ser ensinado nos distintos contextos educacionais. Para Silva (2014), as teorias foram organizadas em três grandes grupos: teorias tradicionais, críticas e pós-críticas. Vejamos a figura 08.

Figura 8 – Palavras-chave acerca das teorias curriculares.



Fonte: SILVA, Tomaz Tadeu da. Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Essa organização e modos de sistematizar a realidade e as representações relacionadas às teorias acima expõem, a princípio, o currículo com foco nos aspectos meramente pedagógicos de ensino e aprendizagem, mas, com o surgimento das teorias críticas, esse foco se deslocou para as questões de ideologia e poder, como mencionou Silva (2014), em suas análises sobre a temática.

As palavras-chave dessas teorias são importantes para observarmos as mudanças na teorização do currículo, embora entendamos que muitas vezes não configura uma evolução, pois compreendemos como que o debate curricular está além da dicotomização entre uma ou outra corrente teórica, mas permeia ambas as teorias e algumas pesquisas dialogam com autores de diferentes teorizações curriculares, apostando em um hibridismo teórico, e articulação entre contribuições dessas teorias. Assim, são inerentes o movimento e a contradição, embora as características mais fortes ou radicais destas épocas possam ser evidenciadas, e mesmo que apareçam em outras, não constituem uma força dominante.

Assim, as abordagens de currículo vivenciadas na escola, da tradicional, na escolanovista e na escola tecnicista, que não se fundamentam implícita ou explicitamente em teorias empiricamente validadas, mas numa prática educativa, incluiram tendências e manifestações diversas e tiveram na pauta das discussões acerca da constituição do currículo, bem como o currículo oculto que existe de modo marcante no cotidiano dos processos educativos e "[...] é constituído por aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazerem parte do currículo oficial, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes". (SILVA, 2014, p. 78). Isto é, o currículo oculto é caracterizado pelas ações implícitas que permeiam as instituições escolares. Essas ações encontram-se, não de maneira planejada, ou organizadas.

Assim como as perspectivas curriculares tradicionais e críticas, no entanto, foram questionadas, o currículo pós-crítico também passou por críticas, dentre as quais destacam o ecletismo da essência dessa tendência curricular, uma vez que tudo é válido, tudo deve ser incorporado e incluído, - posição que prepondera nos discursos de alguns curriculariastas pós-críticos, ou, ainda, tudo é líquido[42], não há certeza no conhecimento para além do subjetivo, tudo é uma criação/invenção dos sujeitos.

[42]A expressão modernidade líquida foi constituído por Zygmunt Bauman, sociólogo, professor emérito das universidades de Leeds (Inglaterra) e Varsóvia (Polônia). Morreu em 9 de janeiro de 2017 (91 anos) em Leeds, Inglaterra. Modernidade líquida é o conceito central do pensamento do autor. A "modernidade líquida" seria o momento histórico que vivemos atualmente, em que as instituições, as ideias e as relações estabelecidas entre as pessoas se transformam de maneira muito rápida e imprevisível. Para Bauman tudo é temporário, a modernidade, tal como os líquidos, caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. De acordo com ele não há pós-modernidade, no sentido de ruptura ou superação, mas sim uma continuação da modernidade, o núcleo capitalista se mantém, com uma lógica diferente. A fixidez da época anterior é substituída pela volatilidade, sob o domínio do imediato, do individualismo e do consumo. Ver BAUMAN, Zygmunt – **Modernidade Líquida** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

Sobre o termo pós-crítico, Appadurai (2001) cita que a expressão teorias pós-críticas é uma dicção vaga e imprecisa que tenta dar conta de um conjunto de teorias que problematizam essa realidade pós-moderna: panorama de fluidas, irregulares e subjetivas paisagens, sejam elas étnicas, midiáticas, tecnológicas, financeiras ou ideológicas.

No nosso entendimento, toda estrutura curricular carrega consigo uma elaboração social historicizada, com interesses conflituosos que, conforme apontou Pacheco (2006), reflete as relações escola/sociedade e interesses individuais/coletivos, político e ideológicos, cujas regras, nem sempre, são visíveis, principalmente nos conflitos das reformas educativas. Portanto, o currículo prescrito expressa um território de interpretação de práticas diversas que não se referem apenas aos processos pedagógicos, mas também ás relações de poder que defendem os atos de ensinar e aprender.

Como anunciou o Poeta pernambucano, "*tecendo entre todos os galos*", tecemos a partir dos férteis escritos na área do currículo para apreender o lugar do ensino de História na formação do enfermeiro, entretanto, nos apoiamos no referencial teórico-filosófico de análise, vinculado às preposições da História do Currículo, no conceito de currículo prescrito, segundo Goodson, para quem os estudos sócio-históricos do currículo aprovam a análise das circunstâncias em que foram constituídas, negociadas e reconstituídas determinadas realidades curriculares, assim como o emaranhado de fios que se juntam numa trama curricular.

4.2.2 Tessituras do currículo em Enfermagem: trilhas da formação

Na discussão e análise referentes ao currículo, na subseção anterior, se fez necessário uma passagem pelas concepções de currículo que demarcaram temporalidades distintas sobre os estudos do currículo e sua teorização como um modo de caracterizar as nuanças epistemológicas que suplantam tais concepções, bem como assumir um posicionamento e o entendimento para este estudo de tese.

Nessa subseção, procuramos analisar as propostas de currículo para a formação do enfermeiro com escopo nas primeiras escolas de Enfermagem e a legislação que influenciou as mudanças curriculares, uma vez que os processos curriculares em sua amplitude, nas mais variadas dimensões de realização, recebem as influências e determinações da legislação vigente em cada contexto.

Importa ressaltar o fato de que a Enfermagem acompanha a trajetória humana. Na acepção de Geovanini (2005), a Enfermagem é tão antiga quanto a humanidade, porque é inerente à sobrevivência humana. Essa afirmação, no entanto, se aplica para a Enfermagem pensada como cuidado e não como profissão do e para o cuidado institucionalizado. Lembrando Boff (1999), cuidado sempre existiu, desde o início da espécie humana da Terra.

Considerando nosso entendimento de currículo posto nas considerações há pouco realizadas, recordamos que o currículo com seus condicionantes sociopolítico e culturais, explícitos ou não, determinam as variadas concepções de homem e de sociedade, com implicações no tipo de ensino que se promove. Discorrer sobre o lugar da História da Enfermagem ensinada nos remete, portanto, a apreender o surgimento da Enfermagem como profissão, as escolas de formação desse profissional, os manuais utilizados, os currículos e como a História nele se insere. É esse debate que fazemos nessa subseção.

Como sabemos, Florence Nightingale é considerada a fundadora da Enfermagem moderna em todo o mundo, obtendo projeção maior desde sua participação como voluntária na Guerra da Crimeia (1853-1856)[43] e, após esse trabalho, a criação da primeira escola de Enfermagem, por ela, em Londres, em 1860.

Para o entendimento das tessituras do currículo em Enfermagem, ressaltamos o estudo de Almerinda Moreira (2007), que, ao discutir o início da profissionalização da Enfermagem, aborda a trajetória da constituição da formação, em vários países. A autora mostra os primeiros manuais utilizados pelas escolas de Enfermagem, o que, em certa medida, nos ajuda a pensar sobre a idealização das primeiras orientações curriculares para a formação desse profissional e que influenciou a Enfermagem no Brasil. A seguir, podemos observar o quadro 15.

[43]Florence Nightingale atuou como voluntária na Guerra da Criméia, em 1854 juntamente com 38 mulheres, irmãs anglicanas e católicas. Organizou um hospital de 4000 soldados internos, baixando a mortalidade local de 40% para 2%. Recebeu um prêmio do governo inglês por este trabalho e com ele fundou a primeira Escola de Enfermagem no Hospital St. Thomas - Londres, em 24/06/1860. Ver Nash R. **Um esboço da vida de Florence Nightingale**. Rio de Janeiro (RJ): EEAN/UFRJ; 1980.

Quadro 15 – Quadro sinótico da profissionalização da Enfermagem em vários países 1860-1897.

(Continua)

País / Marcos	Reino Unido	Estados Unidos	França	Portugal	Espanha	Argentina	Taiwan
Ano de criação	1860	1798	1878	1881	1833/1896	1886 oficializada em 1891	1897
Nome da escola ou curso	Escolas de Enfermeiras do Hospital Saint Thomas	Cursos para enfermeiras no Hospital Bellevue, em Nova York	Escola de enfermeiros de Salpêtrière, Bicêtre, Pitiê e Lariboisière	Escola profissional de enfermeiros	Curso de treinamento para noviços, da ordem de São João e Deus/Escola de Enfermeiras Santa Isabel de Hungria	Escola Municipal de Assistência Pública	Cursos de treinamento para enfermeiras do Hospital Taipé
Circunstância especial	Pós-guerra	Epidemia de cólera e falta de pessoal qualificado	Medicalização dos hospitais e laicização da enfermagem	Necessidade de auxílios para os médicos	Medicalização dos hospitais e laicização da enfermagem	Epidemia de cólera	Mudança de governo por colonizadores
Precursores	Mary Robsion, Florence Nightingale, Willian Rathbone	Valentine Seaman, médico	Desiré Magloire Bournevile, médico	Augusto costa Simões, médico	Rubio Gale, médico	Cecília Grierson, médica	James L. Maxwell, médico
Critérios de seleção para ingresso	Moças de classe e moral elevadas	O curso aceitava qualquer pessoa, em especial a que já trabalhava em hospitais, assim como voluntárias, mãe e viúvas.	Origem modesta, submissão ao médico, casada, educação primária, devotamento e limpeza, 18 a 25 anos, exame médico e demoralidade	Noções de instrução primária	Saber ler e escrever	Moças de classe e moral elevadas	Informações não precisas
Modelo de ensino	Nigthingaleno	Médico	Médico	Médico	Monástico e médico	Nigthingaleno	Médico japonês

(Conclusão)

Sexo dos alunos	Feminino	Masculino e feminino	Masculino e feminino, de preferência	Masculino e feminino	Masculino e feminino	Feminino	Feminino
Manual utilizado	Notes on nursing, de Florence (1859) e REd Handbook (1885).	The nurse guide do Dr. Joseph Warrington (1839)	Manuel Pratique de lagarde-malade et de l'infirmière, do dr.Bournevile (1878)	Manuel Pratique de lagarde-malade et de l'infirmière, do Dr. Bournevile (1878) e outros portugueses	El arte de enfermeria, de José Bueno y Gonzales (1833)	Guia de enfermeiras e de educação técnica e doméstica, de Cecília Grieerson (s/d)	Os princípios e práticas da enfermagem, do Dr. Gushe Taylor (1917)

Fonte: MOREIRA, Almerinda. Movimentos de Profissionalização da Enfermagem. In: OGUISSO, Taka (Org.) **Trajetória histórica e legal da Enfermagem**. 2. ed. amp. – Baueri, SP. Manole, 2007.

Com base no quadro 15 constatamos que o início da trajetória da profissionalização da Enfermagem está quase sempre associada a grandes calamidades, sejam elas de ordem bélica, de cunho epidêmico e ou filantrópico. Em sua maioria, também respondiam a necessidade de auxiliar médicos no cuidado dos doentes, feridos acometidos pelas fatalidades, bem como a falta de pessoal treinado nos hospitais para cuidar dos doentes. Desse inicio se detecta a necessidade de [...] "adoção de um ensino sistematizado para o preparo dos enfermeiros, quando se seguia ou não o modelo nightingaleano". (MOREIRA, 2007, p. 125).

Assim, as primeiras escolas se iniciam no próprio espaço hospitalar e os cursos ministrados em sua maioria por médicos produziam um aprendizado eminentemente prático. Corroborando Goodson, 2013; Pacheco, 2005; Silva, 2000 de que o currículo existe independentemente da existência de um documento formal, depreendemos com isso que o enfermeiro que se almejava formar/treinar nos primórdios tratava-se de uma pessoa leiga e, de preferência do sexo feminino, com instrução elementar, "mas com ensino teórico-prático ministrado por médicos, a quem deveria ser leal, dócil, devotada e submissa". (MOREIRA, 2007, p. 126). Podemos inferir que, para a exigência de instrução elementar, os aspectos teóricos exigidos também eram básicos. Lembramos, ainda, que, por esta época, segunda metade do século XIX, a educação ou formação da mulher era praticamente doméstica ou relacionada à aprendizagem das primeiras letras, o que significa dizer que não havia outros papéis para exercer fora do âmbito doméstico e a Enfermagem era uma possibilidade que surgia para a atuação feminina fora do lar.

No Brasil, no início da profissionalização em Enfermagem, foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, conforme o Decreto Federal n° 791, de 27 de setembro de 1890, do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Em 1988, esta escola passou a ser denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto[44] e integrar a unidade do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde-CCBS da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO; e a Escola Ana Nery que iniciou seus cursos em 19 de fevereiro de 1923,

A Escola de Enfermagem Ana Nery surgiu no contexto do movimento sanitarista brasileiro no primeiro quartel do século XX, tendo sido criada pelo Decreto nº 16.300, de 31 de dezembro de 1923, como Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública-DNSP, dirigido por Carlos Chagas. Nesse período, foram encaminhadas enfermeiras da Fundação Rockfeller[45] ao Brasil pelo governo dos Estados Unidos, em concordância com o governo brasileiro, para adaptação ao modelo nightingaleano. Sob a coordenação do grupo, veio a enfermeira Ethel Parsons[46] para desenvolver o curso para formação de enfermeiras. Posteriormente, foi denominada Escola de Enfermeiras D. Ana Néri, pelo Decreto nº 17.268, de 31 de março de 1926, implantando a carreira de Enfermagem, modelo “Nightingale”, em nível nacional. Foi incorporada à Universidade do Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, pela Lei nº 452, de 05 de julho de 1937. Foi incluída entre os estabelecimentos de Ensino Superior da UFRJ pela Lei nº 8.393 de 17 de dezembro de 1945, integrando o Centro de Ciências da Saúde desta Universidade de acordo com o Plano de Reestruturação aprovado pelo Decreto nº 60.455-A, de 13 de março de 1967.

---

[44] Durante a sua trajetória recebeu algumas denominações: Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1890); Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto (1943);Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1944);Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (1969);Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (1975); Curso de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade do Rio de Janeiro (1979); Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade do Rio de Janeiro (1988).

[45]Fundação Rockefeller é uma fundação criada em 1913 nos Estados Unidos da América, que define sua missão como sendo a de promover, no Exterior, o estímulo à saúde pública, o ensino, a pesquisa e a filantropia. É caracterizada como associação beneficente e não governamental, que utiliza recursos próprios para realizar suas ações em vários países, principalmente os subdesenvolvidos.
Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_Rockefeller. Acesso em 17 de novembro de 2017.

[46]EthelParsons era enfermeira-chefe da Divisão de Higiene Infantil e Enfermagem de Saúde Pública do Texas e foi convidada para chefiar uma missão de enfermeiras que viria para o Brasil para organizar uma escola e implantar um serviço de enfermeiras de saúde pública no Brasil. EthelParsons e Carlos Chagas elaboraram divulgaram um panfleto, ainda em 1921, intitulado "A enfermeira moderna - apelo às moças brasileiras". Esse documento demarca a emergência e o anúncio público de um novo modelo de enfermeira, a enfermeira moderna, que seria implantado com o apoio e a colaboração do Estado nacional.

Com estas duas primeiras escolas de Enfermagem brasileiras no Rio de Janeiro, e depois no Estado de São Paulo, com a Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP), que iniciou suas atividades em 1º de março de 1939, e visava a institucionalizar a ideia do ensino que já vinha sendo implementada com a Escola de Enfermagem Ana Nery, na capital federal, Rio de Janeiro, que passou a ser "o padrão de referência para a implantação do ensino de enfermagem no Brasil de 1931 até 1949" (SILVA; GALLIAN, 2009, p.318), surgiram os primeiros currículos para a formação da enfermeira, tendo em vista o profissional que se almejava formar para o contexto social, político, econômico e cultural em que as escolas estavam inseridas.

Importa lembrar que, na política externa, a deflagração da Primeira Guerra Mundial, de 1914 e 1918, e a Revolução Comunista, em 1917, constituíram acontecimentos expressivos com repercussões nos meios social e econômico, afetando as relações de trabalho que intensificaram os movimentos sociais ante o surgimento do processo de industrialização no País. No setor sanitário tiveram início as campanhas de higienização e vacinação, levando a uma política de urbanização e busca da melhoria das condições de vida da população nas grandes cidades, principalmente. Culturalmente, movimentos liderados por intelectuais e artistas, em defesa da arte e da cultura nacionais, levaram à organização da Semana de Arte Moderna, em 1922 (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2006). No Ceará, surgiu em 1892 a Padaria Espiritual, movimento literário modernista que reuniu escritores, pintores e músicos e que antecedeu em muitos anos a Semana de Arte Moderna.

A historiografia da Enfermagem situa o ano de 1922 como o marco inicial da Enfermagem moderna brasileira, ano em que foi criada a Escola de Enfermagem Anna Nery[47], tendo iniciado seu funcionamento em 1923 e coloca ainda que o primeiro currículo tinha o objetivo de formar enfermeiras de saúde pública. Germano (2003) alude que a maior parte das disciplinas centrava-se na área preventiva e aponta a exigência de as alunas cumprirem oito horas diárias de trabalho dentro dos hospitais, provavelmente pela carência de profissionais na área, sendo que, mesmo diante desses fatos, os serviços de saúde pública absorviam seguidamente as enfermeiras

[47]Existe uma flutuação em textos biográficos e outros documentos. Encontramos grafados como "Ana Nery", "Anna Nery" e "Ana Néri", contudo, pesquisadores da história da Enfermagem já triangularam os documentos, registro de batismo e óbito e uma ata extraordinária da Câmara Municipal de Salvador e analisaram nos aspectos legais do Direito Canônico e o Acordo Ortográfico Brasil-Portugal de 1943. Os resultados evidenciaram, pela ortografia, como sendo Anna Justina Ferreira Nery. Aqui serão reproduzidas as grafias de acordo com as fontes consultadas para o nosso estudo. Ver: Porto F, Oguisso T. Nome da "Mãe dos Brasileiros". Enfermagem em Foco. 2 (supl):77-80. 2011.

logo após a conclusão do curso. Outros estudos, entretanto, como o de Maria Lucia Frizon Rizzotto repensam essa concepção acerca do primeiro currículo ministrado na Escola de Enfermagem Ana Nery e apontando que não era preparado profissional para o trabalho em saúde pública, mas enfatizado um ensino organicista e individualista, baseado no modelo biomédico e centrado no espaço hospitalar. A autora assevera que

> Os registros históricos da Escola de Enfermeira do DNSP, hoje denominada de Escola de Enfermagem Anna Nery, reforçam a interpretação de que a enfermagem brasileira não priorizou a saúde pública, ao contrário do que as versões históricas predominantes nos fizeram crer. Os seus primeiros programas confirmam que a formação das enfermeiras, desde a sua origem, esteve centrada no espaço hospitalar e no estudo sistemático de doenças. As enfermeiras não eram, portanto, preparadas para atuarem no campo da saúde pública, na atenção primária e na prevenção, mas, para serem coadjuvantes da prática médica hospitalar que privilegiava uma ação curativa. (RIZZOTTO, 2006, p.2).

No nosso entendimento, os estudos de Germano (2003) e de Rizzzotto (2006) revelam o quanto o currículo é um tema controverso, contudo defendemos o ponto de vista de que o primeiro currículo para a formação da enfermeira no Brasil no contexto da Escola de Enfermagem Anna Nery nasceu com uma indicação do papel da enfermeira com escopo nas demandas da sociedade da época e o do poder da ação governamental.

Considerando que [...] “o currículo não é neutro, nem universal e nem imóvel, mas conflituoso a respeito de quais decisões se tomam, assim, são feitas opções e se age de acordo com as orientações que não as únicas possíveis”. (SACRISTÁN, 2013, p. 23).

As indicações da primeira escola de Enfermagem estão dispostas nos oito artigos que compõem o Decreto Federal n° 791, de 27 de setembro de 1890. Importa lembrar o que alude o segundo artigo, ao mencionar o que deve ser ensinado:

> Art. 2º O curso constará:
> 1°, de noções práticas de propedêutica clínica;
> 2°, de noções geraes de anatomia, physiologia, hygiene hospitalar, curativos, pequena cirurgia, cuidados especiaes a certas categorias de enfermos e applicaçoesbalneotherapicas;
> 3°, de administração interna e escripturação do serviço sanitário e econômico das enfermarias.

Depreendemos com suporte do Decreto 791/1890 que a sociedade da época demandava enfermeiros e o primeiro curso de formação de enfermeiros indicava uma formação para o cuidado centrado no saber-fazer e voltado para o sexo feminino. Outro aspecto a considerar é o terceiro artigo do Decreto 791/1890 que assim assinala.

> Art. 3° os cursos theóricos se effectuarão três vezes por semana, em seguida a visita as enfermarias, e serão dirigidos pelos internos e inspectoras, sob fiscalização do médico e superintendência do diretor geral.

As indicações do artigo terceiro do Decreto 791/1890 revelam que devia existir um ensino teórico, entendemos, sem aprofundamentos, e uma aplicação na prática profissional do aprendizado, modelo este praticado na época pelas escolas francesas de Medicina. Assim, podemos apreender que o início do ensino da Enfermagem no Brasil teve escopo na separação entre teoria e prática. Tendo em vista a indicação metodológica prevista no referido decreto, os conteúdos eram determinados pelo fazer prático e técnico.

O Decreto Federal n° 791, de 27 de setembro de 1890, evidencia a justificativa para a criação da primeira escola de Enfermagem no Brasil e se apóia no contingente feminino, seja da mulher na condição de necessitada, quando menciona o [...] "*recebimento de outras necessitadas, ou se unem por casamentos desiguaes que quase nunca a mutua afeição determina, pelo que se constituem novas fontes de gerações infelizes, que voltam mais tarde aos pontos de agazalho dos seus progenitores*" (BRASIL, 1890); referindo-se as mulheres que precisam de filantropia ou da mulher como ideal para exercer a prática do cuidado, conforme descrito no referido decreto.

> A escola de enfermeiras, pois, que o decreto que vos offereço tende a crear, abre, me parece, um campo vastíssimo á actividade da mulher, onde, por sua delicadeza de sentimentos e apuro de carinhos, não terá competidores, quer junto aos leitos dos enfermos hospitalares, quer nas casas particulares onde serão o complemento do médico (BRASIL,1890).

Ainda de acordo com o Decreto Federal n° 791, de 27 de setembro de 1890, o currículo do curso estava voltado para a assistência hospitalar, e, apesar do anseio governamental com as políticas de saúde pública para a contenção das epidemias naquele período, a formação profissional foi traçada pelas necessidades de amparo

ao paciente psiquiátrico, uma vez que a escola foi instalada em uma instituição que prestava esse tipo atendimento. Na análise de Kletemberg e Siqueira (2003, p, 65), a criação do referido hospital “[...] se deveu às articulações políticas, às recomendações médicas, bem como ao apoio da população, que pressionava pela retirada dos alienados e mendigos dos centros urbanos”. O surgimento da primeira Escola de Enfermagem nessa instituição hospitalar, no entanto, foi resultante da crise que se instalou entre médicos e irmãs de caridade, que fizeram com que esta congregação deixasse o hospital. Assim, com a saída das religiosas e a falta de mão de obra para assumir os trabalhos de cuidado aos doentes, principalmente, foi vislumbrada a possibilidade de se solucionar o problema, com a criação de uma escola para preparar o pessoal de Enfermagem para o Hospital Nacional de Alienados e os hospitais civis e militares do Rio de Janeiro (MOREIRA, 2002).

A busca por uma profissionalização da Enfermagem no Brasil contou com algumas ações de formalização do ensino, no esteio da primeira escola. Os estudos desenvolvidos por Carlos et alii; (2014), Nóbrega-Therrien et al (2008), evidenciaram experiências de escolas que foram criadas no intuito de institucionalização do ensino de Enfermagem Moderna no Brasil, tomando como referência, no caso, a criação e o funcionamento da Escola de Enfermagem Ana Nery –EEAN que ocorreu somente 32 anos após a criação da primeira Escola em 1890. Essas iniciativas de criação de escolas de Enfermagem estavam assinaladas em aspectos morais e sociais. Inicialmente, se dedicaram à formação feminina e buscavam atribuir à Enfermagem a autoridade de profissão, tendo em vista [...] “uma formação sistemática, prática e científica. Desejavam, portanto, converterem-se em atrativo à profissionalização feminina formando enfermeira para os serviços de saúde”. (CARLOS et al, 2014, p. 329).

Até o final dos anos de 1920, os decretos direcionavam a regulação da profissão no Brasil. Nos anos de 1930, a legislação se voltou para o exercício da profissão por meio do Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, assinado por Getúlio Vargas e Francisco Campo, que regulou o exercício da enfermagem no Brasil e fixou as condições para a equiparação das escolas de Enfermagem. Mencionado disposto legal foi justificado por meio de três considerandos, a saber:

> Considerando que a enfermagem é uma das mais nobres profissões às quais possa aspirar à atividade humana;

> Considerando que os seus benefícios resultam não só dos cuidados ministrados aos doentes em domicílio ou nos hospitais, mas também da ação preventiva conjuntamente exercida pela enfermeira de saúde pública;
> Considerando que, para o exercício dessa profissão, se vai exigindo nos povos mais adiantados um preparo técnico cada vez mais desenvolvido, outorgando-se mesmo às escolas que administram esse preparo as regalias de escolas superiores. (BRASIL, 1931).[48]

O decreto estabeleceu a Enfermagem como nobre profissão, bem como o interesse com a saúde pública, por meio da prevenção e atendimento em domicílios, conforme o que se percebe, além de sua assistência no hospital; no entanto, mostrou "[...] o antagonismo que permeou a instituição da enfermagem como profissão, já que o currículo da Escola Anna Nery era direcionado para o cuidado hospitalar". (KLETEMBERG, et al, 2010, p. 29). Entende-se, também, que esta posição da escola se ancorava no fato de que, a época a saúde pública não se encontrava estruturada e se concentrava mais nas campanhas vacinais que ainda eram realizadas em domicilio. Enquanto isso, os hospitais eram *lócus* permanentes e em ascensão requisitando toda a mão de obra de Enfermagem que era escassa nesse período.

Essas mudanças previstas no Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, foram constituídas com o trabalho das enfermeiras estadunidenses à frente da EEAN. O reconhecimento previsto no decreto da formação de Enfermagem no nível superior despontou o prestígio que a categoria captava nessa época no poder governamental, uma vez que a formação em nível superior nesse período estava restrita a reduzido número de profissões, a exemplo dos cursos de Medicina e Direito. E, no decreto, foi assinalada como um privilégio, no caso, que lhe era concedido.

Composto de oito artigos e sete parágrafos, o Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, tinha como cerne a oficialização do ensino de Enfermagem em nível superior e a constituição da escola-padrão, anteriormente assinalada, determinando o controle do ensino para as enfermeiras ianques fundadoras da Escola Ana Nery. Após o decreto, se passou a utilizar a expressão "enfermeira padrão" ou "enfermeira alto padrão", referindo-se ao padrão Ana Nery de formação de enfermeiras brasileiras e que se diferenciava dos demais cursos existentes e denominações outras, já que praticamente se atribuía o nome de enfermeira, a atendentes e auxiliares e a qualquer

[48]http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20109-15-junho-1931-544273-publicacaooriginal-83805-pe.html. Consulta em 14 de dezembro de 2017.

pessoa do sexo feminino que usasse branco e atendesse nos hospitais (NOBREGA-THERRIEN; ALMEIDA, 2007). O Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, determinou quem podia usar o termo enfermeira, os critérios de equiparação das escolas e a formação das bancas examinadoras para a condução do processo de equiparação à escola oficial-padrão.

Os procedimentos para a equiparação das escolas de Enfermagem no Brasil foram descritos em quatro artigos do referido decreto, a partir do artigo 4º, a saber:

> Art. 4º As escolas de enfermagem oficiais ou particulares que desejarem a equiparação deverão solicitá-la ao Ministério da Educação e Saúde Pública, descrevendo em detalhe a organização dos cursos, as instalações materiais e composição e títulos do professorado, enviando exemplares dos seus estatutos, regulamentos e regimento internos.
> § 1º Por indicação da diretoria da Escola de Enfermeiras Anna Nery, será designada, pelo ministro da Educação e Saúde Pública para a inspeção da escola que desejar a equiparação, uma enfermeira diplomada com prática de ensino e administração de escolas de enfermeiras, à qual serão entregues os documentos juntos ao requerimento de equiparação.
> § 2º A inspeção da escola só será levada a efeito após ter a mesma completado dois anos de funcionamento.
> Art. 5º O relatório da inspetoria será submetido à aprovação de um conselho constituído da mesma forma que a banca examinadora referida no art. 3º.
> § 1º O conselho poderá proceder a sindicâncias no intuito de completar as informações trazidas no relatório, e por sua vez submeterá o seu parecer ao diretor geral do Departamento Nacional de Saúde Pública.
> § 2º Após aprovação de parecer favorável pelo ministro da Educação e Saúde Pública, será lavrado o decreto de equiparação.

Para a equiparação, as escolas de Enfermagem necessitavam das instalações físicas, do estatuto, regulamento e constituição do corpo docente, o que consistia um desafio, haja vista o panorama de escassez vivenciado e que nem sempre com dois anos de funcionamento, prazo mínimo para solicitação da equiparação, era possível atender as exigências necessárias. Os Artigos 6º e 7º registram:

> Art. 6º Por sugestão do Departamento Nacional de Saúde Pública, o ministro da Educação e Saúde Pública poderá mandar renovar, quando julgar necessário, a inspeção da escola equiparada, pelo mesmo processo dos artigos anteriores.
> Parágrafo único. Conforme os resultados da inspeção referida, submetidos às autoridades superiores, a equiparação poderá ser cassada, e, neste caso, não poderá se renovado o pedido de inspeção antes de decorridos cinco anos.
> Art. 7º São requisitos básicos para a equiparação:
> a) disporem as escolas candidatas à mesma de uma organização moldada na escola oficial padrão, especialmente no que diz respeito: à direção que será sempre confiada a uma enfermeira diplomada, com curso de aperfeiçoamento e experiência de ensino e administração em institutos

> similares; às condições para admissão de alunos; à duração do curso; à organização do programa desse curso;
> b) disporem de hospital em que possa ser dada instrução prática de enfermagem, e inclua serviços de cirurgia, medicina geral, obstetrícia, doenças contagiosas e de crianças, com o mínimo de 100 leitos, adequadamente distribuídos pelos serviços mencionados, sendo a teoria e prática de enfermagem sempre dirigidas por enfermeiras diplomadas e por um prazo de tempo igual ao da escola padrão.
> Parágrafo único. Será facultado às escolas, no caso do hospital não possuir todos os serviços acima enumerados, enviar as suas alunas a outros hospitais que estejam nas mesmas condições relativas ao ensino da teoria e prática de enfermagem.

Dessa maneira, nos quatro artigos descritos, estão as determinações que as escolas deviam seguir para conseguir a equiparação à EEAN. Há de se considerar que, na época, o número de escolas era incipiente e estas, para seguirem o modelo exigido, tinham a necessidade de cumprir os prerrequisitos, conforme determinava o decreto, e no caso, também para que as alunas recebessem o título de enfermeira.

Na constituição das três primeiras escolas de Enfermagem no Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará, é possível visualizar no quadro 16 as escolas de Enfermagem no Nordeste, por data de criação.

Quadro 16 - Primeiras escolas de Enfermagem no Nordeste, no período de 1943 a 1975.

(Continua)

INSTITUIÇÃO	ANO E LOCAL	ADMINISTRAÇÃO
Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo	1943 - Fortaleza/CE	Católica
Escola de Enfermagem Nossa Senhora das Graças	1945- Recife/PE	Católica
Escola de Enfermagem da Bahia	1946 - Salvador/BA	Pública Federal
Escola de Enfermagemdo Recife	1947 - Recife/PE	Pública Estadual
Escola de Enfermagem São Francisco de Assis	1948 - São Luiz/MA	Católica
Escola de Enfermagem da Universidade da Paraíba	1954- João Pessoa/PB	Pública Federal
Escola de Enfermagem Santa Emília de Rodat	1957- João Pessoa/PB	Católica
Escola de Enfermagem de Mossoró	1968- Mossoró/RN	Pública Municipal
Curso de graduação em Enfermagem	1973 - Natal/RN	Pública Federal

(Conclusão)

Curso de graduação em Enfermagem	1973 - Maceió/AL	Pública Federal
Curso de graduação em Enfermagem	1973 - Teresina/PI	Pública Federal
Curso de graduação em Enfermagem	1975 - Aracajú/SE	Pública Federal

Fonte: Carlos et AL. **Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro** (1943-1975). Ver **Rene**.mar-abr; 15(2): 326-33.2014.

No quadro 14 é possível, observar um espaçamento temporal de mais de duas décadas entre a criação da EEAN e a instituição da EESVP. Observa-se, ainda, a existência de grupos religiosos à frente no início da criação das escolas e que somente na metade dos anos de 1970, todos os estados no Nordeste brasileiro tiveram em seus territórios, pelo menos, uma escola de Enfermagem por iniciativa do poder público federal ou estadual. Isso se explica após a promulgação da Reforma Universitária - Lei nº 5.540/68[49] - que fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola médica. Foi sancionada no governo do Presidente Costa e Silva (1964-1969) e composta por 59 artigos entre estes alguns vetados, haja vista o período da ditadura civil militar. Vale registrar, no entanto, o oitavo artigo que definiu:

> Art. 8º Os estabelecimentos isolados de ensino superior deverão, sempre que possível incorporar-se a universidades ou congregar-se com estabelecimentos isolados da mesma localidade ou de localidades próximas, constituindo, neste último caso, federações de escolas, regidas por uma administração superior e com regimento unificado que lhes permita adotar critérios comuns de organização e funcionamento(Reforma Universitária Lei nº 5.540/68).

É possível observar o pioneirismo da EESVP no Nordeste, cujo Curso de Enfermagem no decurso de 75 anos de sua existência vivenciou três momentos distintos, identificados da seguinte maneira:

> [...] o primeiro, com o ensino na Escola enquanto unidade isolada que vai de 1943-1955; o segundo, quando a Escola passa a ser uma instituição agregada a Universidade Federal do Ceará que compreende os anos de 1956 a 1975 e finalmente o terceiro período de 1976 a 1979, quando ela se une a outras faculdades isoladas e passa a ser anexada a UECE. (NÓBREGA-THERRIEN, MENDES, ALMEIDA, 2014, p. 305).

[49]**Diário Oficial da União** - Seção 1 - 29/11/1968, Página 10369.
Site:http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-35920 publicacaooriginal1 pl.html. Acesso em 24/11/2017.

Frazão (1973) menciona que a EESVP adquiriu personalidade jurídica no ano de 1943 pelo Decreto 133/43, e, após três anos, em 1946, reconhecida como de utilidade pública, mediante o Decreto-Lei 1.577/46. Conforme o documento, Processo nº 23001.000363/88-09 MEC/CFE, que trata do reconhecimento da licenciatura do curso de Enfermagem na UECE, é assinalado que nesse período a EESVP

> [...] contava, então, o curso de Enfermagem, com 17 alunas, e, por doação da Província Brasileira das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, a Escola teve o prédio próprio a Avenida Imperador, 1.387, com 6 salas de aula e as dependências para o internato das alunas. Assim estruturada e já em funcionamento a Escola requereu a inspeção regular ao antigo Ministério da Educação e Saúde.

A leitura do processo indica que as irmãs, tendo a matrícula organizada e local adequado para funcionamento do curso, tiveram segurança para requerer uma inspeção. Nas fotos a seguir, o registro do prédio da Escola em dois momentos.

Imagem 1-Prédio da EESVP. 1945.



Fonte: Acervo NUDIMHEn.

A foto 01 mostra a fachada original do prédio com dois pisos e janelões, que são demonstrativos da concepção arquitetônica da época. Na imagem é possível observar janelas nas laterais nos dois pisos do prédio, espaços com árvores frondosas e a rua sem pavimentação. As pessoas na foto estão centralizadas na frente do prédio e organizadas simetricamente, indicando o estilo hierárquico registrado em fotos que

colocam no centro a pessoa de maior hierarquia do grupo seja o pai, a diretora, o padre, de acordo os fotografados. Assim, é possível observar 17 mulheres, sete Filhas da Caridade e 12 moças de vestes brancas, possivelmente, as alunas da Escola, distribuídas a partir da religiosa, de maior hierarquia no grupo, posicionada no centro, com três religiosas, seguidas de seis moças com suas vestes brancas de cada lado.

Em uma foto de temporalidade mais recente (s/d), é possível observar o prédio cercado de árvores e com a rua pavimentada.

Imagem 2- Imóvel pertencente à Congregação das Irmãs de Caridade, onde funcionou a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos[50] s.d.

No ano de 1946, a EESVP foi equiparada á Escola Ana Nery, de acordo com Decreto n° 21.855 - DOU 26/09/46, exposto a seguir.

> DECRETO Nº 21.855, DE 26 DE SETEMBRO DE 1946.
>
> Concede equiparação à Escola de Enfermagem "São Vicente de Paulo".
> O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, número I, da Constituição, Decreta:
>
> Art. 1º Fica concedida equiparação à Escola de Enfermagem "São Vicente de Paulo", com sede em Fortaleza, no Estado do Ceará, para que goze de todos os direitos, vantagens e prerrogativas outorgados pela lei.
> Art. 2º Êste decreto entra em vigor na data de sua publicação.
>
> Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.
>
> Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1946; 125º da Independência e 58º da República.

[50]Professor do ProPgeo- Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE.

Eurico G. Dutra
Ernesto de Souza Campos[51]

A equiparação da EESVP provocou um alinhamento com o currículo da Escola Ana Nery, haja vista que, entre os prerrequisitos, deviam ser observados "[...] a duração do curso; a organização do programa desse curso" *(*Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931).

Em 1931, houve a instalação do Ministério de Educação e Saúde, que teve como meta resolver a problemática educacional, cultural e de saúde da população. As décadas compreendidas dos anos de 1930 a 1960 foram assinaladas por extensas transformações no panorama nacional, que marcaram início com o período do Governo Vargas (1934-1937), seguido da queda do Estado Novo, do retorno ao Estado Democrático e da volta de Vargas ao poder, em 1950; e em 1955, a ascensão de Juscelino Kubitschek ao governo, empreendendo no panorama econômico a integração do sistema capitalista ocidental que influenciou no contexto da educação.

Assim, uma das principais mudanças administrativas na esfera federal foi a separação dos Ministérios da Saúde, da Educação e Cultura, permanecendo o Curso de Enfermagem subordinado ao Ministério da Saúde, pelo Decreto nº 1.920, de 25 de julho de 1953, que assim estabelecia: "Art. 1º É criado o Ministério da Saúde, ao qual ficarão afetos os problemas atinentes à saúde humana."[52]

A legislação sobre o ensino de Enfermagem desde a criação da Escola Ana Nery, compreendendo os currículos de 1923, 1949, 1962 e 1972, revelam que a formação do enfermeiro era centrada no pólo indivíduo/doença/cura e na assistência hospitalar, seguindo o mercado de trabalho específico de cada época (ITO et al; 2005).

De tal modo, a Lei 755/49, de 06 de agosto de 1949[53], foi a primeira que regulamentou o ensino de Enfermagem no Brasil, definindo o nível de preparação de pessoal em Enfermagem em duas categorias: enfermeiro e auxiliar de Enfermagem. A promulgação desta lei denota a insuficiência de pessoal na Enfermagem, bem como a distinção entre a formação dos níveis do pessoal de Enfermagem, embora, para ser

[51]http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-21855-26-setembro-1946-341734-publicacaooriginal-1-pe.html. Consulta realizada em 13 de dezembro de 2017.
[52]http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1920.htm. Consulta realizada em 04 de janeiro de 2018.
[53]http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-775-6-agosto-1949-363891-norma-pl.html. Consulta realizada em 04 de janeiro de 2018.

auxiliar de Enfermagem, os candidatos também passassem por uma formação, ainda que elementar e breve, os papéis desempenhados por eles também fossem distintos. Nessa trajetória, a HE foi mantida no currículo do curso do enfermeiro e do auxiliar de Enfermagem. Cabe lembrar que coexistem na atualidade (2018) enfermeiros e técnicos de Enfermagem com formações e áreas de atuação específicas, conforme regulamentado pela Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da Enfermagem. Os cursos técnicos de Enfermagem, pioneiros do Rio de Janeiro e São Paulo, chegaram nos demais estados brasileiros e, além de inserirem um outro profissional na atuação da Enfermagem, não deixam de ser também um mecanismo de poder e luta nesse campo profissional.

O currículo das primeiras escolas de Enfermagem se inseriu no contexto em que a sociedade demandava um profissional a ser gestado. As suas raízes históricas estiveram presentes como componente curricular desde o princípio da formação do enfermeiro, assinalando, assim, a compreensão de que o ensino de História era significativo no conjunto da formação. Portanto, os dispositivos legais que embasaram o ensino de Enfermagem em sua trajetória, desde a criação da primeira escola até a Resolução CNE/CES 3/2001, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, delinearam outras teceduras do currículo e demarcaram as trilhas da formação, a partir de então, do profissional de Enfermagem que se almejava formar em cada contexto e temporalidade. Com o surgimento de mais escolas, porém, e, posteriormente, cursos de Enfermagem nas universidades e faculdades brasileiras, mesmo tendo uma referência nacional de currículo, há espaços para regionalização de conteúdos e para distintos modos de conceber, no caso, a HE na formação desse profissional. Na subseção a seguir, discorremos sobre a inserção da HE nas matrizes curriculares dos cursos de Enfermagem das universidades, centros e faculdades cearenses.

4.3 A DISCIPLINA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NO CURRÍCULO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO CEARÁ: CONECTANDO OS FIOS

Ao analisar o lugar do ensino de História na formação do enfermeiro no curso pioneiro no Ceará, cabe destacar o panorama em que se encontra a disciplina História da Enfermagem nos demais cursos ofertados nas IES - instituições de ensino superior cearenses. O objetivo desta subseção é analisar a inserção da disciplina

História da Enfermagem nos currículos prescritos dos cursos de Enfermagem das instituições de ensino superior, públicas e privadas, do Estado do Ceará, para mostrar com o ensino da história se insere na formação do infermeiro cearense com a finalidade de fazer um contraponto em relação ao curso da UECE.

A organização do texto aborda o quantitativo de cursos de Enfermagem no Brasil conforme a região geográfica e, em seguida, faz uma apreciação de como a disciplina/temática História da Enfermagem se insere nos currículos dos cursos de Enfermagem das universidades, centros universitários e faculdades. A proposição desta análise é perceber de maneira ampla o lugar do ensino de História na formação do enfermeiro na UECE, não somente em relação ao próprio curso, bem como no concernente aos cursos das demais IES cearenses, que são dele (EESVP-UECE) remanescentes. O *corpus* teórico escolhido para ancorar nosso objeto de investigação se fundamentou nas categorias História da Enfermagem e Currículo (como antes assinalado), com perspectiva multirreferencial. Para tanto, as discussões desenvolvidas nos tópicos anteriores unem-se a esta seção, fechando a organização da fundamentação teórica que dá amparo a esta tese, na busca da "*luz balão*".

Conforme discutido na subseção anterior, os dispositivos legais sobre o ensino da Enfermagem no Brasil foram significativos para a formação do enfermeiro e ajudaram na trama curricular com a Lei 755/49, primeira que regulamentou o ensino de Enfermagem no Brasil, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que determinou as diretrizes da educação brasileira e a vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que definiu as diretrizes da educação em todos os níveis e modalidades e instituiu as DCN, no caso, para os cursos de graduação em Enfermagem.

Vale ressaltar o fato de que, com a LDB 9.394/1996 ocorreram mudanças na educação nacional, com uma reestruturação dos cursos de graduação, com a extinção dos currículos mínimos e a adoção de diretrizes curriculares específicas para cada curso. Desse modo, as DCN do Curso de Graduação em Enfermagem (2001) passaram a orientar o planejamento curricular.

A expansão da educação superior no Brasil provocou o crescimento quantitativo do número de instituições de ensino e, por conseguinte, de cursos e vagas por elas ofertadas. Tal expansão ocorreu também nos cursos de Enfermagem com aberturas de cursos em todas as regiões brasileiras, sobretudo, em instituições

privadas. Entendemos que a privatização da educação superior por empresas internacionais ou brasileiras no País é objeto para estudos e debates e se constituemem várias teses.

A política expansionista da educação superior, praticada no Brasil nas últimas décadas, advém das exigências de mercado e demandas de grupos da sociedade civil para abertura de cursos e, neste panorama, é expressa a possibilidade de formação superior no período noturno e na modalidade a distância. Essa expansão trouxe também uma série de problemas, entre as quais a qualidade dos próprios cursos ofertados por estas empresas educacionais, temática importante a ser registrada, embora não seja foco desta discussão. O traço mais marcante dessa complexa expansão da educação superior brasileira, no entanto, é a [...] "proeminência cada vez maior do mercado educacional, de sua questionável regulação" (SGUISSARDI, 2008, p. 994), o que amplia a privatização do ensino superior.

Nesse sentido, podemos observar a oferta e a expansão de cursos de Enfermagem em todas as regiões brasileiras, conforme os dados descritos a seguir no quadro 17, no qual destacamos somente aqueles ofertados na modalidade presencial.

Quadro 17 – Distribuição das instituições que ofertam o curso de Enfermagem, por estados brasileiros.

(continua)

Região	Estado	Nº de Instituições
Nordeste	Alagoas	14
	Bahia	70
	Ceará	35
	Maranhão	20
	Paraíba	21
	Pernambuco	41
	Piauí	21
	Sergipe	12
	Acre	14
	Amapá	14

(Conclusão)

Norte	Amazonas	11
	Pará	24
	Rondônia	17
	Roraima	17
	Tocantins	14
Centro Oeste	Brasília	15
	Goiás	41
	Mato Grosso	15
	Mato Grosso do Sul	15
Sudeste	Espírito Santo	21
	Minas Gerais	115
	Rio de Janeiro	42
	São Paulo	168
Sul	Paraná	53
	Rio Grande do Sul	41
	Santa Catarina	32

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do e-mec. EMEC (2018).

No quadro 17, podemos observar o grande número de instituições que ofertam o curso de Enfermagem, conforme a região, demonstrando que a oferta de vagas está em todos os estados do Brasil. Esse quantitativo de IES se refere a universidades, centros universitários e faculdades que ofertam o curso na modalidade presencial. Se, por um lado, o aumento do número de cursos possibilita a formação de profissionais em todas as regiões, passou-se a discutir a qualidade dessa formação ofertada. Embora não seja o foco desta discussão, cabe assinalar que, além do aumento de cursos na modalidade presencial, a política se consubstancia numa expansão acelerada do sistema educacional por mediação da expansão da oferta de cursos na modalidade a distância. Assim, observa-se um crescimento das matrículas no setor privado e da racionalização de recursos nas instituições públicas de ensino superior. Ante essa realidade, surgiu o debate em torno da qualidade da formação e as demandas formativas do enfermeiro, bem como apareceu a necessidade de observar os parâmetros de qualidade acadêmica, isto é, formar profissionais em cursos de qualidade reconhecida, com perfil e competência para o atendimento às

reais necessidades de saúde da população. Ante essa realidade, as entidades[54] de Enfermagem iniciaram o debate sobre a oferta desses cursos, uma vez que a qualidade de um curso de graduação em Enfermagem envolve múltiplas dimensões. Junto a esse complexo problema existe, além da qualidade da formação, a inserção de enfermeiros no mercado de trabalho, os campos de atuação e as questões salariais.

O Quadro 18 evidencia o quantitativo de instituições que ofertam o curso de Enfermagem conforme a região.

Quadro 18 - Distribuição das instituições que ofertam o curso de Enfermagem, conforme a região.

Região	Instituição
Nordeste	248
Norte	111
Centro Oeste	86
Sudeste	346
Sul	126
Total	**917**

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do e-mec. EMEC (2018).

O crescimento de instituições, conforme as regiões nos leva a refletir na ideia de que, desde a criação da primeira escola para formação de enfermeiros, de 1890 até o período atual (2018), a oferta da formação esteve conectada, sobretudo, às demandas do mercado. A expansão dos cursos de Enfermagem motiva a discussão acerca da qualidade da formação e do preparo científico e intelectual do profissional em Enfermagem, bem como da posição crítica e reflexiva condicionada à realidade social.

[54] Em atendimento à Carta de Belém, aprovada no 13º Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem – SENADEn (2012) e às Diretrizes do Movimento pela Qualidade da Formação dos Profissionais de Enfermagem (ABEn/COFEn), a Presidente da ABEn Nacional, Drª Ivone Evangelista Cabral (gestão 2010-2013), através da Portaria nº17/2012, nomeou um Grupo de Trabalho (GT) para elaborar um estudo do panorama da Educação em Enfermagem no Brasil no período da década das Diretrizes Curriculares Nacionais 2001-2011, além de definir estratégias e proposições no tocante a formação.http://www.abeneventos.com.br/anaissenpe. Acesso em 12 de dezembro de 2018.

Não é nosso intuito trazer o quantitativo de cursos de Enfermagem conforme a região relativamente aos dados populacionais de cada Estado brasileiro, porém mostrar a quantidade de instituições que ofertam o curso de Enfermagem na modalidade presencial, conforme a região.

Com a oferta de cursos suprindo o mercado de profissionais enfermeiros, focalizamos as IES do Ceará e o que aponta o currículo prescrito no tocante a disciplina/temática História da Enfermagem. A organização desses dados possibilita o entendimento de como a HE se insere atualmente (set. de 2018) nos currículos de todas as IES do Ceará. Os dados estão organizados por universidades, centros universitários e faculdades públicas e privadas que ofertam o curso de Enfermagem na modalidade presencial.

No quadro 19, podemos observar como a disciplina/temática História da Enfermagem está inserida nos currículos das universidades cearenses.

Quadro 19- Disciplina/temática História da Enfermagem nas matrizes curriculares das universidades públicas e privadas do Ceará.

UNIVERSIDADE	NOME DA DISCIPLINA	C/H
Universidade Estadual do Ceará – UECE	A Enfermagem, o curso e a profissão	34
Universidade Federal do Ceará – UFC	Processo histórico da Enfermagem	48
Universidade Regional do Cariri – URCA	História da Enfermagem	45
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA	Bases históricas da Enfermagem	40
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB	Introdução a Enfermagem	40
Universidade de Fortaleza – UNIFOR	Bases teórico-práticas para o cuidar I	72
Universidade Federal do Cariri – UFCA	Não oferta o curso de Enfermagem	---

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 19 demonstra que a história foi percebida quando da concepção do projeto pedagógico de cada curso de maneira diferenciada e, consequentemente, passou na distribuição de carga horária e definição de conteúdos a serem abordados, ocupando espaços bem distintos e até sendo denominada com nomes bem diversos e suprimindo a palavra história. A oferta da disciplina em todas as universidades é feita no primeiro semestre. Inferimos que as univesidades visualizam a disciplina como introdutória para o conhecimento da profissão e do profissional de Enfermagem.

Observamos que, das seis universidades assinaladas no quadro 19, há somente duas, a Universidade a Regional do Cariri- URCA que intitula sua disciplina de História da Enfermagem, e destina a esta uma carga horária de 45 horas aulas e a Universidade Vale do Acaraú-UVA, que destina a disciplina Bases Históricas da Enfermagem, 40 horas aula. As demais referem que inserem a História em seus conteúdos, acrescidos de outras temáticas, com carga horária bem distinta, dificultando a percepção e/ou evidência de que a História está sendo, de fato, abordada ou como está ou até que ponto está sendo contemplada nestas disciplinas e quais os conteúdos. Entendemos que nestes casos a introdução dos conteúdos relacionados à História da Enfermagem dependem muito do entendimento ou importância que o professor que ministra esta disciplina possui sobre a história desta profissão. A aproximação com os programas dessas disciplinas, contudo, nos permitiu abordar as propostas de ementas nelas indicadas. É o que passamos a comentar a seguir.

Na organização curricular do curso de Enfermagem da URCA, existe uma disciplina que se dedica à História, a *disciplina História da Enfermagem*, ofertada no primeiro semestre e com carga horária de 45 horas. A ementa indica:

> [...] conhecimento da gênese da enfermagem, sua evolução histórica e a instrumentalização da profissão no Brasil e no mundo. Perfil e competências do enfermeiro e a relação com a origem da Enfermagem moderna segundo Florence Nightingale. A história da Enfermagem na região do Cariri e os cursos de graduação. A compreensão das escolhas dos caminhos da Enfermagem e análises críticas das eras remotas e da atualidade.

Observamos que a proposta da disciplina História da Enfermagem da URCA trata da História em toda a sua carga horária com foco em conteúdos que abrangem a HE na relação passado e presente, bem como a História da Enfermagem no Cariri cearense, localizado no sul do Ceará, onde o curso se localiza. Entendemos que esta disciplina exprime um espaço mais demarcado para tratar a HE, contribuindo para o estabelecimento da identidade profissional e do senso de pertencimento e de referência e consequências da história entre passado, presente e futuro, de uma profissão e de sua profissionalização.

A UVA, na região Norte do Estado do Ceará, inseriu em sua estrutura curricular *a disciplina Bases históricas da Enfermagem,* com a seguinte ementa:

> Universidade na sociedade atual. Estrutura e funcionamento da UVA. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Enfermagem. Curso de Enfermagem

> da UVA. Projeto Pedagógico do Curso. Contexto histórico e Social da profissão. A profissão enfermeiro e a equipe de Enfermagem. Campos de atuação do Enfermeiro.

Pela ementa, não é possível perceber os conteúdos de História trabalhados em toda a carga horária, embora a esta sejam atribuídas as bases da História. Inferimos que o foco possa ser a História e daí se articula aos demais conteúdos ministrados. Sem um estudo observacional, no entanto, fica difícil ver de fato o contexto desta história e sua inserção. Observa-se não existir trajetória, passado e presente, origem, identidade, nenhuma terminologia em que se possa focar a presença mais forte da História articulada às demais questões ou conteúdos assinalados.

Na UFCA, a disciplina tem a denominação de *Processo Histórico da Enfermagem* com uma carga horária de 48 horas, ministrada no primeiro semestre e com a seguinte ementa:

> Evolução histórica e institucionalização da profissão deEnfermagem. Concepções e tendências filosóficas. Formação, identidade e prática pedagógica. Compromisso e prática profissional do enfermeiro. O ensino da Enfermagem/parâmetros curriculares. O curso de Enfermagem da UFC. Projeto Político Pedagógico.

A ementa da disciplina privilegia os aspectos históricos da Enfermagem e traz mais elementos para visualizarmos o que é nela discutido, em que a História está inserida, mas não evidencia seu espaço, deixando o entendimento de que o professor desta matéria toma a decisão de como, em que e até que ponto deve contemplá-la.

Na UNILAB, a disciplina que aborda os conteúdos de História da Enfermagem é denominada *disciplina Introdução à Enfermagem*, tem carga horária de 40h, sendo ministrada no primeiro semestre. A ementa propõe:

> Evolução das práticas de saúde e da Enfermagem no mundo. Aspectos históricos e sociais da Enfermagem do surgimento até os dias atuais no Brasil em países da África. Conceitos básicos em Enfermagem: saúde, pessoa, ambiente e Enfermagem. O Curso de Enfermagem no contexto da UNILAB. Prática profissional do enfermeiro e o modelo assistencial. Mercado de trabalho para o enfermeiro.

A proposta da UNILAB é ampla, como muitos conteúdos e questões para serem tratados junto ou com a História. Esta disciplina aborda aspectos históricos e sociais da Enfermagem, do surgimento até os dias atuais no Brasil. Em países da África, a menção ao Continente Africano difere da proposta das demais universidades

do Ceará, haja vista a missão institucional específica desta Instituição, que é a de formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa-CPLP, especialmente, os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.

As atividades administrativas e acadêmicas da Unilab se concentram nos estados brasileiros do Ceará, com unidades nos Municípios de Redenção e Acarape, e, na Bahia no município de São Francisco do Conde. Na ementa, entretanto, ela se volta para a África e não insere o Ceará como início desta profissão no Estado. As análises referentes à observação destas disciplinas sendo ministradas, e a articulação que os professores fazem de seus conteúdos, continuam sendo a nossa referência e posição para uma discussão mais pertinente quanto a esta temática. Já se visualiza a noção de que estudar a HE nas disciplinas existentes nas universidades, faculdades e centros universitários no Estado do Ceará, já se constituiria em objeto de estudo para outra tese. Expresso de outra maneira, para análises mais pertinentes de cada disciplina, esta teria que ser acompanhada/observada por todo o período de sua duração para, com clareza e rigor, se identificar conteúdos e relacioná-los ou não a HE, uma vez que nos parece que cabem muitos outros conteúdos que perderam seus espaços dentro do próprio currículo.

Na UNIFOR, a *disciplina Bases teórico práticas para o cuidar I,* onde se inserem os conteúdos da história da Enfermagem, possui carga horária de 72h e a ementa da disciplina registra:

> Evolução histórica da Enfermagem. Entidades de Classe e a Lei doExercício Profissional. Ferramentas de informática para o aprendizado e para o cuidar em Enfermagem. Introdução à assistência de Enfermagem. A proposta desta disciplina destina carga horária dedicada às atividades teóricas e práticas, tem escopo no cuidar, o cerne da formação do enfermeiro e também trabalha os conteúdos da história da Enfermagem abordando temáticas acerca da Evolução histórica da Enfermagem, entidades de classe e a Lei do exercício profissional.

Torna-se nessa ementa mais difícil visualizar a História, quando o foco da disciplina é o cuidar. Nesse sentido, a História fica submergida de modo secundário e distante da importância que a ela atribuímos e os espaços no currículo vão sendo conquistados por outras importâncias ou compreensões e para abarcar tantos

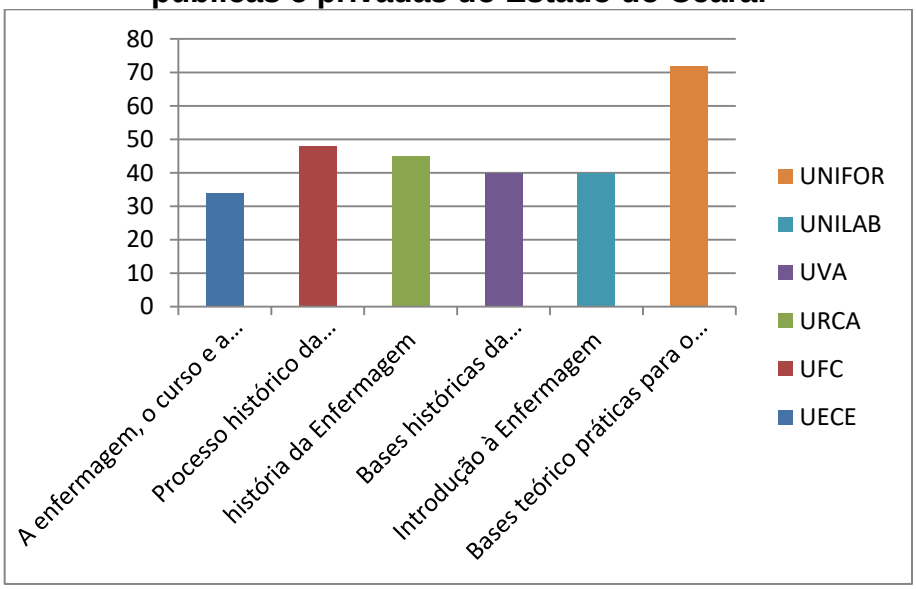
conteúdos que precisam ser ministrados em um tempo determinado. Entendemos que são feitas escolhas e as subjetividades dos mestres conduzem suas decisões.

O curso de Enfermagem da UECE trabalha os conteúdos de História da Enfermagem na disciplina *A enfermagem, o curso e a profissão*, com uma carga horária de 34 horas/aula. São três dimensões que geram os conteúdos abordados na disciplina e estas serão discutidas com maior especificidade no Capítulo 4, até porque foi por nós, observada em todo seu tempo de duração, uma vez que o Curso de Enfermagem da UECE é o *locus* e foco do objeto de investigação desta tese.

A denominação História da Enfermagem e, claro, alguns de seus conteúdos, podemos constatar que de fato existem em todos os cursos de Enfermagem ofertados pelas universidades do Ceará (06), seja como disciplina independente (02) ou integrados em outra disciplina (04), conforme quadro 19. Os conteúdos em geral versam sobre a história da profissão no mundo e no Brasil, com destaque para a África (em uma delas) e a região ou município do Ceará onde o curso está inserido; aspectos históricos e sociais da profissão; a origem da Enfermagem moderna ancorada em Florence Nightingale; as entidades associativas na Enfermagem; as DCNs; legislação profissional; desenvolvimento histórico das práticas de saúde; áreas de atuação do enfermeiro. O que ocorre, no nosso entendimento - e já foi antes assinalado - é que há uma variedade de conteúdos que se originam de compreensões dos agentes/grupos/professores que organizaram cada currículo prescrito, e da importância da História que é atribuída pelo professor que passa, posteriormente, a se responsabilizar pela disciplina na instituição. Entendemos que, em meio a tantos conteúdos, ou a História se perde e o aluno se forma e diz que não se lembra de ter visto nada de História durante a formação, ou a sensibilidade do professor desta disciplina a resgata como foco central para a articulação das demais temáticas, dando à História o lugar que lhe é ou que deveria ser devido.

Outras discussões remetem à carga horária da disciplina, que varia de 34 a 72 horas nas universidades cearenses. Vejamos o gráfico 01.

Gráfico 1 - Quantitativo da carga horária da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares dos cursos de Enfermagem das universidades públicas e privadas do Estado do Ceará.



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 01 demonstra a carga horária da disciplina que trabalha o ensino de História da Enfermagem em cada universidade. Podemos visualizar os distintos nomes da disciplina e as variadas cargas horárias (34 a 72h). Embora as diferenças nas cargas horárias entre as disciplinas não Forneçam elementos para se evidenciar o espaço utilizado de fato com a HE, já que as ementas assinalam vários outros conteúdos que devem ser ministrados também neste espaço de tempo, serve, entretanto, para chamar a atenção da carga horária da disciplina no Curso de Enfermagem da UECE, que surge como a menor delas e ainda atrelada a outros conteúdos. É uma observação importante de se registrar, uma vez que essa instituição, como antes assinalado, é resultante da primeira escola de Enfermagem criada no Estado do Ceara, em 1943, portanto é a própria História da Enfermagem no Estado, fator que foi preponderante na escolha da instituição/curso e disciplina de História para investigação nesta tese.

Na Capital cearense, existem ainda três centros universitários e nove faculdades que ofertam o curso de Enfermagem. Nesses cursos, a disciplina que trabalha os conteúdos de História da Enfermagem recebe as mais distintas denominações e cargas horárias, como podemos ver no quadro 20.

Quadro 20 – Descrição da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares dos cursos de Enfermagem dos centros e faculdades da rede privada de Fortaleza, na modalidade presencial.

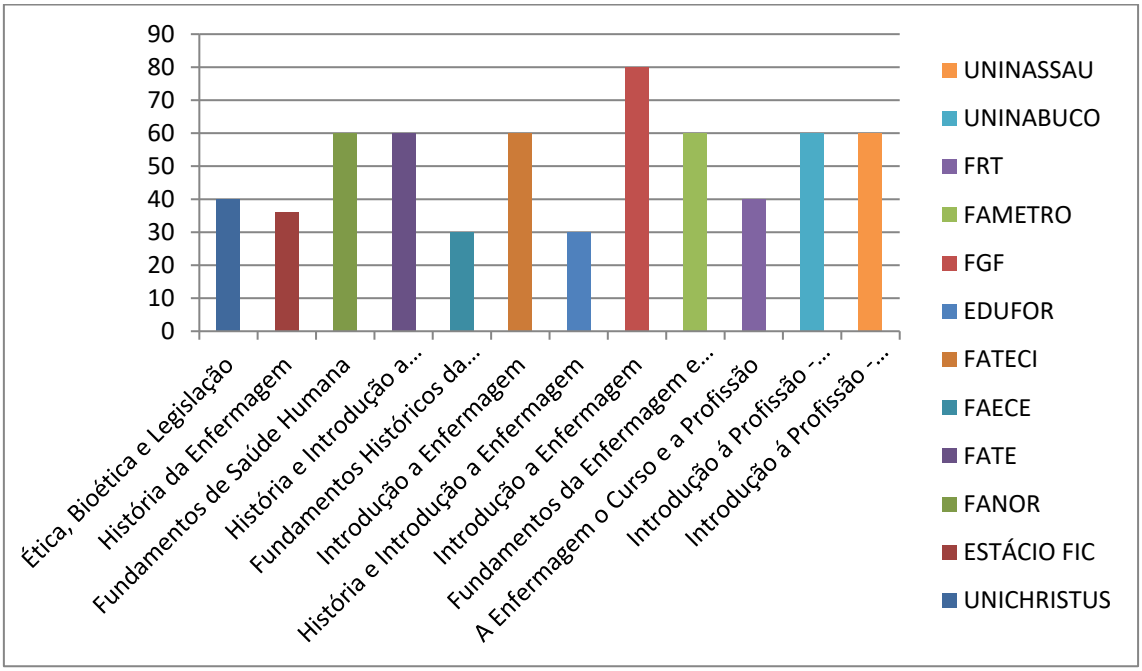
CENTRO/FACULDADE	NOME DA DISCIPLINA	C/H
Centro Universitário Christus – UNICHRISTUS	Ética, Bioética e Legislação	40
Centro Universitário Estácio do Ceará – Estácio FIC	História da Enfermagem	36
Centro Universitário Unidevry – FANOR	Fundamentos de Saúde Humana	60
Faculdade Ateneu – FATE	História e Introdução a Enfermagem (EaD)	60
Faculdade de Ensino e Cultura – FAECE	Fundamentos Históricos da Enfermagem	30
Faculdade de Tecnologia Intensiva – FATECI	Introdução a Enfermagem	60
Faculdade Educacional Fortaleza – EDUFOR	História e Introdução a Enfermagem	30
Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF	Introdução a Enfermagem	80
Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza – FAMETRO	Fundamentos da Enfermagem e Exercício Profissional	60
Faculdade Rodolfo Teófilo – FRT	A Enfermagem o Curso e a Profissão	40
Faculdade UNINABUCO Fortaleza	Introdução á Profissão – Enfermagem	60
Faculdade UNINASSAU Fortaleza	Introdução à Profissão – Enfermagem	60

(conclusão)

Fonte**:** Elaborado pela autora com base nos dados do e-mec. EMEC (2018).

Observando o quadro 20, é possível perceber que a *História da Enfermagem* está também no curso de Enfermagem de dos três centros universitários e das nove faculdades no período pesquisado em Fortaleza. Também é possível observar, mais uma vez, que a disciplina que trabalha os conteúdos da História da Enfermagem também possui distintas denominações, no currículo de cada IES. O gráfico 02 permite visualizar a denominação de cada disciplina e sua respectiva carga horária.

Gráfico 2 – Descrição da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares dos cursos de Enfermagem dos centros e faculdades da rede privada de Fortaleza na modalidade presencial.



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme descrito no gráfico 02 observamos que Introdução à Enfermagem é a denominação mais recorrente no nome da disciplina (04), segue-se a denominação Fundamentos (03), enquanto a nomenclatura História da Enfermagem, História e Introdução à Enfermagem e Fundamentos Históricos da Enfermagem aparecem uma vez cada, bem como Ética, Bioética e Legislação e A Enfermagem, o Curso e a Profissão. A disciplina é ofertada no primeiro semestre do curso e, conforme mencionado há pouco, os centros e faculdades de Fortaleza entendem também os conteúdos da História como conhecimento introdutório para a formação do enfermeiro.

Cabe lembrar que a Portaria Ministerial nº 1.721 de 15 de dezembro de 1994, inseriu a matéria História da Enfermagem na área temática Fundamentos de Enfermagem, que abrange 25% da carga horária do curso, compreendendo, obrigatoriamente, os conteúdos técnicos, metodológicos e os meios e instrumentos inerentes ao trabalho do enfermeiro e da Enfermagem, na assistência de Enfermagem no plano individual e coletivo (em hospitais, ambulatórios e rede básica de serviços de saúde), incluindo: **História da Enfermagem;** Exercício da Enfermagem (Deontologia, Ética Profissional e Legislação); Epidemiologia; Bioestatistica; Saúde

Ambiental;Semiologia e Serniotécnica de Enfermagem; Metodologia da Pesquisa (MEC, 1994).

Com base nessa portaria, o conteúdo relativo à HE ficou vinculado à área temática Fundamentos de Enfermagem, o que expressa que pode ser oferecida como disciplina ou como inserção de conteúdos ao longo do curso, de acordo com a proposta curricular de cada instituição. No tocante a ser uma disciplina específica ou inserir os conteúdos de HE como temática de outra disciplina envolve a tecedura curricular e como os professores se conectam com a História da Enfermagem e configuram a disciplina no currículo prescrito.

Desse modo, no curso de Enfermagem dos três centros universitários e das nove faculdades de Fortaleza, os conteúdos da HE são estudados vinculados à Introdução à Enfermagem; Ética, Bioética e Legislação; História da Enfermagem, História e Introdução à Enfermagem; Fundamentos da Saúde Humana, Fundamentos Históricos da Profissão, Introdução à Profissão. A carga horária varia de 30 a 80 horas e o conteúdo a ser ministrado segue a orientação curricular da instituição á qual o curso está vinculado, uma vez que, na elaboração da matriz curricular do curso, ocorre uma deliberação, respaldada na legislação e nas escolhas das IES, que especificam o que vai ser ensinado e que carga horária será destinada.

Observando as ementas das IES privadas de Fortaleza (três centros universitários e nove faculdades), no tocante à HE, destacamos que as ementas da disciplina se orientam, em linhas gerais, pelos seguintes elementos:

> [...] origem da enfermagem; contextualização do período Florence Nightingale; Evolução histórica da Enfermagem; a realidade atual e as perspectivas da profissão no contexto das práticas de saúde; a história do curso de enfermagem na instituição; legislação do ensino de enfermagem e do exercício profissional e órgãos de classe; áreas de atuação do enfermeiro e perspectivas da enfermagem brasileira; aspectos sociais, políticos e econômicos na prestação do cuidado em saúde.Nessa perspectiva os conteúdos versam, predominantemente, sobre: Florence Nightingale e a enfermagem moderna; entidades associativas na enfermagem; legislação profissional; legislação do ensino de enfermagem; história do curso de enfermagem na instituição; o processo e o método da assistência de enfermagem, entre outros.

Nessas ementas, apontadas aqui de maneira geral, foi possível visualizar melhor os conteúdos de HE uma vez que, de fato, estão mais relacionados á própria História, uma vez que nas universidades não se visualizou isso com clareza a não ser em duas IESs que organizaram as ementas da disciplina mais focada na História.

Cabe destacar o fato de que entre as IES privadas de Fortaleza, a Faculdade Ateneu - FATE ministra a disciplina História e Introdução a Enfermagem, conforme assinalado no quadro 20, na modalidade EaD. Essa modalidade de ensino vem sendo ampliada no Brasil nos últimos 20 anos nas IES públicas e privadas. As IES públicas participam do Sistema UAB-Universidade Aberta do Brasil instituído pelo Decreto Presidencial 5.800, de 8 de junho de 2006, para “[..] o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País". (2006).

As empresas educacionais investem cada vez mais em cursos em EaD atuando em cursos a distância e semipresencial. Para ampliar a oferta de cursos de ensino superior no País, o Ministério da Educação - MEC publicou no Diário Oficial da União, de 21 de junho de 2018, a portaria que regulamenta o Decreto nº 9057, de 25 de maio de 2017, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos superiores na modalidade a distância, revendo os fluxos e reduzindo o tempo de análise dos processos de autorização de cursos. O decreto presidencial e a portaria normativa de 2017 cedem às pressões e contemplam os interesses das IES privadas, favorecendo o credenciamento e recredenciamento de novos cursos a distância e em empresas educacionais lucrativas.

Importa lembrar que a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, LDB, é o marco dessa expansão, na medida em que o Estado reconhece, legitima e assegura a viabilidade do Ensino a Distância, conforme em sua introdução do artigo 80: “[...] o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada” (LDB, 9394/96). O MEC realiza a autorização e o reconhecimento dos cursos nas IES por meio da avaliação *in loco.*

Ante tal expansão da EaD, com aumento de cursos de formação inicial e continuada a distância e semipresencial, também os cursos presencias, como é o caso de curso de Enfermagem da FATE, citado há pouco, tem feito a oferta de disciplinas na modalidade a distância. Assim, as IES criam o seu Ambiente de Aprendizagem Virtual - AVA para inserir disciplinas *online*. A oferta de disciplinas nessa modalidade encontra consonância na Portaria do MEC nº 1.134, de 10 de outubro de 2016 que determinou:

> Art. 1º As instituições de ensino superior que possuam pelo menos um curso de graduação reconhecido poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos de graduação presenciais regularmente autorizados, a oferta de disciplinas na modalidade a distância.
> § 1º As disciplinas referidas no caput poderão ser ofertadas, integral ou parcialmente, desde que esta oferta não ultrapasse 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso.
> § 2º As avaliações das disciplinas ofertadas na modalidade referida no caput serão presenciais (MEC, 2016).

Desde 2016, as IES respaldadas na Portaria 1.134/2016 ofertam até 20% do total da carga horária dos cursos de graduação presencial na modalidade a distância, o que implica elaboração do material pelos professores conteudistas, mediação de docentes formadores e tutores a distância, conforme o projeto de cada curso. Há de se considerar, ainda, o perfil do aluno, pois, como a EaD envolve a flexibilização de horários, demanda que o aluno tenha disciplina, autonomia e a devida responsabilidade no cumprimento dos prazos, boa gestão do curso para que a formação tenha qualidade. Assim, abrange desafios não somente no tocante ao material e ao perfil do aluno, mas em relação á mediação de professores e tutores, bem como á lei do mercado, envolvendo as empresas educacionais interessadas nesse tipo de negócio e a obtenção de mais lucros. De acordo com a referida portaria, os cursos presenciais podem ofertar algumas disciplinas (até 20% da carga horária do curso) na modalidade a distância. Esse é o caso da FATE, que oferta a disciplina História e Introdução à Enfermagem nessa modalidade de ensino.

Feitas essas observações, passamos a analisar as denominações e cargas horárias da disciplina História da Enfermagem das IES no estado do Ceará (exceto Fortaleza). Em seguida, apontamos os aspectos mais presentes nas ementas, bem como os conteúdos mais evidenciados. O quadro 21 a seguir demonstra a denominação da disciplina nas IES nos Municípios do Ceará e sua respectiva carga horária.

Quadro 21 – Descrição da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares dos cursos de Enfermagem das IES de outros Municípios do Ceará, na modalidade presencial.

INSTITUIÇÃO	MUNICÍPO	DISCIPLINA	CARGA HORARIA
Faculdade Regional Jaguaribana - FRJ	Alto Santo	História e Introdução a Enfermagem	60h
Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ	Aracati	História da Enfermagem	60h
Faculdade Princesa do Oeste FPO	Cratéus	Introdução a Enfermagem	40h
Faculdade Vale do Salgado -FVS	Icó	História da Enfermagem	40h
Universidade Regional do Cariri - URCA	Iguatu	História da Enfermagem –	45h
Faculdade Novo Tempo de Itapipoca - FNIT	Itapipoca	História e Fundamentos da Enfermagem –	90h
Instituto Leão Sampaio de Ensino Universitário - LTDA	Juazeiro do Norte	História da Enfermagem -	40 h
Faculdade de Juazeiro do Norte - FJN	Juazeiro do Norte	História da Enfermagem	- 40 h
Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte - Estácio FMJ	Juazeiro do Norte	História da Enfermagem	36 h
Faculdade Fadam de Maracanaú - FADAM	Maracanaú	História e Introdução a Enfermagem -	60h
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável do Nordeste - FADESNE	Maracanaú	Fundamentos Históricos da Enfermagem –	60h
Centro Universitário Católica de Quixadá	Quixadá	Espiritualidade em Enfermagem	60h
Faculdade de Quixeramobim – UNIQ	Quixeramobim	Introdução a Enfermagem -60h (EaD)	
Faculdade de Tecnologia - ATENEU	São Gonçalo do Amarantes	História e Introdução a Enfermagem (EaD)	60h
Centro Universitário INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada	Sobral	Introdução à Enfermagem – (teórica e prática)	90h
Faculdade Ieducare - FIED	Tianguá	História e Introdução a Enfermagem –	40h

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do E-MEC. (EMEC (2018)

Os dados que envolvem o currículo prescrito do curso de Enfermagem nas IES do Estado do Ceará (exceto Fortaleza) indicam que a carga horária também varia, no caso, de 36 a 90h. Observa-se, ainda, que as IES do Estado são as que mais contemplam em seus currículos uma disciplina específica para tratar dos conteúdos de História da Enfermagem. Entre as 16 IES que ofertam o curso de Enfermagem, sete delas têm a denominação História da Enfermagem, três, História e Introdução a Enfermagem; duas, Fundamentos e História; uma, Espiritualidade em Enfermagem e três IEs usam a denominação da disciplina Introdução a Enfermagem. Em duas IES, os conteúdos da História da Enfermagem são estudados na modalidade de EaD. A FATE, no Município de São Gonçalo do Amarante, de modo igual à FATE- unidade de Fortaleza oferta a disciplina na modalidade a distância, bem como a Faculdade de Quixeramobim, que também oferta a disciplina a distância, mediante amparo na legislação explicitada há pouco.

Entendemos, como antes assinalamos, que, por se dedicarem, quase que exclusivamente, à História da profissão, sua denominação seja mais concentrada, o que, por outra parte, também já assinalado, favorece a condução dos conteúdos direcionados quase que exclusivamente para a História da Enfermagem, seja ela no mundo, no Brasil ou no próprio Município ou Estado. O Centro Universitário Católica de Quixadá, em sua tessitura curricular, utiliza a denominação da disciplina Espiritualidade em Enfermagem, trazendo conteúdos de Introdução a Enfermagem, a presença das congregações religiosas na missão de cuidar, aliadas a História da Enfermagem e concepções do processo saúde-doença: unicausalidade, multicausalidade e determinação social.

Assim, evidenciamos maior espaço dedicado a HE nas IES do Ceará - exceto Fortaleza - do que na instituição foco desta investigação e que foi por nós observada na ministração desta disciplina, quando ofertada, bem como nas demais universidades, centros universitários e faculdades de Fortaleza. As IES do Estado, nesse sentido, estão mais fortes na inserção e presença de conteúdos relativos à História da Enfermagem, nos seus programas de formação, denotando, nos parece, uma importância destes para a profissão.

As ementas da disciplina das IES do Ceará - exceto Fortaleza - que analisamos nos programas de disciplinas de cada curso, se orientam em linhas gerais, pelos seguintes elementos:

> História da enfermagem. O nascimento e a institucionalização da enfermagem. Aspectos históricos e sociais da Enfermagem: do surgimento até os dias atuais. Representações sociais da enfermagem. História, cultura dos cuidados e métodos. História da Enfermagem - Instituições e Práticas de Ensino e Assistência, no âmbito internacional, nacional, Ceará e local. Figuras de relevo na história da profissão. Profissão e caminhos da profissionalização da enfermagem. História-Enfermagem e entidades de classe. História e teorias da enfermagem. A história da sistematização da assistência de enfermagem. Processo de trabalho da enfermagem a partir de sua institucionalização: o cuidar do enfermeiro e da enfermagem. A enfermagem como prática social. O processo de gerenciar e seus elementos: objeto, finalidade, meios e instrumentos. Prática profissional do enfermeiro e o modelo assistencial. A importância da educação ambiental em enfermagem. Mercado de trabalho para o enfermeiro. Serviços locais de saúde. Contextualização do aluno no curso. Marco referencial para a prática profissional – o cuidar e sua evolução, os problemas da prática da enfermagem, o saber da enfermagem. Teorias de enfermagem.

Com suporte nessas ementas, os conteúdos mais evidenciados pelas IES do Ceará - exceto Fortaleza - em geral, são relativos aos temas: História da Enfermagem na relação passado presente; Os aspectos históricos, políticos, sociais e culturais da profissão; A trajetória da Enfermagem; O profissional de Enfermagem na contemporaneidade; História da Enfermagem brasileira; Representações sociais sobre a Enfermagem; História da Enfermagem local; Profissão e caminhos da profissionalização da Enfermagem; História da Enfermagem e entidades de classe; introdução ao curso, entre outros.

Há, de fato, uma diferenciação quando comparamos as disciplinas/temáticas da enfermagem ofertadas de maneira mais focada na História e outras mescladas em diversos e variados conteúdos pelas universidades cearenses, centros universitários e faculdades de Fortaleza e das demais IES do Estado. É possível perceber que as IES do Estado - fora as da capital - evidenciam mais os conteúdos de História e a denominação da disciplina História da Enfermagem no currículo do que as IES de Fortaleza. Assim, há vestígios de que os sujeitos envolvidos na elaboração do currículo prescrito, em meio às disputas de saber/poder que envolvem as decisões do currículo, demarcaram um espaço e um lugar para a História na formação do enfermeiro.

Não há dados ou mais elementos para se discutir por que os cursos de Enfermagem das IES do Ceará - exceção de Fortaleza - estarem em sua maioria dispensando um maior espaço para o ensino da História da Enfermagem por meio de suas disciplinas. Mais uma vez, assinalamos também que, nestas IES, não temos conhecimento de como esta temática é ensinada ou articulada á profissão, a sua profissionalização, que leve ao sentimento de pertença e de identidade que desperte

uma consciência da importância desta História no futuro enfermeiro, para que ele possa, ao conhecer o passado, entender o seu presente e, se possível ou necessário, planejar ou redirecionar o futuro de sua profissão. Só podemos evidenciar que a HE, nestas IES cearenses, está sendo mais contemplada no currículo. Essa realidade envolve a tomada de decisão dos professores quando da elaboração do currículo, porém, cabe lembrar o fato de ser na sala de aula que o currículo se materializa e ocorre o processo ensino-aprendizagem. Este processo acontece, no entanto, não só por meio da transferência de conteúdos, mas, também, pela influência das diversas relações e interações na sala de aula e na relação professor-aluno.

Como o foco desta tese se volta para o lugar do ensino de História da Enfermagem no curso de enfermagem da UECE, pelo fato de considerarmos esta instituição o início da própria História da Enfermagem no Ceará, por motivos já assinalados desde o início desta tese, a discussão conjunta a outras instituições/cursos/disciplina, portanto, se encerra, abrindo um conjunto de interrogações e pontos para serem investigados em outros momentos ou temáticas para aprofundamento de discussões sobre essa realidade da História na profissão de Enfermagem no Ceará.

A busca por desenvolver um estudo de natureza histórica situa, em primeiro lugar, a necessidade de se localizar no tempo o objeto da análise, no caso, a trajetória da disciplina História da Enfermagem no curso da UECE. Assim, se fez necessário abordar a configuração da disciplina História da Enfermagem nas IES públicas e privadas do Ceará, no tocante a denominação, carga horária, período de oferta, ementas, bem como dos conteúdos trabalhados em linha gerais. Esta indagação para o currículo dos cursos de enfermagem das IES do Ceará permitiu perceber, entre outras análises já realizadas, a existência e o lugar da História da Enfermagem nas matrizes curriculares dos referidos cursos.

Deste modo, um passo adiante será o de focar este mapeamento para análise e entendimento do lugar do ensino de História da Enfermagem, no caso, no curso da UECE, com foco nas matrizes curriculares produzidas por este curso, para termos indicações de como o seu pioneirismo resultante da criação da primeira escola de Enfermagem no Estado, a EESVP, em 1943, embrião da formação do enfermeiro, trata, ou melhor, cuida de sua própria História e da História da profissão. O mapeamento do ensino da História de Enfermagem, seu estudo e análises com foco no curso da UECE, por motivos assinalados desde o texto de introdução desta tese e há pouco reafirmadas, passam a ser desenvolvidos na seção destinada às discussões e análises dos dados coletados no campo empírico com foco mais direto no objeto de nossa investigação tratado na seção 5 desta tese. Cabe agora delinear as trilhas que percorremos na tessitura desta pesquisa.

5 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: OS FIOS DA TESSITURA DA PESQUISA

Os fios de sol de seus gritos de galo.

(Poema *Tecendo a manhã* - João Cabral de Melo Neto)

O trajeto teórico-metodológico da pesquisa demanda trilhar caminhos para que os objetivos propostos sejam alcançados, bem como o apoio em referenciais basilares para se ancorar não só a trajetória em busca dos dados, mas também para percorrer o curso das análises sobre os achados. Assim, o processo investigativo cinge percursos individuais, coletivos, teóricos, metodológicos e, como na gradação no poema posto no inicio do escrito, a pesquisa exige um agir em sequência, ou seja, demanda o desenvolvimento de passos que conduzam à realização da investigação e à tessitura do texto, um caminho teórico-metodológico. E como os "*fios de seus gritos de galo"*, que se juntam para tecerem a manhã e o poeta segue tecendo o texto, o caminho teórico-metodológico circunda e se forma de muitos fios que se lançam na tessitura da pesquisa; fios que se encontram em movimento como o grito dos *galos que tecem a manhã e fazem* aparecer o sol, "*luz balão".*

Este, no entanto, é um momento desafiador para o pesquisador, exigindo coerência, imaginação e rigor. Vemo-nos tentadas a tomar caminhos bifurcados, experimentando escolhas por meio de seduções de leituras e aproximações com linhas de pensamento, o que também é enriquecedor e nos constitui como pesquisadora, porém, exige escolhas.

Nesta perspectiva, faz-se necessário decidir em que abordagem teórico-metodológica vamos aportar para interpretar e analisar o nosso objeto de estudo. É inevitável fazer escolhas, traçar definições, seguir caminhos. Assim, surgem indagações como: Que tipo de pesquisa estamos desenvolvendo? Com quais lentes olhamos para analisar e interpretar o objeto investigado? Desse modo, a demarcação do percurso metodológico envolve uma concepção de conhecimento, de mundo, de homem, de sociedade e como ambos se constituem e se relacionam, numa teia que envolve as ações econômicas, políticas, sociais, culturais, e, portanto, ultrapassa a dimensão instrumental e técnica. Nesse sentido, Gatti (1999, p.11) expressa que:

> O método nasce do embate de ideias, perspectivas, teorias, com a prática. Ele não é somente um conjunto de regras que ditam um caminho. É também

> um conjunto de crenças, valores e atitudes. Há que se considerar o aspecto interiorizado do método, seu lado intersubjetivo, e, até em parte personalizado pelas mediações do investigador. Ou seja, o método, para além da lógica, é vivência do próprio pesquisador com o pesquisado. Não é externo, independente de quem lhe dá existência no ato de praticá-lo.

Antes de caracterizarmos, no entanto, a metodologia apreendida como mais adequada para empreender as reflexões teóricas deste estudo, vale salientar os dois fatores que justificam essa escolha. Inicialmente, pela condição de pesquisador individual, o que difere de um pesquisador institucional assistido por colaboradores e pelos aspectos físico, financeiro e temporal, que possibilitam maior ampliação da investigação sobre o objeto estudado; segundo, pela natureza do fenômeno social a ser investigado, isto é, um fenômeno do campo educacional, perpassando as áreas de Educação, História e Enfermagem, e também por elementos que não se restringem somente a estas áreas, mas a consciência de seus determinantes externos, como os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais.

Nesta seção, evidenciamos os percursos por nós adotados no curso da investigação, que se delineou dentro de um planejamento acompanhado dos critérios que uma pesquisa científica exige. O objetivo da seção é delinear o percurso teórico-metodológico que contribuiu para aquisição de conhecimentos e descobertas do objeto de estudo, descrevendo os passos realizados muito deles decididos no decorrer da pesquisa.

5.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Na Fundamentação/perspectiva teórica, referimo-nos àquela forma de enxergar o mundo, compreender as relações estabelecidas entre os sujeitos e desses com a realidade na qual estão inseridos. Mesmo que o pesquisador não perceba, e, conscientemente, não possua esse entendimento, contudo, toda pesquisa se alicerça numa perspectiva teórica (BOGDAN; BIKLEN, 2010) e esta não é diferente.

Assim, uma pesquisa em Educação que trata da História de outra área, a Enfermagem, requer leituras múltiplas para fundamentação do estudo. Com efeito, “[...] metodologias de áreas afins e a própria visão multidisciplinar das ciências contribuíram sobremaneira para o aprimoramento dos estudos históricos [...]”. (SAMARA; TUPY, 2010, p.63). Nesse sentido, o processo metodológico da pesquisa empreende uma fundamentação ou uma perspectiva teórica, mediante a visão de

mundo que lhe é subjacente, as crenças por meio das quais vemos, percebemos e interpretamos o mundo, consciente ou inconscientemente. (GAMBOA, 2012). Neste contexto de considerações, nos apoiamos, portanto, na multirreferencialidade, perspectiva ou posição do pesquisador desenvolvida, inicialmente, por Jacques Ardoino[55], na Universidade de Paris VIII (BARBOSA, 2014; MARTINS, 2004). A multirreferencialidade pode ser compreendida como uma pluralidade de olhares dirigidos a uma realidade e uma pluralidade de linguagens para traduzir esta mesma realidade e os olhares dirigidos a ela (FAGUNDES; BURNHAM 2001). No caso deste estudo, os olhares perpassam a Educação, a História, a Enfermagem, e entrelaçam estes saberes, no sentido de que o objetivo maior do estudo foi analisar a trajetória do ensino de História da Enfermagem no curso de formação desse profissional na Universidade Estadual do Ceará - UECE, desde a sua origem na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo-EESVP, considerando os conteúdos trabalhados, a concepção de História dos docentes e o entendimento de inserção dessa profissão na sociedade.

Assim, esse estudo possui aproximação com distintas áreas de conhecimento que se mesclam, suscitando e se adequando perfeitamente à multirreferencialidade, considerada por nós uma perspectiva de compreensão que se utiliza de percepções diversas e entendimentos que, para nós, se complementam, de autores que podem advir ou defender campos teóricos diferentes. A multirreferencialidade, contudo, não aspira a ser uma integração (soma) de conhecimentos; ao contrário, postula o luto do saber total, por que quanto mais se conhece, mais se cria áreas de não-saber. Quanto maior é a área iluminada, maior será a área de sombra (FAGUNDES; BURNHAM 2001). Assim, há necessidade da multirreferencialidade para compreensão do objeto e redução das sombras advindas da área iluminada desta pesquisa.

De tal modo, por vezes, essa atitude multirrefencial se aproxima do trabalho do *bricouler*, que utiliza várias linguagens para a compreensão de uma realidade, sem incorrer no equívoco de reduzir uma linguagem à outra ou simplesmente misturá-las, descaracterizando-as (MARTINS, 2004); haja vista que, na bricolagem científica, “[...]

[55]Jacques Ardoino nasceu em 6 de março de 1927 em Paris e morreu na mesma cidade em 20 de fevereiro de 2015. Tornou-se referência educacional ao elaborar uma epistemologia plural para as Ciências da Educação e Antropossociais, com base em uma perspectiva de prática educacional em que a heterogeneidade é o ponto de partida epistemológico, ético, político e formativo. Além de interpretações sobre conceitos e teorias, especialmente a da multirreferencialidade.

o *bricoler* está rodeado de escolhas a fazer e, provavelmente, começará pela(s) área(s) conhecida(s), que melhor servem à busca imediata". (BERRY, 2007, p. 135). Não é intuito deste estudo, no entanto, seguir a rigor etapas de um *bricouler,* executando passos da bricolagem científica na execução da pesquisa, mas assumimos uma posição multirreferencial, uma vez que "[...] as ciências humanas e sociais nem foram e não são tão simples, límpidas e procedimentais como os cientistas desejariam (KINCHELOE; BERRY, 2007). Assim, o comportamento humano e social influenciado pelas dinâmicas sóciohistóricas dos sujeitos exige análises interpretativas, englobando as subjetividades de quem as produz nas situações do cotidiano educaciona, demandando múltiplas leituras.

Na acepção de Martins (2004, p. 23), a operacionalização de novos conceitos na multirreferencialidade é também oriunda da relação entre as várias disciplinas, cujos conhecimentos articulados não são reduzidos uns aos outros, mas "tecidos" ou mesmo "bricolados". Assim, o nosso estudo se apoia no universo das multirreferencialidades por permear distintas áreas do conhecimento.

Os estudos de Jacques Ardoino (1998) demonstram que uma instituição, uma organização ou um grupo não pode se nomear, se descrever, nem se analisar com suporte numa só linguagem de referência. O autor assinala nesse sentido que,

> Diferentemente das representações de "área" ou de "campo", imagens de planos e de espaços que sugerem preferencialmente homogeneidade, o "campo" já implica profundidade, até mesmo estratificação de camadas eventualmente heterogêneas, e se encontra mais facilmente ligado a uma perspectiva temporal ou a uma historicidade. (ARDOINO, 1998, p. 48).

Desse modo, a multirreferencialidade contribui para uma compreensão de realidade não linear, e que exige do pesquisador uma posição aberta às distintas possibilidades de abordagem, trilhando as várias áreas disciplinares para a constituição de conhecimento; no caso, desvelando o nosso objeto de estudo.

5.2 ABORDAGEM QUALITATIVA E MÉTODO HISTÓRICO

Na organização do trabalho e busca do desvelamento do objeto de estudo, e mediante as indagações explicitadas, buscamos explorar os referenciais aplicados ao desenvolvimento da abordagem qualitativa, para designar a uso de estratégias de

investigação, que compartilham determinadas características, como assinalam Bogdan e Biklen (2010, p. 16):

> Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, igualmente, formuladas como objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.

Busca a compreensão e não a mensuração. Desse modo, na pesquisa/abordagem qualitativa buscamos respostas para as indagações propostas erigidas à medida que os dados vão sendo coletados, apesar de possuirmos um desenho de destino. Assim, embasada no pensamento de Bogdan e Biklen (2010), nosso foco principal é o processo de desenvolvimento da pesquisa e não apenas o produto. Além do mais, a concepção do objeto de estudo que se utiliza da abordagem qualitativa sempre é visto na sua historicidade, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento do indivíduo e no contexto (MAYRING, 2002). Assim, o percurso da pesquisa é relevante e todas as etapas precisam de planejamento.

A realização de uma pesquisa a partir ou que se utiliza da abordagem qualitativa sugere um recorte espacial e temporal de determinado fenômeno por parte do pesquisador e possui variações quanto a método, forma e objetivos. No tocante ao que Minayo chama de abordagem qualitativa, esta assinala que ela se adequa “[...] aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (2008, p.57).

Nesse sentido, a abordagem qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Na acepção de Denzin e Lincoln et al. (2006, p. 17), os pesquisadores utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.

Desse modo, a pesquisa/aborgadem qualitativa auxilia na descoberta de como os significados acerca de uma temática são constituidas, negociados e

estabelecidos, por meio de sua análise descritivo-narrativa, indutiva (BOGDAN; BIKLEN, 2010). Há de se considerar, ainda, que a abordagem qualitativa como processo, exprime atividades interligadas, incluindo teoria, ontologia, epistemologia, metodologia, método e análise (GRIX, 2002). Esses constituem caminhos para a pesquisa.

Seja por abordagem qualitativa ou quantitativa, entendemos que as pesquisas demandam inquietações e evidências configuradas como respostas, que o presente nem sempre consegue elucidar. Assim, remetem um retorno ao passado. O olhar para o passado no percurso desta tese se deu pela busca de constituir a trajetória do ensino de História da Enfermagem no curso de Enfermagem da UECE desde a sua origem, em 1943, na EESVP.

Para Wood e Lobiondo (2001), a metodologia histórica pode surgir dentro de uma abordagem quantitativa ou qualitativa, entretanto, a natureza da história é fundamentalmente narrativa (qualitativa) e não numérica (quantitativa). Nessa direção, também Padilha e Borenstein (2005, p.557), ao discutirem o método de pesquisa histórica na Enfermagem, entendem que “[...] a pesquisa histórica tem o propósito de demonstrar os sucessos, fracassos, ocorrências em geral ou eventos no âmbito de interesse do historiador; e se entende por metodologia, segundo as autoras, o modo pelo qual são enfocados os problemas e se buscam as respostas”. Assim, os estudos de natureza histórica favorecem a compreensão da experiência dos grupos humanos no seu espaço.

Nesse sentido, entendemos que o pesquisador deverá estar atento, buscando organizar o seu projeto e, posteriormente, a pesquisa propriamente dita, observando a sua estrutura como além da definição do levantamento de dados; avaliação crítica destes dados e, finalmente, apresentação dos fatos, interpretação e conclusões. Desse modo, o método de pesquisa, histórica ainda na concepção das referidas autoras, caracteriza-se como uma abordagem sistemática por meio de coleta, organização e avaliação crítica de dados, que têm relação com ocorrências do passado (PADILHA; BORENSTEIN, 2005). Mesmo observando estas sugestões ou advertências das autoras, é preciso, como assinala Cardoso (2007 p.542), uma “[...] certa flexibilidade no uso do método escolhido, de modo a não cair prisioneiro de procedimentos que prejudiquem as interpretações históricas de fundo e a verificação das hipóteses de trabalho”. Nesse ponto, a multirefrencialidade aponta para as saídas.

O método histórico também possibilita uma interligação com diversas áreas do conhecimento e múltiplas perspectivas, sendo possível o diálogo com correntes epistemológicas em distintas áreas de pesquisa. Isto envolve questionar: Onde? Quando? Quem? Para quê? Por quê? Para quem? Com o quê? Como? No caso do deste estudo, favorece o desenvolvimento da investigação, uma vez que contribui na apreensão da constituição do ensino da História da Enfermagem na graduação, inserido em distintos contextos - político, econômico, social e cultural - e temporalidades vivenciadas pelo curso e que implicaram nas mundaças curriculares vivenciadas em sua trajetória e, consequentemente, no lugar do ensino de História na formação do profissional de Enfermagem.

5.3 CONTEXTO DA PESQUISA

Quando propusemos o entendimento da trajetória da disciplina História da Enfermagem na formação inicial do enfermeiro, adotamos como *locus* o Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará - UECE. O Curso de Enfermagem da UECE é mais antigo do que a própria UECE, conforme já explicitado, pois, foi criado em 1943, com a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo- EESVP.

A Universidade Estadual do Ceará - UECE, desde 1975, é uma Instituição de Ensino Superior constituída em forma de Fundação com personalidade jurídica de Direito Público. A UECE foi criada com base legal da Resolução de número 2, de 05 de março de 1975, do Conselho Diretor, referendada pelo Decreto número 11.233, de 10 de março do mesmo ano. A história da UECE, porém, está intimamente ligada com os cursos que já existiam em unidades de ensino superior no Ceará, conforme demonstra o quadro 22.

Quadro 22- Unidades de Ensino Superior incorporadas à UECE no ano de 1975 para sua criação.

Instituição/Local	Natureza	Decreto de criação	Cursos
Faculdade de Filosofia do Ceará – Fortaleza	Autarquia	Decreto Nº 22.974, de 22 de abril de 1947.	Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas e Neolatinas e Matemática
Escola de Administração do Ceará - Fortaleza	Autarquia	Foi criada 15 de junho de 1957, pelo Instituto Cearense de Administração.	Administração
Faculdade de Veterinária - Fortaleza	Autarquia	Lei nº 6.143 de 1º de dezembro de 1962	Veterinária
Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos Limoeiro do Norte	Autarquia	Lei nº 8.716 de 19 de agosto de 1966	Letras, Pedagogia, Geografia, História e Matemática
Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo - Fortaleza	Privada	Decreto n°133, de 24 de agosto de 1943.	Enfermagem
Escola de Serviços Social – Fortaleza	Privada	Decreto nº 39.511, de 4 de julho de 1956	Serviço Social
Conservatório de Música Alberto Nepomuceno- Fortaleza	Privada	Criado em 26 de maio de 1938	Música

Fonte: Elaborado pela autora.

Os cursos das referidas instituições mantinham convênio com o Estado, ou funcionavam como autarquias e já eram mantidas em parte ou totalmente pelo Erário do Estado e instituíram a UECE.

Criada a Universidade Estadual do Ceará, foi incorporada ao seu patrimônio as Unidades de Ensino Superior existentes na época: Escola de Administração do Ceará, Faculdade de Veterinária do Ceará, Escola de Serviço Social de Fortaleza, Escola de Enfermagem São Vicente de Paula, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, em Limoeiro do Norte.

Eram instituições que tinham iniciado suas atividades no final dos anos de 1930, como o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, em 1938 e, se

estenderam com novas criações até a primeira metade dos anos de 1970, como a Televisão Educativa do Estado do Ceará-Fortaleza.[56]

A idealização de criação de uma universidade estadual foi concretizada no governo de César Cals (1971-1975). O governador César Cals criou por meio da Lei nº 9.753, de 18 de outubro de 1973, a Fundação Educacional do Estado do Ceará - FUNEDUCE, que seria a instituição mantenedora da futura Universidade Estadual do Ceará. A Lei nº 9.753 de 18 de outubro de 1973 determinou no Art. 2º e 4º, como seria constituída a FUNEDUCE.

> Art. 2° - A FUNEDUCE promoverá as gestões necessárias para a criação da Universidade Estadual do Ceará, integrada inicialmente, dos estabelecimentos mencionados no art. 4° desta lei, assumindo os encargos financeiros de sua manutenção e de TV educativa.
> Parágrafo único – A FUNEDUCE, na forma da legislação vigente, poderá desdobrar a consecução plena de seus objetivos.
> Art. 4° - A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, a que alude o art. 2º desta lei, será constituída, inicialmente, pela incorporação das seguintes unidades oficiais de ensino superior do Estado;
> I – Escola de Administração do Ceará;
> II – Faculdade de Veterinária do Ceará;
> III – Faculdade de Filosofia do Ceará;
> IV – Faculdade de Filosofia. Aureliano Matos de Limoeiro do Norte.
>
> § 1° - No atendimento da legislação pertinente, poderá haver desdobramento das unidades educacionais de que trata este artigo.
>
> § 2° - A FUNEDUCE diligenciará no sentido de incorporar à Universidade Estadual do Ceará, mediante os instrumentos adequados, a Escola de Serviço Social do Ceará, e Escola de Enfermagem São Vicente de Paula[57] e o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, sendo condição essencial para essa incorporação que as entidades mantenedoras das referidas instituições concordem em transferir à Fundação, sem qualquer ônus para esta, os respectivos patrimônios, além dos acervos escolares.
>
> § 3° - Efetivada a incorporação do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, ao mesmo incumbirá a manutenção, dentre outros, de outros cursos permanentes de declamação e pintura.
>
> Art. 5° - São transferidos à FUNEDUCE os serviços e recursos financeiros, pertencentes ou destinados à TV Educativa do Ceará e às instituições oficiais de ensino que lhe são incorporadas, respeitada a ressalva constante do item I do art. 3º desta lei[58].

[56] http://www.uece.br/uece/index.php/conheca-a-uece/historico.
[57] São Vicente de Paula (e não Paulo) – grafia conforme a Lei nº 9.753 de 18 de outubro de 1973. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Educacional do Estado do Ceará – FUNEDUCE e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Ceará, CE, 18 out. 1973. O certo, porém, é Paulo.
[58]Diário Oficial do Ceará, site: http://pesquisa.doe.seplag.ce.gov.br/doepesquisa/. Pesquisa realizada em 18/01/2017.

Sob o ideário de criação de uma universidade estadual e apoiado pelo Governador do Estado, no dia 5 de março de 1975, o Conselho Diretor da FUNEDUCE aprovou, com base na Lei de criação da FUNEDUCE, a Resolução de criação da Universidade Estadual do Ceará, transcrita a seguir.

> RESOLUÇÃO Nº 02/75, de 05 de março de 1975
> Cria a Universidade Estadual do Ceará e dá outras providências.
> O Conselho Diretor da Fundação Educacional do Estado do Ceará, tendo em vista o disposto no art. 2º e § 2º do art. 7º, da Lei nº 9.753, de 18 de outubro de 1973, e no uso da atribuição que lhe confere o art. 17, item III, do seu próprio Estatuto,
> RESOLVE:
> Art. 1º - É criada a Universidade Estadual do Ceará, a ser mantida pela Fundação Educacional do Estado do Ceará, nos termos da Lei nº 9.753, de 18 de outubro de 1973, e do próprio Estatuto desta Instituição.
> Art. 2º - Fica aprovado o Estatuto da Universidade Estadual do Ceará, que a esta acompanha, sujeito à aprovação do Governador do Estado e, posteriormente, do Conselho Federal de Educação.
> Art. 3º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial do Estado, revogadas as disposições em contrário.
> Sala das Sessões do Conselho Diretor da Fundação Educacional do Estado do Ceará, em Fortaleza, 05 de março de 1975.
> Maria Antonieta Cals de Oliveira
> Presidente[59]

Por necessidade de adequação às novas exigências administrativas que se evidenciaram nos três primeiros anos de funcionamento, a FUNEDUCE foi transformada em Fundação Universidade Estadual do Ceará - FUNECE, em maio de 1979[60]. Com o processo de criação da Universidade Estadual, avaliado e aprovado pelo Conselho Federal de Educação, seria assinado o Decreto Presidencial nº 79.172, de 26 de janeiro de 1977, concedendo o reconhecimento oficial à Universidade Estadual do Ceará, passando, deste modo, a valer o Estatuto e o Regimento Geral da UECE. O Decreto é transcrito a seguir.

> Decreto nº 79.172, de 26 de janeiro de 1977
> Concede reconhecimento à Universidade Estadual do Ceará, com sede na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará.
>
> O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, de acordo com o artigo 47 da Lei número 5.540, de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-lei nº 842, de 9 de setembro de 1969, e tendo em vista o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 4.421 de 1976, conforme consta do Processo nº 4.362 de 1976 - CFE.

[59] Diário Oficial do Ceará, site: http://pesquisa.doe.seplag.ce.gov.br/doepesquisa/. Pesquisa realizada em 18/01/2017.
[60] Site oficial da UECE. www.uece.br Pesquisa realizada em 19/01/2017.

> DECRETA:
> Art. 1º. É concedido reconhecimento à Universidade Estadual do Ceará, mantida pela Fundação Educacional do Estado do Ceará (FUNEDUCE), com sede na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará.
> Art. 2º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.
>
> Brasília, 26 de janeiro de 1977; 156º da Independência e 89º da República.
>
> ERNESTO GEISEL
> Ney Braga[61]

Portanto, em 1975, esta instituição se iniciou com cinco cursos de graduação, em 2018, a UECE já possui 48 deles espalhados nos dois *campi* da Capital, distribuídos nos cinco centros e um instituto, e nas seis faculdades no interior do Estado. O quadro 23 demonstra os centros da UECE em Fortaleza:

Quadro 23 – Distribuição das unidades administrativas responsáveis pelos cursos de graduação e pós-graduação na UECE, pelos *campi* da Capital do Estado do Ceará.

Unidades administrativas	Sigla	Campus
Centro de Educação	CED	Itaperi
Centro de Estudos Sociais aplicados	CESA	Itaperi
Centro de Ciências da Saúde	CCS	Itaperi
Centro de Ciências e Tecnologia	CCT	Itaperi
Faculdade de Veterinária	FAVET	Itaperi
Instituto Superior de Ciências Biomédicas	ISCB	Itaperi
Centro de Humanidades	CH	Fátima

Fonte: Elaborado pela autora.

Além dos centros na Capital conforme demonstra o quadro 23, a UECE também atua nas faculdades no interior do Estado, conforme descrito no quadro 24, a seguir.

[61]Diário Oficial da União, site: http://portal.imprensanacional.gov.br/. Pesquisa realizada em 18/01/2018.

Quadro 24 – Distribuição das unidades administrativas responsáveis pelos cursos de graduação e pós-graduação na UECE, pelos *campi* do interior do Estado do Ceará.

Campus	Município	Localização
Faculdade de Filosofia Dom Aureliano - FAFIDAM	Limoeiro do Norte	Região Jaguaribana
Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC	Quixadá	Sertão Central
Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu-FECLI	Iguatu	Região Centro Sul
Faculdade de Educação de Crateús – FAEC	Cratéus	Região Oeste/Ibiapaba
Faculdade de Educaçãode Itapipoca – FACEDI	Itapipoca	Região Noroeste
Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos InhamunsCECITEC	Tauá	Região dos Inhamuns

Fonte: Elaborado pela autora.

Em sua trajetória, a UECE dedica-se a formar profissionais em todas as áreas do conhecimento, atuando na capital e no restante do do Estado, conforme demonstra a figura 09.

Figura 9 – Mapa da atuação da UECE na Capital e no interior, por meio dos centros e faculdades.



Fonte: http://www.uece.br/uece/index.php/onde-estamos

A atuação da UECE é intensa na formação de professores, com cursos de licenciaturas em todos os seus centros e faculdades, e com um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação com área de concentração na formação de professores, programa no qual se insere esta tese.

O curso de graduação bacharelado em Enfermagem encontra-se vinculado ao Centro de Ciências da Saúde - CCS, funcionando, de modo exclusivo, no *Campus* do Itaperi, ao lado dos cursos de Ciências Biológicas, Nutrição, Educação Física e Medicina. Este curso, no momento, janeiro de 2018, possui duração mínima de quatro anos e meio ou nove semestres letivos e máximo de seis anos ou 12 semestres letivos. Forma enfermeiros capazes de intervir no processo saúde-doença, de modo crítico e transformador, na perspectiva do cuidar, educar, gerenciar e pesquisar (PROJETO DO CURSO, 2005). O curso de Enfermagem da UECE no momento (janeiro/2018) conta com um corpo docente de 46 professores, sendo 36 efetivos e 12 substitutos, sendo todos graduados em Enfermagem. A maioria é do sexo feminino, num total de 44 e dois professores do sexo masculino e a maior parte (30) do corpo docente é composta por doutores, conforme descrito no quadro 25,

Quadro 25- Titulação acadêmica dos professores do Curso de Enfermagem, em relação ao vínculo de trabalho, na UECE.

VINCULO TRABALHISTA	TITULAÇÃO ACADÊMICA			
	DOUTORADO	MESTRADO	ESPECIALIZAÇÃO	GRADUAÇÃO
EFETIVOS	29	5	-	-
SUBSTITUTOS	1	9	1	1
TOTAL	30	14	1	1

Fonte: Fonte CCS/UECE (2018).

Com 75 anos de existência, o curso carrega uma historicidade na formação da Enfermagem cearense.

5.4 RECORTE TEMPORAL

Estabelecemos, como recorte temporal para análise dessa trajetória, o período 1943-2018. O primeiro ano, 1943, refere-se ao início do curso de Enfermagem e, por conseguinte, a produção da sua primeira matriz curricular, nela inserida a disciplina História da Enfermagem. Quanto ao ano de 2018, refere-se a aprovação do Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem, assinalando o término da vigência das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Enfermagem (2001), que orientam a matriz curricular (2005) em vigor em 2018 no curso estudado e na qual investigamos a inserção da disciplina História da Enfermagem.Com o surgimento no cenário nacional de novas DCN que estão sendo elaboradas e discutidas pelos profissionais da área da Enfermagem e que após serem homologadas pelo Congresso Nacional, entrarão em vigor nos cursos de enfermagem de todo o País, devem, então, modificar a matriz curricular para atender as exigências da nova DCN.

Esse recorte temporal também permite analisar a inserção da disciplina História da Enfermagem em movimento ou deslocamentos no tempo, adentrando múltiplos passados, presentes e expectativas, seja pela mobilização de variadas memórias trazidas pelos professores colaboradores, responsáveis por esta disciplina no decorrer dos anos, ou seja, pelas trilhas que os documentos apontam. De 1943 a 2018, contamos com 75 anos do ensino de Enfermagem o que constitui fato

expressivo e tempo amplo para estudos mais aprofundados. Em se tratando, porém, da inserção e análise da trajetória de uma disciplina, no caso, História da Enfermagem, o foco se torna mais delimitado no tempo e localizado nos espaços que compõem as 12 matrizes curriculares que surgiram durante estes 75 anos de ensino. Para nós, portanto, é objeto de investigação possível de ser contemplado.

5.5 FONTES DE RECOLHA DE DADOS

A recolha de dados desta pesquisa envolveu documentos escritos, história oral, observação e o uso do diário de campo.

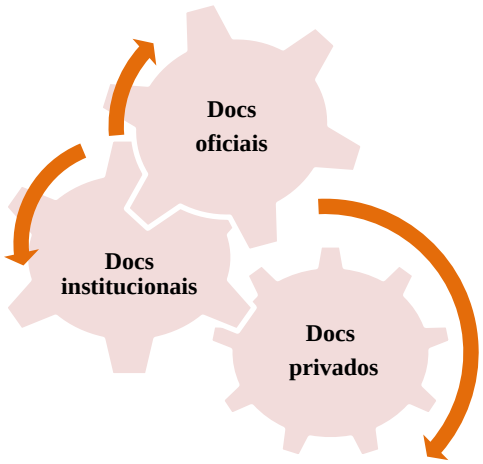
As fontes ou documentos são requisitos basilares para a produção e sistematização do conhecimento histórico. Os elementos constituintes da a pesquisa histórica envolvem levantamento, catalogação, identificação, problematização e interpretação das fontes.

Mediante a influência da historiografia dos *Annales*, os seguidores da Nova História, na segunda metade do século XX, abrangeram em seus estudos históricos as mais diversas fontes, como a literatura, as imagens ou a cultura material. Foi modificado o conceito de fontes históricas, entendendo-as como vestígios, registros do passado, abarcando, por exemplo, os estudos como o cotidiano, o imaginário, a alimentação, as tradições, a cultura. Os documentos, escritos, entretanto, não perderam valor, mas passaram a ser reinterpretados, partindo de técnicas interdisciplinares. No nosso caso, foram ancorados na multireferencialidade. As fontes, desse modo, são artefatos culturalmente constituidos e repletos de intencionalidade pelos grupos que as originaram. Na acepção de Bloch (2001, p.79) “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. Nesse sentido, o passado deve servir para compreender o presente, e, principalmente, estabelecer relação com a atualidade por meio da recolha dos dados.

Vale lembrar que os documentos não são de uso exclusivo da investigação histórica pelos pesquisadores para estudar um assunto contemporâneo, sem necessariamente promover uma investigação histórica do objeto. No intuito de constituir a trajetória do ensino da História da Enfermagem na formação inicial do enfermeiro na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo - EESVP/Universidade

Estadual do Ceará - UECE, recuamos no passado e buscamos como fontes para recolha de dados os documentos escritos, conforme demonstra a figura 10.

Figura 10- Demonstrativo da remoção das fontes de pesquisa.



Fonte: Elaborada pela autora.

Buscamos as 12 matrizes curriculares do Curso de Enfermagem durante sua trajetória, com escopo na apreensão da disciplina que trabalha o ensino de História da Enfermagem. O currículo de um curso, no entanto, conforme já explicitado em segmentos desta tese, nasce em contexto sóciohistórico e envolve uma iniciativa legal, constituindo um marco regulatório. Nesse sentido, o instrumento de regulação que se ocupa do curso de Enfermagem na perspectiva macro afetou a nível micro a realidade da EESVP/UECE, na constituição das matrizes curriculares e, portanto, a inserção do ensino da História no currículo prescrito. No quadro 26 são apontados os documentos legais utilizados no diálogo com o objeto de estudo.

Quadro 26- Quadro demonstrativo dos documentos legais utilizados para subsidiar as análises dos 12 currículos prescritos.

Legislação/tipo	Descrição
Decreto nº 142 de 11 de janeiro de 1890.	Desannexa do hospital da Santa Casa da Misericordia desta Capital o Hospicio de Pedro II, que passa a denominar-se Hospital Nacional de Alienados.
Decreto nº 508 de 21 de junho de 1890.	Aprova o regulamento para a Assistência Medico-Legal de Alienados.
Decreto Federal n° 791 de 27 de setembro de 1890.	Evidencia a justificativa para a criação da primeira escola de Enfermagem no Brasil.
Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931.	Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das escolas de enfermagem
Reforma Universitária Lei nº 5.540/1968.	Fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média.
Decreto Nº 21.855, de 26 de setembro de 1946.	Concede equiparação à Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo
Decreto nº 1.920, de 25 de julho de 1953.	Cria o Ministério da Saúde e dá outras providências.
Constituição Federal de 1988	
Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.	Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.
Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990.	Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências.
Lei nº 8.689, de 1993.	Dispõe sobre a extinção do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) e dá outras providências.
Lei nº 9.394/1996 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional	Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
Resolução CNE/CES nº 03/2001.	Definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem.
Resolução nº 4/2009	Determinou a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional, bacharelados, na modalidade Presencial.

Fonte: Elaborado pela autora.

A escolha dessa legislação baseou-se critérios a seguir delineados.

- Os três decretos de 1890 são as primeiras legislações que remetem aos enfermeiros por tratarem do Hospital Nacional de Alienados e da criação da primeira escola de enfermagem no Brasil, possibilitando extrair informações acerca da orientação curricular para o início da formação do enfermeiro brasileiro.
- As demais legislações que antecedem a Constituição de 1988 regulam o exercício da enfermagem, com escopo na equiparação das escolas, fixa as normas do ensino superior e cria o Ministério da Saúde, sendo sob essa legislação que a EESVP foi equiparada a Escola Ana Nery em 1946e anexada a UECE em 1975, mudanças que impactaram no currículo do curso.
- A seleção das demais legislações justifica-se por terem sido produzidas nos anos posteriores a Constituição de 1988. A análise de tais legislações favoreceu a articulação de informações acerca da constituição do currículo para o curso de Enfermagem e para a apreensão do objeto de estudo, com escopo na trajetória da disciplina História da Enfermagem no currículo EESVP/UECE.

A documentação analisada referente aos documentos oficiais, identificados assim, para efeito desta tese e conforme está descrito no quadro 26, foram selecionados e retirados da internet por meio do acesso aos arquivos digitais. É importante lembrar que a organização dos arquivos digitais passa pelo processo de digitalização de documentos e privilegia as fases de preparação, classificação, indexação, controle de qualidade, disponibilização e arquivamento do físico. Assim, como a busca de documentos nos arquivos físicos, a busca de materiais documentais nos arquivos digitais exige que o pesquisador tenha clareza do que busca e como fará para conseguir.

Nesse sentido, para a demanda dos materiais nos arquivos digitais, utilizamos o recurso da indexação. Indexar é representar um documento com palavras referentes ao seu assunto. O documento é analisado e termos são extraídos para a sua identificação no momento da busca. A atividade de indexar documentos pode ser realizada por meio do uso de parâmetros diversos, de *locus* fixos e configuráveis, com

títulos, nomes, datas e números, possibilitando personalizar o sistema e facilitar a localização do documento.

5 .6 AS MATRIZES CURRICULARES

As matrizes curriculares analisadas neste estudo compreendem a trajetória do curso de Enfermagem, desde a criação da EESVP até a UECE, e foram oriundas de produções do grupo do NUDIHMEn[62] e já publicadas nos trabalhos dissertativos de Emanoela Bessa (2012) e Andrea Silva (2015), mencionados no EQ. Conforme já assinalado, constitui um total de 12 matrizes. Vejamos o quadro 27.

Quadro 27 - Descrição das matrizes curriculares analisadas desde a criação da EESVP à sua anexação junto a UECE (1943-2018).

Caracterização	Período	Matriz curricular
EESVP como instituição isolada	1943-1955	1943-1946 1947-1952 1953-1963
EESVP agregada à Universidade do Ceará	1956-1975	1956-1975 1967-1969 1970-1973 1974-1978
EESVP anexada à Universidade Estadual do Ceará - UECE	1975-2018	1979.2-1981. 1981.2-1985.1 1985.2-1996 1997.1-2004 2005.1-2018

Fonte: elaborado pela autora com os dados do NUDIHMEn.

A análise das 12 matrizes curriculares justifica-se por terem sido produzidas durante toda a existência do curso de Enfermagem até o presente momento (2018), em suas três fases, isto é, como pertencente à EESVP, agregado da UFC e anexada pela UECE, permitindo identificar que lugar ocupa o ensino da História da Enfermagem no currículo durante a trajetória do referido curso.

[62]Coordenado pela professora e pesquisadora Dra. Silvia Maria Nóbrega-Therrien.

Cabe ressaltar, uma vez mais, que as matrizes curriculares foram produzidas em distintos contextos e, desse modo, consideramos que são frutos do seu tempo, sendo reveladoras da trajetória do curso, já que, como mencionou Jacques Le Goff (2003. p. 535-536), “[...] o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Importa lembrar que, atualmente, (fevereiro de 2018) o curso possui 75 anos de ensino de Enfermagem e que não buscamos discorrer sobre esse período de seu funcionamento, mas analisar as 12 matrizes curriculares produzidas no decorrer de sua existência com escopo na disciplina História da Enfermagem.

5.7 A HISTÓRIA ORAL E OS SUJEITOS COLABORADORES

O uso efetivo da história oral no Brasil, pelos historiadores, ocorreu no fim do regime civil-militar em meio ao crescimento das lutas pela liberdade de imprensa, a anistia e o exercício pleno dos direitos do cidadão. Vale ressaltar que, no final dos anos 1970, iniciou-se no País uma ampla campanha pela anistia, que tinha como finalidade restabelecer o Estado de Direito, assegurando as liberdades civis. “Em termos historiográficos, muitos cientistas sociais brasileiros viviam um momento em que buscavam outras formas de tratar e analisar seus objetos de investigação que não se aproximasse do estruturalismo, do historicismo e dos métodos quantitativos”. (PEREIRA NETO; MACHADO; MONTENEGRO, 2007). Assim, ampliava-se a influência de historiadores com foco na problemática da micro-história, não se satisfazendo apenas com as grandes explicações com enfoque na macro histórica.

Ferreira (1998) assinala, nesse sentido, que, em 1975, ocorreram as primeiras experiências sistemáticas na área da História Oral no Brasil, com a vinda de especialistas estadunidenses e mexicanos para ministrarem cursos no Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, com o patrocínio da Fundação Ford, destinados a um público de professores e pesquisadores de História e Ciências Sociais, oriundos de váriass instituições. Pretendia-se difundir o uso da história oral, de maneira a implantar programas de história oral em universidades e centros de pesquisa por todo o País, privilegiando a investigação de temas de interesse local. Almejavam também instituir canais regulares de intercâmbio desses pesquisadores por meio da criação de uma associação de

história oral. A Associação Brasileira de História Oral (ABHO) foi, enfim, instituída em 29 de abril de 1994, durante o II Encontro Nacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro, e passou a congregar estudiosos e pesquisadores das áreas de História, Ciências Sociais, Antropologia, Educação e demais disciplinas das Ciências Humanas de todas as regiões do Brasil.

Contudo, [...] “a história oral não merecia figurar nos currículos dos cursos universitários, implicava pouca reflexão e não constava na programação de seminários e simpósios” (FERREIRA, 1998, p. 20). A realidade brasileira havia, no entanto, um embate entre documentação escrita e oral como um documento para pesquisa. Nesse sentido, Pereira Neto; Machado e Montenegro (2009) relatam que a objetividade supostamente parte do documento escrito era um dos argumentos utilizados para afirmar a completa impossibilidade de o historiador fazer uso do depoimento ou entrevista oral, já que este, fundado na memória, se caracterizaria pela sua dimensão subjetiva e, por conseguinte, irreal.

Soma-se a essa discussão, que a denominada “História do Tempo Presente era vista com desconfiança por parte de uma parcela da comunidade de historiadores, que defendia a necessidade de um distanciamento temporal entre o pesquisador e o objeto estudado”. (PEREIRA NETO; MACHADO; MONTENEGRO, 2007, p. 115).

No início dos anos 1990, no entanto, este quadro passou por transformações que possibilitaram um *boom* da história oral. Este *boom* pode ser explicado com suporte em mudanças no próprio *locus* da História, com o rompimento do paradigma estruturalista, mas também com amparo de transformações mais gerais na sociedade brasileira, que experimentavam uma prática democrática, já que, nesse período, não era considerava arriscado falar. Desde então, a História Oral foi adquirindo adeptos de modo lento e descontínuo e com utilização multidisciplinar.

Mediante iniciativas das instituições acadêmicas e da Associação Brasileira de História Oral, criada em 1994, ocorreu os encontros nacionais e regionais, duas vezes por ano, que contribuem no fortalecimento dos estudos acerca da história oral, bem como a edição da *Revista História Oral*[63] em formato digital, que também possibilitou a divulgação dos estudos da área, embora coexistam variadas definições de história oral por parte de historiadores e pesquisadores.

[63]http://www.revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho

Na acepção de Meihy e Holanda (2015, p.17), a história oral “[...] é um recurso moderno usado na elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes á experiência social de pessoas e de grupos”. Para os autores, há basicamente três gêneros distintos em história oral: história oral de vida; história oral temática e tradição oral. Entendemos que o seu emprego depende dos termos que o pesquisador estabelece para sua pesquisa.

Existem três tipos de situações em relação à história oral na definição de Meihy e Ribeiro (2011): história oral instrumental, entendida como a modalidade que serve de apoio à pesquisa cumprindo a função de captação das entrevistas e da passagem do oral para o escrito, arquivo e disponibilidade pública. Constitui, por exemplo, os bancos de dados com séries de entrevistas que servem para vários usos. A história oral plena, também conhecida como história oral pura, não significa a existência de uma história oral impura, mas que realiza as entrevistas e, ao contrário da história oral instrumental, procede com as análises, e estas possuem autonomia documental. E a história oral híbrida acontece quando as entrevistas dialogam com outros documentos escritos. Difere da história oral instrumental por ir além do uso exclusivo das entrevistas, ou seja, além das gravações. Para Meihy e Ribeiro (2011, p.16), “[...] essa alternativa corresponde a uma a dimensão analítica que não se esgota na história oral plena”. Os autores ressaltam que não se trata de hierarquizar importância, mas de buscar a que melhor harmoniza à finalidade do projeto e que não se deve confundir história oral com entrevistas simples, isoladas. Complementando, assinalam, ainda, que “[...] também não cabe chamar entrevistas comuns de história oral, pois em muitos casos elas se orientam por procedimentos e práticas diferentes, respeitáveis e legitimas, mas em outras chaves explicativas”. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.13). Ou seja, a entrevista é o principal instrumento da história oral, mas nem toda entrevista é história oral.

Em nosso estudo, estamos assumindo a história oral híbrida, haja vista o diálogo com os documentos escritos institucionais, normativos e pessoais. Como informa Albuquerque Júnior (2007, p.230) “[...] o oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos”. Também Alberti (2005, p.30), nesse sentido, complementa e esclarece, ao assinalar que, “[...] se o emprego da história oral significa voltar à atenção para as versões dos

entrevistados, isso não quer dizer que se possa prescindir de consultar as fontes já existentes sobre o tema escolhido". Em outras palavras, isso quer dizer que o uso da história oral não exclui o emprego de documentos escritos e sua articulação pelo pesquisador para inferir análises mais pertinentes.

Vale ressaltar a afirmação que nos faz Portelli (2016, p, 21), ao mencionar que "[...] o mais importante sobre a natureza dialógica do trabalho de história oral é que ele não termina com a entrevista, ou mesmo com a publicação: ele precisa encontrar maneiras de ser útil aos indivíduos e às comunidades envolvidas".

Além da história oral híbrida, também recorremos à história oral instrumental, que, como banco de dados com séries de entrevistas, constitui uma base para ser usada por vários pesquisadores. No nosso caso, nos reportamos às entrevistas de ex-alunas arquivadas no acervo do NUDIHMEn como apoio para complementar a análise da trajetória da disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares implementadas pelo curso no período de escola isolada e como escola agregada à UFC.

Quadro 28- Demonstrativo das entrevistas utilizadas do acervo do NUDIHMEn.

Enfermeiras	Ano de Ingresso	Turma de conclusão
Francisca das Chagas Figueredo	1947	1947
Maria Miriam Feitosa Costa	1947	1953
Tereza Carmelita da Cruz Gadelha	1947	1953
Maria Ligia Barros da Costa	1955	1959
Maria José do Espírito Santo	1955	1959
Cleide Veras Pedrosa	1959	1963
Irmã Orminda Santana	1962	1964
Maria Lúcia Freire	1964	1967
Valdonira Arcanjo do Carmo	1964	1967
Maria Dalva Santos Alves	1969	1971
Maria Rodrigues da Conceição	1970	1973
Francisca Mara de Maracaba Menezes	1974	1978

Fonte: NUDIHMEN.

O acervo, como antes assinalado, resulta do trabalho realizado no âmbito de projetos de pesquisa em História e Memória da Enfermagem no Ceará. Tais depoimentos são fontes de pesquisa que registram aspectos singulares de

acontecimentos históricos, por possuírem valor próprio irredutível como fonte primária que transcende os limites inerentes aos projetos de pesquisa que lhes deram origem. Neste estudo, foram utilizadas 12 entrevistas de ex-alunas. Algumas, atualmente (2018) estão com problemas de saúde e outras são falecidas. As entrevistas foram realizadas pelo NUDIHMEn de 2011 a 2012 e o uso no nosso estudo teve como foco os conteúdos de História da Enfermagem do período em que as ex-alunas cursaram a disciplina História da Enfermagem e que não foram localizados nos registros escritos informações sobre os programas de ensino que pudéssemos buscar os conteúdos trabalhados na disciplina. As entrevistas estavam gravadas em áudios e transcritas e realizamos a textualização com foco no objetivo deste estudo doutoral.

A utilização da história oral nesta tese justifica-se por dois motivos.

- A natureza do objeto investigado que permite o uso da oralidade para fortalecimento da sua apreensão.
- A existência dos sujeitos que vivenciaram os acontecimentos e sua disponibilidade em colaborar com a pesquisa.

Assim, em nosso estudo, além da recorrermos ao banco de entrevistas do NUDIHMEn, definimos como sujeitos colaboradores da pesquisa professores de Enfermagem do curso investigado provenientes do tempo da EESVP e/ou da UECE. Os critérios de qualificação dos colaboradores foram: 1). Ter ministrado e/ou ministrar a disciplina História da Enfermagem. 2). Aceitar fazer parte do estudo, confirmando sua concordância mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE (APÊNDICE A - TCLE)

A receptividade de todos os sujeitos colaboradores e o interesse em contribuir com o estudo foi um aspecto relevante a ser assinalado, considerando que são pessoas e, como tais, seres como singularidade e complexidade, envoltos num universo de múltiplas maneiras de estar no mundo e relacionar-se com ele, em especial, no mundo das inter relações de trabalho no universo acadêmico, a aproximação com cada um ocorreu de modo distinto. Assim, não foi um caminho linear, mas envolveu idas e vindas, agendamentos e reagendamentos, diálogos e um processo de confiança e aprendizados.

Definidos os critérios de qualificação dos colaboradores da pesquisa, foi identificado um total de sete professoras do curso EESVP/UECE com os critérios antes mencionados. Destes, participaram cinco, pois duas docentes, por problemas de saúde não puderam participar do estudo.

Os colaboradores do estudo possuem curso de graduação em Enfermagem e desenvolvem e ou desenvolveram a função docente na disciplina História da Enfermagem. Foi identificado o fato de que o grupo possui de 31 a 35 anos de docência. São mulheres, o que reforça a ideia da atuação feminina na Enfermagem. Embora as colaboradoras tenham assinado o TCLE, não foram identificadas pelo nome neste estudo. Conforme a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética foi resguardada a identidade das participantes. Optamos por substituir os nomes de nossas colaboradoras por denominações fictícias, no intuito de, além de resguardar o anonimato, obter maior liberdade ao trabalhar com suas narrativas. Assim, cada uma foi identificada com o nome de uma divindade grega.

Em relação às idades das professoras, estas variam de 70 a 94 e suas experiências com o ensino de História da Enfermagem no curso investigado contribuíram no entendimento do lugar dessa História.

As divindades que representam as professoras da pesquisa são figuras mitológicas[64] da Grécia antiga, período em que os pilares da vida em sociedade eram baseados na mitologia e nas parábolas helênicas. Essas figuras representam arquétipos que auxiliavam as mulheres a conhecerem suas características, o seu comportamento e a sua maneira de se relacionar na sociedade. Estavam em constância no cotidiano da população e, como todos os outros mitos da época, os arquétipos das deusas eram importantes para o autoconhecimento e para estabelecer os padrões da civilização na época.

Desse modo, as deusas gregas deste texto constituem cinco professoras, distintos arquétipos que refletem variadas forças, pensamentos e experiências que ajudam no entendimento do lugar da História da Enfermagem na trama curricular. O grego antigo acreditava que a mitologia era parte de sua história e o culto aos deuses fazia parte do seu cotidiano. Com o desenvolvimento da sociedade e dos conhecimentos sobre a natureza, no entanto, os gregos passaram a questionar a mitologia e criaram a Filosofia, surgindo, precisamente, em oposição à crença dos mitos. Os nomes das sete deusas da Grécia Antiga podem ser mais bem visualizados no Quadro 29 a seguir, juntamente com suas características.

[64]http://www.mitologiaonline.com/nomes-deusas-gregas/. Acesso em 10 de fevereiro de 2018.

Quadro 29- Nome e caracterização das sete deusas da Grécia Antiga.

AS SETE DEUSAS			
Nome grego	**Nome romano**	**Símbolo**	**Caracterização**
Ártemis	Diana	Arco e flecha	Deusa das selvas, da mata, uma exímia arqueira e caçadora. Ártemis tem como símbolos o arco e a flecha. Padroeira dos caçadores e sempre punia quem agia contra os animais.
Héstia	Vesta	Fogo	Deusa do fogo sagrado. Recusou-se a casar. Era a deusa virgem do lar, da vida doméstica, da família e também da arquitetura.
Hera	Juno	Pavão	Deusa rainha do Olimpo, responsável por manter as tradições. Também conhecida como deusa do casamento. Possuía personalidade forte e perseguia as amantes de Zeus, com quem era casada.
Atena	Minerva	Lança, escudo e capacete	Deusa da sabedoria, das artes, da guerra e da justiça. Exerceu profunda influência sobre o pensamento grego, sobretudo, nos conceitos relativos à justiça, à sabedoria e à função civilizadora da cultura e das artes.
Deméter	Ceres	Trigo	Deusa da colheita, da fertilidade, da terra cultivada, do direito sagrado e detém o ciclo da vida e da morte. Conhecida também como deusa da agricultura.
Perséfon	Koré	Romã	Deusa das ervas, flores, frutos e perfumes. Jovem de muita beleza atraia muitos pretendentes. Muitas vezes, aparece segurando uma romã, o fruto proibido que ela comeu no submundo.
Afrodite	Vênus	Rosas vermelhas e pomba branca amorosa	Deusa do amor e da beleza e da sexualidade na antiga religião grega. Responsável pela perpetuação da vida, prazer e alegria.

Fonte: http://www.mitologiaonline.com

Conforme explicitado há pouco, com apoio nos critérios de qualificação dos sujeitos da pesquisa, dois não puderam participar. Então, seguimos sem Perséfone e Afrodite. A seguir, passamos a representar as professoras colaboradoras da pesquisa com seus respectivos pseudônimos, apresentando cada uma delas na tessitura ou articulação dos perfis.

Figura 11 - Ártemis



Fonte: http://www.mitologiaonline.com

Traz junto de si um arco e uma flecha. Nossa Ártemis nasceu em Fortaleza, no Ceará, em 1924 (94 anos). Concluiu o curso de enfermagem em 1955. Teve ampla atuação no curso de Enfermagem em suas três fases. Ártemis é lúcida, comunicativa, lê com a ajuda de uma lupa. Traz junto de si um bastão para apoiar seus passos. As mãos experientes e pouco firmes não permitiram que assinasse o TCLE, sendo lido e explicado para que ela desse a anuência oral. Manteve-se sempre alegre com a nossa presença.

Figura 12 - Héstia



Fonte:http://www.mitologiaonline.com

Deusa do fogo, tem como símbolo o fogo, a tocha, a pira. A professora a quem Héstia representa concluiu a graduação em Enfermagem em 1972. É mestra em Saúde da Criança e do Adolescente. Traz uma longa experiência como professora-enfermeira. Estudou na USP-Ribeirão Preto, possui 31 anos de docência. É uma colaboradora sempre disponível, desde o início, a trazer luz para este estudo.

Figura 13 - Hera



O diadema, véu, cetro, e o pavão são atributos comuns a divindade Hera. A Hera deste texto possui 35 anos de experiência docente, dos quais 26 foram no curso da UECE, onde também exerceu a função de coordenadora. Foi atuante na luta pela Enfermagem. Hera trouxe as suas vivências de professora-enfermeira que atuou na assistência, docência e gestão

Fonte: http://www.mitologiaonline.com

Figura 14 - Atena

As armas de Atenas são o escudo de Égide, e armas normais de guerra, como o elmo, lança, espada. Seu símbolo é a coruja. A professora Atena possui longa experiência na assistência, docência e gestão. Tem mestrado em Educação. É doutora em Enfermagem pela UFC. São 34 anos de magistério dedicados a docência na graduação e pós-graduação *stricto sensu*. Trouxe-nos suas experiências e demonstrou a capacidade de se reinventar como professora-enfemeira.



Fonte: http://www.mitologiaonline.com

Figura 15 - Deméter



Cultuada como a "boa deusa" dos gregos, recebia como homenagem o festival da fertilidade, com participação exclusivamente feminina. A Deméter deste texto concluiu o curso de graduação em 1960 na EESVP. Possui 31 anos de experiência docente, exerceu as funções de coordenadora do Curso de Enfermagem e diretora do Centro de Ciências da Saúde – CCS da UFC. Professora-enfermeira que atuou na assistência, docência gestão. Trouxe-nos encantos e desencantos com a profissão.

Fonte: http://www.mitologiaonline.com

As entrevistas realizadas por nós para este estudo, foram gravadas em áudio e vídeo. Foram realizadas a transcrição - passagem literal do oral para o escrito; a textualização - inclusão da fala do entrevistado num processo dialógico e textual, deixando o texto fluido e na primeira pessoa, sem perder a originalidade e a ideia de historia oral; transcriação - fase de criação, em cima de um texto, momento em que incluímos mediante uma linguagem “quase literária”, as emoções, o choro, a ironia, os silêncios das colaboradoras.

Desse modo, a transcriação, terceira e última fase da metodologia da História Oral no tratamento das entrevistas, remete a uma ação criadora.

> Uma mutação, “ação transformada, ação recriada” de uma coisa em outra, algo que, sendo de um estado da natureza, se torna outra. A beleza da palavra composta por “trans” e “criação” sugere uma sabedoria que ativa o sentido íntimo do ato de transcriar. Fala-se de geração, mas não de cópia ou reprodução. Nem de paródia ou imitação. O senso estético encontra aí colo que abriga aproximações

> sempre evocadas entre literatura e história oral. Nesse sentido, aplica-se à prática da transformação do oral no escrito; a metáfora da água que transmuda do líquido para o gasoso. A palavra também varia na forma do oral para o escrito. É assim que se justificam as variantes de uma mesma fonte, a palavra, que ao perder sua condição etérea ganha dimensões plásticas, viram letras grafadas. (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 133)

Após a realização dessas três fases, encaminhamos o texto transcriado para as colaboradoras para análise e aprovação. Para duas colaboradoras, enviamos por *e-mail* e três colaboradoras fomos em local e horário definidos por elas para leitura e aprovação. Após essa etapa, fomos autorizada a usar as narrativas (APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista).

5.8 A OBSERVAÇÃO COMO RECURSO PARA COLETA DE DADOS

A observação é bastante utilizada como meio para coleta de dados na pesquisa com abordagem qualitativa. Recorremos, também, a esse expediente para compreender o nosso objeto que, como assinalamos, busca constituir a trajetória do ensino da História da Enfermagem na formação do enfermeiro. Trabalhamos com as 12 matrizes curriculares nesta trajetória de 75 anos de ensino de Enfermagem, no entanto, como a matriz curricular produzida em 2005. 1 continua em vigência (fevereiro de 2018), decidimos, como fonte de enriquecimento do nosso objeto e seu desvelamento, observar e acompanhar o desenvolvimento da disciplina que se dedica aos conteúdos da História da Enfermagem, com a finalidade de, em outras palavras, obter também mais contribuições para a apreensão do objeto estudado. Na acepção de Marconi e Lakatos (2011, p.90), a observação “[...] é uma técnica de coleta de dados que visa conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. Nesse sentido, também Lüdke e André (1986, p. 25), descrevem que “[...] para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador”.

Complementando estas considerações sobre a técnica da observação, Marconi e Lakatos (2011, p.191), ainda, mencionam que ela ajuda

o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais as pessoas não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.

Desse modo, “[...] desempenha papel importante e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social”. Para nós, a observação nos põe em contato com a realidade do ensino de conteúdos de História no contexto da matriz curricular atual inserido em outros conteúdos. Este fato nos traz elementos importantes para as análises de nossas questões apontadas na problemática e nos leva a responder um dos objetivos propostos nesta tese, que é o de identificar como os conteúdos da História da Enfermagem se inserem na matriz atual vivenciada pelo Curso de Enfermagem da UECE.

Na perspectiva científica, a observação possui vantagens e limitações, razão por que, o pesquisador sente “[...] a necessidade de se aplicar mais de uma técnica ao mesmo tempo”, como foi o caso deste estudo. Marconi e Lakatos (2011, p. 192) definem, assim, os tipos de observação.

- Observação sistemática - é estruturada, planejada e controlada, utiliza-se instrumentos para a coleta de dados e realiza-se em condições controladas; não devem ser rígidas ou padronizadas, pois, objetos e objetivos podem ser diferentes.
- Observação não participante - o pesquisador entra em contato com a realidade estudada, mas não se integra a ela. Apenas participa do fato, agindo como um mero espectador.
- Observação individual - é realizada, como o próprio nome sugere por apenas um pesquisador, projetando-se sobre o observado, fazendo algumas deduções ou distorções. Pode também intensificar a objetividade de suas informações, anotando os eventos reais.
- Observação na vida real - os dados são registrados à medida que ocorrem num ambiente real, sem a obrigação de preparação.

Neste estudo, foram utilizadas a Observação Sistemática, uma vez que ela tem uma estrutura e é planejada; a Observação não Participante, pois apenas participamos do fato como pesquisadora; não nos integramos a ele; e Observação Individual, já que foi realizada apenas por nós; e Observação na Vida Real, isto é, à medida em que os fatos ocorrem, ou seja, a observação

ocorreu na sala de aula, no curso de graduação, no primeiro semestre, na disciplina A Universidade, o Curso e a Profissão, com carga horária de 34 horas durante o semestre 2017.1.

Como procedimento para coleta, Patton (1990), descreve a observação como produção de dados e destaca que nossa percepção é seletiva e depende de nossos interesses, conhecimentos prévios e que pode ser aprimorada para esta ação. O autor destaca, ainda, que o trabalho de observação implica disciplina, concentração e perseverança. Esses aspectos foram relevantes para realizar a observação, em sala de aula, que envolveu diálogos e entendimentos com o docente que ministra a disciplina, compreendeu compromisso para observar e acompanhar todas as aulas do semestre e perseverança para continuar, diante dos obstáculos surgidos, como a greve da Universidade, que estendeu as aulas ultrapassando o nosso planejamento inicial.

No entendimento de Patton (1990), o pesquisador, ao realizar a observação, necessita fazer uma imersão no contexto, ainda que a observação seja não participante, posição que assumimos neste trabalho. Em linhas gerais, trazemos alguns procedimentos de observação, conforme Patton (1990) aos quais adotamos.

- Chegar antes ao local da observação (pelo menos uma hora).
- Encontrar um local onde seja possível observar o todo.
- Fazer desenho, esboçando o ambiente e a disposição de móveis e materiais.
- Indicar a chegada dos participantes e como eles se distribuíram no ambiente.
- Estabelecer um código para cada participante (ex: p1, p2, p3...).
- Marcar o horário de início da observação.
- Anotar a duração de cada observação.
- Escrever de forma literal o que for dito.
- Fazer anotações a cada cinco minutos, - ou menos, se acontecer algo relevante.
- Se, por acaso, o observador se desconcentrar, anotar isso e o horário em que ocorreu (pode ajudar a esclarecer incongruências).

Ficar atento aos comportamentos e interações não verbais entre os participantes.

- Ser descritivo nas anotações.
- Não usar adjetivos para descrever situações.
- Descrever primeiro para só depois interpretar.
- Atentar para regularidades e eventos singulares.

Para tanto, adotamos um diário de campo, que contribuiu para o registro das observações e todo o percurso da pesquisa (APÊNDICE C – Roteiro de Observação).

5.9 DIÁRIO DE CAMPO: A REFERÊNCIA DE APOIO PARA O REGISTRO CONSTANTE

"Escrever um diário é uma prática antiga", Express-nos Remi Hess (2006, p.89). A escrita do diário íntimo é algo recorrente e o diário de pesquisa, embora de uso menos frequente, remonta ao início do ano de 1808 quando Marc-Antoine Jullien de Paris publicou o livro *Ensaio sobre o método*. Nessa obra, o autor propõe aos jovens escreverem três diários em seus processos de formação. Um diário do corpo, tratando dos aspectos relacionados à saúde; um diário da alma, reconstituindo os encontros com outras pessoas e os resultados desses encontros no campo moral; e ainda um diário intelectual para anotações referentes aos conhecimentos intelectuais, as aquisições científicas resultantes de seus encontros, como com a leitura, por exemplo. (HESS, 2006).

Importa lembrar que esse livro foi escrito em um período em que a escola não era acessível para todos e, com a escrita dos diários, Julien de Paris acreditava que, uma vez realizados os registros, os conhecimentos se transformariam em saberes. Nesse sentido, o diário era concebido como um modo de formação total da pessoa, representando, portanto, uma maneira de cuidar da alma, do corpo e do intelecto, ou seja, das dimensões física, espiritual e intelectual que constituiem o ser humano.

No diário de campo não tivemos o anseio de adotar a proposição de Julien de Paris, mas também não nos limitamos a registrar os dados relativos aos aspectos das aulas observadas. Registramos nosso percurso no doutorado,

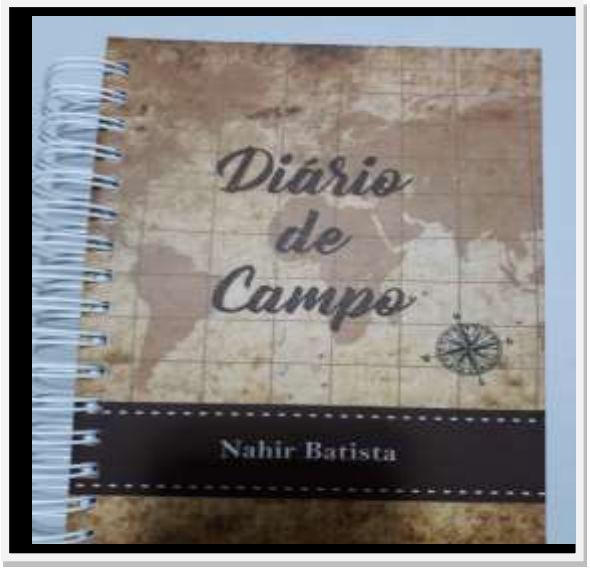
a chegada ao curso, o encontro com a orientadora, diálogos profícuos na busca de apreensão do objeto; as conversas com colegas de doutorado que caminharam conosco, bem como com colegas de outras turmas; os encontros com os colegas no NUDIMHEm os “mutirões que fizemos, a partilha e a produção”[65]; os lugares visitados; os trabalhos apresentados; a participação nos eventos acadêmicos como espaços de formação; as esperanças, as angústias no decorrer da pesquisa; os encontros e desencontros; e, também as breves pausas impostas pelo corpo em razão do cansaço, seja para uma caminhada na beira-mar para refletir sobre os rumos da pesquisa; se encantar com o mar, o pôr do sol ou observar o colorido dos objetos na Feirinha ao lado do mar; seja para as aulas de inglês, para viajar para as cidades no interior do Ceará como Professora BR[66]; ou para encontrar a família no interior do Estado, seja para viajar para participar dos encontros acadêmicos em outros estados brasileiros.

Hess (2009. p.89) assinala que o diário “[...] é uma maneira de preservar a memória de suas descobertas, mas também de suas ideias, de suas reflexões do dia a dia”. Para Hess, o diário é um meio de constituir a identidade do pesquisador. Assim, a escrita do diário de campo nos proporcionou, sobretudo, constituir o trajeto percorrido e reflexões feitas no curso da pesquisa e que aparecem de modo transversal no texto em fragmentos de descobertas, percepções e trilhas para o leitor da trajetória percorrida na pesquisa e que contribuíram e constituíram a nossa formação como pesquisadora. Vejamos a imagem 3.

[65]Trecho da música de Zé Vicente Ofertório da Comunidade. Zé Vicente é natural de Orós - Ceará, poeta, lavrador, compositor, cantor e um dos fundadores do MARCA – Movimento de Artistas da Caminhada, presente hoje em vários estados do Brasil.

[66]Nome dado aos professores que assumem disciplinas em cidades do interior nas Instituições de Ensino Superior, sem estabelecimento de vínculos empregatícios.

Imagem 3- Diário de Campo.





Fonte: elaborado pela autora

Além das características explicitadas e que adotamos no decorrer da observação, trazemos os aspectos notados também em sala de aula, registrados e avaliados na análise dos dados.

5.10 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA: TESSITURA NECESSÁRIA

Entendemos que os aspectos éticos da pesquisa devem estar à vista durante toda a realização da pesquisa, no uso do referencial teórico, no trato com os colaboradores do estudo, na coleta e análise dos dados e na divulgação dos resultados; bem assim, “[...] o respeito pelo valor e importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na história oral” (PORTELLI, 1987, p. 17). Assim, adotamos uma atitude ética durante todo o desenrolar da pesquisa.

Referente aos aspectos éticos, e também legais, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Estadual do Ceará, por meio da Plataforma Brasil, respeitando a Resolução 510/2016, instituída pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, cujo número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE informado pelo CEP foi 63057816.6.0000.5534.

6 O LUGAR DA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO: TRAMAS DA TESSITURA CURRICULAR

[...] Se entretendendo para todos, no toldo...
(Poema Tecendo a manhã - João Cabral de Melo Neto)

No poema *Tecendo a manhã,* podemos observar uma aproximação do canto do galo, que tece a manhã, com o canto do poeta, que tece, verso a verso, o poema. A metáfora utilizada para se referir ao resultado da ação de galo e Poeta é a "*luz balão*".

Mediante o entrecruzar dos gritos de galo é gerado o movimento de anunciar o grito, apanhar e lançá-lo novamente. Aos poucos, surgem os fios de sol e, do construir desse fiar, aflora um tecido fiado por todos os galos, permitindo o tecer da manhã expresso pelo Poeta, que também vai tecendo o poema.

Na engenharia de texto de João Cabral, o verbo em gerúndio "entretendendo" mescla "entreter" com "entender" e "ter". Se o primeiro evoca "deter", "fazer demorar" ou "conservar", o segundo aponta para "compreender" e "perceber"; e o terceiro, para "possuir" ou "haver". As palavras "tela", "todos", "toldo" e "tão" utilizadas pelo autor no texto produzem aliteração. "Entretender", nesse aspecto, pode nos alertar para o domínio de uma habilidade ou conhecimento.

Assim, em todo este estudo, foi tecida uma problemática, assinalada uma tese, delineados objetivos, elaborado o Estado da Questão, definido um caminho teórico e também teórico-metodológico de caminhar, procurados os fundamentos, os documentos, as colaboradoras da pesquisa, os elementos e estratégias para coleta dos achados, na busca da *"luz balão*", ou seja, para apresentar os resultados e as discussões do que encontramos e refletimos nessa tessitura científica. Desse modo, o objetivo desta seção é descrever, interpretar e problematizar a trajetória do ensino de História da Enfermagem nas 12 matrizes curriculares do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará desde a sua origem, que vem da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – EESVP, até a atual proposta curricular do curso (2018).

Esta seção, portanto, subdividese em três subseções: a primeira, intitulada *a disciplina História da Enfermagem nas matrizes curriculares na*

graduação: a tessitura dos fios da EESVP à UECE, em que, analisamos a trajetória da disciplina História da Enfermagem nas três fases do curso, como escola isolada, agregada à UFC e anexado pela UECE. A segunda é sobre *Tessituras do ensino de história na matriz atual do curso: um olhar sobre o lugar da História,* quando recorremos aos dados gestados na observação em sala de aula com base na disciplina que trabalha os conteúdos de História da Enfermagem, para desenvolver as análises. E a terceira, reporta-se a *concepções de ensi*no *de História das professoras-enfermeiras: a experiência na tessitura dos fios, quando* tecemos a análise dos dados por meio das entrevistas em que as professoras que lecionaram e/ou lecionam a disciplina relataram suas experiências com esta e suas concepções de História.

Assim, a análise dos dados se deu por meio dos documentos, como memórias impressas, que legitimam a ação institucional; o acervo de história oral, como memória que exprime o coletivo; a observação em sala de aula durante um semestre; e as memórias narradas de cinco mulheres, ex-professoras do curso investigado, como recurso de dar voz às colaboradoras, no intuito de refletir os significados que atribuem a História na formação do enfermeiro para a inserção dessa profissão na sociedade. Com base no exposto, trazemos na sequência a análise dos dados.

6.1 A DISCIPLINA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NAS MATRIZES CURRICULARES NA GRADUAÇÃO: A TESSITURA DOS FIOS DA EESVP A UECE

[...] Se vá tecendo [...] e incorporando em tela.
(Trecho do poema *Tecendo a manhã* – João Cabral de Melo Neto).

Na primeira subseção, procuramos analisar a trajetória da disciplina História da Enfermagem nas três fases do curso, há pouco assinaladas. A produção histórico-social não denota um processo unidimensional, mas constitui um procedimento não linear que se dá por avanços e recuos em distintas épocas históricas com variadas dinâmicas, haja vista as condições históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais inerentes a cada temporalidade, e, nestas, a inserção da relação de poder que contribui para definição de posições conforme

já mencionado nos escritos teóricos desta tese. Portanto, não são etapas sequenciais. O modo de organização proposto aqui segue a ordem/evolução cronológica de cada matriz curricular do curso, numa perspectiva didática de apresentação e análises, o que não implica o entendimento sobre o avanço da História ensinada no curso estudado e a percepção do movimento dessa trajetória na conquista ou perda de conteúdos/espaços no decorrer dos anos de 1943 a 2018 nas 12 matrizes deste curso.

Há de se considerar, ainda, no processo não linear o contexto educacional de distintas temporalidades que permeia o curso e a elaboração das 12 matrizes curriculares, bem como a ação dos sujeitos que ministraram e ministram a disciplina, com suas especificidades de formações, concepções, saberes e práticas. Para atender, contudo, o objetivo de mapear a inserção do ensino de História da Enfermagem nas matrizes curriculares da graduação desde a sua origem, na EESVP até a atual proposta curricular vivenciada pelo curso na UECE, é necessário que "*se vá tecendo* (...) *e incorporando em tela,* assim, organizamos esta subseção nos seguintes eixos: Matriz curricular da EESVP como instituição isolada (1943-1955); Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade do Ceará (1956-1975); Matriz curricular da EESVP anexada à UECE (1979-2018). Os dados sistematizados no quadro 30 demonstram a denominação da disciplina História da Enfermagem em cada matriz curricular.

Quadro 30- Trajetória da Disciplina História da Enfermagem, desde a criação da EESVP em 1943, passando pela UFC (1956) a sua anexação á UECE (1975) até o ano atual de 2018.

Caracterização	Período	Matriz curricular	Nome da disciplina
EESVP como instituição isolada	1943-1955	1943-1946	História da Enfermagem
		1947-1952	História da Enfermagem
		1953-1963	História da Enfermagem
EESVP agregada à Universidade do Ceará –UFC	1956-1975	1964-1966	História da Enfermagem
		1967-1969	História da Enfermagem
		1970-1973	História da Enfermagem
		1974-1978	História da Enfermagem
EESVP anexada à UECE	1975	1979.2-1981.1	História da Enfermagem
		1981.2-1985.1	Introdução à Universidade e ao Curso
		1985.2-1996.2	Exercícios de Enfermagem
		1997.1-2004	Integração do Estudante ao curso e a profissão
		2005.1-2018	A Enfermagem, o Curso e a Profissão

Fonte: Elaborado pela autora com base nas matrizes curriculares do curso reconstituídas pelas produções do grupo do NUDIHMEn.

O tema da História da Enfermagem, conforme mencionado no capítulo 3, esteve em todas as reformas curriculares da EESVP à UECE, seja como disciplina independente ou como temática trabalhada em outra disciplina. A temática articulada a outros conteúdos só foi possível constatar nas ementas e ou nas entrevistas com as professoras, uma vez que a matriz curricular das disciplinas do curso não utiliza a palavra História em seus títulos (matrizes curriculares dos anos de 1979-2005) esta última em vigor.

Considerando que o currículo está em uma escola, independentemente da existência de um documento formal com nome determinado, informamos que qualquer denominação que este possua nos documentos escritos em épocas diferentes, como grade curricular, programa de curso, currículo antigo, distribuição dos conteúdos ou matérias, se trata sempre de eleger um conhecimento que será ensinado. Por essa razão, utilizamos neste

escrito a expressão ‘matriz curricular’ para as discussões e análises com base nos conteúdos, organização e carga horária do curso investigado.

Apesar de os cursos de Enfermagem seguirem a mesma fundamentação legal para organizar sua matriz curricular, alguns cursos de Enfermagem no Ceará, sobretudo, fora de Fortaleza, conforme já discutimos, mantém a História da Enfermagem em uma disciplina específica. No caso do curso da UECE, conforme observamos no quadro 30, desde 1979, os conteúdos de História não são trabalhados em uma disciplina especifica, mas como temática junto com outros conteúdos e estes ficam na dependência dos professores que venham a lecionar a disciplina e de sua posição quanto à importância deste setor de conhecimento para a profissão.

Essa mudança ocorreu em decorreência das demandas formativas do profissional de Enfermagem que suscitaram outros conteúdos curriculares e as modificações nas DCN do curso, que insipiram a elaboração das matrizes, porém, não só por isso, mas também pelas disputas no curso que envolveram as decisões acerca do entendimento do currículo e da inserção da História como componente curricular. Há de se considerar, ainda, a abertura política dos anos de 1980, com a mudança de paradigma, não só na Educação, mas também no ensino História, que reivindicou o retorno da disciplina de história para o currículo que havia sido diluída nos estudos sociais. Não, no entanto, qualquer ensino, mas um ensino ressignificado, e, dentro dessa discussão, veio a ideia de desconstituição de um ensino com foco na cronologia, linearidade e nos grandes personagens. Nessa pespectiva, foram elegidas temáticas, o uso das fontes na sala de aula, para que os alunos não tomassem o conhecimento como pronto e se enxergassem como sujeitos da História, embora essas mudanças não tenham ocorrido em todos os espaços com a mesma intensidade.

Os dados sintetizados no quadro 31 favorecem uma percepção global das transformações do ensino de História em sua trajetória nestes anos investigados, evidenciando nesse trajeto também nominado pelas professoras que assumiram a ministração dessa disciplina no curso. A carga horária destinada a estes conteúdos, explicitada no quadro, também evidencia esse movimento de ganho e perda de espaços representados pelo tempo a fim de trabalhar os referidos conteúdos de História, por parte de cada professora em cada ano do curso.

Quadro 31-Cronologia do ensino de História da Enfermagem no curso de Enfermagem da EESVP à UECE (1943-2018).

(continua)

Década	Ano	Nome da Disciplina	C/H	Professor
1940	1943	História da Enfermagem	15	Irmã Maria José Santos
	1944 a 1946	História da Enfermagem	15; 16; 16	Irmã Helena Correia
	1947 a 1948	História da Enfermagem	30	Irmã Cecília Fernandes
	1949	História da Enfermagem	15	Dilce Mendes Façanha
1950	1950	História da Enfermagem	15	Nada consta
	1951	História da Enfermagem	20	Nada consta
	1952	História da Enfermagem	20	Irmã Maria das Graças Clarício
	1953	História da Enfermagem	Nada consta	Dilce Mendes Façanha
	1954	História da Enfermagem	Nada consta	Irmã Genoveva Pequeno
	1955	História da Enfermagem	Nada consta	Nada consta
	1956	História da Enfermagem	Nada consta	Irmã Yacy Antonia Pequeno
	1957	História da Enfermagem	Nada consta	Nada consta
	1958	História da Enfermagem	Nada consta	Nada consta
	1959	História da Enfermagem	Nada consta	Nada consta
1960	1960 a 1968	História da Enfermagem	Nada consta	Nada consta
	1969	História da Enfermagem	Nada consta	Grasiela Teixeira Barroso
1970	1970	História da Enfermagem	30	Tereza Carmelita da Cruz Gadelha, Rachel Gomes de Matos
	1971	História da Enfermagem	30	Maria Walquíria Sacramento Albuquerque
	1972	História da Enfermagem	30	Irmã Hercília Fernandes Pequeno
	1973	História da Enfermagem	30	Nada consta
	1974	História da Enfermagem	30	Nada consta
	1975-1976	História da Enfermagem	30	Maria Vilani Cavalcante Guedes
	1977-1978	História da Enfermagem	30	Maria Walquíria Sacramento Albuquerque
	1979	Exercício de Enfermagem	60	Eneida Scharamm Frazão
1980	1980 a 1981	Exercício de Enfermagem	60	Eneida Scharamm Frazão
	1982	Exercício de Enfermagem	60	Eneida Scharamm Frazão
	1983	Exercício de Enfermagem	60	Tereza Carmelita da Cruz Gadelha, Maria Siqueira de Souza
	1984-1989	Exercício de Enfermagem	60	Maria Siqueira de Souza
	1990-1995	Exercício de Enfermagem	60	Maria Siqueira de Souza

(Conclusão)

1990	1996 a 1998	Exercício de Enfermagem	60	Maria Siqueira de Souza
	1997 a 1998	Integração ao curso e a profissão	60	Maria Euridea de Castro
	1999	Integração ao curso e a profissão	60	Maria Salete Bessa Jorge; Maria Euridea de Castro
2000	2000 a 2004	Integração ao curso e a profissão	60	Maria Euridea de Castro
	2005	O curso, a enfermagem e a profissão	34	Maria Célia Freitas, Maria Vilani Cavalcante Guedes
	2006 -2008	O curso, a enfermagem e a profissão	34	Maria Célia Freitas
	2009	O curso, a enfermagem e a profissão	34	Maria Vilani Cavalcante Guedes
2010	2010-2018	O curso, a enfermagem e a profissão	34	Maria Vilani Cavalcante Guedes

Fonte: elaborado pela autora

A organização do quadro 31, em outras palavras, permite perceber que de 1943 até 1978, o ensino de História foi mantido em uma disciplina específica. No período de 1979 a 2018, a disciplina passou por três denominações e os conteúdos de História a ser trabalhados como temática. A pesquisa realizada nos documentos do DEG/UECE[67]- Departamento de Graduação, sobretudo, no Cartão histórico da aluna, permitiu expor a carga horária da disciplina que se ocupou do ensino de História e o nome dos professores, e perceber uma variação de carga horária, sendo que, como disciplina específica, variou de 15 a 30 horas. Como temática inserida em uma disciplina que trabalha outros temas, a carga horária teve duas variações, 60 e 34h. Esse dado revela que a História, ao ser diluída em outra disciplina, perdeu espaço no currículo prescrito. No quadro 31, também é possível perceber no período de 1997 a 2004 as disciplinas Exercício de Enfermagem e também à disciplina Integração do Estudante ao Curso e a Profissão foram as disciplinas que trabalharam os temas da História. Retomaremos essa análise na discussão da matriz curricular 1997.1.

No Cartão histórico da aluna/EESVP constam na sua frente os dados pessoais contendo nome, endereço, data de nascimento, data de início e término do curso e foto. No verso, consta a relação das disciplinas, por ano, com a

[67] Durante a pesquisa, localizamos um arquivo no DEG- Departamento de Graduação/UECE contendo documentos produzidos pela EESVP, como cartão histórico da aluna, pastas das alunas, livros de colação de grau. Após um processo de solicitação dos documentos, pela professora e pesquisadora Dra.Silvia Maria Nóbrega-Therrien, estes foram integrados ao NUDIHMEn. Atualmente (2018) o NUDIHMEn possui a guarda de todo esse acervo que está em decurso de limpeza e organização.

respectiva carga horária, o nome do professor e a assinatura da diretora. Alguns cartões, no entato, não foram completamente preenchidos, não sendo possível identificar a carga horária da disciplina no período de 1953-1969, nem os nomes das professoras que ministraram a disciplina em 1950, 1951e no período de 1957 a 1969. No tocante à carga horária dessa temporalidade, Emanoela Bessa (2012) apontou em seu trabalho dissertativo uma carga horária de 30h. Vejamos a figura a seguir.

Imagem 4- Cartão histórico da aluna da EESVP.



Fonte: DEG- Departamento de Graduação da UECE.

Na seção a seguir, analisamos a inserção do ensino da História da Enfermagem nas três fases do curso, na EESVP como instituição isolada, agregado à UFC e anexado à UECE.

6.1.1 Matriz curricular da eesvp como instituição isolada (1943-1955)

No contexto em que foi criada a EESVP, eram destinados aos homens o espaço público, a política, a gerência de recursos, a liberdade; para as mulheres, o espaço privado, a dependência financeira e emocional, a castidade e a maternidade. O surgimento de reivindicações das feministas no período da Segunda Guerra, sobretudo, nos países envolvidos no conflito, se concentravam no repúdio à educação diferenciada para meninos e meninas e na denúncia de que isso se evidenciava na distinção dos currículos, prática inspirada na crença segundo a qual as mulheres possuíam menos habilidades intelectuais do que os homens, ou de que as ‘tarefas’ (conteúdos) a serem ensinadas nas escolas

deveriam atender as atividades domésticas ou do lar e, às vezes dependendo do poder econômico, o ensino da Música, do domínio de um instrumento, como o piano, e do canto. Tal concepção justificava um ensino pouco abrangente a pessoas desse gênero e voltado mais às questões domésticas do que intelectuais.

Assim, os atributos femininos de pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade e espiritualismo significavam o contrário do que se esperava dos homens, propriamente preocupado em fornecer uma boa instrução (ALMEIDA, 2014). E esse entendimento, também, era observado, sobretudo, no que as escolas deveriam ensinar para as mulheres.

Nesse contexto, o magistério concebeu uma das poucas oportunidades de trabalho fora do lar às mulheres, embora, nem tod, tivessem acesso à instrução. A aceitação do ofício de professora, validada pelo pai e, na ausência deste, pelo padre, e as escassas oportunidades para as mulheres, fez do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi apoiado pelos atributos de missão e vocação, além da continuação do trabalho do lar. Desse modo, as conhecidas *rainhas do lar*, imaginário social do período, dedicadas de modo irrestrito à família e aos cuidados domésticos, atuando como professoras, seriam as segundas mães dos alunos, aliando à devoção requerida pela Igreja, o cuidado das gerações futuras.

Na acepção de Campos (2012), os anos de 1940 propiciaram às mulheres novas perspectivas no mundo do trabalho, pois, inseridas no universo acadêmico e como eleitoras, reivindicaram a emancipação que o cosmopolitismo trouxera. Indústria cinematográfica, novas tecnologias hospitalares, necessidade de formação de mão de obra especializada foram decisivas às mudanças processadas. Essa perspectiva do mundo do trabalho para as mulheres era alimentada, inclusive, pelas guerras. Para Campos (2012), a Enfermagem possibilitou o desenvolvimento de um campo de trabalho.

> A história da enfermagem moderna é um marco da luta contra a influência da dominação masculina na vida social da mulher. Na construção histórica da arte e ciência do cuidado, as enfermeiras abriram uma possibilidade singular de emancipação da mulher da tutela masculina, ainda que exaltadas também pela docilidade, e o hospital extensão do lar, que fortalecia a ideia de submissão inerente à condição feminina. (CAMPOS, 2012, p. 173).

Deste modo, as mulheres enfrentam os obstáculos impostos à sua formação e profissionalização e encontram, além do magistério, a Enfermagem como espaço de atuação fora do âmbito doméstico. Outras profissões também se tornaram espaços ocupados pelas mulheres, como os de secretárias, bibliotecárias e assistentes sociais.

No tocante à concepção do papel da mulher enfermeira no Ceará, não era diferente. Em uma crônica intitulada “Bôa Tarde!”, publicada no jornal *O Povo* em 10 de setembro de 1942, o cronista responde às reclamações de suas leitoras que falam pelo fato de sua coluna passar dias sem ser publicada, argumentando o quanto a “guerra mudou o rumo das coisas,” com o seguinte texto:

> Não pense que tenho prazer em negar as minhas leitoras o habitual dedinho de prosa lírica diária [...]. Mas a inteligência deve ser agora inteiramente aplicada em benefício da causa pátria. Por exemplo: não vou dizer agora, minha amiga, que seus olhos são belos, que você é linda, nem lhe pergunto se você gosta de mim. Pergunto simplesmente se você já é enfermeira e se tem irmãos reservistas. Se ainda não vestiu o uniforme branco, trate de fazê-lo quanto antes, para que receba seu diploma e se transforme numa enfermeirinha hábil e gentil (O POVO, 10.09/1942, p. 2).

Este excerto demonstra o que se esperava das mulheres enfermeiras na temporalidade em que a EESVP foi criada e passa a atuar na formação da enfermeira cearense, numa atividade pioneira que demandou muitos esforços para sua realização. É possível perceber, ainda, por meio da expressão “enfermeirinha hábil e gentil” a imagem de auxiliar, subserviente e dócil que se tinha da enfermeira, sendo relevante, entre outras questões, e fatores de toda ordem, alguns deles já assinalados em capítulos anteriores, o ensino de História da Enfermagem na graduação para que os futuros profissionais compreendam as concepções que marcam hoje a profissão por meio de suas raízes que se encontram no passado.

Nesse contexto, foi criada em 1943 a EESVP, tendo à frente o pioneirismo da Irmã Margarida Breves e o início do ensino de Enfermagem no Ceará.

Imagem 5- Irmã Margarida Breves.



Fonte: NUDIHMEn

Durante o período em que a EESVP funcionou como instituição isolada, identificamos três currículos, conforme descrito no Quadro 32.

Quadro 32 -Comparativo do quantitativo de disciplinas nos currículos da EESVP, no período de funcionamento como escola isolada.

	Currículo 1943-1946	**Currículo 1947-1952**	**Currículo 1953-1963**
1º Ano	20	12	17
2º Ano	10	13	18
3º Ano	12	12	20
Campos de prática	08	16	21
Total	50	53	76

Fonte: Elaborado pela autora.

A EESVP produziu três currículos como escola isolada. No quadro 32, podemos observar a periodicidade em que estas foram elaboradas e a carga horária destinada em cada ano do curso e aos campos de prática. A seguir

discutiremos cada matriz curricular com foco na disciplina História da Enfermagem.

6.1.2 Matriz curricular da EESVP como instituição isolada (1943-1946)

O primeiro currículo da EESVP (1943-1946) estava organizado com um conjunto de disciplinas e áreas de prática, totalizando 50 disciplinas distribuídas em três anos. (Ver anexo A).

Na matriz (1943-1946), a carga horária das disciplinas variava de 20 a 180 horas e os campos de prática de 30 a 199 horas. A formação ofertada estava em sintonia com o contexto em que a escola foi criada. É possível observar temáticas que perpassam todo o curso, como o tema higiene, uma vez que os discursos de educação sanitária e higienista eram propagados a época no Brasil. São duas disciplinas no 1º ano, 'Higiene'; 'Higiene Mental' e duas no 3º ano, 'Enfermagem em Higiene e Saúde Pública'; 'Higiene e Saúde Pública' que estão no currículo prescrito com base nas demandas de formação, abordando noções de higiene que as alunas deveriam constituir no seu cotidiano e o foco da saúde pública que, aliada à higiene naquele contexto, tinha uma conotação para a prevenção de doenças transmissíveis. O forte do currículo, no entanto, era a preparação para a área assistencial e curativa e o atendimento hospitalar. Ainda hoje é possível observar essa predominância da formação do enfermeiro, quando se observam as matrizes curriculares do curso da UECE.

O ensino de História da Enfermagem neste contexto, a exemplo das primeiras escolas de Enfermagem do Brasil, sediadas em Rio e São Paulo, foi registrado na primeira matriz curricular da EESVP. A disciplina História da Enfermagem, com carga de 30 horas, era ofertada no 1º ano, como foi sempre dai em diante uma constante, sinalizando que a História é relevante para a constituição do profissional de Enfermagem e a sua inserção na sociedade.

Conforme evidenciamos no EQ, a escassez dos documentos produzidos e preservados pelo curso de Enfermagem da UECE durante a sua trajetória, sobretudo, do período em que funcionou como escola isolada, fez com que não chegassem até nós os programas curriculares da disciplina História da Enfermagem, tampouco os diários de classe dos professores para que pudesse ser analisado o que era ensinado. Essa dificuldade já foi relatada por outros

pesquisadores, como é o caso do estudo sobre a formação da enfermeira cearense, produzido por Emanoela Mendes (2013), que em seu estudo dissertativo ante a ausência das fontes, registrou: “[...] não fica evidente o critério para a distribuição do tempo e dos conteúdos em séries, mas sim que obedeciam a uma sequência de aprendizagens crescentes de matérias e habilidades e técnicas, pelas alunas*”.* (MENDES, 2013).

Sendo assim, recorremos à história oral instrumental e buscamos no banco de fontes orais do NUDIHMEn evidências de quais conteúdos de História eram ensinados às alunas pioneiras do curso. Localizamos a entrevista da Irmã Francisca das Chagas Figueiredo (1922-2018), Filha da Caridade, que teve uma trajetória na EESVP como aluna, professora de História da Enfermagem e diretora. A entrevista foi concedida para o NUDIHMEn[68]. Quando indagada sobre a existência da disciplina História da Enfermagem e quais conteúdos eram trabalhados, a Irmã Francisca menciona: “[...] tinha sim. Tinha uma disciplina chamada História da Enfermagem. Os conteúdos estudados falavam sobre Florence Nightingale, o começo da enfermagem, a história da Ana Neri*”* (Arquivo do NUDIHMEn, 2011). Haja vista o contexto dos anos de 1940, a concepção de História na primeira matriz do curso aponta para um ensino de História expresso na linearidade e centrado nos grandes personagens.

As informações fornecidas pela Irmã Francisca revelam que, no currículo prescrito, havia uma preocupação em ensinar os caminhos trilhados pela Enfermagem e as contribuições de Florence para profissionalização das enfermeiras, expondo, assim, o modelo nightingaleano e as lutas de Ana Nery. O modelo de Enfermagem francês, contudo, também inspirou a formação das enfermeiras pioneiras do Ceará.

A Enfermagem pré-profissional francesa era exercida, principalmente, pelas congregações e ordens religiosas, sobretudo pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Com a laicização hospitalar na França, foram pensados modelos de Enfermagem para substituir o trabalho das religiosas.

Os modelos franceses de formação da enfermeira, no entendimento de Thiago Braga Espírito Santo (2007), buscavam inspiração no padrão inglês

[68] FIGUEIREDO, Ir. Francisca das Chagas. Entrevista concedida a Maria Irismar de Almeida; Emanoela Therezinha Bessa Mendes e Suêuda Costa. Fortaleza, 11 jun. 2011 as 15h10m. Acervo NUDIHMEn.

de Florence Nightingale, seguia certa orientação religiosa, não consentida, e às vezes, até oficialmente anticlerical, mas buscavam qualidades similares às das Filhas da Caridade. Sendo assim, demandavam formar uma enfermeira que deveria ser uma "[...] profissional devotada, instruída, hábil, que reconhecesse o seu papel de auxiliar dócil, sem jamais querer substituir o médico, pois sua intenção era formar profissional habilidosa, mas obediente como as religiosas, sem hábito". (ESPÍRITO SANTO, 2007, p. 128).

O Modelo Francês, para Carrijo (2008), preconizava a formação de enfermeiros de ambos os sexos, no entanto, o ensino era ministrado prioritariamente por médicos com suporte nas necessidades da Medicina, cujos cuidados ao doente eram fundados em manuais preestabelecidos oriundos da Europa. No entendimento de Espírito Santo (2007), o manual do médico parisiense Désire Margloire Bourneville foi reconhecidamente o principal veículo para disseminação do modelo da Enfermagem fundada nas proposições do Modelo Francês, isto é, era nesse manual que as escolas se apoiavam para a formação do enfermeiro na perspectiva do padrão francês.

Com uma formação em Enfermagem inspirada no Modelo Francês, e, mais do que isso, na Escola Ana Nery, a EESVP teve o seu corpo docente de 1943-1946 composto, majoritariamente, por médicos, com os professores, (Quadro 33) conforme registrou Frazão (1973).

Quadro 33- Composição do corpo docente da EESVP 1943-1946.

(continua)

Médicos	Enfermeiras
Jurandir Marães Picanço	Catarina Cola (Ir. Margarida Maria)
Edmilson Barros de Oliveira	Maria José Santos (Ir.)
João Estanislau Façanha	Maria Hercília Fernandes Pequeno (Ir. Cecília)
César Cals de Oliveira	Rosalie Albuquerque (Ir.)
Valdemar de Alcântara	Helena Correia (Ir.)
Vandick Ponte	Catarina Fiuza (Ir.)

(Conclusão)

Francisco Araújo Andrade	Professora Lisbeth Sales
Raimundo Vieira	
José Pontes Neto	
Lauro chaves	
José Fernandes	
Tarcísio Soriano Aderaldo	
Trajano de Almeida	
Padre Arquimedes Bruno	

Fonte: Elaborado pela autora com base em Frazão (1973).

O corpo docente que atuou na primeira matriz do curso da EESVP desenvolvia um ensino com foco nas técnicas que as alunas deviam aprender para exercer o seu ofício, conforme expressa a Irmã Francisca.

> E quando a gente terminava a aula, sentava no chão mesmo, para formar um ponto de anatomia e fisiologia. Era um sacrifício ninguém tinha livro não! Usávamos inicialmente o microscópio dos laboratórios, no estágio, as irmãs eram bem relacionadas com todos os hospitais e laboratórios. Nas disciplinas tínhamos a parte teórica e a prática com os esqueletos para demonstrar os ossos. (IR. FRANCISCA DAS CHAGAS FIGUEREDO, 2011. ARQUIVO NUDIHMEN).

Podemos inferir, com base no registro da Ir. Francisca, que a escassez de livros nos anos iniciais da escola se aplicava também para o ensino de História, período de pouca circulação no Brasil de materiais acerca da História da Enfermagem, cabendo a boa articulação das irmãs o acesso aos materiais que subsidiavam as aulas dos professores. Inferimos que as experiências formativas das irmãs na Escola Ana Nery incidiam nos conteúdos ministrados na EESVP, inspirando o modelo de ensino de História da Enfermagem.

Após três anos da ação das Filhas da Caridade à frente da EESVP, do empreendedorismo da Ir. Breves, do trabalho da Ir. Margarida Cola como diretora, do médico Jurandir Picanço, dos docentes, das alunas que almejavam um diploma de enfermeira e todos os sujeitos envolvidos em prol da escola, a primeira turma conclui o curso.

> Aos dezoito de dezembro de 1946, a Direção da Escola conferiu o diploma de enfermeira à cinco concluintes, número muito reduzido, mas, que denotava o esforço e a tenacidade daqueles que idealizaram

> a escola. Foram elas: Aldenoura Martins Moura, Carmem Falcão de Sousa Leão, Maria Julieta Fernandes, Maria das Neves Bezerra e Raimunda Railda Bedê de Almeida (FRAZÃO, 1973).

Lembramos que, em 1946, a EESVP foi equiparada á Escola Ana Nery de acordo com Decreto n° 21.855 - DOU 26/09/46. Inferimos que a EESVP teria escrito mais um capítulo da História da Enfermagem no Ceará e em 1947 foi proposta uma mudança na matriz curricular.

6.1.3 Matriz curricular da EESVP como instituição isolada (1947-1952)

A segunda matriz curricular da EESVP foi vivenciada durante o período de 1947-1952. (Ver anexo B). Nesse tempo, a realidade sócio-política era a da gestão do presidente Dutra (1946-1951), na qual se deram os debates da nova Constituição, que deveria substituir a Carta outorgada pelo Estado Novo (1937). Para contornar os problemas da economia, o governo de Dutra propôs o Plano Salte, em que o Estado determinaria os investimentos públicos em algumas áreas essenciais para o desenvolvimento do País (Saúde, Alimentação, Transporte e Energia). O plano denotava previsões de investimentos de 1949 a 1953, mas não foi implementado (BRAVO, 2001).

Em meio às dificuldades do acesso do povo à educação e a saúde, o desenvolvimento da sociedade industrial passou a fazer parte do panorama social urbano do Brasil, e, com suporte deste, houve a condução da prática institucionalizada de atenção ao doente, levando à necessidade de formação específica de pessoal para o exercício da Enfermagem, bem como o redirecionamento para o terreno assistencial do Brasil para o modelo hospitalar, demanda que já existia nesta época e só fez aumentar. Nesse contexto de Brasil, apareceram a Lei 755/49 e o Decreto 27.426/49. Essa foi a primeira Lei que regulamentou o ensino de Enfermagem no Brasil, definindo o nível de preparação de pessoal em Enfermagem em duas categorias:- enfermeiro e auxiliar de Enfermagem. A operacionalização dessa Lei foi vivenciada também no Ceará, pois, posteriormente, a EESVP passou a formar o pessoal de Enfermagem nas duas categorias, - enfermeiro e auxiliar de enfermagem, constituindo um desafio para a formação e a identidade profissional, já que era a primeira Lei de regulamentação do ensino da especialidade no Brasil e o

processo de profissionalização da enfermeira estava se iniciaando e, ao mesmo tempo, incorporando outro membro no serviço. Tinha, inclusive, a oferta da disciplina História da Enfermagem nos dois cursos. Como, porém, não é o foco desse estudo, não nos deteremos na análise do ensino de História no curso de auxiliar de Enfermagem[69].

Qual, no entanto, a influência dessas mudanças no ensino e nos currículos de Enfermagem? Inspirado na Lei 775/49, o currículo de Enfermagem visava ao mercado de trabalho e, portanto, era um ensino voltado para a área hospitalar assentado no modelo de prática hospitalar. Por esse pretexto, a recomendação era de que o curso de auxiliar de Enfermagem se fizesse com "[...] o mínimo possível de matérias teóricas constante de noções gerais das disciplinas fundamentais quanto à prática, abranger isto sim, toda a enfermagem, tanto a elementar como a especialidade". (TELES,1951, p.13). A dicotomia teoria prática expõe a demarcação dos espaços de enfermeiras e auxiliares de Enfermagem.

Também nesse tempo, 1946, foi publicado o Decreto Nº 21.855, de 26 de setembro, por via do qual a EESVP foi equiparada à Escola de Enfermagem Ana Nery. Para tanto, recebeu a visita da "diretora da Escola Ana Neri – D, Laís Neto dos Reis, aos 16 de julho de 1946, enviada pelo Ministério da Educação e Cultura – M.E.S com o fim de realizar a inspeção da Escola para efeito de equiparação à Escola Ana Neri." (FRAZÃO, 1973, p.5). Assim, tinha obrigações a cumprir, pois a equiparação poderia ser cassada, e, neste caso, nova solicitação de inspeção para equiparação só poderia ser feita decorridos cinco anos. Deste modo, em 1947, a EESVP organizou a segunda matriz do curso (1947-1952).

Conforme ressaltamos no EQ, o trabalho dissertativo de Emanoela Therezinha Bessa Mendes analisou a formação da enfermeira cearense e a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1977). Nesse trabalho, Mendes (2013) discutiu as matrizes curriculares da EESVP. Observamos que, na segunda matriz curricular, no primeiro ano, eram ofertadas 13 disciplinas, no

[69]Para mais informações sobre as decorrências da Lei 755, de 6 de agosto de 1949, ver a Tese **Formação e prática da enfermeira cearense**: implicações e consequências da implantação da lei n° 775 de 1949 de autoria de Roberlandia Evangelista Lopes. PPGE/UECE/2014.

segundo 13 e no terceiro ano 12 disciplinas e 16 áreas de prática, totalizando 53 disciplinas. Não consta carga horária.

É possível observar que, em relação à primeira matriz (1943-1946), algumas disciplinas do primeiro ano foram suprimidas, ao passo que outras mudaram a denominação e outras três foram acrescidas entre elas 'Ética Profissional' que passou a ser ofertada no segundo ano. Na matriz (1943-1946), constava a disciplina 'Ética' ofertada no primeiro ano, o que significa uma busca na demarcação da formação das alunas como escopo nas questões ligadas à ética e á moral no exercício da profissão.

Identificamos a inserção de duas disciplinas das Ciências Humanas, 'Psicologia' e 'Sociologia', o que vai de encontro ao contexto da época, pois, em meados dos anos de 1950, as concepções tradicionais da educação sanitária foram revistas com a incorporação do acervo das Ciências Sociais, de técnicas de educação de adultos, cujo lema era a mobilização das forças locais, por meio da criação de uma consciência sanitária (RENOVATO; BAGNATO, 2011). Isto corrobora as observações assinaladas por Silva (2014), acerca do currículo, quando exprime que, depois de decidido acerca de quais conhecimentos devem ser selecionados para compor o currículo, busca justificar por que "esses conhecimentos" e não "aqueles" devem ser selecionados.

No trabalho de Mendes (2013), na segunda matriz do curso da EESVP (1947-1952), não consta a disciplina História da Enfermagem. Os achados da nossa pesquisa, no entanto, apontam que, nesse tempo (1947-1952), o ensino de História se deu pela disciplina História da Enfermagem e os professores que a ministraram foram: Irmã Cecília Fernandes, Dilce Mendes Façanha, Terezinha Bessa, Irmã Vicência Barbosa e Irmã Maria das Graças Clarícia. A carga horária variou de 15 a 30 horas, conforme descrito no quadro 31. Importa lembrar o acesso aos documentos e as informações em épocas distintas que, por vezes, são desencontradas e, posteriormente, surgem uma documentação que nos fornece uma informação mais pertinente.

Na ausência de um programa de disciplina, um diário de classe ou outro registro no tocante aos conteúdos que eram trabalhados, recorremos à história instrumental por via do acervo do NUDIHMEn. A esse respeito, Maria Miriam Feitosa Costa, que foi aluna da EESVP, ingressando no curso em 1947

e, portanto, estudou durante a vigência da matriz curricular (1947-1952), afirmou em sua narrativa[70]:

> Eu nasci em 1920. Nunca me convidaram para ser enfermeira, mas eu sempre almejei muito ser enfermeira. Fui diversas vezes à EESVP e falei para as irmãs que queria ser enfermeira. Eu ia escondida dos meus pais que não permitiam e por isso, nunca era aceita. Terminei o ginásio, o secundário, fiz o curso Normal, estava pronta para serprofessora, mas nunca ensinei. Nunca tive coragem de preparar uma aula, parecia que Nosso Senhor mesmo estava puxando para eu ser enfermeira. Eu tinha 19 para 20 anos, quando consegui entrar no curso contra a vontade de meus pais. Nós éramos iguais a Escola Ana Neri. **Eu sei que tinha História da Enfermagem a gente estudava sim sobre a história**, só não me lembro os detalhes, o que era abordado. Uma coisa que já faz mais de 50 anos (MARIA MIRIAM FEITOSA COSTA, 2011, ARQUIVO NUDIHMEn).

Neste fragmento, podemos deduzir que a enfermeira Maria Miriam teve as duas oportunidades de trabalho fora do lar, destinadas às mulheres do seu tempo, professora e enfermeira. Conforme observou Campos (2012), a História da Enfermagem marcou a luta contra a influência da dominação masculina na vida social da mulher. A enfermeira Maria Miriam, não se identificando com o ofício, de professora, se identificou com a Enfermagem e deparou a resistência dos seus pais, que não aceitavam a sua escolha, pois a Enfermagem não era o que muitos pais almejavam na época para suas filhas. Talvez preferissem que ela escolhesse o casamento ou mesmo a docência. Assim sendo, o estudo da História das raízes da Enfermagem é relevante para que os futuros profissionais conheçam os aspectos históricos, econômicos, culturais, sociais, religiosos e também legais em que a profissão foi gestada.

Lembramos o fato de que, no Ceará nesse período, apenas uma turma, composta de cinco alunas, havia sido formada após muitos esforços empreendidos para a criação e funcionamento da EESVP, logo, o desconhecimento acerca da profissão e o imaginário social contribuíam para a resistência à profissão, posição que foi mudando lentamente com a passagem do tempo e, sobretudo, pelas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais da sociedade.

Inferimos, pela narrativa da Maria Miriam Feitosa Costa, que o ensino da História da Enfermagem esteve na formação das alunas da segunda turma,

[70] COSTA, Maria Miriam Feitosa. Entrevista concedida a Emanoela Therezinha Bessa Mendes e Rafael Sousa Ferreira. Fortaleza, 09 jul. 2013. Acervo NUDIHMEn.

embora o relato imediatamente anterior não contemple quais conteúdos eram trabalhados, pelo fato de a da memória já não registrar o detalhamento dos acontecimentos decorridos há meio século, mas é possível observar que a equiparação à Escola Ana Nery, publicada no Diário Oficial da União, em 26 de setembro de 1946, era percebida pelas alunas e que a História da Enfermagem continuou sendo ensinada.

Ressaltamos a escrita do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, conforme aludimos no EQ, bem como o estudo de Alves e Silva Júnior (2006), sobre a referida obra, ao destacar o livro como o primeiro escrito e publicado no País por uma enfermeira brasileira. Os autores destacam o seu pioneirismo e a redução das citações sobre ele nas referências pesquisadas, no ano de 2001. Isso que dizer que surgiram outras produções na senda da História da Enfermagem.

Publicado pela primeira vez em 1951, o prefácio da primeira edição do livro de Waleska Paixão retrata a escassez bibliográfica na área da Enfermagem. A autora evidencia a sua preocupação com o ensino de história da enfermagem ao escrever: “[...] representam estas páginas apenas uma pequena contribuição para a formação de nossas profissionais” e “apesar de modesta, resolvi publicá-las, par, ainda, que o livro foi fruto dos 12 anos em que lecionou História da Enfermagem, nove dos quais na Escola de Enfermagem Carlos Chagas - EECC.

O livro de Waleska Paixão nas cinco edições (1951-1979) publicadas tem uma organização temática, histórica e cronológica dos fatos, estruturados por meio de unidades. Percebe-se que a lógica de organização do livro e sua ideia inicial foram mantidas em todas as edições, havendo apenas algumas atualizações de formato e conteúdo entre uma e outra com o passar do tempo.

É possível observar que as imagens começaram a ser introduzidas na obra na sua 2ª edição, e foram aumentando em quantidade nas publicações seguintes. Passam a ser referenciadas, nas folhas de rosto da obra, desde a 3ª edição, como “as Ilustrações de Newton de Figueiredo Coutinho” [71].

[71] Newton de Figueiredo Coutinho foi ilustrador de livros, capas de livros e estórias em quadrinhos e desenhista técnico. Ganhou diversos prêmios, ficou conhecido também pelas suas pinturas, exposições e pinturas de retratos de presidentes, governantes, oficiais, dentre outros. Cursou na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, a Escola Nacional de Belas Artes. Nasceu no Rio de Janeiro, em 08 de dezembro

Nos prefácios 1ª, 2ª e 5ª edições, de 1951, 1960 e 1979, respectivamente (as outras edições não possuem prefácio), constata-se a mudança do título *Páginas de História da Enfermagem* para *História da Enfermagem*. Conforme exposto no EQ, escrito por uma porta-voz da Enfermagem, confere autoridade e consolidação de um conhecimento produzido. Escrito de maneira cronológica e numa perspectiva da História tradicional, foi apoio para o trabalho de professores e alunos acerca da História da Enfermagem. Não é o nosso intuito, entretanto, analisar a referida obra nas suas cinco edições, mas expressar que a referida obra fez parte da trajetória do ensino de História da Enfermagem de muitas alunas cearenses e que as estas vivenciaram o estudo deste livro na terceira matriz curricular (1953-1963). Estas tiveram acesso à obra por meio da articulação das irmãs e a EESVP, inclusive, receberam a visita da própria autora, Waleska Paixão em 1960, ano de publicada a 2ª edição do livro, conforme noticiou o jornal *O Povo* na edição do dia 23 de março de 1960, no Segundo Caderno, também informando que a autora viria proferir a aula inaugural do ano que se inicia.

Imagem 6- Jornal O Povo, 23 de março de 1960.


Waleska Paixão em Fortaleza
Ministra Aula Inaugural na
Escola de Enfermagem

Fonte: Arquivo NUDIHMEn.

Na matéria sobre a vinda de Waleska Paixão para a aula inagural na EESVP, cujo tema foi a "Formação de Enfermeiras", fica evidente a participação

de 1934. Ver Micheline Barros de Mesquita. **Páginas de Representações da Enfermagem na História**, por Waleska Paixão (1951 – 1979). Rio de Janeiro. 2015.

feminina no início da formação. O registro a seguir reforça a utilização do livro de Waleska Paixão pelas alunas.

> Autora do único livro em português sôbre a história da enfermagem ("Paginas da História da Enfermagem"), D. Waleska fez curso de especialização nos Estados Unidos e, pela primeira vez veio ao Ceará, desejosa de entrar em contato com a nossa terra e o nosso povo, de ver as nossas praias tão decantadas por poetas e pensadores, de saber porque os nossos mares forma chamados por Alencar de "verdes mares bravios"...É uma pena que nada disso ela tenha pudido fazer, pois nos dois breves dias que pemaneceu em nossa terra foi acometida de forte enxaqueca que a penas lhe permitiu dar aula de sapiência, para que foi especialmente convidada. (Jornal O Povo, 23 de março de 1960, Arquivo NUDIHMEN).

A matéria no jornal é iniciada fazendo uma referência ao livro de Waleska Paixão, obra única de História da Enfermagem que na época circulava no Brasil em português, fato revelador que era nesse material que os professores se apoiavam para ministrar as aulas de História. O escrito segue mencionando a intensão da convidada de conhecer as praias cearenses, o que não se concretizou por problemas de saúde. O objetivo da sua visita, entretanto, foi cumprido - a realização da aula inaugural, reconhecida pela EESVP como "uma aula de sapiência". Waleska Paixão era a referência de autoridade no tema. As palavras de acolhimento e saudação do médico e professor da escola, Jurandir Picanço,[72] revelam esse reconhecimento.

> [...] A professora Waleska Paixão Diretora da Escola de enfermagem 'Ana Nery' da Universidade do Brasil, na qual ministra a cadeira de História da Enfermagem [...] Graças asua cultura e à sua capacidade de trabalho o Brasil possui o primeiro livro de História da Enfermagem, no qual se encontra a manifestação objetiva de seu amor à profissão e de suas qualidades didáticas. [...] A Professora Waleska Paixão é objetiva, didática e humana e, no estudo ao longo dos séculos, mostra a necessidade de enfermagem em face do sofrimento e da doença,

[72]Jurandir Morães Picanço ajudou a Irmã Breves a fundar a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, tendo sido professor e diretor administrativo. Nasceu em Belém/PA em 7 de janeiro de 1902, filho do seringalista Miguel de Aguiar Picanço e Gertrudes Marães Picanço. Veio criança para o Ceará. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro em 1927. Clinicou no Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará. Foi médico do Pronto Socorro do Hospital de Isolamento da Saúde Pública Estadual e do Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paulo. Exerceu a função de Diretor Clínico da Santa Casa de Misericórdia. Fundou e dirigiu a Casa de Saúde São Gerardo, do Instituto de Psiquiatria do Ceará. Foi um dos fundadores e professor da Faculdade de Medicina do Ceará. Recebeu valiosas comendas, condecorações e medalhas de entidades médicas. Foi autor de vários estudos sobre temas médicos, escreveu também **Pedro Nava, Memorialista** (1973), **História da Psiquiatria no Ceará** (1975) e **A Velhice na Sociedade Moderna** (1976). Morreu em Fortaleza no dia 4 de janeiro de 1977. É patrono da cadeira da Academia Cearense de Medicina. Portal da História do Ceará. http://www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=32895 Acesso em 1 de agosto de 2018.

> acentuando que, para maior grandeza do seu exercício, essa nobre profissão, como a medicina, também se pratica com a união íntima e eficiênte da mão, do cérebro e do coração. E, ao chegar ao estudo na nova era iniciada por Florence Nightingale, a professora Waleska Paixão escreve págians luminosas, marcando as diretrizes das linhas mestras da enfermagem moderna que deixou de ser apenas sentimento e caridade para se engrandecer com a ciência e a técnica". (Jornal O Povo, 23 de março de 1960. Arquivo NUDIHMEn).

O discurso do Dr. Jurandi Picanço expressa o reconhecimento ao trabalho da Waleska Paixão em prol da História da Enfermagem, destacando a objetividade e a didática em que os conteúdos são abordados no livro. É também uma fala que revela a luta pela profissionalização da Enfermagem e sua valorização social, que a Medicina já havia conquistado e que a Enfermagem devia atingir e, para tanto, precisava da mão, do cérebro e do coração, ou seja, a técnica, o conhecimento e a compaixão. As palavras de Waleska Paixão dirigidas na aula inagural revelam a necessidade da "enfermagem profissional" e do coração, "[...] é bem verdade que aprimeira coisa que se exige de uma enfermeira é a compaixão pelo doente. [...] Significa tomar parte do sofrimento que se pretende aliviar ou curar". (Jornal *O Povo*, 23 de março de 1960. Arquivo NUDIHMEN).

Imagem 7- Waleska Paixão.



Fonte: Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG, com subtítulo "Enfermeira Waleska Paixão, Diretora da EECC de 1939 a 1948. Acervo da Escola de Enfermagem da UFMG".

Imagem 8- Capa do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão 1963 (3ª ed.)



Fonte: NUDIHMEN.

Como o livro de Waleska Paixão era a obra única em que os professores se apoiavam para trabalhar os conteúdos de História da Enfermagem, inferimos que os conteúdos eram trabalhados numa perspectiva linear, com foco na memorização, nos heróis e nas datas, o que não fazia muito sentido para a apreensão das alunas e, consequentemente, dificultando a lembrança de quais conteúdos era trabalhados. A abordagem de ensino de História que era trabalhada na época, e inserida na segunda matriz do curso, era centrada numa concepção tradicional de ensino de História com foco no passado e na perspectiva da linearidade dos fatos.

Tereza Carmelita da Cruz Gadelha[73]·, que também vivenciou a matriz (1947-1952) como aluna e, posteriormente, professora de História da Enfermagem na EESVP, assevera que tinha a disciplina História da Enfermagem.

> Eu ingressei no curso em 1950, acho que eu vim de Acaraú para Fortaleza em 1949, eu tinha entre 19 e 20 anos. Comecei o curso logo em seguida. Ingressei em 1949 ou 1950, por aí. Eu era professora da Escola Normal. Eu estudava pela manhã e a tarde dava aula para os alunos mais atrasados. Sempre ensinei. Convidavam-me e eu sempre ia ensinar. Lá na minha terra tinha uma senhora que gostava muito de fazer dramas. E eu fui

[73]GADELHA, Tereza Carmelita da Cruz. Entrevista concedida a Maria Irismar de Almeida; Emanoela Therezinha Bessa Mendes. Fortaleza, 27 jan. 2011 às 15h30m. Acervo NUDIHMEn.

> participar de um drama chamado “Parte coração”, no qual eu fiz a enfermeira. O drama era lindo! Naquele momento, eu cantava uma música, muito bonita, da época da seca e aquilo tocou o meu coração. Ali nasceu a minha vocação eu seria enfermeira. Na minha turma de enfermagem tinha aula falando da História da Enfermagem era uma enfermeira quem ministrava. Na verdade, eram três disciplinas, Ética, História e Deontologia. Ensinavam como começou a enfermagem científica, falavam sobre a Florence, que ela criou a enfermagem profissional, que ela batalhou muito para colocar a enfermagem no nível superior. (TEREZA CARMELITA DA CRUZ GADELHA, 2011. ARQUIVO NUDIHMEN).

A narrativa da Tereza Carmelita da Cruz Gadelha confirma os espaços que iam se abrindo para a mulher fora do lar, por meio do magistério e da Enfermagem. Revela não só a existência da História da Enfermagem como os conteúdos que eram trabalhados como a trajetória da Florence atuando em prol da Enfermagem, uma vez que era o início da formação na especialidade no Ceará, sendo pertinente ensinar para as alunas as raízes de uma profissão que era recente e nasceu com alguns estereótipos. Assim, em meio à luta pelo funcionamento do curso, em razão dos escassos recursos, a EESVP elaborou a terceira matriz curricular (1953-1963).

6.1.4 Matriz curricular da EESVP como instituição isolada (1953-1963)

Importa lembrar o contexto em que a EESVP elaborou a terceira matriz curricular (1953-1963), as modificações ocorridas no Brasil e que influenciaram a formação em Enfermagem e, consequentemente, a tessitura curricular na EESVP.

No Brasil, no período de 1949 até 1961, o ensino de Enfermagem esteve entre os níveis médio e superior, pois havia escolas funcionando em ambos os níveis sob a influência da Lei 775/49 que, como descrito há pouco, regulamentou o ensino de Enfermagem em dois níveis enfermeiro e auxiliar de Enfermagem.

As escolas de Enfermagem não possuíam *status* de instituição de nível superior, sendo colocadas na periferia de um sistema de ensino superior de tradição intelectualista, já que possuía atividades técnicas. Além disso, era uma profissão essencialmente feminina, sendo que, na sociedade, predominava o conceito da competência masculina para determinados ramos de atividade

técnico-científica. (LIMA, 1994). Podemos observar algumas modificações, como:

> A trajetória histórica desta década se concretiza na formação de enfermeiras orientadas para a aprendizagem técnica, começando na década de 1960 um processo de fundamentação científica. [...] Nesta mesma década, a Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024/61 reconheceu a carreira de enfermagem em seus três níveis - superior, técnico e auxiliar. A universidade brasileira, nesse período, passava por discussões e estudos de preparação do Projeto de Lei da Reforma Universitária. (NÓBREGA-THERRIEN; ALMEIDA, 2007, p. 77).

Além disso, em 1956, a EESVP foi agregada à Universidade do Ceará, que passou em 1965 a se chamar Universidade Federal do Ceará – UFC, seguindo a padronização dos nomes das universidades federais de todo o País. Mesmo agregada a Escola, permaneceu funcionando e as alunas iam à Universidade somente para utilizar laboratórios e/ou biblioteca. Como era somente agregada, esta situação ambígua fez com que, posteriormente, a EESVP se decidisse pela anexação à UECE.

A fundamentação científica da Enfermagem, a existência de três níveis de seus profissionais e as mudanças na legislação com a LDB - 4.024/61 incidiram na formação da enfermeira e no currículo, com a adequação dos cursos a essa reforma.

Nos anos de 1950, atuaram dois presidentes, Getúlio Vargas (que cometeu suicídio em 1954) e Juscelino Kubitschek (1956-1961), cuja política, em linhas gerais, promoveu a industrialização nacional pela substituição de importações (iniciada por Vargas); a abertura ao capital externo para investimento; o planejamento estratégico marcado pela construção de uma infraestrutura, como rodovias, hidroelétricas, aeroportos; o acesso da indústria de base e de produção de bens de capitais com foco na produção nacional. O processo de modernização do governo de Juscelino Kubitschek foi a construção de Brasília, que passou a ser capital do País, inaugurada no início dos anos 1960.

No imaginário social, vivia-se no Brasil a crença no estabelecimento de uma nação moderna. Ocorreram mudanças no modelo de vida rural e com aproximação ao padrão consumista do capitalismo estadunidense. Nesse período foram inseridos no cotidiano das donas de casa os chamados “aparelhos

modernos", como liquidificador, fogão a gás, televisores, enceradeiras, bem como produtos industrializados, como gêneros alimentícios e artigos de higiene pessoal e beleza, entre outros. Era o momento da difusão dos meios de comunicação, como o cinema, a televisão e o rádio. Embora nem todos tivessem acesso aos bens de consumo, a disseminação destes constituía a base de um pensamento nacionalista e da ideologia de um país rumo ao progresso (FARIAS, 2007). Até 1963, ano de término da vigência da terceira matriz (1953-1963), foram criadas no Brasil 20 universidades federais, dez delas, coincidindo com o governo desenvolvimentista de Juscelino Kubtscheck, sendo oito em 1960 e duas no início de 1961.

No Ceará, as disputas políticas provocavam alternâncias das elites políticas, com alternações destas ao governo, por meio da UDN - União Democrática Nacional e PSD – Partido Social Democrático. Em 1950, o PSD elegeu Raul Barbosa para governador. A seguir, governou o Estado Paulo Sarasate, que conseguiu manter uma coligação entre UDN e PSD durante a sua administração. Em 1955, foi criada a Universidade do Ceará. O ano de 1958 configurou o período de uma grande seca e as eleições para governador foram vencidas por Parsifal Barroso, da coligação PTB-PSD. As eleições de 1962 foram somente elas na República Populista em que o governador elegeu seu sucessor, no caso, Virgílio Távora, eleito pela União pelo Ceará, coligação entre UDN e PSD. (FARIAS, 2007).

As secas afetavam o Estado nos aspectos econômicos, sociais e políticos. Sempre foi assim no Ceará, surgindo a "Indústria da seca[74]" e fragilizando o sistema educacional. Além disso, com as secas, vinham os flagelados e as doenças e cada vez mais era necessária a Enfermagem.

As secas afetavam a EESVP, que ficava sem receber subvenção por parte do governo em quase todos estes períodos de estiagem. Nóbrega-Therrien et al (2008) apontam que a Irmã Breves, por meio de uma carta solicitou recursos ao Erário e teve seu pedido negado sob a justificativa de que no

[74]"Indústria da seca" é uma expressão utilizada para designar a estratégia de alguns políticos que aproveitam a tragédia da seca na região Nordeste do Brasil para ganho próprio. A expressão foi usada pela primeira vez por Antônio Callado (1917-1997), quando escreveu "Os industriais da sêca e os **"Galileus" de Pernambuco**: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil" (1960), para se referir ao "mito da seca", usado como desculpa à miséria que afeta milhões de brasileiros, vivendo entre o Nordeste do Brasil e a região Norte de Minas Gerais.

momento não era possível qualquer promessa em decorrência da situação financeira do Estado, com o flagelo da seca, seriamente comprometida, com défice bem apreciável de arrecadação orçamentária. “Deve, por isso, a requerente aguardar que se estabeleça o equilíbrio exigido pelo erário público para que possa o Governo ir ao encontro de sua justa e patriótica pretensão.” (NÓBREGA-THERRIEN, et al, 2008, p. 117). Na ausência desses recursos, as necessidades eram supridas, em parte, pelas irmãs de caridade por meio de recursos do Patronato Nossa Senhora Auxiliadora - Casa Provincial, em Fortaleza.

A formação em Enfermagem constituiu um dos caminhos de profissionalização da mulher e a EESVP elaborou o terceiro currículo (1953-1963), incluindo disciplinas oriundas da primeira matriz curricular (1943-1946), como ‘Técnica de Enfermagem’, Anatomia e Fisiologia’, ‘Técnicas de Ataduras’, ‘Drogas e Soluções’, ‘Ética/Ética Profissional’, ‘Higiene Individual’, ‘Massagem’, e ‘Nutrição/Nutrição e Dietética’. (Ver anexo C).

Na reformulação dessa matriz curricular com exceção da disciplina ‘Técnicas de Enfermagem’, que tinha 430 horas, a carga horária das demais disciplinas variava de 20 a 180 horas. Durante os dez anos em que essa matriz curricular foi vivenciada, algumas mudanças podem ser observadas, como a disciplina Ortopedia, ofertada apenas para a turma de 1961, e Administração, que surgiu no final da vigência da referida matriz, sendo ofertada desde a turma de 1963. *História da Enfermagem* foi mantida no currículo com carga de 30 horas, ofertada no primeiro ano, além de ‘Ética/Ética Profissional’ 30h também no primeiro ano, e ‘Ética’, ofertada no terceiro ano. Inferimos que essas modificações realizadas no currículo vigente de 1953 a 1963 aconteceram em virtude de alterações nos contextos políticos, econômicos, educacionais e de saúde vivenciados no País e, consequentemente, no Ceará. Ao todo, eram 76 disciplinas, distribuídas nos três anos, incluindo os campos de prática.

Na disciplina História, com carga de 30h, houve um aumento de 10h em relação à matriz curricular anterior (1947-1952). É a maior carga horária de toda a sua trajetória, uma vez que, como disciplina específica, teve carga de 15, 16, 20 e 30h e, com outras denominações, teve carga de 34 e 60 horas, porém, inserida outras temáticas, o tempo dedicado ao ensino de História da Enfermagem não chegava a 30h.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi promulgada em 1961. Lembramos que este ano representou um marco para a Enfermagem, pois a colocou efetiva e de modo definitivo no nível superior, com a cessação do prazo legal que possibilitava ingresso nas escolas de Enfermagem de concluintes de curso ginasial ou 1.° ciclo secundário, ou seja, embora algumas escolas não adotassem mais essa prática, a Lei que permitia esse ingresso perdeu a vigência.

Há de se considerar, ainda, como observou Oguisso (1976), que, de acordo com as atribuições conferidas por essa Lei, o Conselho Federal de Educação fixou, para os cursos de Enfermagem, o currículo mínimo e a duração, no Parecer 271, de 4 de dezembro de 1962, estabelecendo o curso em três anos letivos. Possibilitava, porém, após conclusão dos três anos de Enfermagem geral, um quarto ano optativo em Saúde Pública ou em obstetrícia. No ano seguinte,entretanto, pelo Parecer n.° 303/63, o Conselho Federal de Educação, ao fixar o currículo mínimo para os cursos de Obstetrícia, modificou a Resolução decorrente do Parecer 271/62, possibilitando mútua complementação dos dois programas: a enfermeira contando mais um ano de estudos específicos na área de Enfermagem Obstétrica poderia receber o diploma de enfermeira obstétrica ou obstetriz; a obstetriz, oriunda da parteira, com um ano de complementação na área de Enfermagem, poderia receber o diploma de enfermeira. Conforme Goodson (2013), o currículo prescrito é um registro público de uma lógica de organização. Assim, essas modificações influenciadas pelo contexto educacional legitimam a escolarização, incidindo nas mudanças curriculares com escopo nas demandas formativas. Portanto, as alterações na legislação influenciaram as transformações curriculares da EESVP, à medida que a formação da enfermeira estava sendo constituída.

Desse modo, a matriz curricular (1953-1963) manteve a disciplina História da Enfermagem, e os conteúdos continuaram sendo trabalhados em uma disciplina específica. As narrativas das ex-alunas que vivenciaram essa matriz curricular expressam a História da Enfermagem durante o curso.

> Eu comecei o curso em 1955 e terminei em 1959. Eu tinha 21 anos. O meu ingresso na Enfermagem se deu por intermédio do vigário da minha terra que era muito amigo do meu pai e um dia falou comigo: "- Eu estive em Fortaleza numa reunião de religiosas da área de enfermagem e elas estão recrutando moças para fazer enfermagem.

> Elas querem pessoas que tenham realmente uma condição". Ele me falou isso porque havia uma rejeição muito grande de alguém fazer enfermagem, as pessoas pensavam que enfermagem era um curso para prostitutas e as famílias não aceitavam as moças virem morar em Fortaleza, então as religiosas convidava os párocos de outras localidades pediam para eles divulgarem o curso de enfermagem e as irmãs perguntavam aos párocos: "- o senhor já conversou com alguém?" Algumas moças diziam que não davam para isso, como Eliete, amiga minha e tinha dois irmãos padres inclusive, quando indagada ela dizia que não dava para a enfermagem. Quando padre me perguntou eu disse não. Eu também não pretendo fazer enfermagem. [...] Eu nunca tinha ouvido falar em enfermagem, eu queria fazer arquitetura. Mas o padre disse: "- Mas vá conhecer a escola, converse lá com a freira de lá pra você vê como a escola funciona, as oportunidades que tem lá". Eu vim para Fortaleza, fui á escola e fui recebida pela Irmã Cecília Fernandes. Ela me falou da oportunidade para as moças, porque muitas delas não conheciam a enfermagem e tinham uma visão errada do curso e da profissão. Eu disse que ia pensar e que pensava em fazer arquitetura. Ela disse que eu pensasse e se quisesse voltasse lá. Falou que a enfermagem possibilita muitas oportunidades de emprego fácil porque há muita necessidade de profissionais. [...] Eu não prometi, disse que ia resolver. A irmã Cecília me deu o calendário do vestibular e fui para casa que eu estava hospedada em Fortaleza pensado se fazia o vestibular. [...] Resolvi fazer, tinha me decidido pela enfermagem. [...]. Na disciplina História da Enfermagem a gente estudava sobre a vida dela Florence, sobre a história dela, isso era muito comentado. Nesse momento eu não tenho certeza se a professora era Tereza Carmelita ou se foi a irmã Cecília, tinha outra irmã que lecionou também outras disciplinas e talvez a História que era a irmã Leonie. (Ir. Syrena de Castro Bonfim). Sei que estudamos muito a vida da Florence. [...]Tinha uma biblioteca, mas era pequena. Tinha livros de enfermagem, mas pouca coisa também. Tinha livros escritos por médicos. Recursos áudios-visuais eram escassos, porque tudo era manual ou então recortes de revistas. Tinha apostila. E quando eu já estava na escola apareceu mimeógrafo por lá. Tinha laboratório. Tinha os manequins, pouco, mas tínhamos. [...] Eu alcancei material, como apostilas, oriundas do Departamento de Saúde Pública, mas depois que me formei, antes não, muita coisa era dado em sala de aula e livros eram escassos, existiam, mas eram escassos. [...] Eu tenho impressão, que as irmãs não queriam qualquer pessoa para fazer o curso, justamente, pelo que falei no início, a enfermagem era muito mal vista pela sociedade e elas queriam mudar. (MARIA LIGIA BARROS DA COSTA[75], 2011. ARQUIVO NUDIHMEn)

A narrativa da Maria Ligia Barros da Costa demonstra os caminhos trilhados pelas Filhas da Caridade para implantar a formação em Enfermagem no Ceará, conquistar espaços, recursos financeiros, materiais e humanos, e vencer estereótipos acerca da Enfermagem tão atuantes na sociedade naquele tempo. Para tanto, a História da Enfermagem era tão necessária e o seu ensino conformava uma oportunidade para as moças que ingressavam no curso

[75]COSTA, Maria Ligia Barros da. Entrevista concedida a Maria Irismar de Almeida; Emanoela Therezinha Bessa Mendes e Suêuda Costa. Fortaleza, 18 mar. 2011 às 15h30m. Acervo NUDIHMEn.

constituirem uma identidade de profissionalidade. A narrativa aponta que as religiosas ministraram a disciplina História da Enfermagem, como a Ir. Cecília Fernandes e a Ir. Leonie[76] (Ir. Sirena de Castro Bonfim). Deduzimos que havia uma preocupação com a História da Enfermagem em combater os estigmas que as enfermeiras carregavam e, por isso, a preocupação das irmãs na seleção das alunas. A narrativa também revela a escassez de livros, sendo os poucos que havia na maioria das vezes, eram escritos por médicos.

Os conteúdos trabalhados seguem a lógica do ensino de História centrado nos grandes personagens. Assim, mesmo quando os conteúdos estudados não são citados com detalhes, as lições aprendidas sobre a vida, e, consequentemente, a cerca do seu papel na Enfermagem não são esquecidos pela narradora.

A narrativa da ex-aluna da EESVP, Maria José do Espírito Santo, demonstra que os conteúdos ministrados na disciplina História da Enfermagem obedeciam a uma sequência, a Enfermagem no mundo e no Brasil. Inferimos que o livro da Waleska Paixão subsidiava esse estudo, conforme narra a ex-aluna.

> A minha colação de grau foi em 1959, acho que ingressei em 1955. Eu tinha 17 anos. O meu ingresso se deu por influência da minha irmã e ela começou a fazer enfermagem e disse que era bom e eu resolvi vir também. Era só nos duas. Ela disse: - vem, vem que é muito bom. Eu vim. Fiz vestibular e passei. Na turma a disciplina História da Enfermagem era ministrada pela Eneida Schramm Frazão. Os conteúdos eram sobre o início da história da enfermagem, como foi que ocorreu. As enfermeiras que lutaram que foram à guerra. A gente estudava a história da enfermagem brasileira e geral (MARIA JOSÉ DO ESPÍRITO SANTO[77], 2011. ARQUIVO NUDIHMEn)

Em narrativa de igual teor, Cleide Veras Pedrosa ressalta o ensino da grande história, abordagens dos personagens da enfermagem, da História Geral da Enfermagem.

> Eu ingressei no curso em 1959 com 19 anos de idade. Eu tinha vontade de fazer as coisas para os outros, cuidar de doente, gostava de ficar protegendo as pessoas. Mas eu também tive influência na família. Eu tinha uma tia e uma irmã que estudava Enfermagem, uma no Rio e a

[76]As moças ao ingressarem à vida religiosa, recebiam outro nome, diferente do nome de batismo. Essa prática foi extinta desde o Concílio Vaticano II, em 1965.

[77]ESPÍRITO SANTO, Maria José do. Entrevista concedida a Maria Euridea de Castro; Emanoela Therezinha Bessa Mendes. Fortaleza, 21 jun. 2011 às 15h20m. Acervo NUDIHMEn.

> outra aqui em Fortaleza. No curso tinha uma disciplina História da Enfermagem, a professora era Grasiela Barroso. Os conteúdos falavam da Ana Neri, da Florence Nightingale e de todas as pessoas que contribuíram para a Enfermagem. O Centro Acadêmico chamava-se Florence Nightingale (CLEIDE VERAS PEDROSA[78], 2011. ARQUIVO NUDIHMEn).

As duas ex-alunas, Maria José do Espírito Santo e Cleide Veras Pedrosa, revelam que ingressaram na Enfermagem por influência de membros familiares. Ambas reconhecem a inserção da disciplina História da Enfermagem no currículo vivenciado por elas na formação em Enfermagem e registram os conteúdos trabalhados, perpassando a História da Enfermagem no mundo e no Brasil. Isto vai de encontro à sequência linear do livro da Waleska Paixão e da história tradicional positivista. Atualmente (2018), denota-se que os estudos sobre o ensino de História cresceram enormemente nas últimas décadas, mas no "[...] próprio período em que foi gestada a História Nova no Brasil as publicações sobre esse assunto eram absolutamente escassas, situação que permaneceu inalterada no decorrer da década de 1970" (LOURENÇO, 2008, p. 387) e estas não se propagaram na mesma intensidade em todos os espaços. Portanto, as evidências apontam que a concepção de ensino na última matriz elaborada pela EESVP como instituição isolada e os conteúdos trabalhados eram assinados na concepção de História tradicional e positivista.

6.2 MATRIZ CURRICULAR DA EESVP AGREGADA À UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC (1956-1975).

Esta seção tem como objetivo analisar as matrizes curriculares produzidas pela EESVP já agregada à UC com a finalidade de mapear a inserção do ensino de História da Enfermagem nessa segunda fase do curso. Discorremos no ensaio a respeito do contexto em que foi produzida cada matriz curricular, da quantificação dos componentes curriculares, e de modo especifico, a disciplina História da Enfermagem com escopo nos conteúdos ministrados.

No ano de 1956, a EESVP foi agregada à Universidade do Ceará. Vale ressaltar que, no estado do Ceará, até o ano de 1903, não havia ensino

[78] PEDROSA, Cleide Veras. Entrevista concedida a Maria Irismar de Almeida; Emanoela Therezinha Bessa Mendes e Suêuda Costa. Fortaleza, 31 jan. 2011 às 14h30m. Acervo NUDIHMEn.

superior, período da criação da Escola Livre de Direito, além dos cursos de Teologia nos Seminários de Fortaleza e do Crato. Na época, quem quisesse e pudesse realizar um curso superior diferente, se deslocava para o Recife, Salvador ou Rio de Janeiro, ou até Portugal. Em 1916, aflorou outro curso superior no Ceará, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, no início, como instituição particular, e, depois, em 1918, a Escola de Agronomia, também no início como instituição particular.

Na trajetória da criação de cursos superiores no Ceará, em 1938, foram instituídas a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais; a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943); a Faculdade Católica de Filosofia (1947), a Faculdade de Medicina (1948); e o Instituto Social (1950). Além dessas, surgiram outras escolas, como o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno (1938) e a Escola de Belas Artes (1953). (MARTINS FILHO, 1973). A UFC, contudo, delineia, suas origens no ano de 1944, quando o médico Doutor Antônio Xavier de Oliveira encaminhou um relatório sobre a refederalização da Faculdade de Direito do Ceará ao então Ministério da Educação e Cultura. Nesse documento, foi citada a ideia da criação de uma universidade com sede em Fortaleza. Em 1947, iniciou-se a mobilização para a criação de uma universidade cearense, denominada: Universidade do Ceará (MARTINS FILHO, 1973).

Uma vez agragada as Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia, e Agronomia, em 1954, o Senado aprovou o projeto que criou a Universidade do Ceará, sendo agregadas, posteriormente, as Faculdades de Ciências Econômicas, Medicina, Católica de Filosofia, Instituto Social e EESVP (O NORDESTE, 25.10.1954).

Sobre a EESVP, Frazão (1973 p. 7) registra que “[...] após Parecer nº 264/56, do Egrégio Conselho Nacional de Educação, homologado pelo Exmo. Sr. Ministro da Educação e Saúde, foi a escola aceita como unidade agregada à Universidade do Ceará, aos 21 de janeiro de 1956”.

Tendo encerrado a gestão da primeira diretora da EESVP, Ir. Margarida Cola, Irmã Cecília Fernandes (Maria Hercília Fernandes Pequeno) foi sucessora, dirigindo tecnicamente a EESVP de 1946 a 1958. Inferimos que ela tenha participado do processo de associação desta instituição escolar à Universidade do Ceará. É possível perceber a presença do médico Jurandir Picanço, como o único diretor administrativo da EESVP, cargo que existiu de

1943 a 1958, quando este foi extinto, possivelmente, também, em virtude da agregação desta instituição escolar à Universidade do Ceará. O médico Jurandir Picanço, contudo, não foi o único homem no corpo administrativo da EESVP, haja a vista o fato de que Vicente Moura atuou como tesoureiro nos anos de 1971 e 1972, nas gestões de Maria da Glória Ferreira Façanha, a primeira diretora laica da Escola.

Na segunda fase da EESVP, como instituição agregada à Universidade do Ceará, situação que durou 20 anos, foram elaboradas quatro matrizes curriculares, nos períodos 1964-1966, 1967-1969, 1970-1973, 1974-1978, sendo duas matrizes curriculares nos anos de 1960 e duas nos anos de 1970. Uma delas já adentrando a EESVP à UECE. O quadro 34 demonstra o quantitativo das disciplinas das matrizes curriculares desse período.

Quadro 34- Comparativo do quantitativo das disciplinas nos currículos da EESVP agregada à Universidade do Ceará.

	Currículo 1964-1966	Currículo 1967-1969	Currículo 1970-1973	Currículo 1974-1978
1º Ano	15	16	17	09
2º Ano	13	11	12	10
3º Ano	08	08	11	05
Campos de prática	16	11	11	---
4º Ano	---	---	---	05
5º Ano	---	---	---	04
Total	**52**	**46**	**51**	**33**

Fonte: Elaborado pela autora.

Importa ressaltar o contexto em que essas matrizes curriculares foram produzidas. Nos anos de 1960, a ditadura civil-militar foi instaurada, especificamente no ano de 1964. Esse regime no Brasil durou mais de 20 anos (1964 a 1985). Foi uma década marcada pela repressão, censura e violência. Esse período, no âmbito político, foi muito marcado por falta de democracia.

Vários direitos constitucionais foram infringidos durante a ditadura brasileira e havia repressão às pessoas que se posicionavam contra o regime.

Desde o golpe de 1964, houve mudança drástica no cotidiano das pessoas. A sociedade brasileira teve que aprender a conviver e, de certa forma, a sobreviver de acordo com as novas regras estabelecidas, isto é, com a repressão e com a censura, levando os formadores de opinião, como professores e artistas, a policiarem o conteúdo das palavras ditas a respeito do regime, inclusive sobre as pessoas que estavam direta ou indiretamente a ele ligados (FURLAN, 2013).

O período ditatorial no Brasil iniciou sob o Governo do Marechal Castello Branco (1964-1967), seguido do Governo Costa e Silva (1967-1969); Governo da Junta Militar (agosto a outubro de 1969); Governo Médici (1969-1974), quando se deu o chamado "milagre econômico"; GovernoGeisel (1974-1979) e Governo Figueiredo (1979-1985), assinalado pelo processo de redemocratização e campanhas pelas “Diretas Já”.

A fim de implantar a ditadura e realizar as mudanças que a Constituição de 1946 não permitia, os governos militares criaram os Atos Institucionais - AI que serviram como mecanismos de legitimação e de legalização das ações políticas, constituindo para eles próprios vários poderes extra - constitucionais. Nesse sentido, os AI-1 e AI-2 modificaram as regras para as futuras eleições e concederam às forças armadas a prerrogativa de suspender direitos políticos e cassar mandatos legislativos, além de demitir servidores públicos acusados de improbidade administrativa. Esses atos também deram plenos poderes ao Poder Executivo quanto à execução dos decretos e normas editadas, impedindo ações judiciais a respeito deles.

Em seguida, o AI-3 estabeleceu eleições indiretas para os governadores dos estados da União, visando a dificultar a chegada de candidatos da oposição ao poder. Por meio do AI-4, o Congresso Nacional foi convocado para votar a Constituição de 1967, que institucionalizou a ditadura no Brasil.

No governo de Costa e Silva, foi estabelecido o AI-5, que suspendeu o direito ao *habeas corpus* e permitiu ao Presidente da República decretar estado de sítio e praticar intervenção nos estados, sem limites constitucionais. Desde esse momento, o Brasil passou a viver os chamados “anos de chumbo”, que se

estenderam do final do governo Costa e Silva tendo durado por todo o governo de Emílio Médici.

Valéria Aparecida Alves (2017) menciona que o governo autoritário fechava o Congresso, cerceava as liberdades individuais, proibia qualquer manifestação de oposição, ampliava as medidas de repressão e censura. Os “anos rebeldes” estavam encerrados. As passeatas, os comícios, as greves estudantis e operárias estavam proibidas e, com as medidas repressivas – prisões, torturas e exílio - ampliadas, os movimentos de oposição tiveram que reinventar suas estratégias de ação.

Os anos de 1960 também foram um período de significativas mudanças na cultura brasileira. Na música, surgiram o tropicalismo e a jovem guarda. O tropicalismo foi um movimento cultural que misturava influências do *pop, rock* e cultura brasileira. As letras criticavam a ditadura e muitos dos representantes desse movimento foram presos e exilados. No contexto da ditadura, jovens intelectuais e artistas em meio a vigência do AI-5, que ampliava as medidas de cerceamento das liberdades e intensificava a censura, “[...] encontraram brechas para seguir resistindo e através da produção cultural, por meio de várias experiências artísticas e culturais reivindicavam liberdade, não apenas de criação, mas em todos os aspectos”. (ALVES, 2017).

Alude Foucault (1979), ao analisar o poder como disseminado na sociedade, exprimindo a organização desta não passa mais apenas pelo Estado, mas pelos micropoderes, pela disciplinarização, enfim, por formas de poder que vigiam, controlam e corrigem as pessoas. Desse modo, os movimentos artísticos constituíam micropoderes utilizados contra a repressão.

Importa ressaltar que havia bastante agitação artístico cultural no Ceará. Farias (2007) informa que, já no início dos anos de 1960, precisamente em 1963, havia sido fundado no Ceará, de maneira semelhante a outros estados, o Centro Popular de Cultura - CPC da União Nacional dos Estudantes - UNE, com a intenção de fazer uma cultura politicamente engajada. Fazia apresentação de peças, *shows*, enquetes, jograis etc., tudo isso entremeado por discussões de problemas do povo, como o custo de vida, o ensino público.

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 4.024/61, esta incidiu em mudanças na organização curricular do ensino superior, com a aprovação do Parecer 271/62, do Conselho Federal de

Educação (CFE). Nesse contexto de Brasil, a EESVP implementou uma mudança curricular na formação da enfermeira cearense.

6.2.1 Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade do Ceará (1964-1966)

No início do regime, foi elaborada a matriz curricular (1964-1966) do curso de Enfermagem. Observamos, no entanto, que, no primeiro ano, eram ofertadas 15 disciplinas, no segundo 13 e no terceiro oito disciplinas e 16 campos de prática, totalizando 52 disciplinas. (Ver anexo D). Na reformulação dessa matriz curricular com exceção da disciplina 'Técnicas de Enfermagem', que tinha 488 horas, a carga horária das demais variava de 10 a 172 horas. A disciplina História da Enfermagem foi mantida, porém, não contemplou às 30h aulas da matriz anterior, mas reduziu o tempo para 20h.

Localizamos no banco de entrevista do NUDIHMEn a participação da Irmã Orminda Santana[79], Filha da Caridade, enfermeira aposentada. Foi aluna, professora, tesoureira, vice-diretora e diretora da EESVP. Com suporte na sua narrativa podemos perceber o teor da história ensinada. Irmã Orminda ingressou na turma 1963 e concluiu o curso em 1965, vivenciando, portanto, o início da implantação da matriz curricular (1964-1966), conforme demonstram o diploma e o histórico escolar.

Imagem 9- Diploma da Irmã Orminda Santana da EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará.



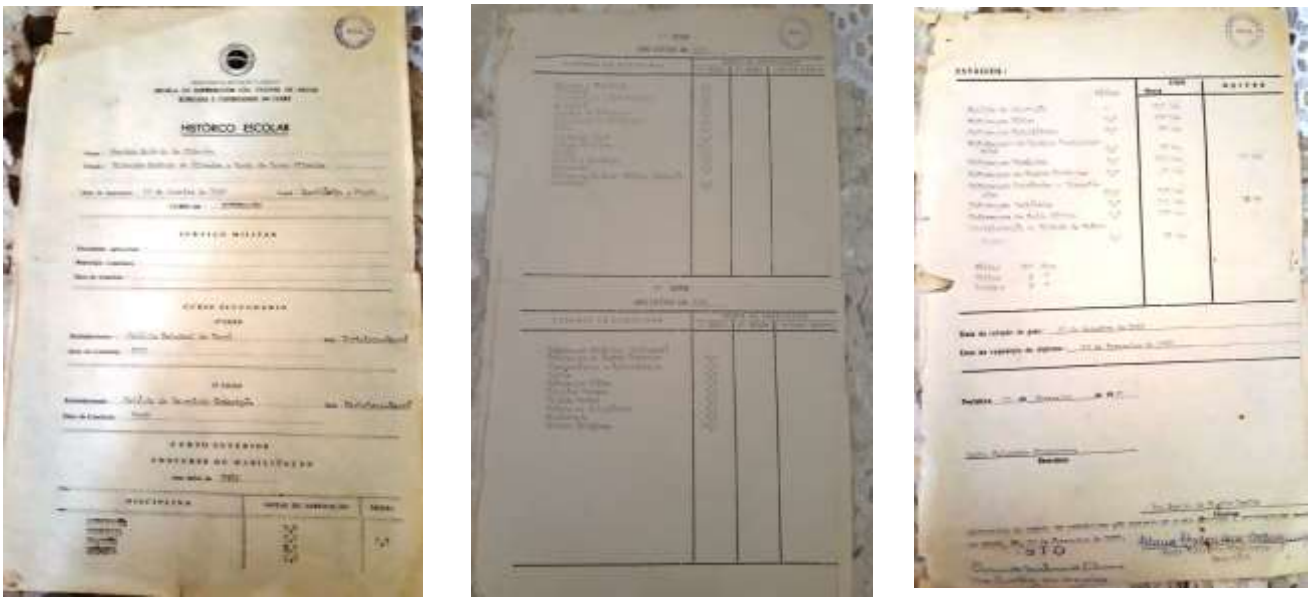


Fonte: elaborado pela autora

[79]OLIVEIRA, Santana Orminda. Não consta o nome dos entrevistadores nem o dia, mês e hora da realização da entrevista. Compõe um banco de entrevista realizado em 2012/2013. Acervo NUDIHMEn.

A seguir podemos observar tambémo histórico escolar da Irmã Orminda Santana.

Imagem 10- Histórico da Irmã Orminda Santana da EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará. (1963-1965).



Fonte: elaborado pela autora

O diploma e o histórico da Irmã Orminda Santana confirmam que ela foi aluna da EESVP quando agregada à UFC, durante a vigência da matriz curricular (1964-1966). No diploma de enfermeira assinado pela diretora, Irmã Syrena de Castro Bonfim, e pela secretária Maria Valquíria Albuquerque, consta a data em foi expedido: 10 de fevereiro de 1966. O histórico é o documento que registra toda a história escolar de uma pessoa, registrando o que foi estudado, os resultados em formato de notas ou conceitos. Constitui-se como um documento demonstrativo de natureza quantitativa que sugere a natureza qualitativa do desempenho do estudante durante os estudos. Neste documento, aparecem a designação da instituição, assinatura dos gestores, a identificação do estudante e a relação das disciplinas e conceitos ou notas obtidas, créditos e carga horária de cada componente curricular estudado e, ainda, o somatório total das notas ou créditos e carga horária, média de aprovação ou escore.

Assim, o histórico da Irmã Orminda Santana revela sua formação secundária realizada no Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza, e que seu ingresso no curso de Enfermagem se deu em 1963, concluindo em 1965. O

histórico traz a relação das disciplinas de cada ano e as respectivas notas e carga horária. Com três páginas, registra na segunda página a continuação das disciplinas do 1º ano, constando História da Enfermagem com carga horária de 30 horas. Da narrativa da Irmã Orminda é possível apreender acerca da História ensinada.

> Muito nova procurei a saúde, fiz um curso, passei um tempo na enfermagem atuando em uma maternidade. Minha motivação para cursar enfermagem veio desta experiência. Na EESVP Fiz vestibular e passei da primeira vez. A minha turma foi a primeira que exigiu o segundo grau completo. Na EESVP quem tinha condição pagava uma mensalidade. Os professores eram médicos, enfermeiras laicas e religiosas, padre, nutricionistas e professores de outras áreas. Às vezes tinha aulas fora da EESVP. Asaulas eram expositivas e práticas, seguindo grade curricular e material didático adequado ao assunto. Os assuntos específicos para cada ano. A história da enfermagem era ministrada por uma enfermeira. Em síntese, enfocava o período ou época da história, articulação do tempo presente com a sua temporalidade e acontecimentos e percepção futura. São fenômenos que acompanham o comportamento humano em maior ou menor ascensão. Falava-se muito dos colaboradores da enfermagem em relação às questões de interesse profissional. A criação da primeira escola de enfermagem administrada por irmãs de caridade evidencia a forte relação da profissão com a religião. A institucionalização dos cuidados de enfermagem teve destaque com mulheres e a maioria religiosa. Esperava-se da enfermeira uma pessoa com capacidade voltada para a assistência ao doente, dinamismo para integração ao mundo profissional tão diversificado. Uma enfermeira polivalente com vida cristã ajustada. (IRMÃ ORMINDA SANTANA, 2012/2013. ARQUIVO NUDIHMEn).

A Irmã Orminda ressalta a exigência do segundo grau para cursar Enfermagem, conforme a legislação citada anteriormente, confirmando a organização das disciplinas, por ano. Com experiência em hospital, não foi difícil adentrar o curso de Enfermagem e exercer funções na assistência, docência e gestão. No tocante à disciplina História da Enfermagem, registra que perpassava os acontecimentos em distintas temporalidades e a relação passado, presente e futuro. Também era dada ênfase aos precursores da Enfermagem, aos sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento da enfermagem profissional. Na narrativa apontada por ela, percebe-se a relação entre a atividade da mulher fora do lar e a Enfermagem, configurando um campo de atuação da mulher, sobretudo, da mulher religiosa. Fica evidente o papel da história da Enfermagem para essa turma, pois o intuito era formar uma enfermeira com capacidade voltada para a assistência ao doente, dinamismo para integração ao mundo profissional tão diversificado: uma enfermeira polivalente com vida cristã

ajustada. Nesse sentido, a história tinha um papel significativo, ao discutir os caminhos trilhados na constituição da Enfermagem e o tipo de profissional que se almejava entregar à sociedade.

Há de se considerar que os anos de 1960 compreendem um período em que no plano sociopolítico e econômico havia uma convergência do modelo concentrador de renda para privatização da assistência médica, com estímulo ao cuidado individual curativo e especializado. Sobre esse ponto, Lima (1994), menciona que a política da privatização no setor da saúde teve influências no modelo de formação do enfermeiro, que passou a ser voltada para as especializações, para o cuidado de caráter curativo, e a saúde pública aparece como especialização.

Como vimos no EQ, a ABEN teve ampla atuação em prol da profissão de enfermeiros no Brasil. Por essa razão, após a aprovação do currículo mínimo pelo CFE, as enfermeiras, docentes e a ABEn não consideram satisfatória, pois, além de excluir as disciplinas da área de saúde pública, havia reduzido o curso para três anos “[...] uma das conquistas da categoria desde a criação da primeira escola no Brasil, havia sido o aumento de duração do curso, sendo a maioria deles desenvolvida em 4 anos. (LIMA, 1994, p.274). Nesse a EESVP estava agregada à UFC e elaborou a matriz curricular (1967-1969).

6.2.2 Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade do Ceará – UFC (1967-1969)

Ainda no contexto socioeconômico e político dos de anos 1960, é produzida a matriz curricular (1967-1969). Importa ressaltar que, em 1968, o ensino de Enfermagem foi atingido pelas mudanças introduzidas pela Reforma Universitária. A Lei n.° 5.540, de 28 de novembro de 1968, que supriu um capítulo inteiro da LDB, no tocante ao ensino superior, estabeleceu como competência do CFE a fixação do currículo mínimo e a duração mínima dos cursos superiores.

Haja vista o movimento iniciado pela ABEn, foi realizado em novembro de 1968 o Seminário Nacional sobre Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem, com o propósito de planejar um currículo mínimo do curso de

Graduação em Enfermagem, de acordo com as necessidades de saúde do País e as exigências da Reforma Universitária.

Nesse contexto, aparecem as reformulações nos currículos com foco nas demandas formativas do enfermeiro e a EESVP elaborou a matriz curricular (1967-1969) que contabilizava 16 disciplinas no primeiro ano, no segundo ano 11 e no terceiro ano oito disciplinas e 11 campos de prática, totalizando 38 disciplinas (Ver anexo E). Na reformulação dessa matriz curricular, a nomenclatura da disciplina 'Técnicas de Enfermagem' passou para 'Fundamentos de Enfermagem' e manteve a carga de 488 horas. A carga horária das demais disciplinas que na matriz curricular (1964-1966) variava de 10 a 172 horas passou de 15 a 320, sendo que estas disciplinas de maior carga horária eram atinentes ao estágio, realizada no turno diurno e complementada no período noturno. A disciplina História da Enfermagem foi mantida e permaneceu com 20h, sendo ofertada no primeiro ano. Sobre o que a história ensinada, as ex-alunas que estudaram durante a vigência dessa matriz expressam as suas experiências, como na narrativa de Maria Lúcia Freire[80].

> Nasci em Quixadá (CE). Nasci no dia 6 de agosto de 1935. Eu estava trabalhado há nove meses como faturista, fazendo fatura, na empresa Ribeiro. Luiz Severiano Ribeiro. Na época estava terminando o científico. Um dia eu tive a chance de trabalhar na Santa Casa em Fortaleza. Um médico amigo da família, Dr. Roberto Cabral, me convidou para organizar um arquivo do ambulatório da Santa Casa e sair de onde eu estava trabalhando. Ele era o médico dessa unidade, responsável pelas pacientes com câncer e que sempre retornavam. Ele dizia: - Lucinha, eu quero que você vá organizar este arquivo. Para quando a paciente voltar para a consulta o prontuário já está pronto! Na convivência na Santa Casa de manhã eu via as auxiliares de enfermagem, as irmãs, eu gostei do que eu estava fazendo. Eu achava bonitas aquelas meninas de branco. E as irmãs falavam que eu dava para ser uma enfermeira. Na época eu confundia auxiliar e enfermeira, para mim era tudo a mesma coisa. A irmã dizia assim; vá ser enfermeira Lúcia! Não falta emprego para enfermeira. Foi daí que veio a influência. Eu ingressei na enfermagem e não me arrependi. Eu era vaidosa! E na touca, no primeiro ano usava uma listinha azul de fita, uma fitinha fininha de veludo. No segundo ano, era azul o ano todo e no terceiro ano eram três listrinhas. Eu caprichava no uniforme. Tinha a disciplina História da Enfermagem, ela contava o início da enfermagem. As lutas das primeiras enfermeiras, as pioneiras da enfermagem. O que é ser enfermeira mudou quando veio a Florence, que foi a enfermeira que implantou a enfermagem científica. Uma moça da sociedade, da nobreza, culta. A partir daí foi que a enfermagem tomou esse rumo e melhorou o nível e tudo. E a enfermeira não é mais qualquer mulher, a doméstica, mas quem se formou para ser

[80]FREIRE, Maria Lúcia. Não constam os nomes dos entrevistadores nem o dia, mês e hora da realização da entrevista. Compõe um banco de entrevista realizado entre 2012/2013. Acervo NUDIHMEn.

> enfermeira. Quando a gente estuda essa época a gente entende muita coisa. É bonita a história! (MARIA LUCIA FREIRE, 2012/2013. ARQUIVO NUDIHMEn).

A Enfermagem e a sua busca pela profissionalização observam-se na narrativa de Maria Lucia Freire, que evidencia a preocupação dos profissionais na época em se manterem abertos às transformações que o ensino pudesse propiciar. Tais aspectos são demonstrados na diferença entre ser auxiliar de Enfermagem e ser enfermeira, entendimento que só foi mais esclarecido após o ingresso no curso. Há de se considerar a influência das religiosas que buscavam em seu trabalho cuidar do corpo e da alma. Assim, necessitavam de moças dispostas a cursar e a se dedicar à Enfermagem.

Valdonira Arcanjo do Carmo[81], que estudou na mesma turma de Maria de Lúcia Freire, no período de 1964 -1967, narra o seu ingresso no curso e o que era ensinado na disciplina História da Enfermagem.

> Nasci em 18 de setembro de 1943.Eu morava na Tristão Gonçalves em Fortaleza nos fundos da Escola São Vicente de Paulo. Eu ficava olhando as moças passando quando viam da aula. Na época, elas usavam uma estola preta, ou era azul, não lembro bem, só sei que era escura estola mesmo. De veludo. Elas passavam e eu olhava. Quando elas terminavam a aula, vestiam aquela capa. Ah! Eu achava lindo! Daí nasceu meu interesse em fazer enfermagem, eu já trabalhava em um escritório como Técnica de Contabilidade, mas fui fazer enfermagem. Na escola as moças que vinham do interior não pagavam nada. As alunas que vinham de fora já vinham com uma bolsa oferecida pela universidade. Foi o caso de cinco alunas do Piauí que já vieram com uma bolsa. Bolsa, hospedagem e tudo. E a história que a gente estudava no curso mostrava como tudo começou. (VALDONIRA ARCANJO DO CARMO, 2012/2013. ARQUIVO NUDDIHMEN).

A narrativa de Maria Valdonira do Carmo revela que a motivação para cursar enfermagem veio da comunicação não verbal feita nos uniformes das alunas da Escola São Vicente de Paulo. Essa comunicação visual a levou a fazer uma projeção de si no futuro. Morar próximo à Escola assegurou que essa comunicação fosse constante, e adentrar o curso de Enfermagem a situava nesse lugar de uso do uniforme.

Importa mencionar que o uniforme, com suas características individuais e obrigatórias, permite constituir uma imagem. Barthes (2005), em

[81]CARMO, Maria Valdonira do. Não constam os nomes dos entrevistadores nem o dia, mês e hora da realização da entrevista. Compõe um banco de entrevista realizado entre 2012/2013. Acervo NUDIHMEn.

seus escritos sobre Imagem e Moda, ensina que o vestuário não se restringe à manifestação artística ou ornamental, pois, seu uso demonstra a necessidade de exprimir um significado, indo além dos aspectos estético e funcional, tendo uma dupla origem, que é, ao mesmo tempo, simbólica e instrumental; considerando, ainda, que o vestuário é sempre implicitamente concebido como o significante particular de um significado geral que lhe é exterior, como a época, o país ou a classe social.

Nesse sentido, a narração de Maria Valdonira do Carmo demonstra o efeito da comunicação visual trazendo informações, que a convenceu a cursar Enfermagem. Assim, o uniforme, a touca, a capa e a braçadeira usados pelas alunas comunicavam uma mensagem da pessoa, mas também coletiva, acerca da profissão.

Peres; Padilha (2014, p. 119) mostram as palavras da diretora da EAN, Clara Louise Kieninger, em seu discurso enunciado na cerimônia de recepção de toucas da primeira turma, em que destaca o valor simbólico do uniforme: "[...] vosso uniforme mostra ao mundo que pertenceis ao grupo restrito de indivíduos que acolhem aos irmãos em perigo de vida". Ao se referir à touca, a diretora associa o seu uso ao comprometimento com os ideais da profissão: "E agora que cada uma está usando a touca, nunca deveis esquecer que estais designadas a trabalhar sobre a vida e a morte das criaturas de Deus e que sempre estejais prontas para qualquer chamado de vossa vocação". (PERES; PADILHA, 2014, p. 119).

A imagem da enfermeira e a ajuda aos necessitados estavam também associadas ao trabalho das irmãs de caridade. Assim, as alunas que não podiam pagar também eram aceitas no curso, segundo os relatos mencionados. No tocante à disciplina História da Enfermagem, conforme narrativas de igual teor, nessa matriz, a história era trabalhada na perspectiva da grande história e os conteúdos estudados abrangiam a história linear dos acontecimentos envolvendo a Enfermagem. Existia, contudo, na formação das alunas a preocupação com o passado, o presente e o futuro da profissão.

6.2.3 Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará – UFC (1970-1973)

Nos anos de 1970 foram elaboradas duas matrizes curriculares pela EESVP agregada à UFC. O início dos anos de 1970 foi marcado pelo chamado "milagre econômico" brasileiro. O marco dessa época foi a construção da maior hidrelétrica do mundo, Itaipu (PR). Em 1974, foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que hoje é o instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Era uma autarquia filiada ao Ministério da Previdência e Assistência Social (hoje Mistério da Previdência Social), e tinha o intuito de prestar atendimento médico aos que contribuíam com a previdência social, ou seja, aos empregados de carteira assinada.

Nesse período, nasceu o movimento da Reforma Sanitária no contexto da luta contra a ditadura. A expressão foi usada para se referir ao conjunto de ideias que se tinha em relação às mudanças necessárias na área da saúde. Essas não abarcavam apenas o sistema, mas todo o setor de saúde, em busca da melhoria das condições de vida da população.

Ainda em meados dos anos de 1970, com o fim do “milagre econômico”, ocorreu uma crise do financiamento da previdência social, com repercussões no Instituto Nacional de Assitência Médica da Previdência social (INAMPS). No final dos anos 1970, vários fatores afetavam a arrecadação de recursos destinados aos programas sociais: a conjuntura econômica de crise com desaceleração das taxas de crescimento, e com consequente influência negativa sobre o nível de emprego do País, e, ainda, a redução de salários. Havia uma necessidade de organização da saúde, pois, durante o regime ditatorial, com a carência de investimento na área da saúde pública, doenças antes erradicadas voltaram, surtos de epidemias apareceram, as políticas de saneamento foram desfavorecidas, aumentando a pobreza e a desigualdade social.

Há de se considerar, ainda, as mudanças que ocorreram na educação por meio da Reforma Universitária, a qual pretendeu alterações no ensino universitário no Brasil, em 1968. E o Parecer 163/72 acresceu ao ensino profissionalizante e das Ciências Biológicas o ensino da Sociologia e Psicologia. Mantendo a exclusão do ensino de Enfermagem de saúde pública do tronco

profissional comum, o Parecer 163/72 favoreceu a formação do enfermeiro para o atendimento a uma assistência sofisticada, de casos raros, o que atende o mercado de trabalho e a política preconizada pelo Ministério da Previdência Social. Em contra partida, o Ministério da Saúde empenhava-se numa nova visão política preventivista de regionalização e simplificação das ações de saúde (SILVA et al., 1979).

Ressaltamos, ainda, as intensas mobilizações da classe. Com as mudanças de dominação da categoria, determinada pelo Ministério do Trabalho, contida na Portaria nº 3.311/74, foi aberto o caminho à sindicalização. Em 1972, foram criados o Conselho Federal (COFEN) e os Conselhos Regionais de Enfermagem (COREN), conforme Lei nº 5.905-73 (entidades disciplinadoras do exército profissional, uma autarquia vinculada ao Ministério do Trabalho) (BRASIL. Leis, 1976). Em 1975, foi fundada a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), cuja finalidade é o desenvolvimento da educação na enfermagem no País. Em 1976, surgiu a primeira associação profissional a requerer a carta sindical, no município do Rio de Janeiro. O primeiro sindicato de enfermeiro a ser criado, entretanto, foi o do Rio Grande do Sul (VIETTA; UEHARA, SILVA NETTO, 1996).

Nesse contexto foi elaborada a matriz curricular (1970-1973) composta por 17 disciplinas no primeiro ano, 12 no segundo, no terceiro, 11 disciplinas e 11 campos de prática, totalizando 51 disciplinas (Ver anexo F). Nesta matriz curricular, há o incremento da disciplina ‘Moral e Cívica’ em todos os períodos do curso, em virtude do Decreto-Lei n° 869, de 12 de setembro de 1969, que dispôs sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País. O princípio desta legislação era o reflexo do contexto político, econômico e social do período da ditadura, tendo a disciplina Educação Moral e Cívica a obrigação de transmitir à sociedade um conjunto de atitudes e comportamentos representativos de um ideal de “ordem” estabelecido pelo governo, além de servir como mecanismo de reprodução e legitimação do regime civil-militar.

Recorrendo a Foucault (2008, p. 8), podemos inferir que a inserção da disciplina Educação Moral e Cívica no currículo funcionou como um eficiente instrumento de poder. O poder está em todo o corpo social, “[...] produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”.

Nesse contexto, a Licenciatura Plena em Enfermagem, instituída nacionalmente pelo Parecer n° 837/68, juntamente com as outras três habilitações, embora esta modalidade tenha sido instituída em 20 de janeiro de 1969 na Universidade do Ceará, por meio da Portaria n°13, ela foi implantada somente em 1972, tendo como objetivo precípuo preparar o quadro de professores da própria Escola (MARQUES; TAVARES, 1991). Conforme as autoras, para a viabilização dessa atividade, solicitaram a contribuição da Faculdade de Educação da UFC, que assumiu as aulas teóricas, enquanto a disciplina Prática de Ensino II ficou sob a responsabilidade do corpo docente da ESSVP, que organizou para que os estudantes da modalidade Licenciatura ministrassem aulas no Curso de Auxiliar de Enfermagem da própria escola.

Assim, na reformulação dessa matriz curricular, com exceção da disciplina 'Técnicas de Enfermagem', que manteve 488 horas, a carga das demais disciplinas variava de 12 a 180 horas. A disciplina História da Enfermagem foi mantida, com a carga horária de 20h. A narrativa das alunas que estudaram durante a vigência da matriz curricular (1970-1973) demonstra suas apreensões acerca do ensino de História, como narra Maria Dalva Santos Alves[82].

> Eu ingressei no curso de Enfermagem com 19 anos, turma 1969-1971, antes de ingressar no curso eu trabalhava na secretária de turismo como guia de turismo dava para arranjar uma grana, eu não gostava de pedir dinheiro ao meu pai. Eu saí do cursinho para o vestibular. O vestibular era um processo difícil, as provas não eram fáceis até porque só existia a São Vicente de Paulo, não tinha outra escola e por ser conduzida por freiras penso que era mais exigente, porque as freiras são pessoas exigentes pela própria condição, é tudo na perfeição, então era difícil. As respostas erradas anulavam as certas, horrível isso, muita gente era reprovada nessa subtração. No curso tinha a disciplina História da Enfermagem, era ministrada pela professora Grasiela Barroso, a gente estudava muita coisa da fundação da profissão, da criação da profissão, sobre Florence e Anna Nery. Estudava muita coisa sobre as duas, como até hoje, não tem como negar, embora sejam histórias bem distintas, Florence em termos de mundo e Anna Nery na nossa realidade brasileira. (MARIA DALVA SANTOS ALVES. ARQUIVO NUDIHMEn).

Maria Dalva dos Santos Alves narra uma experiência muito comum aos estudantes, a dificuldade de aprovação no exame vestibular, a necessidade de realização do cursinho, as exigências do ensino ministrado por freiras e o

[82]ALVES, Maria Dalva Santos. Entrevista concedida a Maria Irismar de Almeida; Emanoela Therezinha Bessa Mendes. Fortaleza, 28 Abr. 2011 às 15h55m. Acervo NUDIHMEn.

pioneirismo da EESVP. A maneira encontrada para não pedir dinheiro ao pai, a leva para o mercado de trabalho antes do ingresso no curso de Enfermagem. Sua narrativa aponta que a disciplina História da Enfermagem era ministrada pela Professora Grasiela Barroso.

A enfermeira e professora Grasiela Barroso iniciou sua carreira como professora, entretanto, durante sua trajetória profissional assumiu diversos cargos de destaque da profissão, dentre eles, superintendente do Serviço de Enfermagem da Secretaria de Saúde do Estado, na área de saúde pública; coordenadora da Comissão de Legislação da ABEn, além de ter sido convidada para coordenar a implementação do Curso de Enfermagem da UFC, confirmando o reconhecimento de sua competência para a criação do ao qual muito se dedicou. Grasiela recebeu prêmios e honras em vida em vitude da sua dedicação à Enfermagem cearense, vindo a falecer em 2013. Foram, portanto, 49 anos dedicados ao ofício.

A luta de Grasiela foi intensa em prol do crescimento da profissão, também lembrada como professora de História da Enfermagem, na narrativa de Maria Dalva Santos Alves. Os conteúdos trabalhados perpassavam o surgimento da profissão e as contribuições de Florence e Anna Nery. Os conteúdos descritos por Maria Dalva revelam que a História ensinada abordava aspectos da História da Enfermagem no Brasil e no mundo.

Maria Rodrigues da Conceição[83], uma ex-aluna da EESVP, desconhecia a Enfermagem. Sonhava em cursar Letras. Realizou o sonho de passar no exame vestibular para o curso que sempre quis, mas, no percurso da vida, entre descobertas e afetos, teve um encontro com a Enfermagem. Sua narrativa aponta respostas parecidas para os conteúdos trabalhados na disciplina História da Enfermagem.

> Eu nasci, no dia 15 de novembro de 1947, no Crato-CE. Eu ingressei no curso de enfermagem em solidariedade a uma amiga, Maria do Socorro Barbosa, ela era louca por medicina. Fizemos o segundo grau na mesma turmano Colégio Justiniano de Serpa e eu não tinha interesse pela área de saúde, tinha interesse pelo curso de Letras. Entre nós tinha muito companheirismo, porque como eu não era de Fortaleza ia muito estudar com ela nos fins de semana. O foco dela era medicina. Quando concluímos o segundo grau eu fiz vestibular para Letras, passei e comecei o curso. Ela fez o vestibular para medicina

[83] Maria Rodrigues da Conceição. Entrevista concedida a Silvia Maria Nóbrega-Therrien; Rafael Sousa Ferreira. Fortaleza, 14 e 21 de setembro de 2010 no GPESC-UECE às 14hs35. Acervo NUDIHMEn.

> três vezes e não conseguiu a aprovação. Ela ficou muito abatida, muito desiludida. A mãe dela trabalhava na Maternidade Escola e naquele ano tinham quatro enfermeiras americanas e freiras aqui no Ceará fundando a Associação Assis Chateaubriand, a proposta era essa associação junto com a Universidade Federal fazer aprimeira grande maternidade do Ceará. A mãe da minha amiga contou para as americanas a história da filha dela, uma delas indagou se a filha dela não conhecia outras profissões da área da saúde e a mãe dela respondeu que não e ela só se interessava por medicina eelas perguntaram: “Será que ela quer vir aqui para a gente contar para ela mais coisas sobre a área de saúde, porque na área de saúde não tem só médico, tem outras profissões, quem sabe ela se encanta por outra profissão”. Ela foi convidada e me levou junto. As enfermeiras nos receberam muito bem e falaram da área de saúde como um todo. Elas falaram da infraestrutura e mostraram a planta física do que ia ser a maternidade-escola que estava começando a ser construída e o que elas vieram fazer, mostraram que vieram ajudar os arquitetos a compreender aquela planta toda, compreender porque as portas tem que ser largas, porque nos centros obstétricos e centros cirúrgicos tinha que ter portas especiais para poder entrar e sair maca, elas foram mostrando para gente e dizendo que lá nessa maternidade-escola iam trabalhar muitos profissionais da área de saúde além do médico, elas falaram da assistência farmacêutica, da assistência psicológica, elas foram mostrando diferentes profissões da área da saúde e nós ouvindo.

A narrativa de Maria Rodrigues da Conceição[84] aponta o desconhecimento da Enfermagem como um setor de profissão. Ela, no início, não se interessou por adentrar a Enfermagem, mas sua amiga que sempre quis a área de saúde e buscava aprovação em Medicina, também não conhecia a Enfermagem. As enfermeiras que aparecem na narrativa representam um grupo que detinha o conhecimento científico e técnico, qualificadas para atuar com os arquitetos na construção de uma maternidade, dispondo de autoridade para ajudar a decidir a planta do prédio. Inferimos que muitas outras enfermeiras, no silêncio e no anonimato durante o exercício do seu ofício na assistência, na gestão, na formação e na divulgação da profissão contribuíram para o desenvolvimento profissional da Enfermagem.

Maria Rodrigues da Conceição continua sua narrativa, revelando seu ingresso na Enfermagem e como a disciplina História da Enfermagem estava presente no curso.

[84]A enfermeira Maria Rodrigues, falecida, foi uma batalhadora incansável, se constituindo como presidente do Sindicato dos Enfermeiros no Estado por várias gestões. Foi, inclusive, a primeira acadêmica a falecer depois da Academia Cearense de Enfermagem ser fundada em 2011.

> A explicação sobre a enfermagem estava diluída, disfarçada, porque elas não queriam fazer com que a menina mudasse de medicina para enfermagem, elas tiveram muito cuidado em mostrar o funcionamento da área de saúde e o exemplo delas no Ceará fundando uma associação para essa associação ser a sustentação de uma instituição, que seria uma grande maternidade e que essa maternidade serviria de campo de estágio para várias profissões da área de saúde. Elas não aconselharam a menina a fazer enfermagem, elas só fizeram um discurso bonito, muito bem fundamentado e nós fomos embora. Uns 10 dias depois elas procuraram Amanda Socorro Barbosa, mãe da minha amiga e informaram que entraram em contato com as freiras que fundaram em Fortaleza a Escola de Serviço Social e a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo e que elas fizeram o vestibular para 25 vagas e só foram selecionadas 10 pessoas e que divulgaram no Jornal O Povo e na Tribuna, que ia ser realizado o segundo vestibular. Disseram que esse segundo vestibular foi bastante divulgado e muita gente se inscreveu e que ela convencesse a filha a fazer enfermagem, depois ela fazia medicina. A mãe da minha amiga me pediu para convencê-la a fazer enfermagem e depois fazer medicina. Eu já estava na faculdade de Letras e fui passar o fim de semana na casa dela e comecei a falar para tentar vestibular para enfermagem porque ela podia gostar. Depois de muita conversa no fim de semana ela decidiu: vamos comigo. Na segunda-feira nós fomos à escola, recebemos todas as informações, nos inscrevemos, fizemos o vestibular e fomos aprovadas. **No curso tinha a disciplina história da enfermagem** que abordava a criação do sistema Nightingale, falava da história de Ana Néri, das duas primeiras escolas do Rio, Alfredo Pinto e a Ana Néri, da necessidade de recursos humanos na época das grandes endemias, cólera e aquelas que impulsionaram a implantação das faculdades e do período do império, da ação de alguns jesuítas na área da saúde, como Anchieta, falava também de santos que foram enfermeiros como São Camilo de Lélis. A Professora Conceição falava de Anchieta, contava para nós a parte histórica mais antiga, que era baseada nessas pessoas, uns santos, outros padres, que praticaram a enfermagem e contava a história da Ana Neri, do marido, do filho, que eram médicos e como a Ana Neri foi envolvida na Guerra do Paraguai, como ela foi denominada mãe dos brasileiros, **aquela história. Mas não [tinha assim uma abordagem sociológica], não, só a de mostrar pessoas**, o lado humanístico e o lado religioso, muito forte na história da enfermagem. (MARIA RODRIGUES DA CONCEIÇÃO, 2010. ARQUIVO NUDIHMEn).

A maneira descrita por Maria Rodrigues da Conceição tem semelhanças com as narrativas das outras enfermeiras que apontam o ensino de História acerca das primeiras escolas de Enfermagem, a Enfermagem profissional e a atuação de Ana Neri na Guerra do Paraguai. Ressalta, contudo, a hagiologia, ou seja, o estudo da vida dos santos. Assim, a história da Enfermagem perpassava a história da Igreja Católica, das congregações religiosas, abordando sobre os padres jesuítas, as filhas da caridade, São Vicente de Paulo, Luiza de Marilac, São Camilo de Lélis.

Os santos sempre despertaram interesse, possivelmente, pela singularidade de suas vidas. É neles que as possibilidades humanas atingem o

auge, no entanto, os santos foram homens e mulheres como todos nós com suas fraquezas, erros e acertos e, por isso, pessoas autenticamente humanas. O que os diferencia de pessoas comuns é aquilo que foram capazes de realizar por meio de uma disponibilidade incondicional. A História da Enfermagem se conectava com a hagiologia. Assim, o ensino de História da Enfermagem estava imbuído dos aspectos religiosos que teceram a enfermagem, contudo, a narrativa de Maria Rodrigues da Conceição revela que o ensino de História estava centrado nas pessoas, ou seja, nos grandes personagens, e não tinha uma "abordagem sociológica". Sendo assim, não havia uma problematização dos conteúdos ministrados. Dessa maneira, a concepção de História trabalhada nessa matriz não situava os alunos como sujeitos da história, pois a concepção de ensino de História era que somente as pessoas de destaque faziam história.

6.2.4 Matriz curricular da EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará – UFC (1974-1978)

Nos anos de 1970, a EESVP agregada à Universidade Federal do Ceará elaborou a sua última matriz curricular nessa condição. A matriz curricular (1974-1978) estava em vigor quando o curso foi anexado pela UECE em 1975. Referida matriz permaneceu até 1978, uma vez que, em 1979, foi elaborada outra matriz curricular, a primeira pela UECE.

A matriz curricular (1974-1978) contabilizava nove disciplinas no primeiro ano, dez no segundo ano, no terceiro ano, cinco, no quarto ano cinco e no quinto ano quatro disciplinas.

Nesta matriz curricular, observa-se sua estruturação por semestres e o aumento do tempo de formação de três anos para quatro anos e meio, distribuídos em nove semestres (Ver anexo G). Verificamos que esta matriz curricular do curso de Enfermagem da EESVP, como instituição agregada à UFC, em 1974, organiza os componentes curriculares em primeiro ciclo e ciclo profissionalizante. O primeiro ciclo é de duração menor do que o ciclo profissionalizante, adotando um modelo de natureza declaradamente pré-profissional. Enquanto isso, no ciclo profissionalizante, a partir do 4° semestre, se introduz o estudante nos conhecimentos específicos da profissão Enfermagem, com a disciplina 'Fundamentos de Enfermagem I'. Ao final do curso

eram ofertadas para os discentes as habilitações em Enfermagem Médico-Cirúrgica, Enfermagem Obstétrica e Enfermagem em Saúde Pública.

A oferta das disciplinas optativas e obrigatórias observadas nesta matriz curricular reflete o período de agregação da EESVP à UFC, que incidiu em distintas mudanças curriculares, haja vista o contexto social, político, econômico e educacional vivenciado pelo Brasil. A carga horária das disciplinas variava de 30 horas (dois créditos) a 195 (13 créditos), sendo que um crédito corresponde a 15 horas. Observamos que, embora a EESVP estivesse no âmbito universitário, possuía intensa vinculação religiosa. Sua existência tinha relação direta com a Igreja Católica, o que poderia influenciar na formação ofertada. A agregação da EESVP a UC desde os anos de 1956, lentamente, provocou mudanças nos componentes curriculares e, consequentemente, na formação do profissional de Enfermagem.

Ressaltamos que as recomendações da ABEn enviadas à CFE deram origem ao anteprojeto do currículo cínimo do Curso de Graduação em Enfermagem, elaborado em julho de 1970, pós-reforma universitária. Com base nas recomendações da Reforma, o anteprojeto foi transformado no Parecer nº 163/72, que se tornou a Resolução 4/72 do CFE. Carrijo (2012) menciona que o novo currículo mínimo passou a ser compreendido de três partes: - primeira parte denominada de *pré-profissional*, segunda *tronco profissional comum e* terceira *habilitações* - podendo o aluno optar por Enfermagem Médico-Cirúrgica, Enfermagem Obstétrica ou Saúde Pública. A carga horária do curso passou a ser de 2.500 a 3.000 horas, equivalentes a quatro anos acadêmicos conferindo o grau de ‘Graduado em Enfermagem e Obstetrícia”.

Essas mudanças na legislação inspiraram a matriz curricular (1974-1978) e a EESVP passou a manter um currículo em quatro anos e meio seguindo a estrutura sugerida na Resolução 4/72 e oferecendo as mesmas habilitações. Assim, a organização do ensino direcionou a disciplina História da Enfermagem para o 3º ano no 5º semestre, com carga horária de 30 h, compondo o núcleo de disciplinas obrigatórias do tronco profissional comum. Assim, em decorrência do Parecer 163/72, a disciplina História da Enfermagem mudou de posição no currículo, pois, até então, era ministrada no primeiro semestre do curso e, em 1975, passou a ser ministrada no período denominado “tronco profissional

comum", na segunda parte do curso, posterior ao pré-profissional e anterior à fase de finalização da graduação, mas perto desta.

Desse modo, é a vez única que ocorre esse deslocamento da disciplina no curso, já que nas demais matrizes curriculares a disciplina foi ofertada no primeiro semestre e permanece, conforme já discutido. Esse deslocamente demonstra um novo entendimento, com foco do Parecer 163/72, sinalizando que os conteúdos de História poderiam ser ministrados quando a aluna já se encontrava inserida na formação há dois anos.

No tocante a fase da EESVP agregada a UFC, Francisca Mara de Maracaba Menezes[85], que estudou durante a vigência da matriz curricular (1974-1978), tendo ingressado no curso de Enfermagem em 1975, relata sobre essa fase.

> Eu nasci em 1948, no Pernambuco. Eu não pensava em fazer Enfermagem. Naquela época no Cearásó existia a universidade federal e a estadual, o vestibular acontecia no mesmo dia e a gente tinha que escolher uma das duas universidades. Minha mãe já era enfermeira e às vezes eu pensava em Jornalismo. Eu não sabia em que me inscrever no vestibular, já que só podia ir fazer uma prova. Fiz a inscrição para Jornalismo e Enfermagem no intuito de no dia da prova decidir qual vestibular eu ia fazer. Na volta para casa, dentro do carro, olhando para os dois papéis eu decidi: vou fazer enfermagem. Naquele momento eu tomei a minha decisão. O vestibular teve 150 candidatas. Eu tinha passado seis anos sem estudar, não fiz cursinho, mas com sempre estudei no Colégio Imaculada tinha uma boa base de conhecimentos e estudei em casa mesmo para o vestibular. Tirei o vigésimo lugar. No vestibular tinha prova de espanhol ou inglês. Eu escolhi espanhol. Tinha prova de Português, matemática, física, química, igual a hoje. A EESVP tinha muitas dificuldades financeiras, alguns professores médicos davam aula de graça. A EESVP era agregada à Federal, mas não foi encampada. O que se queria era a encampação. Mas mudou com a agregação, embora as aulas continuassem funcionando no prédio da Av. Imperador, a gente tinha a facilidade do acesso aos laboratórios da universidade, já que não existia nenhum laboratório de anatomia na EESVP. E também acesso a biblioteca (FRANCISCA MARA DE MARACABA MENEZES, 2012/2013. ARQUIVO NUDIHMEn).

As palavras da narradora Francisca Mara de Maracaba[86] conduzem a uma análise da situação da EESVP agregada a Universidade Federal do Ceará.

[85]MENESES, Francisca Mara de Maracaba. Não constam os nomes dos entrevistadores, nem o dia, mês e hora da realização da entrevista. Compõe um banco de entrevista realizado entre 2012/2013. Acervo NUDIHMEn.

[86]A enfermeira Francisca Mara Maracaba Menezes foi professora e assumiu o cargo de Diretora do CCS, assumindo também por varias vezes a Reitoria da UECE como reitora-interina. A comemoração dos 50 anos do ensino da Enfermagem em 1993 foi coordenada por ela, que se achava na ocasião diretora do CCS.

Resta evidente a realidade de escassez em que escola vivia provocada pela falta de recursos financeiros, muitas vezes, sem dinheiro para custear os professores, bem como a ausência de laboratórios, situação que foi melhorada com a agregação à UFC, por meio da disponibilidade do acesso ao acervo bibliográfico e o uso dos laboratórios.

A narradora nos expressa o seu conflito ante a escolha pelo curso de Enfermagem. Na época, o Ceará já tinha formado várias enfermeiras, inclusive a mãe da narradora, contudo, somente a EESVP agregada a UFC ofertava o curso de Enfermagem, portanto, perduravam as incertezas sobre o futuro do profissional de Enfermagem e o processo do exame vestibular consistia um desafio que precisava ser vencido, sendo possível observar uma comparação presente-passado em relação ao acesso ao ensino superior. O que era ensinado de História da Enfermagem no período que estudou a narradora? Quais conteúdos eram trabalhados?

Especificamente, analisamos o plano de ensino de 1978 que transcrevemos a seguir.

Quadro 35- Plano de Ensino da disciplina História da Enfermagem, de 1978.

(continua)

Ementa: Formação histórica da profissão. Estudo dos povos antigos. Influência do cristianismo na enfermagem. São Vicente de Paulo. Florence Nightingale. Os Jesuítas no Brasil. Santas Casas. Ana Neri. Escolas de Enfermagem. Associações de Classes. Conselhos.	
Objetivos gerais:	1. Proporcionar aos estudantes conhecimentos básicos da enfermagem na época em que vivemos, tornando os capazes de compreender que o presente é consequência do passado.
	2. Despertar neles o interesse pela formação histórica de sua profissão e o resultado do trabalho humano através dos tempos.
	3. Desenvolver nos estudantes a capacidade de investigação e da pesquisa.
	1. Formação histórica da profissão 1.1 Definição e razão do estudo 1.2 Influências que atuaram no desenvolvimento da enfermagem.
	2. Origem e desenvolvimento primitivo. Estudos dos povos antigos. 2.1. Egito 2.2. Assíria e Babilônia

(Conclusão)

Conteúdo Programático:	2.3. Pérsia e Grécia 2.4. Índia e China 2.5. Roma e Palestina
	3. Influências do cristianismo na enfermagem 3.1. Cruzadas 3.2. Ordens militares 3.3. Período negro da enfermagem
	4.A enfermagem na Idade Moderna 4.1. Precursores da enfermagem moderna 4.2. São Vicente de Paulo 4.3. Florence Nightingale
	5. A enfermagem no Brasil 5.1. A atuação dos Jesuítas 5.2. Fundação das Santas Casas 5.3. Ana Neri. Cruz Vermelha 5.4. Fundação de Escola de Enfermagem
	6. Associações de classe
	7. Conselhos

Fonte: Elaborado pela autora com base nos documentos da Secretaria do Curso de Enfermagem da UECE.

O Plano de ensino de 1978 confirma o relato das 12 ex-alunas no tocante ao que era estudado na disciplina História da Enfermagem. Nele podemos observar os conteúdos como a História da Enfermagem no mundo e no Brasil, os jesuítas, a Enfermagem profissional, a hagiologia, o papel de Florence e Ana Nery. Importa lembrar que não localizamos os planos de ensino anteriores a 1978, contudo, inferimos que os conteúdos trabalhados eram semelhantes a este. A organização dos conteúdos no plano de ensino demonstra a cronologia de uma história ensinada com um viés positivista. Deduzimos que uma abordagem contextualizada, fundamentada e problematizadora, caso houvesse, ficaria a cargo do professor, pois o currículo prescrito revela uma linearidade dos fatos.

Do início do curso, em 1943, até 1978, foram elaboradas sete matrizes curriculares, sendo três no período de escola isolada e quatro durante a trajetóriada escola agregada à UFC. A carga horária de 30h deste plano de ensino corresponde ao maior tempo dedicado à disciplina História da Enfermagem, que teve variação de 15 a 30h, conforme já descrito. Nas sete matrizes curriculares, o ensino de História da Enfermagem foi preservado em

uma disciplina específica e os conteúdos trabalhados de modo geral versavam sobre a História da Enfermagem no mundo e no Brasil, conforme relataram as ex-alunas e se observa no programa da disciplina.

Cabe ressaltar que, em virtude da aprovação do Currículo Mínimo de Enfermagem e Obstetrícia, instituído pela Resolução nº 4, de 1972, culminou com o Parecer 163, no mesmo ano que determinou a introdução da disciplina Exercícios de Enfermagem, que incluía Deontologia Médica e Legislação Profissional, abolindo a disciplina História da Enfermagem entre as demais do currículo. A EESVP/UECE, no entanto, manteve a disciplina e a sua carga horária até o ano de 1978. Concluimos que os docentes defenderam a permanência da disciplina em razão à importância dos seus conteúdos, o que demonstra as relações de poder que envolvem as definições estruturantes de um currículo.

Deste modo, a organização a seleção de conteúdo, as maneiras de ensinar, implicam escolhas baseadas no que se deve ou não aprender em determinado curso pelos responsáveis por esta escolha e imprime um movimento de saber/poder e interesses que atuam ao redor do sistema social e educativo. Esse movimento é suscitado por meio das disputas que se expressam entre grupos/instituições sociais. Assim, a ação de selecionar, de privilegiar o que deve ou não ser ensinado denota o poder de quem opera essa seleção. No caso da História, depende também da sensibilidade do docente reponsável pela disciplina, para entender a importância destes conteúdos para formação e atuação do profissional de Enfermagem.

Silva (2014) entende que o currículo é sempre o resultado de uma seleção de um universo mais amplo de conhecimentos que buscam justificar os conteúdos selecionados. Após a primeira seleção, existe outra, quando os conteúdos são provenientes de diversas áreas ou temáticas inseridas em uma só disciplina; há uma tomada de decisão do que privilegiar. Essas discussões já realizamos.

Analisar os objetivos do plano de ensino (1978) nos ajuda a perceber com maior objetividade o que se pretendia alcançar por meio da disciplina História, ou seja, o intuito de proporcionar aos estudantes um entendimento da profissão de Enfermagem no presente por meio da compreensão do passado. Percebe-se ainda, a intensão, de desenvolver nos alunos o interesse pela

formação histórica de sua profissão, possibilitando o despertar para a pesquisa, que, em meados dos anos de, 1970 surgiu no currículo (1973) e na profissão. A escolha dos conteúdos abrangia a Enfermagem desde a História das sociedades antigas até a atualidade, sendo concluídos com a abordagem dos órgãos de controle da profissão, criados nos anos de 1970. O plano de ensino, ora analisado, não registra as referências trabalhadas para ancorar os conteúdos propostos, contudo, entendmos que o livro da Waleska Paixão era ainda utilizado, em decorrência da escassez de materiais na época e o fato de a obra e a autora já serem conhecidos no Ceará. O modo, também, como os conteúdos estão distribuídos corrobora o prefácio do referido livro. Vale destacar que, conforme a trajetória do curso, no período de 1976 a 1978, a EESVP já estava anexa à UECE e, portanto, o plano da disciplina, ora analisado, foi vivenciado nesse ínterim. Em 1979, foi elaborada outra matriz curricular, a primeira produzida pela UECE.

6.3 MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE ENFERMAGEM ELABORADA PELA UECE (1979-2018)

Após a EESVP ter funcionado como escola isolada e, posteriormente, escola agregada à UFC, foi anexada à UECE, conforme já descrito. Após o curso ter sido encampado pela UECE no *Campus* do Itaperi, foram elaboradas de 1979 a 2005, cinco matrizes curriculares, nos seguintes períodos acadêmicos 1979.2; 1981.2; 1985.2; 1997.1; 2005.1. Portanto, uma no final dos anos de 1970, duas nos de 1980, uma nos anos de 1990 e outra nos anos 2000. A matriz curricular 2005.1 continua em vigência no curso até o momento, 2018.

Esta subseção tem como objetivo, portanto, analisar as matrizes curriculares produzidas pela UECE, com vistas a mapear a inserção do ensino de História da Enfermagem nessa fase do curso, completando a trajetória temporal demarcada neste estudo (1943-2018). A organização do texto descreve o contexto em que foi produzida cada matriz curricular, aborda acerca do quantitativo dos componentes curriculares e discorre a respeito da inserção da História da Enfermagem em cada matriz curricular do curso. Ao final desta seção, a que se juntam as duas anteriores, se completa a análise das 12 matrizes curriculares produzidas no decorrer do curso e que respondem ao objetivo de

mapear a inserção do ensino de História da Enfermagem nas matrizes curriculares da graduação desde a sua origem, na EESVP até a atual proposta curricular praticada pelo curso na UECE.

De início, abordamos o contexto que envolveu a elaboração das matrizes curriculares 1979.2; 1981.2; 1985.2, considerando a realidade da dos anos de 1980, período em que as matrizes tiveram vigência no curso. Em seguida, relatamos acerca do contexto em que foram produzidas as matrizes 1997.1; 2005.1, ou seja, os anos de 1990 e de 2000, respectivamente. Seguindo a mesma lógica de organização do texto, vêm a abordagem do contexto em que as matrizes curriculares foram elaboradas, o quantitativo das disciplinas da matriz curricular e a inserção da disciplina História da Enfermagem em cada uma delas. Para esta análise, utilizamos além das matrizes curriculares, o plano de ensino da disciplina e, no caso, específico da matriz curricular 1997.1, material de aula.

Na seção anterior, foi discutido no tocante ao contexto brasileiro nos anos de 1970 e a legislação de Enfermagem que influenciou na elaboração das matrizes curriculares (1970-1973; 1974-1978) e na formação do profissional de Enfermagem. Vale ressaltar, entretanto, o contexto em que foram produzidas as matrizes curriculares 1979.2; 1981.2; 1985.2, ou seja, os anos de 1980.

Em 1979, João Baptista de Oliveira Figueiredo assumiu a Presidência do Brasil governando até 1985. General do Exército Brasileiro, Figueiredo foi o último governante da ditadura no Brasil. Este governo foi caracterizado pela transição da ditadura para a democracia, processo iniciado no governo anterior do Presidente Ernesto Geisel. Assim, em 1979, houve a Aprovação da Lei da Anistia. Com esta, os exilados puderam retornar ao país e os presos políticos ganharam a liberdade.

O governo de Figueiredo, também foi marcado pela reforma partidária. Assim com o fim do bipartidarismo (ARENA e MDB) novos partidos políticos puderam ser criados, ocorrendo o retorno das eleições diretas para governadores de estados em 1982. Em meio às lutas pela redemocratização do País, o Movimento das Diretas Já, organizado por vários setores da sociedade, lutou pelo retorno das eleições diretas para presidente da República. Nesse período, ocorreram várias manifestações populares em todo País. Em abril de 1984, porém, a Emenda Dante de Oliveira, que previa eleições diretas, foi

rejeitada no Congresso Nacional, produzindo uma frustração nacional. Assim, o povo teve que esperar até 1989 para poder escolher novamente o presidente do País.

Em 1985, foi escolhido pelo colégio eleitoral o mineiro Tancredo Neves para a Presidência da República. Faleceu, no entanto, antes de assumir, sendo que a Presidência ficou com seu vice, José Sarney. Era o fim de 21 anos de ditadura no Brasil.

No governo Figueiredo, houve uma crise em vários setores da economia, aumento do desemprego, adoção de política de estímulo às exportações e greves, sobretudo, na região do Grande ABC paulista. O movimento reivindicava, principalmente, melhorais salariais sendo reprimidas com violência pelo governo (KUCINSKI, 2001).

No setor educacional, nos anos 1980, começou na Inglaterra e em muitos países, a instauração da política neoliberal, impondo novas reformas educativas que implicaram em mercantilizar o processo educativo (LIBÂNEO, 2012), estimulando a lógica mercantil nas relações educacionais. Esses anos também são assinalados pela luta política contra-hegemônica, com foco na resistência à ideia de fazer da educação mais um setor privilegiado do mercado internacional.

No Ceará, Virgílio Távora assumiu o governo em 1979, pela segunda vez, (1979-1982). Nesse período, houve uma grande estiagem no Ceará. Com a seca e a miséria, eram comuns os saques aos comércios das cidades, campanhas de arrecadação para o Nordeste. Farias (2007) menciona que era comum milhares de pessoas migrarem, enquanto milhões de cruzeiros enviados pelo Governo federal e a entidade privadas “desapareciam” nas mãos da elites, indicando que o mal nunca foi a seca, com a qual é possível conviver; o mal era a “cerca”, o monopólio da terra, o domínio das oligarquias nordestinas e a concentração de renda. No período de 1983-1987, governou o Ceará Gonzaga Mota, “[...] refém do chamado “acordo de Brasília”, limitava-se à mesa de despachos legalizando determinações dos coronéis e ao longo da gestão acaba rompendo com os coronéis” (FARIAS, p. 296).

Em 1984, outro evento proporcionou uma perspectiva mais pragmática à integração ao setor público. A estratégia, efetivada por meio do Programa de Ações Integradas de Saúde, como a Proposta institucional do

INAMPS, assumido pelas secretárias de saúde dos Estados e pelos Ministérios da Saúde, Previdência e Educação, com vistas à ação conjunta. Consistia na integração das instituições nos planos federal, estadual e municipal para a melhoria da qualidade da assistência, descentralizando, universalizando e hierarquizando os serviços (OLIVEIRA; LIMA; BALUTA; 2014). Na acepção de Giovanini (1995), essas diretrizes institucionais pactuaram com a ideologia e com os movimentos de Reforma Sanitária e do Sistema Único de Saúde, incorporado à Constituição de 1988, adotando com isso o conceito de saúde coletiva.

Em 1988, foi promulgada a Constituição do Brasil, a chamada Constituição cidadã, em meio aos anseios e lutas do povo pela democracia e o fim das leis do regime civil-militar.

Deste modo, com a reformulação do sistema de saúde, a Enfermagem teve como desafio a redefinição da sua prática nos serviços e o redirecionamento da formação do pessoal de Enfermagem em todos os níveis

Durante os anos de 1980, foi aprovada a Lei nº 7498, de 25 de junho de 1986, que dispôs sobre o exercício da Enfermagem e substituiu à Lei nº 2.604/55, sinalizando avanços para a Enfermagem, trazendo novas disposições para o exercício profissional. A Lei reconhecia a categoria do enfermeiro, do técnico de Enfermagem, auxiliar de Enfermagem e da parteira, determinando a extinção, em dez anos, do pessoal sem formação específica, regulada em lei.

A Carta Constitucional de 1988 incorporou conceitos, princípios e uma lógica de organização da saúde, delineados nos artigos 196 a 200, concebendo os seguintes aspectos: conceito de saúde entendido numa perspectiva de articulação de políticas econômicas e sociais; a saúde como direito social universal, derivado do exercício da cidadania plena e não mais como direitos previdenciários; a característica dos serviços e ações de saúde como relevância pública; criação de um Sistema Único de Saúde, descentralizado, com um comando único em cada esfera de governo, atendimento integral e participação da comunidade; integração da saúde na seguridade social.

Os anos de 1980 no Brasil também foram marcados por mudanças no panorama político e social, acompanhadas de uma crise econômica. A população deparava padrões de vida precária sob desatenção do Estado em investimentos em políticas sociais. Essa realidade refletia na saúde da

população cearense, pois, na saúde, os gastos estavam concentrados quase exclusivamente na área curativa, realidade que também incidia na elaboração do currículo do curso de Enfermagem, já que estes profissionais atuariam nessa realidade.

As três primeiras matrizes curriculares elaboradas pela UECE (1979.2; 1981.2; 1985.2), que serão discutidas a seguir, foram produzidas nesse contexto dos anos finais da ditadura, antecedendo a Constituição de 1988. É o que veremos a seguir.

6.3.1 Matriz curricular 1979.2

A matriz curricular de 1979.2 foi a primeira elaborada após o curso ter sido anexado à UECE e desvinculado da UFC. A formação do profissional de Enfermagem nesse período estava embasada na Lei 5.540/1968 que fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média e deu outras providências que estimularam a realização de mudanças no currículo mínimo dos cursos de graduação. Há de se considerar, ainda, o Parecer do CFE n°163/72, firmado pela Resolução n°4/72, que dispôs sobre o currículo mínimo dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia instituiu que as disciplinas deveriam ser pensadas e o currículo composto por três momentos, conforme discutido anteriormente. Portanto, esse é o marco legal que inspirou a elaboração da matriz curricular 1979.2.

O curso ofertado no formato de Bacharelado, com disciplinas distribuídas no regime de créditos e carga horária em oito semestres, manteve a definição de ciclos: pré-profissional profissional e habilitação. Eram ofertadas 11 disciplinas no primeiro ano, 15 disciplinas no segundo, no terceiro nove e sete no terceiro ano, totalizando 42 disciplinas. (Ver anexo H). Nesta matriz curricular, há a oferta de 20 disciplinas optativas, sendo diretamente ligadas à Enfermagem como ‘Enfermagem em Centro Cirúrgico’ e ‘Supervisão e Treinamento de Pessoal de Enfermagem’, e disciplinas de interesse de estudante de todos os cursos como ‘Relações Humanas’ e ‘Introdução a Pesquisa’. A carga horária das disciplinas na matriz curricular de 1979.2 variava de 30h (dois créditos) a 285 h (19 créditos) como ‘Fundamentos de Enfermagem’. Deste modo, o currículo permaneceu com uma densa carga horária concentrada nas disciplinas da

assistência curativa, manteve a exclusão da Enfermagem em Saúde Pública do tronco profissional comum, permanecendo, em essência, a ênfase nos aspectos curativos e, portanto, a diluição da ideia do social em virtude da concepção predominante do biológico (SILVA; FERNANDES; TEIXEIRA; SILVA, 2010).

A disciplina História da Enfermagem, que tinha resistido às mudanças políticas, sociais e educacionais nos currículos das fases de escola isolada e escola agregada à UFC, sucumbiu a elas e desapareceu do currículo de 1979.2 como disciplina específica. Surgiu a disciplina Introdução à Universidade e ao Curso, com 30 h (dois créditos) cujo objetivo era dar informações necessárias para que o aluno compreendesse as linhas gerais da política educacional brasileira, geral e regional, entrosando-o com a atual estrutura da UECE. Conforme o plano da disciplina, ao final, o aluno “deverá estar apto a, conscientemente, pedir trancamento, aproveitar créditos, escolher disciplinas, etc.” A disciplina tinha, portanto, o propósito de familiarizar o estudante com a Universidade, demarcando a terceira fase do curso, com o propósito de orientar o aluno a respeito do funcionamento da UECE, sua estrutura e organização.

Assim, como os conteúdos de História da Enfermagem se inserem na matriz curricular de 1979.2? A legislação que balizou a matriz curricular (1974-1978), Lei 5.540/1968 (Reforma Universitária); Parecer CFE n°163/72 e Resolução n°4/72 (Currículo Mínimo para Enfermagem) fundamentou a matriz curricular 1979.2, além da Lei nº 6.494/77 (Estágio). Foge aos objetivos deste trabalho discorrer sobre o estágio, mas ressaltamos que a Lei do estágio como fundamentação legal para a reformulação do currículo, determinando como os estágios devem ser planejados, executados, acompanhados e avaliados, incidiu sobre a reformulação curricular, e as reformulações no currículo implicaram o lugar do ensino da História da Enfermagem.

Na matriz curricular de 1979.2, a disciplina passou por uma mudança na configuração e esta deixou de ser dedicada exclusivamente à História e seus conteúdos, passando a ser associados a exercícios em Enfermagem. Assim, os conteúdos de História da Enfermagem são inseridos na disciplina Exercício de Enfermagem, ofertada no 5º semestre do curso, com carga horária de 60h (quatro créditos).

Em 1979 a disciplina Exercício de Enfermagem era ministrada por Eneida Scharamm Frazão, conforme os documentos consultados no DEG –

Departamento de Ensino e Graduação da UECE como Plano de Curso. A disciplina se ocupava do estudo acerca da legislação do ensino do exercício de Enfermagem, da Ética e Deontologia, bem como dos conteúdos da História da Enfermagem. Neste período, o plano de curso registra os conteúdos trabalhados, mencionando os personagens da Enfermagem e os seus períodos.

É importante discutir a expressão “personagens da Enfermagem” que configurou os planos de ensino da época. Essa ideia evoca a história positivista, que se configurava no entendimento da história dos “grandes homens”, que se ancorava na percepção de que só estes faziam a história, era a história dos grandes feitos de governantes, dominantes e intelectuais e que não consideravam que todas as pessoas fazem a história - Perspectiva que pautou o ensino de História no Brasil.

No plano de ensino analisado, não consta a referência bibliográfica utilizada pela professora, mas a análise permite considerar que, em 1979, com o livro da Waleska Paixão circulando em 5ª edição, a professora também tenha utilizado para ministrar as suas aulas.

6.3.2 Matriz curricular 1981.2

As matrizes curriculares de 1981.2 e 1985.2 foram demarcadas sob a mesma fundamentação legal da matriz de 1979.2, entretanto, foram acrescidos ideais relativos à inclusão da Habilitação em Licenciatura sob amparo legal da Resolução nº 9/69. Desta maneira, as modificações na matriz curricular 1981.2 incluíram as disciplinas pedagógicas, conforme descreve o Proc. nº 23001.00363/88-09 MEC/CFE (1985).

> A grade curricular do curso de enfermagem constam 4.350 h/a incluindo-se aí a carga horária das disciplinas de formação pedagógica, ou seja, 3.870 h/a são destinadas ao bacharelado e 480 h/a à licenciatura, correspondendo, a licenciatura, 1/8 de 3.780 h, o que atende ao Parecer 672/92 e a Res.9/69, ambos do CFE, que fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem destinados á formação pedagógica dos cursos de licenciatura.
> (Proc. nº 23001.00363/88-09 MEC/CFE P. 3-4).

Mencionado processo registra que a Comissão Avaliadora do MEC atesta a regularidade da matriz curricular conforme a Resolução nº 9/69, no

entanto, a Licenciatura em Enfermagem na UECE tinha pouca adesão dos estudantes, pois, durante os 16 anos de funcionamento, apenas 134 concluíram, correspondendo uma média de 8,3 concluintes/ano, conforme indica o PROC. nº 23001.00363/88-09 MEC/CFE. A baixa demanda da licenciatura era atribuída ao seu não reconhecimento e se esperava que, por meio desse processo de reconhecimento do curso, essa situação fosse revertida, tendo em vista a necessidade de professores para atuar no ensino médio e superior na área de saúde.

Na matriz curricular 1981.2, permaneceu o regime de créditos e a carga horária passou a ser distribuída em nove semestres, sendo ofertadas dez disciplinas no primeiro ano, 14 no segundo ano, no terceiro nove, oito no quarto ano e duas de estágio compondo o 9º semestre do curso, totalizando 41 disciplinas, além de 14 optativas, no âmbito da formação geral e seis optativas que constituíam a licenciatura - Didática Geral, Psicologia da Adolescência, Psicologia da Aprendizagem, Estrutura e Funcionamento do Ensino I e II Graus, Práticas de Ensino de Enfermagem I e Práticas de Ensino de Enfermagem II. A carga horária das disciplinas na matriz curricular de 1981.2 variava entre 30h (2 créditos) a 240 h (16 créditos) como as disciplinas ‘Estágio Enfermagem Materno Infantil’ e ‘Estágio Enfermagem Médico Cirúrgica. (Ver anexo I).

A História da Enfermagem continuou sendo trabalhada na disciplina Exercícios de Enfermagem, a carga horária de 60 h foi mantida e a professora Eneida Scharamm Frazão ministrou a disciplina de 1979 até 1982, assumindo-a em 1983 as professoras Tereza Carmelita da Cruz Gadelha e Maria Siqueira de Souza. (Conforme quadro 31). Ela, no entanto, passou a ser ofertada no 6º semestre e não mais no 5º, conforme a matriz curricular anterior (1979.2), pois, o seu lugar da história na formação do enfermeiro dependia da inserção da disciplina Exercício de Enfermagem no currículo.

A análise dos documentos permite considerar que, no tocante ao ensino de História, não houve muitas modificações em relação à matriz curricular 1979.1, pois a professora continou na liderança da disciplina e verificamos que não houve modificações nos conteúdos elencados nem nas referências bibliografias indicadas no plano de ensino, não sendo possível verificar mudanças no currículo prescrito no tocante à história ensinada. Diante disso, inferimos que as mudanças no ensino de História se deram pelas subjetividades

dos estudantes envolvidos em cada turma, suas percepções de mundo e os saberes constituídos em sua trajetória pessoal e formativa, bem como pelas experiências constituídas pela professora durante o tempo em que conduziu a disciplina e ressignificou o seu fazer docente e na maneira como se apropriou da História da Enfermagem.

6.3.3 Matriz curricular 1985.2

A matriz curricular 1985.2 do Curso de Enfermagem da UECE se insere no âmbito do término do regime militar, período em que foram desencadeadas mudanças das políticas públicas e que implicaram na área da saúde e da educação. Nessa circunstância de transformações das políticas educacionais, fazem-se "[...] necessárias renovações e adaptações permanentes da estrutura e dos conteúdos do ensino universitário, com a finalidade de adequá-lo à atual necessidade e às novas exigências sociais". (NÓBREGA-THERRIEN; ALMEIDA, 2007, p.81). As mudanças na matriz curricular de 1985.2 foram balizadas pelo mesmo marco legal que norteou as matrizes curriculares anteriores elaboradas pela UECE, conforme já discutimos. A reestruturação da matriz curricular 1985.2 buscava, contudo, "redirecionar as disciplinas do ciclo pré-profissional para o campo das Ciências da Saúde, oferecendo uma reestruturação no fluxo de disciplina da grade curricular do curso de enfermagem, sem, contudo, alterar a ordenação lógica dos pré-requisitos". (CEPE, nº 542 – A UECE, 1985).

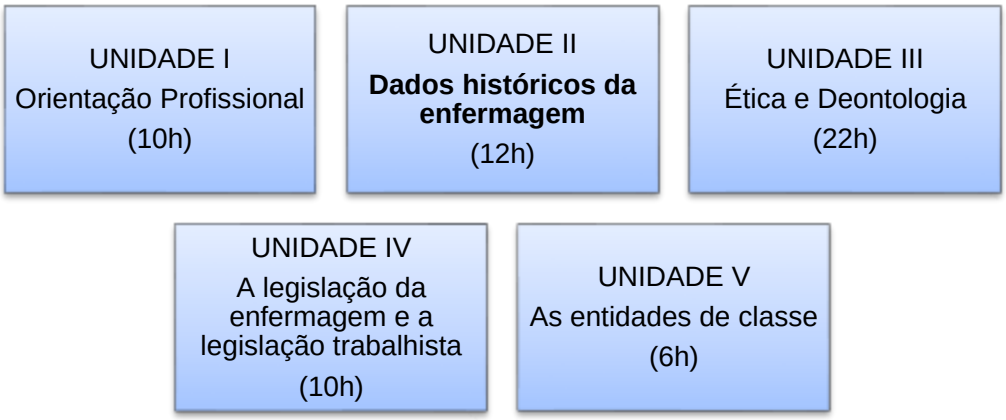
Desse modo, a matriz curricular de 1985.2 manteve a mesma lógica de organização da matriz curricular anterior de 1981.2 com a carga horária distribuídas em nove semestres, sendo ofertadas 14 disciplinas no primeiro ano, oito no segundo ano, sete no terceiro ano, sete no quarto ano e duas disciplinas de estágio, compondo o 9º semestre do curso, Estágio Materno-Infantil e Estágio Médico-Cirúrgica, totalizando 38 disciplinas, além das disciplinas (optativas) da licenciatura e as disciplinas optativas de cunho geral (Ver anexo J).

No plano de ensino analisado, os conteúdos de História da Enfermagem permaneceram na disciplina Exercícios de Enfermagem, com carga horária de 60h/a e continuou sendo ofertada no 6º semestre do curso, ministrada pela docente Maria Siqueira de Souza. Vimos que a modificação no

ensino de História se deu pela mudança da professora, que assumiu a liderança da disciplina, permanecendo durante toda a vigência da matriz curricular de 1985.2, inserindo na disciplina seu jeito de compreender e estar na docência, suas concepções de história e suas estratégias para ensiná-la. No tocante aos conteúdos, permaneceram as temáticas relacionadas à legislação do ensino e do exercício profissional, à ética e à deontologia. O conteúdo proposto para a História da Enfermagem permitia que os estudantes conhecessem as origens da Enfermagem de acordo com os períodos históricos e a perspectiva dos personagens da história em várias épocas. A história ensinada, no entanto, seguia a perspectiva cronológica e linear. O plano de ensino registra na bibliografia o livro *História Enfermagem,* da Waleska Paixão.

No plano de ensino, a carga horária (60h) estava dividida em cinco unidades conforme figura 16.

Figura 16 – Organização das unidades do plano de ensino da disciplina Exercício Enfermagem.



Fonte: Elaborado pela autora com base no plano de ensino da disciplina Exercício de Enfermagem. Curso de Enfermagem da UECE.

A docente fez uma organização da disciplina, destinando 12h para trabalhar os conteúdos de História, na unidade II do plano de ensino. Podemos perceber a redução da carga horária para o ensino de História, que em sua variação, conforme discussão anterior, já contemplou 30h. É a primeira vez, no entanto, que aparece a divissão da carga horária destinada para cada uma das temáticas trabalhadas na disciplina.

É importante discutir o uso do termo ‘dados’ na unidade II, que define os conteúdos da História que serão trabalhados, pois dados são códigos que constituem a matéria-prima da informação. Cabe analisar o vocábulo ‘dado’ na perspectiva da pirâmide informacional de José Nilson Machado (2011), que liga dado a informação, conhecimento e inteligência. Na acepção do autor, dado é de toda natureza, antes de qualquer seleção, depuração ou tratamento e está na base da pirâmide. A informação é compreendida como dados processados, inicialmente articulados; quantidade de informação pouco acrescenta aos saberes pessoais. Conhecimento implica compreender, selecionar, armazenar, avaliar segundo critérios de relevância. Assumimosa ideia de que esse deve ser objetivo do trabalho pedagógico no intuito de que os conteúdos trabalhados proporcionem melhores oportunidades de aprendizagem aos estudantes. No topo da pirâmide de José Nilson Machado (2011), está a inteligência compreendida como a capacidade de projetar; criar, ter desejos, sonhos que se fundem e se amalgama como combustível da própria vida; não ter projetos é encaminhar-se para a morte. Essa caracterização pode ser visualizada na figura 17.

Figura 17- Pirâmide Informacional de José Nilson Machado.



Fonte:MACHADO, Nilson José. *Epistemologia e didática*: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo, Cortez Editora, 2011. 303p.

Nesse entendimento, o conteúdo trabalhado em sala de aula, de modo geral, tem esteio na produção de significados. Quando, porém, o professor trabalha os conteúdos apenas com os dados, desfavorece a ocorrência de

significação que os transforma em informações, estimulando a compreensão e a teorização do conhecimento, pois, “[...] o conhecimento associa-se simbioticamente a uma base de informações, ao mesmo tempo, que se articula ao nível da inteligência”. (MACHADO, 2011, p.68.). Assim, quando o ensino de História da Enfermagem é trabalhado na perspectiva da produção de significados, se fez relevante para o futuro profissional e a inserção da profissão na sociedade, abordagem esta que o ensino da História positivista não ajuda a estabelecer.

6.3.4 Matriz curricular 1997.1

Os anos de 1990 demarcaram a abertura política no Brasil. Após quase três décadas, os brasileiros elegeram pelo voto direto o presidente Fernando Collor, que foi afastado do cargo e substituído pelo seu vice, Itamar Franco. Posteriormente, assumiu a Presidência da República Fernando Henrique Cardoso, que, em 1998, quando terminaria seu mandato, conseguiu alterar a Constituição, permitindo a reeleição de todos os cargos executivos. Assim, governou por duas gestões consecutivas, seguindo com o modelo econômico neoliberal. No Ceará, o governador Tasso Jereissati foi reeleito, valendo-se da mudança constitucional.

Em 1990, ocorreu a implantação da política do Sistema Único de Saúde – SUS, demarcando as mudanças na área da saúde e da formação dos profissionais. A ABEn realizou seminários pelo Brasil, fomentando contribuições para a formação em Enfermagem.

Assim, sob essa realidade explicitada de maneira breve, o curso de Enfermagem da UECE elaborou a matriz curricular 1997.1 (Ver anexo L). Esta foi balizada nos seguintes documentos: Constituição Federal de 1988 que ampliou os direitos sociais do cidadão brasileiro; Leis Orgânicas do Sistema Único de Saúde Nº 8.080 de 19/9/1990 e Lei Nº 8.142/90 de 28/12/90 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB Nº 9.394 de 20/12/1996, que, embora relevante na orientação das diretrizes da educação em todas as etapas, ainda estava em fase de assimilação em virtude da recente promulgação.

A sociedade vivia um momento de abertura e globalização econômica, avanços tecnológicos e surgimento de demandas formativas dos

profissionais de Enfermagem, e a matriz curricular 1997.1 trouxe alterações que se inseriram na perspectiva de mudança no perfil do profissional de Enfermagem, sendo possível observar que,

> Nessa mudança dependendo do conteúdo, da sua importância para formação do enfermeiro segundo crivo e prestígio do professor que ministrasse tal disciplina, algumas delas eram extintas, outras, agregadas a demais conteúdos compreendidos como semelhantes, compatíveis ou possíveis de serem ministrados conjuntamente. (SILVA, 2015, p.111).

O estudo dissertativo de Silva (2015), participante do NUDIHMEn, conforme relatamos no EQ, analisou a formação da enfermeira cearense desde o período em que o curso foi encampado pela UECE. Para tanto, debruçou-se sobre as matrizes do curso elaboradas nessa temporalidade, constatando que a relevância da disciplina e o prestígio do professor que a ministra correspondem a permanência da disciplina no currículo, garantindo que esta não seja extinta ou tenha seus conteúdos agrupados em outro componente curricular. De certo modo, uma discussão que se faz quanto aos conteúdos de História da Enfermagem nas matrizes curriculares, sua permanência, deslocamentos e ou quase exclusão.

Vale ressaltar, portanto, uma vez mais, que a mudança curricular não é um caminho linear, pois, envolve disputas de interesses e um repertório de saberes (poderes) para justificar, modificar e organizar a proposta curricular tendo como justificativa o profissional que se almeja formar. Assim, “[...] a luta por definir um currículo envolve prioridades sócio-políticas e discurso de ordem intelectual”. (GOODSON, 2008, p, 28). No caso do curso de Enfermagem, envolve a sensibilidade e o entendimento da importância da História na formação do enfermeiro.

Nos documentos analisados, observamos que, em outubro de 1985, houve a tentativa de mudança do currículo do curso de Enfermagem e foi encaminhada proposta à Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD /UECE, que, após análise, encaminhou apreciação nos seguintes termos:

> [...] observando que nas laudas do processo não foram observadas justificativas filosófico-pedagógicas para a mudança curricular; não explicitação dos objetivos finais do curso, ou seja, que tipo de profissional se pretende formar, quais as suas características e peculiaridades; o rol de disciplinas sem ementas não identifica os

> mecanismos de mudança e reformulação pretendida; ausência de argumentação em torno das opiniões daqueles que estão afetos ao currículo; a visão academística que permeia o processo curricular, não constituiu mudança ou renovação, mas sim apenas a repetição do que já se vinha processando; a conotação de melhoria na área da pesquisa enfocada na justificativa, não demonstra a essência do se espera do aluno nesse sentido. (PROGRAD /UECE, Parecer Nº 30/1987).

Desse modo, há uma negação parcial da mudança da matriz curricular e a recomendação de que

> [...] a coordenação adote medidas no sentido de agilizar o processo de estudo da reestruturação curricular que ora se observa no curso de enfermagem. Seria, pois, interessante que o referido curso constituísse uma comissão, a fim de, atendendo a essas medidas imprescindíveis de fundamentação do currículo, pudesse devolver a comunidade interessada, um currículo que de fato reflita o pensamento e as pretensões daqueles que fazem o curso (PROGRAD/UECE, Parecer Nº 30/1987).

Ante o exposto, fica evidente a complexidade que envolve o currículo e que a proposta de mudança da matriz curricular não tinha clareza do que de fato se almejava com essa mudança. Também não havia uma fundamentação teórica acerca do currículo que fosse possível ver qual a concepção do profissional de Enfermagem que o curso pretendia formar. Há de se considerar, ainda, o fato de que a última matriz tinha entrado em vigor em 1985 e em pouco tempo já se objetivava outra mudança curricular. Decerto por essa razão, o projeto ainda era incipiente e não pôde ser aprovado. O parecer emitido pela PROGRAD em 1987 é revelador da existência de interesses para mudar a matriz curricular, bem como de que o projeto encaminhado não era robusto. Observamos, também, que além dos interesses, da definição do que deve ser ensinado, das relações de saber-poder que envolvem a mudança da proposta curricular, “[...] o currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação”. (SILVA, 1996, p. 23).

Após essa tentativa de mudança curricular em 1987, o curso de Enfermagem da UECE, por meio da elaboração de um Projeto Pedagógico, encaminhou uma proposta de mudança curricular para aprovação nas instâncias da Instituição em 1997, dez anos após o indeferimento da solicitação de 1987.

O PPC de 1997 registrou que as modificações na matriz curricular realizadas em 1982 e 1985 constituíram apenas uma “[...] reordenação de disciplina e acréscimos e retiradas de outras disciplinas do ciclo básico e a implantação da monografia, como pré-requisito para o curso de bacharelado em enfermagem”. (PPC de enfermagem da UECE, 1997, p. 18). Apontou que, embora na época tenha sido feita uma reorganização em sua matriz, não foi alterada sua carga horária, sinalizando que é na matriz curricular 1997 que ocorre um novo redirecionamento à formação do enfermeiro na UECE.

Cabe destacar o fato de que a mudança do currículo de Enfermagem nos anos de 1990 foi balizada pelo Parecer 314/94 e Portaria 1721/94 do Conselho Federal de Educação, fundamentado nas propostas da ABEn, que deu autonomia para as IES na elaboração de seus currículos plenos, desde que contemplassem os eixos temáticos com suas respectivas disciplinas e percentuais. As áreas temáticas compreendiam Bases biológicas e sociais da Enfermagem - 25%, Fundamentos de Enfermagem – 25%, Administração em Enfermagem – 35% e Administração 15%. Cabendo a cada escola de Enfermagem organizar o seu currículo pleno, de modo que chegasse a 4.000 horas de atividade, ou 1.000 horas anuais no processo de formação do futuro profissional.

Na matriz curricular 1997.1, os conteúdos de História da Enfermagem integraram a disciplina, mais uma vez, de Exercício de Enfermagem, compondo a área temática Fundamentos da Enfermagem. Manteve a carga horária de 60h/a, ofertada no 6º semestre do curso e continuou ministrada pela docente Maria Siqueira de Souza. Não houve mudança em relação à matriz curricular anterior.

Interessante é pontuar o fato de que, no PPC de 1997, a denominação da disciplina é ‘Processo histórico e exercício de Enfermagem’, entretanto, o plano de ensino permaneceu sem nenhuma alteração no nome da disciplina, ou seja, permaneceu a denominação ‘Exercicio de Enfermagem’ e os conteúdos, também foram mantidos, inclusive, as referências bibliográficas, conforme mencionamos anteriormente. Sendo assim, os conteúdos de História da Enfermagem continuaram compondo a unidade II do plano de ensino e, nesse plano, não havia a distribuição da carga horária dedicada a cada unidade, como

observamos no plano anterior. Assim, há uma abertura para ser utilizada de acordo com o planejamento de cada professor responsável por esta disciplina.

No tocante aos objetivos da disciplina Exercício de Enfermagem descritos no plano de ensino, no período de 1979 a 2004, foram definidos oito objetivos, dentre os quais somente um é direcionado para a História da Enfermagem: *Situar personalidades nas diversas épocas da história da humanidade, identificando suas contribuições para a Enfermagem*. O objetivo descrito não faz crer que a História ensinada levasse em conta a perspectiva da história nova, conforme compreensão da Escola dos *Annales*, sugerindo uma história factual, linear, centrada no passado, sem muito diálogo com o presente, sinalizando um ensino de História na perspectiva da História tradicional.

Conforme mencionamos anteriormente, as três primeiras matrizes curriculares elaboradas pela UECE (1979.2; 1981.2; 1985.2) trouxeram a disciplina Introdução à Universidade e ao Curso, com o intuito de dar informações ao aluno ingressante sobre a Universidade e o curso. Na matriz curricular 1997.1, a disciplina passou a ter a denominação Integração do Estudante à Universidade, ao curso e à profissão, também com escopo na introdução do estudante na Universidade. Analisando o plano de ensino dessa disciplina, não consta na ementa nem nos seus sete objetivos um direcionamento para a História da Enfermagem, contudo existem entre os conteúdos programáticos dois conteúdos dedicados a História: Tentando descobrir o mundo: a vida das enfermeiras do Ceará, do Brasil e do Mundo; e a vida de Florence.

A análise desse plano de ensino permite perceber que, embora a ementa e os objetivos não direcionassem a disciplina para o ensino de História, a professora responsável pela disciplina ministrou dois conteúdos referentes a história. Ao mesmo tempo em que a atitude da professora é proativa, demonstra, no entanto, que a história estava cada vez mais suprimida do currículo prescrito e ficando à mercê da disponibilidade e empatia do docente.

Para integrar o *corpus* documental da pesquisa e identificar e discutir a inserção da História na matriz curricular 1997.1, localizamos materiais de

aulas[87] da disciplina Integração do Estudante à Universidade, ao Curso e a Profissão, produzidos pela docente responsável pela disciplina e os estudantes. O nosso foco foi o material referente aos conteúdos de História da Enfermagem. Localizamos os cartazes sobre a vida de Florence e os trabalhos produzidos pelos estudantes acerca da História da Enfermagem no mundo, no Brasil e no Ceará. Os trabalhos feitos pela professora e os estudantes tinham o intuito de abordar os conteúdos propostos no programa da disciplina que, embora na proposta do currículo de 1997.1, não fosse responsável pela História, contou com o empenho da professora em inserir a temática em seu planejamento.

Os trabalhos produzidos na disciplina Integração do Estudante à Universidade ao curso e à profissão são oito cartazes com imagens e textos que contam a vida de Florence e do surgimento da Enfermagem moderna, organizados em uma linha do tempo para introduzir a temática, ensejando aos estudantes conhecer alguns aspectos das raízes da Enfermagem. As produções textuais elaboradas pelos estudantes possuem de cinco a 25 páginas. Os textos de menor quantidade de páginas são peças teatrais e todos os textos foram produzidos de 2001 a 2003, portanto, na vigência da matriz curricular 1997.1, ora em análise.

A análise dos documentos permite observar, como já sinalizado, que o fato de a História não vigorar como disciplina específica, na referida matriz curricular, muitas vezes é absorvida por outras temáticas. Há de se considerar, ainda, o fato de que o corpo docente do curso de Enfermagem da UECE é bem titulado, alguns professores também atuam na pós-graduação *stricto sensu,* são docentes atualizados e produzem na sua área de estudo na Enfermagem, haja vista que o Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos, composto por grande parte destes docentes foi avaliado com nota 5 pela CAPES em 2018. Professores sem a especialidade em História da Enfermagem, contudo, ao ministrarem uma disciplina, tendem a dedicar maior carga horária da disciplina para outras temáticas de seu domínio ou conhecimento em detrimento da História, gerando nos alunos uma desvalorização da História que muitas vezes concluem a formação sem compreender o presente da sua profissão por

[87]O material de aula organizado pela professora consiste em oito cartazes sobre a vida da Florence, um e quatro trabalhos elaborados pelos estudantes sobre a História da Enfermagem no mundo, no Brasil e no Ceará. Todo o material de aula pertence ao acervo NUDIHMEn.

desconhecimento das suas raízes. Assim, a História fica à mercê da disponibilidade do professor, como foi o caso da matriz curricular 1997.1, que no currículo previsto estava como temática na disciplina *Processo Histórico e Exercícios de Enfermagem* e o plano de ensino e o material de aula permitiram verificar que a História também foi trabalhada na disciplina *Integração do Estudante à Universidade, ao Curso e á Profissão*. São interessantes a iniciativa da professora e a oportunidade de aprendizado dos estudantes, no entanto, isto comprova que o desaparecimento da História do currículo prescrito fica a critério do professor, também, a incluir no seu planejamento ou não.

6.3.5 Matriz curricular 2005.1

No Brasil, no final do século XX, houve o predomínio das políticas neoliberais, provocando mudanças na educação de cunho economicista e tecnocrática, colocando a educação como um serviço disponível no mercado, sendo possível perceber o crescimento do ensino superior privado e escassos recursos para a universidade pública. Assim, surgem discussões no âmbito educacional na perspectiva de adequar o ensino brasileiro às transformações no mundo do trabalho, provocadas pela globalização econômica, as transformações no mundo do trabalho, as novas tecnologias e técnicas de gerenciamento da produção.

O século XXI trouxe como desafio aos países em desenvolvimento a permanência em um panorama internacional no qual a posse de conhecimento e a aplicação de tecnologia são fatores determinantes de autonomia. Na Enfermagem, “[...] os desafios são decorrentes, em grande parte, das inúmeras e rápidas alterações no campo político, econômico, social, cultural, com efeitos drásticos na saúde humana individual e coletiva”. (SILVA, 2008, p. 3). Assim, passa-se a debater sobre formação em Enfermagem, a discutir suas bases teórico-filosóficas e o perfil dos profissionais de Enfermagem que se intenta formar.

Os anos 2000 foram marcados pelos governos do PT- Partido dos Trabalhadores. O governo Lula compreende os dois mandatos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de 2003 a 2010. E o governo Dilma perfaz o governo da presidente Dilma Vana Rousseff no período de 2011 a 2016, quando, no

segundo mandato, os senadores decidiram pelo seu *impeachment*, e ela foi sucedida pelo vice-presidente Michel Temer, do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), em 31 de agosto de 2016.

As políticas adotadas pelo governo Lula atenderam algumas questões da agenda da educação superior, como a ampliação e democratização de acesso, inclusive procurando o viés da equidade, ao contemplar populações historicamente não atendidas, quer por motivos econômicos, raciais, quer, aliado a estes. O acesso das camadas mais pobres da população ao ensino superior foi ampliado por meio do sistema de cotas sociais e raciais adotado pelas universidades federais, além de um grande incremento da educação a distância por meio da UAB.

Em 2009, foi criado o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que escolhe alunos para vagas em universidades federais mediante a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Assim, o estudante de qualquer Estado do País teve a oportunidade de cursar uma universidade federal de outro estado, sem a necessidade de fazer mais um exame.

O governo também criou 14 universidades federais para aumentar as vagas. Ao mesmo tempo, contudo, permitiu que as universidades privadas crescessem graças aos programas de financiamento de bolsas públicas em universidades particulares por via do Prouni (Programa Universidade para Todos) criado em 2005.

O estímulo à expansão pela iniciativa privada provocou o rompimento com a ideia de universidade pautada na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, o que permitiu a proliferação de cursos e instituições privadas com padrões mínimos de qualidade. (MOEHLECKE; CATANI, 2006) com atuação no ensino e incrementando uma lógica mercadológica.

A presidente Dilma assumiu o segundo governo em meio à crise econômica que se manifestou de várias formas e teve como agravante a crise política e também perdeu apoio do Congresso Nacional.

Durante o governo Dilma, ocorreu o fortalecimento das políticas de inclusão, como a ampliação das cotas em universidades públicas, a melhoria no acesso ao crédito e o desenvolvimento de programas de distribuição de renda. Implantou um sistema político mais transparente com a Lei anticorrupção, que

sancionou os acordos de delação premiada, passando a responsabilizar as empresas por atos corruptos.

Dilma Rousseff também incentivou a educação profissional por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), que prevê o financiamento de cursos profissionalizantes de nível médio para estudantes de famílias de baixa renda, com apoio às redes estaduais e oferta de bolsas de estudo para alunos de escolas públicas em cursos profissionalizantes em instituições privadas. Em meio aos desafios do seu governo e agravamento da crise política, a presidente Dilma não terminou o segundo mandato.

Importa lembrar, ainda, o marco histórico estabelecido para o Brasil desde a Constituição Federal - CF de 1988, sobretudo, para a saúde, pela instituição de um novo sistema de saúde, o SUS- Sistema Único de Saúde criado pelas Leis Orgânicas do SUS (Lei nº 8.080/90 e Lei nº 8.142/90). A CF de 1988 também instituiu a LDB 9394/96, que presumia a reestruturação dos cursos de graduação e a extinção dos currículos mínimos determinados pela Portaria 1.721/94 e a elaboração de diretrizes curriculares específicas para cada curso. Assim, por meio do Parecer CNE/CES nº. 1.133/2001 de 7/8/2001, foi estabelecida a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição, e a Resolução CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001 Instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Cursode Graduação em Enfermagem.

Desse modo, as DCN/2001 passaram a configurar os currículos dos cursos de enfermagem, apresentando a seguinte estrutura em seu texto: perfil do egresso/profissional; competências e habilidades; conteúdos curriculares; estágios e atividades complementares; organização do curso; acompanhamento e avaliação. A Resolução que instituiu as Diretrizes Curriculares de Enfermagem também determinou que o Curso de Graduação em Enfermagem “[...] deve ter um projeto pedagógico, construído coletivamente, centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem”. (Art. 9º, RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3/2001). O texto das DCN determinou ainda que

> As Diretrizes Curriculares e o Projeto Pedagógico devem orientar o Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem para um perfil acadêmico e profissional do egresso. Este currículo deverá contribuir,

> também, para a compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais **e históricas**, em um contexto de pluralismo e diversidade cultural. (Art. 9º, RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3/2001). (grifo nosso).

Conforme descrito no Art. 9º, é possível observar que a orientação das DCN permite que a dimensão histórica seja trabalhada no Projeto Pedagógico do Curso - PPC e que os conteúdos da História da Enfermagem possam ser contemplados na matriz curricular, pois, para a proposição de um currículo que contribua para que o profissional de Enfermagem possa compreender as culturas locais e globais, na perspectiva histórica, o contexto de pluralismo e diversidade cultural é preciso dialogar com a História, problematizando os aspectos do presente, indagando o passado numa atitude crítico-reflexiva. A inserção da história, no entanto, como componente curricular nos cursos de graduação em Enfermagem do Ceará difere quanto à denominação da disciplina, carga horária e ementa, conforme discutido na Seção 3.

Assim, sob as orientações da DCN/2001, o curso de Enfermagem da UECE elaborou em 2015 um novo PPC com a sua proposta curricular. No tocante ao PPC de Enfermagem da UECE, este é um documento institucional, elaborado de maneira coletiva, envolvendo o colegiado do curso de Enfermagem e representantes discentes. Foi consubstanciado nos seguintes documentos: LDB 9394/96, as DCN do curso de enfermagem e os documentos finais dos últimos Seminários Nacionais de Diretrizes para a Educação em Enfermagem-SENADEn, promovidos pela ABEn. O PPC compõe a base da gestão acadêmica do curso, observando os aspectos filosóficos, políticos, conceituais e metodológicos que determinam as competências e o perfil do egresso.

A organização do PPC de Enfermagem da UECE compõe cinco partes: História e Historicidade da Enfermagem e do Ensino de Enfermagem Brasileira; História e Historicidade do Curso de Enfermagem da UECE; Elementos do Projeto Político Pedagógico; Estrutura Funcional do Curso; Integração Graduação com Pós-Graduação e Serviço e Processo de Avaliação do Curso de Enfermagem.

O PPC do curso, em sintonia com as DCN/2001, definiu o perfil do egresso do curso de Enfermagem da UECE descrito do seguinte modo:

> Enfermeiro bacharel, com formação generalista, crítica e reflexiva, capaz de avaliação o homem no processo saúde-doença, considerando o perfil epidemológico nacional com enfoque na região de atuação, considerado as dimensões biopscicossocias e seus determinantes; identificando os fenômenos de enfermagem, intervindo e avaliando os resultados alcançados, com autonomia e consciência política. (PPC de Enfermagem da UECE, 2004, p. 19).

Em sua estrutura, o PPC de Enfermagem da UECE também descreve as competências e habilidades técnico-científicas, ético-políticas e sócioeducativas. Menciona acerca do internato de Enfermagem, apresentando as proposições do estágio curricular, além de trazer orientações para os estudantes sobre o Trabalho de Conclusão do Curso- TCC. Pela primeira vez, o internato entrou no lugar da proprosta do estágio supervisado como uma experiência pré-profissional indispensável no curso de Enfermagem. Na análise do PPC foi possível observar que o documento aciona alguns discursos presentes nas DCN/2001 e que já são bastante conhecidos na área da saúde, como os discursos da humanização, da interdisciplinaridade e da integralidade da assistência. Concluimos que as DCN/2001, como documento regulador, foram absorvidas pelo colegiado do curso, no intuito de seguir suas determinações e modelar o profissional de Enfermagem que se almeja formar de acordo com os documentos que regulam a formação. Assim, o PCC não foge a este desenho.

Desta maneira, concordamos com Foucault, na perspectiva de que o poder, para se exercer em mecanismos sutis, como a instituição de um documento regulador de uma profissão, forma, organiza e põe em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são reprentativos de elaborações ideológicas (FOUCAULT, 2008). Assim, é possível inferir que a formação para a lógica neoliberal busca fazer do sujeito o mais útil possível, cabendo desenvolver determinadas competências e habilidades pondo em movimento um saber a ser desenvolvido durante o curso e, posteriormente, assimilado e direcionado para o mercado de trabalho.

Nesse contexto, pós-implantação das DCN/2001, a matriz curricular 2005.1 foi elaborada pela UECE, fruto de um trabalho participativo, constituído em comissões envolvendo o colegiado do curso e a representação dos discentes, diferente do que foi observado na proposição da mudança curricular

em 1987, quando não foi contemplada a participação coletiva, e a mudança da matriz curricular também não se concretizou.

Desse modo, a matriz curricular 2005.1, ainda em vigência no curso em 2018, manteve a lógica de organização da carga horária distribuída em nove semestres, sendo ofertadas 12 disciplinas no primeiro ano, dez no segundo, sete no terceiro, cinco no quarto e duas disciplinas, Internato II e Monografia II, compondo o 9º semestre do curso, totalizando 36, além da oferta de oito optativas. Observamos que o quantitativo de crédito foi modificado, pois, na matriz curricular 1997.2, cada crédito correspondia a 15h/a, e na matriz curricular 2005.1 cada crédito corresponde a 17h/a. (Ver anexo M).

E qual o lugar da História da Enfermagem na matriz curricular 2005.1?

Na matriz curricular (1997.2), os conteúdos de História da Enfermagem estavam inseridos na disciplina Exercício de Enfermagem e também, como discutido anteriormente, foi trabalhado na disciplina Integração do Estudante à Universidade, ao Curso e à Profissão. Na matriz curricular (2005.1), não há mais a disciplina Exercício de Enfermagem e a história da Enfermagem passou a integrar a disciplina A Enfermagem, o Curso e a Profissão com carga horária de 34 horas/aula e dois créditos, ofertada no início do curso, no primeiro semestre de cada ano aos alunos admitidos. De início, duas docentes foram responsáveis pela disciplina - Maria Célia Freitas e Maria Vilani Cavalcante Guedes.

De acordo com o PPC, a configuração da disciplina privilegia as três dimensões previstas na disciplina, a Enfermagem, o curso e a profissão. A ementa está descrita do seguinte modo:

> Enfermagem e sua organização acadêmico-institucional. A história e a historicidade da profissão. As diretrizes atuais do processo de formação, os campos de atuação e o cuidado como seu objeto da prática. Processo de trabalho, organização profissional e tecnologias para o cuidado. O contexto nacional e internacional da profissão. (PPC de enfermagem da UECE 2005, p. 31).

Na análise do plano de ensino da disciplina, os conteúdos relativos a História da Enfermagem podem ser observados em ‘a história da profissão’ e ‘a história e historicidade do curso de enfermagem’. Depois seguem os relativos ao curso, segunda dimensão da disciplina, como os avanços e

desafios da formação em Enfermagem e, por fim, os que contemplam a última dimensão da disciplina, a profissão, sendo abordados aqueles que tratam das entidades de classe e da autonomia dos profissionais de Enfermagem.

A bibliografia indicada para a disciplina demonstra que houve mudanças significativas em termos de referencial. Entre as referências bibliográficas, consta um livro específico de *História da Enfermagem* escrito por Telma Geovanini e colaboradores vinculados á Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sinalizando uma vinculação das docentes com as pesquisas e produção sobre a História da Enfermagem com foco no Brasil e- é claro nesse Estado. Além disso, são indicados artigos de periódicos da área de Enfermagem com discussões atualizadas acerca da profissão.

Ante a nova configuração da disciplina A Enfermagem, o Curso e a Profissão, o livro *História da Enfermagem* de Waleska Paixão, que esteve como referência no ensino da História da Enfermagem no curso de Enfermagem da EESVP/UECE desde a sua primeira edição, não aparece no plano de ensino.

Para análise de como os conteúdos de História, no entanto, são trabalhados nessa disciplina, só será possível por meio da observação em sala de aula, assunto tratado na próxima seção.

A análise sobre a História da Enfermagem nessa matriz curricular, de certa forma, se repete, uma vez que permite dizer que houve redução significativa dos conteúdos de História, pois inserido como uma temática dentro de uma disciplina, o saber histórico foi fragmentado, sendo trabalhado na superficialidade. Sendo assim, como a disciplina trabalha outras dimensões mais ligadas a especificidade do curso, o ensino da História da Enfermagem fica a critério do professor e, se este não tiver afinidades com a História, e conhecimentos para ministrá-la, dedicará maior tempo a outras dimensões da disciplina.

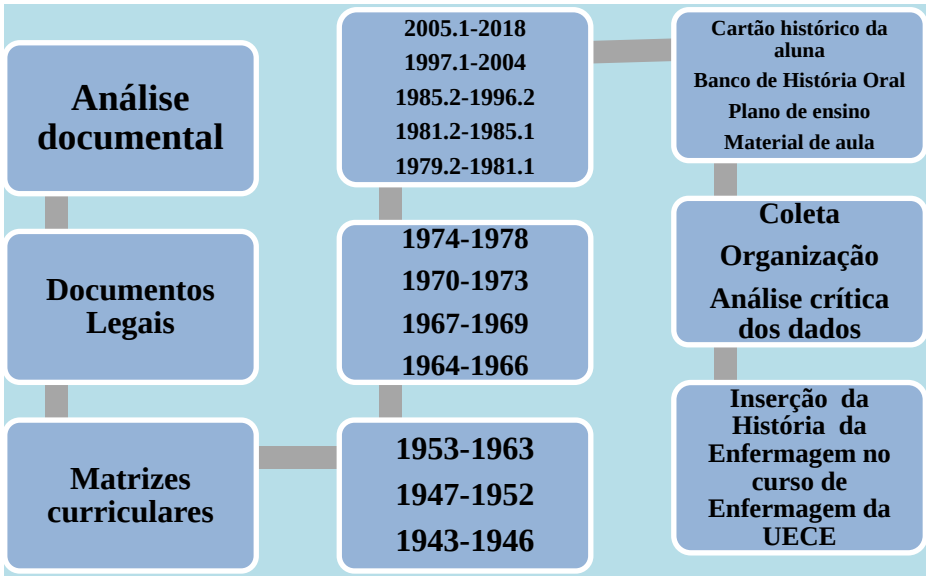
Vale destacar, o fato de que, enquanto o PPC do curso de Enfermagem da UECE (2005) apresenta um texto no qual mais se falou de História, dedicando uma seção inteira a história e a historicidade da enfermagem, os conteúdos dessa área disciplinar foram drasticamente reduzidos na matriz curricular. Outro aspecto observado é que, no início do curso de Enfermagem, ainda em tempos de EESVP e posterior a ela, os

referenciais bibliográficos na área de História da Enfermagem eram escassos e o aumento da produção bibliográfica se deu com o crescimento dos cursos de pós-graduação na área da História da Enfermagem, conforme mencionamos no nosso EQ. Esse crescimento da produção acerca da história da enfermagem na pós-graduação, no entanto, corresponde a um período de declínio do ensino de História na graduação, com declínio da carga horária e dos conteúdos ministrados.

Com a análise, podemos afirmar que o ensino de História da Enfermagem no curso da UECE teve uma disciplina específica no início, em 1943, e permaneceu até 1978, compreendendo as fases de funcionamento do curso como escola isolada e como agregada à UFC e, ainda, iniciando sua existência como curso anexado á UECE. Em 1979, com primeira a matriz curricular elaborada pela UECE, a disciplina assumiu as seguintes nomenclaturas: Exercícios de Enfermagem, Integração do Estudante ao Curso e á Profissão e, finalmente, A Enfermagem, o Curso e a Profissão, cuja ementa definida na matriz curricular 2005.1 continua vigente até o momento, (2018).

A figura 18 demonstra o percurso que realizamos para a análise da inserção da disciplina História da Enfermagem nas 12 matrizes curriculares produzidas pelo curso da UECE desde a sua origem, em 1943, na EESVP, até o ano de 2018.

Figura 18- Esquema de Análise documental.



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise documental levou em conta os documentos legais, considerando a legislação que balizou a elaboração da primeira matriz curricular do curso na EESVP, em 1943, até a última, em 2005 produzida pela UECE, portanto, em distintos contextos e temporalidades. Para tanto, recorremos ao Banco de História oral do NUDIHMEn; cartão histórico da aluna/EESVP; aos planos de ensino da disciplina investigada produzidos na terceira fase do curso e os materiais de aula- o que envolveu a coleta dos documentos, organização e análise crítica dos dados com o objetivo do mapeamento da inserção da História na formação inicial acadêmica do profissional de Enfermagem.

Os documentos analisados foram concebidos como discursos, produções históricas socialmente determinadas, porque expressam interesses e demandas, que conseguiram se fixar em determinada conjuntura, demarcaram projetos políticos em disputa e adquirem relevo no fluxo de sua elaboração. São tessituras dos *fios de sol.*

7 TESSITURAS DO ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NA MATRIZ ATUAL DO CURSO DA UECE: O LUGAR DA HISTÓRIA

Os fios da teia tênue

A inserção da História na formação do enfermeiro permeou distintos contextos, envolveu uma trama curricular, ganhou significados, avanços e recuos. A História não acontece apenas quando são observadas grandes experiências que trazem consequências para o crescimento e aperfeiçoamento, mas também quando perpassa as realidades dos que a constituíram, perderam, lutaram e que muitas vezes no silêncio e no anonimato empreenderem esforços para que as transformações ocorressem.

A importância do presente e o empenho com o futuro não impede que se tenha a necessidade de buscar o passado, e ávido por detalhes, refletir criticamente, analisar as experiências históricas e compreender o modo como as temáticas relacionadas ao tempo, à evolução, às omissões e aos silêncios ajudam a entender o presente. Nesse sentido, o movimento dos *Annales* exerceu significativa influência na de produção do conhecimento histórico e a apreensão do objeto. Assim, a Enfermagem, em sua trajetória histórica, recebeu distintas influências e transformações que modificaram o seu perfil. Essa modificação também pode ser observada na História da Enfermagem ensinada.

Importa lembrar que na trajetória do curso de Enfermagem da UECE, o ensino de História se ocupou, de início, de uma disciplina específica, História da Enfermagem. Posteriormente, a disciplina recebeu outras denominações como Processo Histórico e Exercício de Enfermagem, Integração ao Curso e à profissão e o Curso, a Enfermagem e a Profissão, sendo esta última modificada a partir da matriz curricular 2005.1 e que, até o momento (2018), está em vigência. Com o desenvolvimento desta seção, respondemos ao objetivo da pesquisa, de *descrever como os conteúdos da História da Enfermagem se inserem na matriz atual praticada pelo Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará - UECE*. Portanto, o objetivo desta seção é discutir o lugar da história na disciplina A Enfermagem, o Curso e a Profissão que se ocupa do ensino desta temática.

Com vistas a apreender como os conteúdos de História se inserem nos componentes curriculares, deparamos a necessidade da observação em sala de aula, haja vista que estes compõem uma temática da disciplina. Observar aulas é desafiador, exige diálogo e aproximações, mas foram necessários na elaboração das respostas as nossas perguntas e questionamentos. Recordamos um registro do Diário de Campo.

> O terreno nem sempre é fértil. Como fazer para desenvolver o plantio? Que medidas devem ser adotadas quando quase não há espaço para semeadura? Se hoje o terreno nada produz, vamos ará-lo, prepará-lo e cuidar para que as sementes sejam lançadas e possam gerar frutos. (DC. 2017).

A citação registra um momento de dificuldade em que buscávamos colocar a observação no *corpus* documental da pesquisa. O motivo pelo qual fomos a singrar pelo caminho da observação foi porque somente por essa trilha teríamos melhores oportunidades de debater como os conteúdos de História da Enfermagem na graduação em meio às outras temáticas trabalhadas na disciplina.

A observação foi realizada durante o primeiro semestre de 2017, na turma que ingressou, formada por 43 estudantes, sendo 40 mulheres e três homens. Mesmo após o decorrer do tempo e das marcas das congregações religiosas que imprimiram à Enfermagem, por longo período, seu exercício institucional e feminino continua, nesse caso, composta por enfermeiras que não são mulheres por acaso.

A docente responsável por ministrar a disciplina, professora-enfermeira, tinha bastante experiência na docência. Durante um semestre, produzimos nossa empiri, observando as aulas, tendo como foco os conteúdos de História da Enfermagem.

Para realizar a observação, conforme descrito na metodologia da pesquisa, nos fundamentamos em Marconi e Lakatos (2011), Lukde e André (2013) e Patton (1990). Após o estranhamento inicial e os acertos da ida ao campo, a realização cuidadosa do planejamento nos ajudou no trabalho de observação.

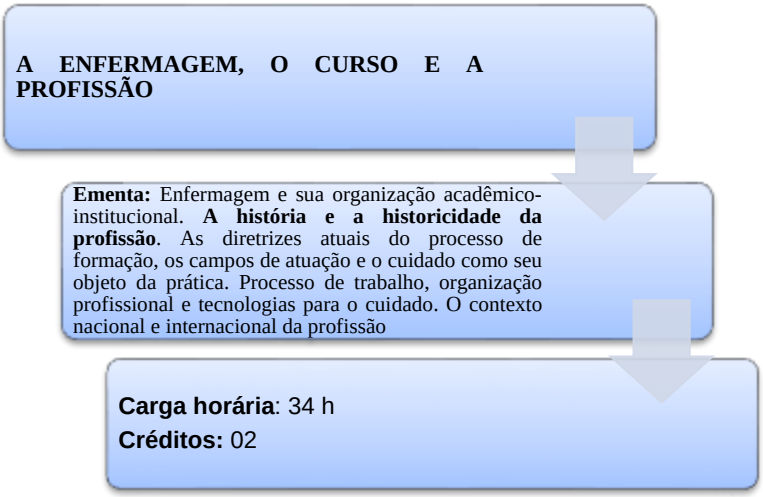
A organização do texto compreende a narrativa do evento observado. No Diário de Campo, registramos o antes, o durante e o depois da nossa

trajetória em que buscamos o desvelamento do objeto investigado. Assim, o roteiro de observação contemplou

1. Caracterização da disciplina- nome, ementa, carga horária, número de créditos.
2. Conteúdos curriculares- conteúdos que são trabalhados na disciplina. Organização dos conteúdos. Conteúdos aos quais de dedica maior tempo. Indicação por parte do professor de que a História da Enfermagem será trabalhada em outra disciplina.
3. Materiais bibliográficos utilizados pelo professor.

Estar na sala de aula com a professora durante um semestre em todas as aulas foi ver, tocar e ouvir o ensinado, buscando vivenciar, registrando as evidências no Diário de Campo. Durante a observação, buscávamos compreender tanto os processos sócio-históricos situados, como o influxo do tempo-espaço na História ensinada.

Figura 19- Caracterização da disciplina observada.



Fonte: Elaborado pela autora.

Na sala de aula, verificamos que a professora possui um planejamento, uma rotina de trabalho, sob a qual procura obter informações e interpretar a ação educativa, contudo, a participação dos alunos na sala de aula foi incipiente durante todo o semestre. A princípio, atribuímos ao fato de ser o primeiro semestre do curso, em que os espaços ainda são desconhecidos e as amizades e os afetos ainda estão sendo constituídos. Com o decorrer das aulas,

porém, notamos que nem todos os estudantes da turma tinham clareza se a Enfermagem era o que de fato queriam como formação e futura profissão.

Na primeira aula, durante a apresentação da professora, percebemos sua vasta experiência na docência, com atuação na graduação e na pós-graduação *stricto sensu*. A aula foi dividida em dois momentos: apresentação dos estudantes e do programa. Identificamos três grupos de estudantes na turma: os que se identificam com o curso e almejam ser enfermeiros; como a estudante que se interessou por Medicina, mas tinha medo de matar no exercício da profissão, depois se interessou por direito no intuito de ser delegada, mas tinha medo de morrer e, finalmente, se identificou com o curso de Enfermagem e a cada dia está mais satisfeita com a escolha de uma profissão cujo cerne é o cuidado. O outro grupo dos que queriam Medicina, mas não obtiveram aprovação; nesse grupo estão os estudantes que ingressaram na Enfermagem, mas continuam tentando aprovação em Medicina. E, finalmente, os que ainda não sabem qual curso querem. Neste grupo, estão os estudantes que receberam alguma influência da família e/ou amigos, ingressaram no curso, mas não sabem se continuarão. Para todos eles, a professora trouxe contribuições, tanto em relação à Enfermagem como no tocante à atuação profissional e escolha da profissão, aliada ao perfil de cada um.

No segundo momento da aula, a professora delineou o programa da disciplina, explicou para os estudantes os aspectos metodológicos e avaliativos, bem como as referências bibliográficas, indicando o livro *Princípios básicos sobre cuidados de Enfermagem* de autoria de Virginia Henderson para leitura e produção de uma síntese para ser discutida em sala de aula no final do semestre. Ao todo, foram selecionados 11 textos. Podemos classificar 10 como temas ligados à identidade profissional; ontologia e epistemologia do cuidado; concepções sobre o que é ser enfermeiro; representação social da enfermagem e um texto como documento, pois se trata da tradução de um dos livros da Florence Nightingale, com o título em Português *Notas Sobre a Enfermagem*: o que é e o que não é, publicado em 1959, traduzido por Maria Amália de Carvalho. Ao todo foram realizados 17 encontros na disciplina, incluindo o acolhimento integrado dos cursos do Centro de Ciências da Saúde - CCS. No quadro 36, trazemos as temáticas trabalhadas nas aulas observadas.

Quadro 36- Temática dos encontros trabalhados na disciplina A Enfermagem, o Curso e a Profissão.

Nº	Data	Conteúdo Programático
01	09/03/2017	Acolhimento integrado dos cursos do Centro de Ciências da Saúde.
02	23/03/2017	Apresentação da professora, dos alunos e da disciplina. Levantamento das expectativas dos alunos. Calendário de avaliação. Orientação sobre a leitura do livro HENDERSON, Virginia. **Princípios básicos sobre cuidados de enfermagem.** 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 69p. e elaboração da síntese crítica com no máximo 1500 palavras em letra calibri Nº 12.
03	30/03/2017	A estrutura administrativa da Universidade Estadual do Ceará.
04	06/04/2017	**Um pouco da História da profissão.**
05	20/04/2017	**História do curso de enfermagem da UECE.**
06	27/04/2017	O que é ser universitário? Por que participar da vida universitária?
07	04/05/2017	Seminário sobre o sistema Único de Saúde. O que o aluno no início do curso precisa saber.
08	11/05/2017	Discussão sobre as Diretrizes Nacionais de Enfermagem/SINAES.
09	18/05/2017	Roda de conversa sobre a modalidade de ensino na enfermagem-Graduação/Pós-Graduação.
10	25/05/2017	Leitura e discussão do artigo: OLIVEIRA, B.G.R.B. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. Texto Contexto Enferm. Florianópolis, v. 15, n.1, p.60-70, 2006.
11	01/06/2017	Mesa redonda sobre as dimensões de trabalho da enfermagem.
12	08/06/2017	Organização da produção do cordel sobre Ser enfermeiro. Apresentação terá duração de até 10 minutos no dia 13/07/2017.
13	22/06/2017	Discussão do livro HENDERSON, Virginia. **Princípios básicos sobre cuidados de enfermagem**e entrega da síntese crítica. (1ª nota)
14	29/06/2017	Entidades de classe da enfermagem. ABEn, COFEN/COREN, Sindicatos e Federação Nacional dos Enfermeiros.
15	06/07/2017	Preparação dos cordéis.
16	13/07/2017	Apresentação dos cordéis. (2ª nota) Encerramento das atividades.
17	20/07/2017	Avaliação final da disciplina.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os conteúdos selecionados permitem inferir que a disciplina tem uma organização atualizada com a formação do enfermeiro e articulada com a profissão. As aulas ministradas foram preparadas pela professora, levando em conta materiais bibliográficos atualizados e que possibilitavam a reflexão sobre a Enfermagem e a profissão.

Na segunda aula, a professora trabalhou sobre a estrutura administrativa da UECE. Enfatizou como pergunta norteadora: o que os alunos

sabem sobre a UECE? Os alunos apontaram conhecer que a UECE é uma boa universidade, possui bons professores, o melhor curso de Enfermagem e que o problema são as greves. No segundo momento, a professora apresentou 11 *slides* sobre a UECE, trazendo imagens, a missão da Universidade, os *campi*, os centros e faculdades; além dos quantitativos de cursos, laboratórios, grupos de pesquisa, curso de pós-graduação e especialização presencial. Finalizando abordou acerca do pioneirismo do curso de Enfermagem na implantação do internato, distribuídos em dois semestres. Nessa aula, a professora esclareceu: "[...] a disciplina não trabalha com História, penso que Ética e Legislação aborde algo, antes na disciplina Exercício Profissional tinha História". (DIÁRIO DE CAMPO, 30/03/2017).

A fala da docente confirma que a disciplina Exercício de Enfermagem se ocupou dos conteúdos da História e revela que, e que desde a última mudança curricular que implantou a matriz curricular 2005.1, a História perdeu espaço no currículo, embora o cerne da formação seja a assistência e o cuidado. À medida que a palavra História desaparece do nome da disciplina e os conteúdos sumiram do programa, vai desaparecendo da formação e os estudantes vão ficando cada vez mais distantes das raízes históricas de sua profissão. Concluimos, ainda, que, quando a disciplina trabalha várias temáticas, o professor tende a abordar o que domina mais e, se não possuir alguma afinidade e não reconhecer que a História é significativa para a formação e identidade do enfermeiro, a História tende a desaparecer do programa. Assim, é relevante que a História esteja no currículo prescrito e ocupando um espaço definido na sala de aula. "O currículo é, então, fabricado numa diversidade de áreas e níveis. Nesta variedade, é muito importante a distinção entre o currículo escrito[88] e o currículo como atividade de sala de aula". (GOODSON, 2001, p. 52).

Nessa perspectiva, a História pode não estar no currículo prescrito, ser trabalhada pelo professor que tenha afinidade com ela, entretanto, entendemos que o currículo como elaboração social necessita ser analisado num movimento de contradições, no qual interesses, conflitos, relações de

[88]Currículo prescrito e currículo escrito possuem sentido idêntico empregado pelo autor.

poder, concepções sociopolíticas e culturais estão em questão. Precisa de um espaço para conseguir seu lugar.

Conforme o planejamento da professora, as duas aulas seguintes seriam dedicadas aos conteúdos de História. Na aula, que teve como tema “um pouco da História da profissão”, foi trabalhado o assunto “Os grandes personagens da História da Enfermagem – Florence Nightingale”, um desenho animado que demonstrou a coragem, autocontrole e liderança de Florence. A indagação - um enfermeiro pode mudar uma realidade? - serviu como pergunta norteadora para discussão do desenho animado. Utilizar as obras cinematográficas para trabalhar um conteúdo em sala de aula ou para sensibilizar os alunos é um recurso didático muito usado pelos professores. Assim, na aula que abordou a História da Enfermagem, a linguagem audiovisual proporcionou aos estudantes a reflexão sobre a atuação de Florence Nightingale e o seu pioneirismo que lançou as bases da Enfermagem moderna. Nesse contato com a História da Enfermagem, o estudante admitido ao curso possui algumas inquietações e o professor de História da Enfermagem tem um papel relevante para revisitar os conteúdos e alargar os horizontes do conhecimento com suporte nos quais os estudantes poderão desenvolver aprendizagens significativas acerca da História e da identidade profissional. Essa abordagem ao conteúdo de História, no entanto, é uma passagem breve e já de passagem.

As estratégias utilizadas pela professora ao trabalhar a História possibilitaram maior apreensão dos estudantes na perspectiva de que

> [...] a história, no entanto, não se pode duvidar disso, tem seus gozos estéticos próprios, que não se parecem com os de nenhuma outra disciplina. É que o espetáculo das atividades humanas, que forma seu objeto específico, é mais que qualquer outro, feito para seduzir a imaginação dos homens. Sobretudo quando graças a seu distanciamento no tempo ou no espaço, seu desdobramento se orna das sutis seduções do estranho. (BLOCH, 2001, p. 44).

Nos anos 1930, Marc Bloch já assinalava a relação entre a História e sua estética comunicacional, indicando que sua maneira de produção e propagação se efetua por um estilo. O distanciamento do tempo e/ou do espaço permite ao historiador constituir em sua escrita/argumentação estética sua capacidade de seduzir o leitor a compreender um passado em sua estrutura textual.

Desse modo, o ensino da História pode ser sedutor, constituir uma argumentação, produzir conhecimentos, pois o passado narrado/argumentado, em qualquer historiografia, traz consigo um anseio de validade sobre o ocorrido, ainda que esta se institua e se materialize de maneira diferente entre o passado escrito e o passado vivido.

Na aula seguinte, já era de esperar que os conteúdos caminhassem pela História da Enfermagem com o tema “um pouco da história do curso da UECE”, conforme o programa. Vale ressaltar que esta disciplina não era a que os estudantes costumavam buscar para realização de estágio de docência da pós-graduação *stricto sensu* em Enfermagem, mas como uma aluna não encontrou vaga na disciplina pretendida, chegou para a realização do estágio no período da observação. Assim, a temática da História não foi trabalhada nessa aula. A aluna preparou a aula para desenvolver junto com a professora acerca do tema seguinte “O que é ser universitário”? A professora ainda indagou a respeito e ela respondeu, “por que era história.” A aluna deixou a aula que tratava da História para ser trabalhada pela professora por não se sentir segura, o que nos leva a refletir acerca dos processos sócio-históricos situados, como o impacto do tempo-espaço na história Ensinada, considerando que “[...] o ensino de História, portanto, não é dar algo a quem não tem, não é dar saber ao ignorante, mas é gerenciar o fenômeno pelo qual saberes históricos são colocados em relação, ampliados, escolhidos e modificados”. (CERRI, 2009, p. 154). Também não se trata de uma transmissão de fatos e datas estáticas e que em nada se envolve na trama dos acontecimentos cotidianos.

Na aula observada, por meio de *slides*, foi abordado o que é ser universitário, as características do universitário e, embora tenha sido elucidado a ideia de que “[...] o universitário é leitor de textos, da história e do mundo” (DIÁRIO DE CAMPO, 2017), não se reportou à História da Enfermagem. Na segunda parte da aula, acerca da vida acadêmica, foi desenvolvida uma atividade em grupo no tocante a monitoria, PET, Centro Acadêmico – CA e estágio extracurricular, em que os alunos leram os textos, desenvolveram a atividade em grupo e apresentaram, apontando sua definição e os objetivos. Apenas um grupo iniciou uma reflexão acerca do estágio extracurricular como mão de obra barata, sendo logo encerrada. E também foi encerrada a aula sem que entrasse nela a História da Enfermagem.

Na aula seguinte, foi trabalhada a História do Curso de Enfermagem da UECE. A professora, com sua vivência no curso como estudante e docente, apresentou *slides* e discutiu a contextualização da criação da Universidade no Brasil, a criação da UECE e do curso de Enfermagem, em 1943, destacando a formação das primeiras turmas, as três fases do curso, conforme já mencionamos, bem como o perfil do curso, do corpo docente, composto por 40 professores, sendo 37 enfermeiros e três pertencentes a outros cursos; e, ainda, do internato, proposta político-pedagógica para o estágio curricular adotada pelo curso na matriz em vigência.

Nessa aula, foi contextualizado o curso com as disciplinas obrigatórias, a competência e o mercado de trabalho. Nesse caso, não houve menção a História da Enfermagem em que pudessem ser observadas modificações no tempo-espaço na História ensinada. A professora utilizou como referência bibliográfica um texto de sua autoria, que fundamentou as discussões realizadas. Ao final, ressaltou: “você está nesse curso que começou a tanto tempo, que você estude sempre por que a ciência muda rápido” (Diário de Campo, 04/05/2017), reportando-se às mudanças ocorridas no trabalho do enfermeiro na trajetória da profissão.

Dando continuidade à tentativa de compreender a inserção dos conteúdos da História na disciplina observada, a aula seguinte versou sobre o SUS- Sistema Único de Saúde, e foi enfatizado o fato de que o SUS será um tema sempre trabalhado no curso. Na aula, foi abordado acerca da criação do SUS, do conceito ampliado de saúde, bem como os princípios doutrinários e os princípios organizativos. Os alunos não fizeram perguntas ou observações a respeito da aula ou de qualquer outro assunto. Permaneceram em silêncio o tempo todo, mesmo quando a aluna estagiária se dirigia a eles, o que nos faz mencionar Schmidt (2006) quando assinala

> A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. Na sala de aula se evidencia de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica (P.57).

Nesse sentido, a participação dos estudantes é fundamental para que desenvolvam o pertencimento na sala de aula, que é um espaço de aprendizagem e da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. O pensamento por parte dos estudantes, no entanto, de que aquilo aprendido no curso não será usado na prática da profissão, torna-se desinteressante e distante. Assim, é importante o professor trabalhar os conteúdos de maneira contextualizada para possibilitar maior adesão dos alunos para sua aula.

Durante o período de observação, a aluna estagiária permaneceu na sala de aula contribuindo com a professora. No dia 11 de maio, conforme descrito no quadro 36, foram trabalhadas as Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem - DCNs. Na ocasião, a estagiária fez uma explanação acerca das DCNs, enfatizou as competências gerais comuns aos profissionais da saúde, a gerência em Enfermagem e expressou a ideia de que todo enfermeiro é gestor do seu cuidado e destacou a relação da Enfermagem com outras disciplinas importantes, como Matemática, Química e Física, bem como a necessidade de conhecer a legislação. Enfatizou ainda, sobre o Internato, indicando os *locus* de estágio, como descrevemos no quadro 37.

Quadro 37 - Internato do Curso de Enfermagem da UECE.

Três meses	Clínica
Três meses	Programa Saúde da Família - PSF
Um mês	Centro de Atendimento Psicossocial - CAPS
Um mês	Saúde da Mulher
Um mês	Saúde da Criança
Um mês	Atenção Secundária
Um mês	Optativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa aula, foi proposto um trabalho em grupo com foco nas DCNs e, ao final a professora fez um fechamento sobre a temática trabalhada na aula. O diário de campo, nessa data, traz o seguinte registro:

> Hoje os estudantes permaneceram alheios a aula e completamente silenciosos. Alguns se dedicaram a olhar outros materiais e uns se ocuparam do celular. Embora não seja esse o foco da observação, esse aspecto chamou muito a atenção, pois, acontece tudo junto e

> pertinho de nós. [...] A estagiária fez alguns chamamentos acerca do conteúdo da aula que abordou as DCNs e falou da interdisciplinaridade da enfermagem com outras disciplinas, mas a história não foi citada no exemplo. Até o momento a história da enfermagem foi abordada em duas aulas da disciplina. (DIÁRIO DE CAMPO, 11/05/2017).

Na aula seguinte, houve uma roda de conversa sobre a graduação e a pós-graduação de que participaram uma aluna da graduação do 4º semestre, uma mestranda e uma doutoranda do curso de Enfermagem e nós também fomos convidada a participar. O foco da conversa foi o relato da experiência na graduação e pós-graduação. A aluna da graduação relatou os desafios da graduação, os períodos de greves, os estranhamentos, pois é diferente do ensino médio. Destacou a necessidade de viver a universidade, participar dos grupos de pesquisa, dos eventos científicos, pois tudo constitui um significativo aprendizado. Enfatizou que a experiência no PET foi muito rica em sua formação. Mencionou, ainda, que os fundamentos sociofilosóficos na Enfermagem no início do curso parecem um quebra-cabeça, são soltos não se entendem, mas junto faz todo sentido.

A mestranda em Enfermagem relatou acerca da sua trajetória acadêmica e os aprendizados como enfermeira em um hospital de Fortaleza. Relatou o compromisso e o amor pelo que faz e o sentimento de realização pelo que faz e que o internato gerou o seu primeiro emprego.

A doutoranda em Enfermagem relatou sua experiência na graduação em que permaneceu durante dois anos no PET, a identificação com a profissão, os desafios da pós-graduação e, como a aluna de graduação, o internato também ensejou o seu primeiro emprego.

Na nossa participação, relatamos a trajetória acadêmica com foco no tripé vida, trabalho e formação. Antes indagamos se o que eles estavam ouvindo fazia sentido e eles responderam que sim. O questionamento foi devido eles permanecerem sempre quietos e às vezes se ocupando de coisas alheias à aula. Sinalizaram, porém, que gostaram da roda de conversa e seus olhos estavam atentos. Falamos da escolha de cada um, a busca da formação e o zelo que cada um deve ter com a sua ciência. Transcrevemos um registro do diário de campo.

> A inserção dos conteúdos de história da enfermagem nessa disciplina, foco da nossa observação, devido à organização da matriz curricular

> pode não permitir a compreensão da enfermagem como prática social, contextualizada e problematizada. As discussões propostas na disciplina são atualizadas e pertinentes e a docente possui experiência, comprometimento e dedicação. Contudo, não foi possível observar, até o momento, como esses estudantes compreenderão o passado da profissão para analisar o presente e as perspectivas de futuro de modo que compreendam o sentido da história da enfermagem na formação do enfermeiro (DIÁRIO DE CAMPO, 18/05/2017).

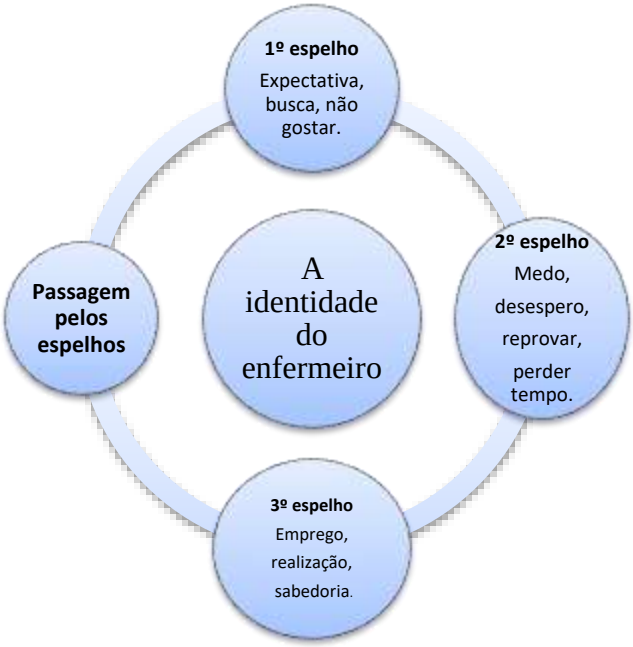
Seguimos com a observação e na aula seguinte foram trabalhados dois vídeos, um enfatizando a Enfermagem, carreira e salários e outro vídeo sobre os sonhos e também o texto "*A passagem pelos espelhos*: a construção da identidade da enfermeira", de autoria de Beatriz Guitton Renaud Baptista de Oliveira (2006). O texto reportou-se ao estabelecimento da identidade profissional da enfermeira, em três momentos, entendidos como passagens pelos espelhos: o período anterior à entrada na universidade; durante a formação acadêmica e o tempo posterior à graduação. A autora utiliza a metáfora da passagem pelos espelhos, com o intuito de refletir sobre a constituição da identidade profissional da enfermeira. O estudo comparou as lembranças dos enfermeiros, entrevistados na pesquisa, que relataram suas imagens, com o que a literatura aponta.

No texto, a autora expressa a ideia de que, ao se refletirem no 1º espelho – A morte do sonho adolescente, as personagens desta pesquisa mostraram que iniciaram a construção de sua identidade profissional simultaneamente ao processo de sua identificação juvenil, esbarrando com a força da família, as questões políticas, o poder da mídia. Assim, descobriram no seu exterior um mundo desconhecido, por vezes instigante, mas, em outros momentos, é muito difícil de enfrentar. Na passagem pelo 2º espelho, as enfermeiras participantes da pesquisa trataram da constituição da identidade de resistência. Oliveira (2006) ensina que, nas imagens e verbalizações, elas expressaram que, via de regra não tinham boas lembranças do período de formação universitária; concluindo que, nesse período, seus sonhos de realização profissional estiveram ameaçados de desmoronar. Os horários eram rígidos, os uniformes tinham que ser impecáveis, e, o mais importante: ressentiam-se da falta de liberdade de expressão.

Na passagem pelo 3º espelho - A constituição da identidade de projeto obtiveram destaque questões práticas do cotidiano da Enfermagem, tais como a qualificação, a autonomia e o reconhecimento profissional (OLIVEIRA, 2006).

Cada estudante foi convidado a registrar uma palavra para cada um dos estágios discutidos no texto.

Figura 20- Registro das palavras dos estudantes diante da metáfora dos espelhos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os estudantes, em sua maioria, não tinham realizado a leitura do texto que tinha sido recomendado. A professora, ao fazer o fechamento da aula, chamou a atenção no tocante ao compromisso com a disciplina, que é obrigatória, e os alunos precisam concluir para se formar. Mencionou ainda sobre as pretensões acadêmicas, a identificação com a formação e a busca de um curso que traga felicidade. Salientou a importância de o enfermeiro possuir conhecimento científico, técnico, habilidades e parceria com os pares. Trazemos um excerto do Diário de Campo.

> O texto trabalhado nos fez pensar que a identidade do enfermeiro é tanto particular como social, assim passa também pelo conhecimento das raízes e históricas da profissão e amedida que os ingressantes se distanciam da história perdem de vista a dimensão da sua profissão que é presente, passado e futuro (DIÁRIO DE CAMPO, 25/05/2017).

Na aula cuja temática foi “As dimensões do trabalho da Enfermagem’, seria realizada uma mesa redonda, mas as duas convidadas adoeceram de chicungunha e não puderam comparecer. O planejamento foi redimensionado e a temática foi discutida em quatro grupos com suporte nos textos e expressos na sequência.

1. Dimensões do trabalho do enfermeiro em múltiplos cenários institucionais.

Autores: Judite Hennemann Bertoncini, Denise Elvira Pires de Pires, Flávia Regina de Souza Ramos.

2. Ações assistenciais e gerenciais do enfermeiro em um serviço hospitalar deurgências traumáticas.

Autores: Ana Lídia de Castro Sajioro Azevedo, Ariane Fazzolo Scarparo, Lucieli Dias Pedreschi Chaves.

3. Dimensões do trabalho do enfermeiro no contexto hospitalar.

Autores: Giovanna Valim Presotto, Maria Beatriz Guimarães Ferreira, Divanice Contim, Ana Lúcia de Assis Simões.

4. Características do processo de trabalhonoprocesso de estratégia de saúde da família.

Autores: Marcilene de Paula; Aida Maris Peres; Elizabeth Bernardino; Elizabete Araújo Eduardo; Priscila Meyenberg Cunha Sade; Liliana Muller Larocca.

Com base na pergunta norteadora, - o que os autores trazem das dimensões do trabalho do enfermeiro? - os alunos buscavam informações nos textos.

As contribuições foram escassas, poucos alunos das equipes se pronunciaram e os membros do grupo 2 entenderam que o médico é superior à enfermeira. A professora buscou desconstruir essa concepção, abordando a especificidade de cada profissional na equipe de saúde. Há de modo detalhado e criterioso, mostrou o papel de cada um na equipe, relatou experiências e destacou a ação da enfermeira. Mencionou sobre a necessidade de sintonia da equipe e de checar as informações, bem como os campos de trabalho do enfermeiro na assistência, gerência, ensino e pesquisa.

Ao pensar as relações de poder Foucault, (2008) nos remete até meados do século XVIII, quando os religiosos detinham o poder institucional. Desde o momento, no entanto, em que o hospital é concebido como um instrumento de cura e a distribuição do espaço se faz um instrumento terapêutico, o médico passa a ser o principal responsável pela organização hospitalar, e a comunidade religiosa é banida para que o espaço possa ser organizado medicamente. Podemos observar que historicamente a "[...] enfermagem é uma profissão de mulheres e como tal, no processo histórico de sua evolução, sempre foi considerada como elemento de apoio, sempre subordinado e nunca como agente principal das ações sociais". (PADILHA et all, 1997. p. 26). Alguns estudantes, ao ingressarem no curso, conforme evidenciamos por ocasião da observação, possuem esse entendimento de submissão da enfermeira ao médico. Desse modo, buscamos nos registros do diário de campo um excerto do que anotamos nesse dia.

> Acreditamos no poder libertador do conhecimento histórico, sendo assim, se este grupo de estudantes, sobretudo, essa aluna que parece tão firme na crença de que a enfermeira é inferior ao médico e de que foi e sempre será assim, adentrasse os caminhos da história da enfermagem percorridos por sujeitos que em suas lutas diárias fizeram a história, perceberiam que podiam viver e fazer a enfermagem sem o peso da submissão que não precisam carregar. (DIÁRIO DE CAMPO, 1/06/2017).

A aula seguinte foi planejada de modo cuidadoso pela professora. O texto foi disponibilizado para os estudantes desde o início do semestre, tempo suficiente para que todos pudessem fazer a leitura. O livro *Princípios básicos sobre cuidados de Enfermagem*, de autoria de Virginia Henderson[89], discute as atividades básicas que compõem a Enfermagem. É ressaltada sua origem nas necessidades humanas universais e discorre acerca da contínua interpretação por parte da enfermeira do modo pelo qual estas necessidades são modificadas

[89]Virgínia Henderson nasceu em 30 de novembro de 1897, em Kansas City, Missouri. Licenciou-se na Army School of Nursing, Washington, D.C., em 1921 e, posteriormente, especializou-se como enfermeira docente, fazendo parte do corpo docente da "Columbia school", dos anos de 1930 a 1940. Foi uma influente enfermeira, pesquisadora, teórica e autora. Viajou pelo mundo ao longo de sua carreira, e recebeu inúmeras honrarias. Foi selecionada para o Hall da Fama da American Nurses Association e recebeu títulos honorários de 13 universidades. O Conselho Internacional de Enfermeiros lhe presenteou com o primeiro Prêmio Christiane Reimann, em 1985, considerado o prêmio de maior prestígio em enfermagem. Virgínia Avenel Henderson ocupou a posição de Pesquisadora na Universidade de Yale no período de 1953 a 1971, e Pesquisadora Associada Emérita de 1971 a 1996. Faleceu em 19 de março de 1996, com 98 anos de idade.

pelo estado particular da pessoa que cuida. Trata do cuidado que qualquer pessoa requer, qualquer que seja o diagnóstico do médico e a terapêutica que ele prescreve, embora ambos influenciem o plano que a enfermeira desenvolve.

Os cuidados básicos de enfermagem descritos no texto aplicam-se não só a qualquer pessoa, como em todo contexto - casa, hospital, escola, fábrica, entre outros. O princípio de fazer das necessidades humanas o fundamento dos cuidados de Enfermagem pode ser um guia para a promoção da saúde, bem como para cuidar na doença.

A discussão em sala de aula foi conduzida pela professora com foco nas ideias de Virginia Henderson descritas no livro. A seguir, registramos no quadro 38 as principais ideias da autora discutidas na aula.

Quadro 38 - Principais ideias de cuidados em Enfermagem de Virginia Henderson.

(continua)

Pressupostos	**CONCEPÇÃO DE ENFERMAGEM DE VÍRGINIA HENDERSON**	
	Tanto o enfermeiro quanto o paciente, valorizam a independência sobre a dependência.	
	O enfermeiro deve ter em conta o plano terapêutico prescrito pelo médico para definir os cuidados.	
	A prática do enfermeiro deve basear-se nos contributos gerados pela investigação em enfermagem/ conhecimentos.	
As 14 necessidades	Respirar normalmente	Evitar perigos ambientais e evitar que prejudiquem os outros;
	Comer e beber adequadamente;	Comunicar-se com os outros expressando, emoções, necessidades, receios e opiniões;
	Eliminar os resíduos corporais;	Viver segundo crenças e valores;
	Mover-se e manter posturas corretas;	Trabalhar de forma a obter realização e satisfação
	Dormir e descansar;	Participar de diferentes atividades recreativas
	Vestir-se e despir-se, selecionando vestuário adequado;	Aprender, descobrir ou satisfazer a curiosidade que conduz ao desenvolvimento normal e a saúde, utilizando os meios disponíveis;

(Conclusão)

	Manter a higiene e proteção da pele;	Manter a temperatura corporal, adaptando o vestuário e modificando o ambiente.
Finalidade dos Cuidados	O restabelecimento da independência da pessoa ou a sua conservação de forma a que ela possa responder às suas necessidades.	
Papel do Enfermeiro	Deve substituir na pessoa o que lhe falta para que ela seja independente e completa.	
Função da enfermagem	Ajudar o paciente no desempenho das suas atividades. Auxiliando na sua saúde, recuperação ou morte serena, que seria desempenhada por ele sozinho se tivesse força ou conhecimento necessário para tal. A enfermagem deve ajudar o paciente a conquistar sua independência o mais rápido possível.	

Fonte: elaborado pela autora

Ao final da aula, a professora fez um fechamento enfocando os principais aspectos do texto e os estudantes ficaram com a tarefa de entregar uma síntese crítica, posteriormente. Revisitando o Diário de Campo, percebemos que nos registros nessa data existem mais indagações do que observações. O pesquisador, quando vai ao campo na busca de desvelar o seu objeto, possui um foco alinhado à problemática que almeja responder, no entanto, seu olhar investigativo, por vezes, se inquieta e se põe a indagar o conjunto da realidade observada. Os fragmentos a seguir demonstram essa condição.

> O que o estudante de graduação de Enfermagem ingressante no curso pensa da profissão e como ele ressignifica essa percepção no decorrer da formação? Que contribuição o estudante recebe para constituir a sua identidade profissional? Por que tão pouco espaço para a História no currículo? Quais entendimentos e relações de poder foram decisivos nessa tomada de decisão? Por que o curso que é a própria história não aproveita esse potencial para avançar e criar a identidade do profissional que está formando? (DIÁRIO DE CAMPO, 22/06/2017).

Assim, com a necessária calma fomos constituindo a nossa empiria. A observação seguiu no decorrer do semestre e os estudantes já nos viam com naturalidade na sala de aula todas as quintas-feiras. Alguns estavam apenas de passagem, pois não seguiriam no curso até o final. Também já havia passado o estranhamento do início da vida universitária e já não soava esquisito ouvir

tantas siglas. Era sem dúvida um tempo de descobertas, aprendizados e afetos vivenciados pelos estudantes. Que tipo de enfermeiro e enfermeira eles seriam, somente ao tempo é dado desvendar.

A aula que abordou as entidades de classe da enfermagem. ABEn, COFEN/COREN, sindicatos e Federação Nacional dos Enfermeiros, contou com duas profissionais representando as entidades que, com suporte na Organização Política da Enfermagem, conduziram as suas apresentações. Na ocasião, foi mostrado um *timeline* da ABEn, com sua trajetória e contribuição na educação da Enfermagem brasileira. No tocante ao COREN, mencionaram a legislação e o trabalho do Conselho no Ceará como órgão disciplinador e fiscalizador. Foi, porém, a fala sobre o Código de Ética da Enfermagem que mais despertou interesse nos estudantes. A palestrante provocou reflexão, com a indicação de que o Código de Ética deve ser lido pelo estudante na primeira pessoa do singular: como me vejo cumprindo isso? Se não me encaixo, mudo de curso. Mencionou que Florence não ficou famosa por ser dama, mas pelo estudo, pelas Notas de Enfermagem. “Não somos artistas, anjos, sacerdotes, somos cientistas”. Destacou que é necessário viver uma enfermagem mais ética, mais decente, mais bem remunerada e, para tanto, é preciso ética no comportamento e na competência, compreendendo que cuidar é, além da técnica, terapêutico.

A seguir, um fragmento do diário de campo registrado logo após essa aula.

> As profissionais passaram a imagem de uma enfermagem científica, alegre, arrumada e bonita. Os estudantes conheceram um pouco da História da Enfermagem no Brasil por meio do movimento associativo. De fato, a história contribui na constituição da identidade do enfermeiro, sem ela é como se faltasse um elo que a sustentasse. (DIÁRIO DE CAMPO, 29/06/2017).

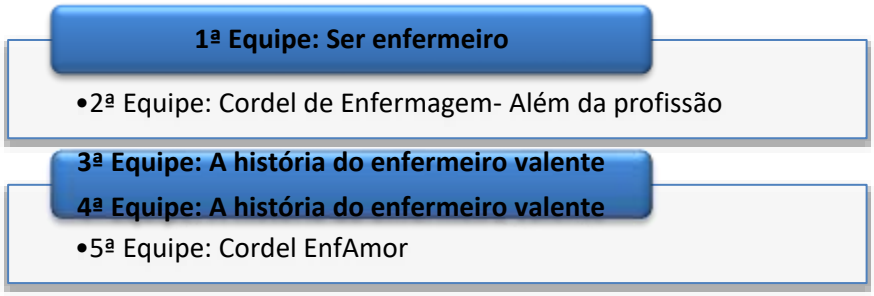
A aula seguinte foi destinada à preparação dos cordéis. Os estudantes se encontraram sem a professora para a realização dessa atividade que seria mostrada na próxima aula.

> Agora que está se aproximando o término da observação, vem a imagem do início, como tudo começou, os primeiros contatos, os entraves, as explicações sobre a pesquisa e a primeira aula a ser observada. O espaço amplo do auditório, onde as aulas foram realizadas, as carteiras e os alunos silenciosos, parecem agora imagens distantes e ao mesmo tempo presentes. A assiduidade e a pontualidade da professora uma marca impressa todos os dias. Aqui

> no papel, estudantes e docente não tem nome, mas tem uma imagem, um rosto, um gesto que melhor define e um modo específico de entrar na sala de aula, se dirigir ao seu lugar e se ausentarem. Neste momento, olhar para trás é também, perceber que foi preciso singrar pelo caminho da observação, pois, só assim, era possível compreender como os conteúdos de história da enfermagem comparecem nesse itinerário. Surge também uma indagação: De que maneira a história se distanciou do currículo? (DIÁRIO DE CAMPO, 06/07/2017).

Nessa aula, os estudantes foram os protagonistas, assumiram o palco e apresentaram os seus cordéis cujo tema foi ser enfermeiro. Os temas dos cordéis estão descritos a seguir:

Figura 21-Temas dos cordéis produzidos pelos estudantes do curso de Enfermagem da UECE, turma 2017.



Fonte: Elaborado pela autora:

A primeira equipe não colocou um título à sua apresentação e assumiu o tema do cordel proposto pela professora - “Ser enfermeiro”. A segunda equipe escolheu como título “Cordel de Enfermagem – além da profissão”, a terceira e quarta equipes se juntaram e nomearam seu cordel de “A história do enfermeiro valente” e a quinta equipe indicou “Cordel EnfAmor” como título para a produção do seu trabalho.

Ao final das apresentações, a primeira equipe cantou um trecho de uma música e convidou a turma para cantar juntos. “*Página feliz de nossa história, venha ver de perto a nossa profissão, ela é inspiração”.* Ao final de um semestre, o conjunto das disciplinas cursadas possibilitou aos estudantes desenvolver uma apreensão acerca do curso, da profissão, das lutas e esperanças. Desse modo, os cordéis versaram sobre cuidado, profissão,

criatividade, amor, lutas, esperanças, conhecimentos, dedicação, estudo, vida, condições de trabalho, jornada de 30 horas.

Após as apresentações, a professora utilizou como pergunta norteadora: o que significou para vocês fazer esse cordel? Os estudantes mencionaram que gostaram de realizar a tarefa e que foi interessante. Uma equipe que teve dificuldade resolveu a situação se juntando a outra equipe e trabalharam juntos.

A docente fez o encerramento da disciplina, informando que na aula seguinte seria a prova final e conduziu o fechamento da aula. A seguir um fragmento da fala da professora:

> É salutar se encontrar na profissão, seja qual for ela. E no exercício de uma profissão que tem como essência o cuidado e a assistência é preciso cuidado nas coisas mais simples, nos aspectos cotidianos, naquilo que possa parecer que dá para fazer de qualquer jeito. Na profissão tudo será feito na perspectiva do bem-estar do outro.
> (DIÁRIO DE CAMPO, 13/09/17)

Suas palavras tiveram um caráter reflexivo, amoroso e que pudessem contribuir com os estudantes, mesmo quando estivessem distantes, já que, na semana seguinte, já não se encontrariam na disciplina.

Na avaliação, uma estudante ressaltou que o estudo foi importante, pois ampliou a percepção da Enfermagem. Os demais, no silêncio que lhes era habitual, se manifestaram com palmas. Não era apenas uma menção à disciplina, pois, as palmas foram também para a professora, que acompanhou os passos iniciais da formação, ministrando a primeira disciplina do curso, e com sua experiência provocou as primeiras reflexões sobre a profissão. Encerrando, a docente mencionou que a disciplina possui uma perspectiva informativa, aproximativa, explicativa e esclarecedora.

Assim, como os *fios da teia tênue* anunciados por nós no início desta seção, a História da Enfermagem na disciplina observada também é tênue. Se nos empenhamos na terminologia da palavra *tênue,* cabe definir como um adjetivo de dois gêneros com origem no termo em latim *tenuis,* que significa delgado, delicado, frágil, fraco ou sutil. Ainda pode ser definida como uma palavra que também serve para qualificar uma coisa que tem pouca espessura ou densidade, ou algo com ínfimo valor ou importância. Muitas vezes usada no

sentido figurado, a palavra *tênue* significa algo com pouca resistência ou efêmero.

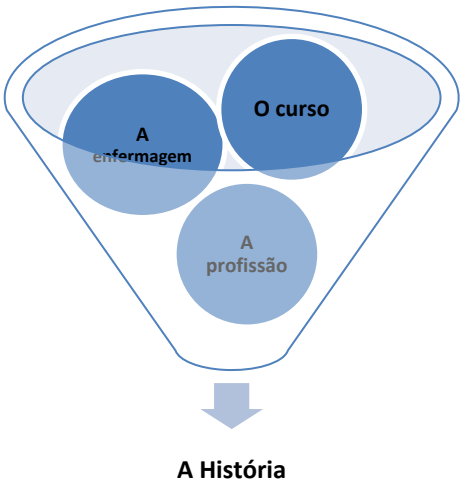
Nessa perspectiva, a presença da História da Enfermagem na formação dos graduandos é sutil, bem como o seu lugar no currículo prescrito e no currículo praticado. Haja vista que os currículos estão de modo direto mediados pelo processo social que os determina, estes são repletos de seleções de conhecimentos considerados válidos para o recorte que os determinou, e carregam em si a marca das expectativas dos sujeitos que o produziram. Refletindo sobre o lugar da História da Enfermagem no currículo, há de se considerar, ainda, que a principal característica do lugar seja a identidade que o homem cria com ele. Assim, o lugar representa a constituição física ou simbólica do espaço referido por todos aqueles que criam uma afetividade com esse lugar, dando a ele um sentido de pertença ao mundo onde a pessoa vive. Com efeito, a relação entre espaço e lugar leva a refletir sobre a ação humana nesta constituição, mediada pelas perspectivas curriculares que se dão por meio das relações de poder e controle que se manifestam na apropriação desses espaços que determinam o lugar ou não e, no caso, que configuram o *locus* das disciplinas no currículo.

Nesse sentido, podemos observar que o lugar é, ao mesmo tempo, “[...] princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. (...). Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos” (AUGÉ[90], 1994, p. 51-52). Sendo assim, é no lugar onde as relações sociais acontecem de maneira positiva, ou seja, o lugar é o “espaço do acontecer solidário”. Desse modo, são as relações constituídas que fazem do currículo um terreno para disputas e relações de poder e, por meio das constituições sociopolíticas, os [...] “atores envolvidos empregam uma gama de recursos ideológicos e materiais para levarem a cabo as suas missões, individuais e coletivas”. (GOODSON, 1997, p. 27). Para isso, no entanto, precisam do lugar para empreendê-las. No caso da História da Enfermagem, ele se mostra tênue.

[90]Marc Augé, etnólogo e antropólogo francês, em seu livro **Não-lugares** cunhou o termo "não-lugar" para se referir a lugares transitórios que não possuem significado suficiente para serem definidos como "um lugar", por exemplo, um quarto de hotel, um aeroporto ou supermercado. São apenas espaços percorridos pelo homem e não vivenciados por ele.

É importante sinalizar a ideia de que a História da Enfermagem se distancia do currículo com base nas modificações das matrizes curriculares que recebem influência da legislação e dos agentes envolvidos no processo de mudança. A figura 22 demonstra a história ensinada na disciplina em relação às outras temáticas, e que nem sempre está explícita para os estudantes, constituindo uma espécie de filtro, onde a História circula de modo sutil, ou seja, precisa de muita busca e determinação para encontrá-la, no decorrer de sua trajetória, cada vez um pouco menos.

Figura 22-A observação da História ensinada nas aulas da graduação do curso da UECE 2017.



Fonte: Elaborado pela autora.

A figura 22 mostra que, das três dimensões trabalhadas na disciplina, a História está diluída e é fluida. Tende a desaparecer. Ante o exposto, a História está presente e distante em relação à disciplina observada como numa linha *tênue*. Na advertência de Forquin (1992), o currículo é organizado em torno dos conteúdos que contam mais, que sejam mais importantes na percepção dos seus propositores, isto é, aqueles conteúdos cujos defensores entrem na disputa com argumentos mais contundentes e adicionem maior legitimidade às falas. Por essa razão, os currículos expressam um processo de elaboração mediado pela seleção abalizada no que importa mais para os grupos dominantes naquele recorte temporal, e refletem o que se busca para o estudante sujeito a ele. O que

se espera obter como marca de identidade que será obtida não é apenas na submissão ao currículo, mas também na própria constituição dos grupos curriculares que travarão os embates. Somam-se a isso as “[...] crenças e missões pessoais que indivíduos trazem para o processo de mudança” (GOODSON, 2008, p. 41). No caso da História no curso de Enfermagem da UECE, os argumentos não foram ou não existiram para manter o lugar e posição da História de sua profissão.

Em outras palavras, a História que havia resistido às primeiras mudanças curriculares foi obtendo outras interpretações e argumentações quanto a sua contribuição na formação do enfermeiro, e se distanciando do currículo prescrito e do currículo praticado no curso de Enfermagem da UECE, porém não por acaso, analisando que

> Currículos não são seleções ingênuas tampouco manifestações despretensiosas. Eles trazem em seu texto, em sua prescrição, as relações de poder e controle sobre a formação que os protagonistas propositores esperam e que permearam o percurso de sua construção como um artefato representativo de um determinado momento/movimento sócio-histórico-cultural. A partir deste documento de seleções imbricadas, há a ação dos novos protagonistas, os executores agem sobre esta prescrição e sua prática é também permeada por relações de poder e controle que alterarão o produto observado em sua prática. Há, porém, limite nesta reelaboração, determinada já em sua origem, já em sua prescrição, onde se mantém os fundamentos da retórica propositora e se permite o entremeado de ações cotidianas. (TRAVANO; ALMEIDA, 2018, P. 13).

Discutir, portanto, o lugar da História da Enfermagem no currículo é perceber as continuidades, rupturas e negociações que envolvem a formação do enfermeiro na trama curricular, bem como as lutas, concepções e ideais que permeiam a trajetória formativa desse profissional. É entender, ainda, que o que está posto no currículo foi e é sujeito a mudanças, supressões, subordinações e conflitos, e que estes amalgamados produzem as configurações do currículo e deixam suas marcas na formação do estudante. Logo, a História da Enfermagem na matriz curricular, inserida numa disciplina de modo tão sutil, revela que a História ocupa um lugar fruto desses entendimentos e que acompanharam os protagonistas produtores do currículo em um determinado momento, e, nesse currículo estão imbricados, além das concepções dos que o produziram, as ações cotidianas que envolvem docentes e estudantes na execução do currículo praticado.

8 CONCEPÇÕES DE ENSINO DE HISTÓRIA DAS PROFESSORAS-ENFERMEIRAS: A EXPERIÊNCIA NA TESSITURA DOS FIOS

Seus gritos de galo
(Poema *Tecendo a manhã* - João Cabral de melo Neto)

As experiências de ensino de História vivenciadas no percurso formativo e profissional e (re)significadas com suporte nas narrativas das professoras-enfermeiras são focalizadas nas contribuições recebidas como discentes e que, posteriormente, influenciaram o seu fazer docente ao revisitar os conteúdos de História da Enfermagem como professora, bem como ao constituírem suas concepções de História, haja vista o ensino de História na formação do profissional de Enfermagem e a contribuição para a inserção dessa profissão na sociedade.

As palavras da epígrafe que abre esse capítulo, *seus gritos de galo* enfocaram duas situações: o interesse em dar voz às narradoras colaboradoras do estudo e o nosso propósito de fazer emergir as vivências e as concepções das professoras-enfermeiras referentea ao ensino de história. Esta seção tem como objetivo analisar as concepções de História das professoras enfermeiras, com foco nas suas experiências com o ensino de História da Enfermagem. São *gritos de galos* que neles ecoam as experiências do passado-presente, pois, vivenciadas em outro tempo, são narradas no presente, são vozes nem sempre ouvidas, silenciosas e que pretendemos incorporá-las à História da Enfermagem, trazendo a compreensão de que a memória possibilita aos narradores evocar o período histórico, na perspectiva de que

> A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2005, p.19)

Assim, as colaboradoras puderam, por meio do processo de rememoração, revisitar suas concepções de História e a experiência que tiveram com a História da Enfermagem, retomar sua trajetória como discente e como

professora-enfermeira, possibilitando com isso a reorientação e a constituição de novos sentidos para suas histórias, pois, “[...] a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao dar-lhes um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas." (THOMPSON,1998, p.337).

Nesta seção, discutimos as concepções de História das professoras de História da Enfermagem do curso. Para tanto, inicialmente, abordamos suas experiências com a disciplina na qualidade de alunas, como adentraram a docência e, assim, constituíram suas concepções de história como professoras. A organização do texto compreende três subseções: a primeira; Adentrando a História da Enfermagem: a experiência discente que trata do ingresso das colaboradoras no curso e como depararam a História da Enfermagem na sua formação discente. A segunda é Iniciação á docência: o fazer-se professora enfermeira, em que as colaboradoras enfocam como, ao cursarem uma formação que se volta para o cuidado e a assistência, se fizeram professoras. E a terceira é Ensinar e aprender História: a experiência docente em que trata das concepções de História e as experiências com o ensino de História da Enfermagem das professoras colaboradoras. Ao final deste capítulo, respondemos ao objetivo da pesquisa: *Identificar as experiências e as concepções dos professores acerca da História da Enfermagem para a formação dos futuros profissionais.*

E preciso, contudo, considerar que aqui não tencionamos esgotar, nem dar conta da amplitude dessas dimensões que compõem esse universo diante de sua complexidade e riqueza. É apenas a tessitura desta trajetória investigativa que, como anunciou o Poeta *fez surgir seus raios de sol*. Assim, deixamos-lhos que eles nos iluminem!

8.1 ADENTRANDO A HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: A EXPERIÊNCIA DISCENTE

Nesta subseção, buscamos evidenciar a percepção das professoras sobre o seu encontro com o curso de Enfermagem e suas experiências com a disciplina História na qualidade de alunas.

O encontro com as professoras, nossas colaboradas, Ártemis, Héstia, Hera, Atena e Deméter, não foi um caminho linear, mas um percurso de idas e vindas. Primeiro, a falta de proximidade entre nós e as colaboradoras, o que certas vezes desdobrou em desconfianças, e depois algumas indisponibilidades em decorrência de problemas de saúde e agenda médica das colaboradoras. Dar voz as professoras, contudo, contribuiu nessa trama, no surgimento da "*luz balão*", como mostrou o Poeta. Foram momentos plenos de significados e aprendizados. Cada encontro nos ensinou tanto da vida profissional como da existência.

Após uma das visitas, registramos no Diário de Campo (2017):

> Ela deu o melhor de si para seu trabalho, era organizada, responsável e ágil. Agora seu corpo cansou de correr, seus passos estão lentos, seus olhos pouco enxergam e a juventude se foi. Hoje ela se emocionou algumas vezes durante a minha escuta atenta, percebo que traz em si tantos sonhos vividos ou não, são tantas experiências, mas hoje foi tanta solidão!

É preciso dizer que uma entrevista produz uma situação de aprendizado para o entrevistador. Depois de ouvir tantas narrativas, desenvolvemos "a arte da escuta" como definiu Portelli (2016), e também uma postura ética que ensejou a confiança das colaboradoras, expressas nas frases: "*Venha mesmo, eu estou sempre aqui"; "Você volta?" "Foi bom você ter vindo hoje".*

É importante lembrar que, no trabalho com a história oral, há a etapa da transcriação, conforme registramos no capítulo em que discorremos sobre a metodologia. Mehey e Holanda (2015, p.136) nos ensinam que a transcriação se aplica mais ao gênero "história oral de vida" do que a "história oral temática", pois, para os autores, no primeiro caso, a História deve aparecer por inteiro, enquanto, no segundo caso, o fragmento "[...] pode ter sentido exato, o recorte é aceitável" e assim, "os limites da transcriação são maiores". Embora não seja, no entanto, o propósito deste estudo a história oral de vida, não deixamos de fazer um tipo de transcriação. Respeitamos os distintos jeitos de narrar provenientes das variadas maneiras de lembrar das colaboradoras. Realizamos a transcriação no sentido de reformar certas transições literais da transcrição para a textualização. Assim, corrigimos desigualdades textuais, reorganizamos palavras e frases para a composição do texto escrito e fluidez da leitura. Cabe

ressaltar, ainda, que, na fase da textualização, realizamos o “tom vital” para cada entrevista, uma frase que sirva de epígrafe para a leitura da entrevista. Assim expresso, registramos a seguir os títulos das entrevistas atribuídas a cada colaboradora.

Quadro 39 -Títulos das entrevistas das colaboradoras.

Colaboradora	Título da entrevista
Ártemis	Menina protegida de Dom Antônio de Almeida Lustosa
Héstia	A história pode responder à pergunta que não quer calar
Hera	É tanta mudança que eu fico perguntando para que serve
Atena	O que eu sempre falo para os alunos é que respeito depende de competência
Deméter	Eu vivi a Enfermagem de corpo e alma

Fonte: Elaborado pela autora.

Aqui trazemos as narrativas que completam o *corpus documental* do estudo para responder os objetivos da investigação. Elas são fios que tramam essa tessitura no surgimento da *luz balão*.

> Eu nasci em 04 de julho de 1924 em Fortaleza. Nós éramos 10 irmãos, mas morreram dois pequenos, um com um ano e um mês e o outro com quatro meses. Mamãe criou oito com dificuldade sempre procurando escola para nós. Eu uma menina, pobre e negra a minha única saída era a escola, mas era difícil. [...] [pensativa]. Uma vez, conversando com uma amiga, que era órfã e pobre como eu e estudava no liceu, me falou sobre Dom Antônio de Almeida Lustosa, me contou que ele era o protetor dos pobres e órfãos e que tinha dado uma casa para a mãe dela por ela ser viúva. [...] Naquele tempo, a minha família tinha amizade com as freiras, por que a minha irmã mais velha era professora e trabalhava com elas. Minha irmã se informou com as freiras sobre Dom Antonio e um dia fui lá falar com ele. [...] Fui bem recebida e sai de lá com um cartão de Dom Antônio para a Irmã Pinheiro. Quando a Irmã Pinheiro recebeu o cartão gritou: “Cartão de Dom Antonio!” Todas correram para ver. E, imediatamente, me nomeou como enfermeira prática porque eu ainda não era enfermeira. Fui trabalhar na assistência municipal. Dom. Antônio de Almeida Lustosa, grande santo, (levanta os olhos e as mãos para o céu) protegeu a família toda. Não só a minha, como muitas. Ele não dava dinheiro, só dava emprego. Ajudou, especialmente, as órfãs, órfãs de pai, que não tinha pai para custear as despesas. [...] Quando começou o curso de enfermagem na EESVP, me recordo que foi em 1943, eu tive o apoio de todo mundo para fazer o curso, tudo que fosse para mim, uma moça pobre, simples, dedicada, responsável eu tinha apoio,

> principalmente, de Dom Antonio, que foi o primeiro a recomendar que eu fizesse o curso. [...] Entrei no curso de Enfermagem, lá me entrosei com as irmãs, com a história delas e com a história Florence Nightingale. Tinha a história da enfermagem e a gente conhecia como tudo começou, desde a primeira vontade da Florence de cuidar dos pacientes, tanto ela na Inglaterra como na guerra cuidando dos feridos. Ela fundou praticamente a enfermagem. Eu gostava muito da história e minhas colegas também, por que a história tem tudo, mostrava o que era a enfermagem, como tudo começou e eu fui enfermeira pioneira do Ceará. (ÁRTEMIS).

A narrativa de Ártemis mostra que seu encontro com o curso de Enfermagem se deu depois do ingresso no trabalho. O contexto em que vivia sua família e as dificuldades financeiras geraram a necessidade de trabalhar antes da formação. Foi, porém, o seu encontro com o Arcebispo Dom Antonio que lhe proporcionou o emprego e, em decorrência deste, o ingresso no curso de Enfermagem. Dom Antonio foi e continua sendo tudo em sua existência, em vida uma proteção e após sua morte um santo que continua a protegê-la. Do ingresso no curso, nasceu uma amizade com as Irmãs Filhas da Caridade. Seu encontro com a História da Enfermagem como discente foi prazeroso. Não constitui algo penoso e despertou a curiosidade pela origem da profissão. No tocante ao que era ensinado, está em consenso com o que foi revelado nos documentos, a origem da Enfermagem moderna, a figura central da Florence, bem como a história da congregação que se entrelaçava com a história da EESVP. E, agora, se une com sua própria História, quando menciona “eu fui enfermeira pioneira do Ceará”.

Héstia relata os caminhos em que se deu o seu encontro com a História da Enfermagem como discente. Sua narrativa revela um percurso de pouca identificação com a História e que, durante o seu percurso formativo, desenvolveu um encantamento pela História que lhe fez perceber a necessidade de compreender a História da Enfermagem.

> Eu nasci em 05 de junho de 1946 em Fortaleza. Quando ingressei no Curso de Enfermagem na década de 1970 eu estava empolgada com o curso. A presença das Irmãs de Caridade era marcante, já que a EESVP havia sido criada por elas. Na minha turma tinha duas alunas que eram Irmãs de Caridade, nas aulas de história da enfermagem se falavam das Irmãs de Caridade, São Vicente de Paulo, esses temas eram marcantes devido a origem do curso. Eu conheci a história da lâmpada, como símbolo da enfermagem através de duas colegas que foram estudar no Rio de Janeiro, assistiu a cerimônia de passagem da lâmpada às alunas da turma que saia para as alunas iniciantes e socializou com a turma. Na época, a gente entendia que falar da

> História da Enfermagem era falar da velharia e era cafona. A História da Enfermagem era cafona, a gente não dava muito importância e os professores pouco conheciam. Havia a disciplina História da Enfermagem, gente estudava sobre a Florence Nightgale, lembrava a Ana Neri enquanto escola de Enfermagem conceituada, como escola padrão que a gente seguia. [...] Na graduação, a professora tinha fichas com os temas e copiava no quadro ou ditava e a gente ia copiando. Os conteúdos eram assim, citados, não tínhamos um livro texto, existia apostila mais para Fundamentos de Enfermagem que tratava de procedimentos, que na época a gente chamava de técnicas de enfermagem. O livro da Valeska Paixão eu só conheci anos depois de formada. Eu me sinto privilegiada por Deus em ter passado pela enfermagem da USP de Ribeirão Preto. Estudei bastante, eu tinha um caderninho que eu anotava tudo. Ainda hoje eu tenho esse caderno**.**

A narrativa de Héstia demonstra que sua formação foi realizada em dois momentos, no Ceará e em São Paulo. Estavam no universo de sua turma as histórias de Florence, Ana Nery, da cerimônia da lâmpada, embora não tivessem significados na sua formação. Héstia revela como ressignificou a História na sua vida como cidadã e professora-enfermeira.

> Durante o meu percurso como estudante em Ribeirão Preto, houve uma semana de estudos sobre Glete Alcântara, não tive o privilégio de conhecê-la, faleceu durante o período que eu estava fazendo o curso, com certeza deu uma grande contribuição para a enfermagem, era vista como uma pessoa de muito conhecimento, muito ciência, ela nos deixou um legado, entre outros, a sua tese defendida em 1963 de cátedra “a enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira” sendo a primeira tese defendida por enfermeira na América Latina. Fiquei amiga de Vanda Horta, um nome relevante também da enfermagem brasileira. Ribeirão Preto contribuiu para minha formação em enfermagem e deixou em mim a certeza que eu fiz a melhor escolha da minha profissão. Como estudante eu tinha noção da importância da ciência para o crescimento da enfermagem, mas não ligava à história da profissão, pensava apenas na profissão para cuidar das pessoas, propiciar saúde. Eu pensava numa profissão para o sucesso, para prevenir e curar. Acho que a história da enfermagem não atraia o aluno naquela época, por que o positivismo dominava, não tinha essa dimensão da História da Enfermagem no contexto da enfermagem**.** No Ceará a professora Graziela Teixeira Barroso era minha inspiração. Na verdade, eu estava vivendo a história da enfermagem, era meu grande sonho estudar em Ribeirão. Além da qualidade da formação, o campus é belíssimo, era uma fazenda de café linda, um lugar propício para estudar, se concentrar e fazer ciência. No início, eu não tinha essa percepção da importância da história da Enfermagem. Nessa trajetória formativa, eu me descobri apaixonada pela história da enfermagem. Passei a indagar que profissão é esta que presta relevante trabalho a sociedade e constitui 70% da força de trabalho em saúde e continua a margem das profissões. A história sempre aponta respostas (HÉSTIA).

As percepções de História assinaladas por Héstia no início da graduação apontam uma rejeição sua e por parte dos colegas. Os conteúdos trabalhados perpassavam a história da Florence, da Ana Nery, mas não era possível perceber uma relação com o exercício da profissão. O importante era a parte específica do curso, a formação para o cuidado, uma “profissão para prevenir e curar”. Héstia não tinha entendimento de como a História da Enfermagem pudesse contribuir na sua formação de enfermeira. Entendemos que a metodologia do ensino de História utilizada no contexto de sua formação não lhe tenha feito nenhum apelo. O seu encontro com a História da Enfermagem, porém, ocorre, posteriormente, e ela se dá conta de que está vivendo a História da Enfermagem, conhece as líderes que impulsionaram a profissão e constitui outro significado para a História da Enfermagem. A experiência formativa em Ribeirão Preto lhe motivou a acreditar que a História pode apontar respostas para algumas indagações do ofício.

Com suporte na narrativa de Héstia podemos defender nos respaldando em Oguisso; Campos (2013, p.52), para quem a maneira como se dá o ensino da História com a dinâmica e o entusiasmo do professor, “[...] poderá ajudar esses alunos-calouros a encontrarem seus próprios caminhos.”

Hera revelou a sua experiência discente na EESVP e na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, no Rio de Janeiro. Sua narrativa questiona as mudanças no curso que suscitaram melhorias na formação.

> Eu fiz o curso de enfermagem na Escola São Vicente, naquela época o curso tinha a duração de três anos, eram seis semestres, hoje são oito ou nove não sei. É tanta mudança que eu fico perguntando para que serve. Fico perguntando se a coisa não fez foi piorar. Enfim, eu não sou contra a mudança, mas tantas mudanças no curso não acho que fez melhorar. Eu estudei História da Enfermagem com a professora Grasiela Barroso na Escola São Vicente de Paulo, que depois foi umas das fundadoras do curso, uma das não acho que foi a fundadora do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Aprendi sobre a Florence, Ana Nery, a enfermagem no mundo e no Brasil. Não me pergunte data, pois uma coisa que já passou há mais de 40 anos... E o que é hoje? Na época não existia conselho, não existia Associação Brasileira de Enfermagem. Material eu não lembro, nem sei se tinha acho que foi aparecendo no decorrer do tempo. É isso que eu falo que não adiantou muito tanta mudança, já que é muito falatório, muita conversa e pouca ação. Assim que terminei a graduação fui pra Rio de Janeiro fazer Especialização em Saúde Pública na Escola Alfredo Pinto. No curso nós ficamos uns dois meses fazendo a disciplina e estágio de obstetrícia numa maternidade que ficava distante, era preciso pegar um ônibus, depois tomar o ônibus da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto em Botafogo para ir para Campo Grande passar o dia inteiro no estágio com Ana Grijó, que naquela época a gente tinha como a dama de ferro da obstetrícia.

> Outras duas colegas da turma de enfermagem do Ceará foram também estudar no Rio de Janeiro, outras foram para Manaus e Salvador para estudar. Esse tempo no Rio de Janeiro foi de grande valia. No começo o que mais me incomodava eram os deslocamentos, devido às distâncias, mas foi um tempo... [pensando] Bom, eu não gosto nem de me lembrar... (Hera).

A narrativa de Hera demonstra desconfiança em relação às mudanças na formação do enfermeiro. O tom da sua fala é de questionamento às alterações de currículo, carga horária e também no ensino da História da Enfermagem. O percurso formativo de Hera entre Ceará e Rio de Janeiro lhe proporcionou outras vivências. Ela reconhece que estudar na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto qualificou a sua formação. Com seu jeito próprio de narrar, reconhece o pioneirismo da professora que lhe ensinou História da Enfermagem e que aprendeu sobre a Florence, Ana Nery, a enfermagem no mundo e no Brasil, o que vai ao encontro dos documentos analisados. Observamos uma desconfiança referente ao que é ensinado atualmente acerca da História da Enfermagem. A experiência discente de Hera lhe permite questionar a História da Enfermagem no currículo, a indagação - “o que é hoje?” - demonstra essa perspectiva.

Atena nos conta sobre sua vivência discente. Sua narrativa rica de detalhes da sua professora, do material, nos ajuda a visualizar outra maneira de encontro do estudante com a História da Enfermagem.

> [...] A minha professora de História da Enfermagem foi Maria Walquíria Albuquerque Sacramento, uma pessoa muito simples, muito segura dos conteúdos. Ela era muito exigente e nós aprendemos muito com isso. Na história da enfermagem, ela usava o livro da Waleska Paixão e o que existia na sala de aula no começo dos anos setenta como cartazes feitos a mão em papel madeira, o quadro negro e giz. Os cartazes eram em papel madeira, em cartolina, com algumas figuras retiradas de revistas, era isso que a gente tinha na época. É diferente de hoje, que tudo você pode recorrer à internet. Também não se tinha facilidade de livros, nós estudávamos mais nos livros médicos dos que livros de enfermagem, porque não existiam muitos livros como hoje. Os primeiros livros de enfermagem que chegaram eram todos em espanhol, e muita gente não conseguia ler nada de espanhol, como tem muita gente hoje que não ler nada de espanhol, essa disciplina de Fundamentos que eu falei, por exemplo, quem preparou uma apostila foi a professora junto com a diretora. A aceitação da turma com a história da enfermagem era muito boa, era tranquilo, até porque a professora contextualizava o que era trabalhado, trazia também a experiência dela e era uma pessoa muito séria que no geral os alunos respeitavam muito, não tiravam gracinha com ela. Naquela época, você não entrava direto na sala da diretora da escola, você tinha que pedir a secretária para anunciar que queria falar com a diretora, não era chegar abrindo a porta como o aluno faz hoje, às vezes sem nem saber se a direção está conversando com outra pessoa. E nós aprendíamos com tudo. (ATENA).

Atena traçou o perfil da professora que lhe ensinou História da Enfermagem, dos materiais, das estratégias de ensino que marcaram uma época. Há também na sua narrativa vestígios dos modelos da gestão e ensino que abalizaram seu tempo de estudante e que são lembrados com alegria. A disciplina rígida da escola e da professora é tida como aprendizados que ajudaram na constituição da sua formação.

A colaboradora registra o que os documentos mostraram o uso do livro da Waleska Paixão nas aulas de História de Enfermagem. Há de se considerar, ainda, que o comprometimento da professora com o seu trabalho fez com que ela lançasse mão do que estava no seu alcance para desenvolver as estratégias de ensino. A escassez de livros registrada pela narradora confirma o que já discutimos nos capítulos anteriores - o pioneirismo do livro da Walesca Paixão, sendo a ele que os professores recorriam para ensinar a História da Enfermagem, em um período de inópia na pesquisa e na produção acerca dessa vertente.

Atena conseguiu lidar bem com os modos de ensinar e aprender História do seu tempo, o encontro com a História da Enfermagem por meio da sua professora e do livro da Paixão lhe ensejou adentrar a história da sua profissão.

A narrativa de Deméter traduz um modo específico de encontro com o curso e a História da Enfermagem. Escutamos a sua voz.

> Eu nasci em Benjamim Constant/Amazonas no dia 6 do novembro de 1930 e eu vivi a experiência de cuidar do meu pai em um hospital no Rio de Janeiro, o convívio com enfermeiras, me despertou o desejo de aprender para cuidar de outros parentes, pois o meu pai faleceu. Quando eu olhava as alunas da Escola de Enfermagem Ana Neri passando eu ficava admirando o uniforme. Depois, em Fortaleza eu fui levar uma amiga à EESVP que queria fazer o curso de enfermagem. Chegando lá fui recepcionada Pela Irmã Leonie, a amiga desistiu de fazer o curso e decidi fazer. A minha família não gostou muito queria que eu fosse médica. Quando eu ingressei no curso, a EESVP já era equiparada a Escola Ana Neri e o uniforme era parecido, até a meia branca três quartos a gente usava também. Lembro que participávamos das comemorações de Corpus Christus na catedral de Fortaleza. Desfilávamos juntamente com as outras escolas, quando passávamos o pessoal dizia: - Olha o zorro! Olha o zorro! A minha professora de História da Enfermagem foi a Irmã Leonie (Sirena de Castro Bonfim) ela tinha chegado da França e assumiu a disciplina. Ela foi a minha mentora para ingressar no curso de Enfermagem e depois eu herdei tudo dela, passei a ser professora na disciplina que ela ministrava. Ela usava nas aulas um livro que contava a história da Florence, da Ana Nery, a história delas sobre a congregação. Ah!

> A gente adorava! A gente ficava entusiasmada com a Florence de madrugada nos campos de batalhas, (risos) uma moça rica, culta, deixando tudo. A gente adorava! Estudava também sobre as Irmãs de caridade, a história de São Vicente de Paulo que sai de porta em porta pedindo as coisas. Eu achava interessante saber o passado.

A narrativa de Deméter é entusiasmada. Ela foi uma pessoa animada com sua formação e profissão. Ela viveu a Enfermagem de corpo e alma. Sua narrativa tem exclamações e risos. Exclamações, para dizer que ela e sua turma adoravam as aulas de História. E risos para expressar admiração pela Florence "uma moça culta, rica", que escolheu a Enfermagem. Concluimos que também para demonstrar sua identificação, pois ela também uma jovem culta e rica foi ser enfermeira, mesmo contra a vontade de sua família, que achava mais interessante ela ser médica. A vida de São Vicente e da Congregação das Filhas de Santa Tereza também a empolgava pelo serviço aos pobres. Assim, ela desperta o gosto por conhecer o passado.

O encontro de Deméter com a História da Enfermagem é estimulante. Ela se reconhece ali e também entende que pode levar o mesmo entusiasmo para a profissão. E assim, como as demais divindades do nosso texto, são mulheres que viveram a Enfermagem em momentos distintos, e conhecer a História da Enfermagem lhes permitiu compreender o presente e traçar o futuro que seguiriam na Enfermagem, pelo *modus operandi* na profissão; e um dos caminhos trilhados por elas foi a docência. Nossas colaboradoras tornaram-se professoras-enfermeiras por diferentes maneiras. Vejamos como adentraram a docência.

8.2 INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: O FAZER-SE PROFESSORA-ENFERMEIRA

As colaboradoras rememoraram os caminhos que conduziram à docência, buscaram a memória, que "[...] é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente". (FERREIRA, 2002, p. 111).

> Hoje eu não saio mais de casa, é aqui sentada. Mas me lembro de tudo, a cabeça é boa apesar da idade, 93 anos. Eu me recordo de tudo [...]. Eu estudei no Colégio Imaculada Conceição, colégio das irmãs, agradeço a Dom Antônio Lustosa de Almeida, que foi o nosso grande protetor, protetor dos pobres! Outro dia andou uma pessoa aqui em casa, mora aqui perto, e também foi protegida de Dom. Antonio. Eu nem saiba! Eu lembro que passei no Exame de Admissão para o liceu,

> mas Dom Antonio queria que eu fosse professora e me chamou para continuar no Colégio Imaculada Conceição, mas a minha irmã falou para ele que como não pagava no liceu e não precisava de transporte, porque era perto de casa, ele concordou e disse que se precisasse procurasse que ele ajudava. E eu fui sempre ser professora. Iniciei como professora em uma das escolas de Dom Antonio trabalhei na Escola Santa Clara, na Escola São Sebastião e ensinava a noite as domésticas. Eu fui professora de Fundamentos da Enfermagem e de História da Enfermagem primeiro no Curso de Auxiliar de Enfermagem e depois no Curso de Enfermagem que eram conduzidos pelas irmãs na EESVP. As primeiras aulas do Curso de Enfermagem foram no patronato, nem tinha ainda, o prédio da EESVP, tudo acontecia no patronato. (ÁRTEMIS).

Ártemis, sempre apoiada pelo arcebispo Dom Antonio de Almeida Lustosa, teve acesso ao trabalho, à formação e iniciação à docência. Atuou no Curso Auxiliar de Enfermagem e na graduação e tornou-se professora de História da Enfermagem. Ressalta que se lembra de tudo, ao traçar o caminho que fez para chegar a docência, não deixou de reconhecer o apoio daquele que foi seu protetor. Já Héstia nos revela um caminho não linear de ingresso na docência, mas que a marcou intensamente.

> Não por acaso cheguei à docência, iniciei a minha formação em Enfermagem da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo em Fortaleza-Ceará e conclui na Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto, que era meu sonho de consumo. Logo ao concluir o Curso de Graduação surge um concurso para o Hospital das Clínicas em Ribeirão Preto, fui aprovada em quarto lugar. Fiquei trabalhando em Ribeirão Preto na assistência, certo dia fui fazer a minha inscrição no Conselho de Enfermagem em São Paulo, até então não havia conselho, o Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo COREN-SP estava sendo estruturado. Eu acordei pela manhã, fui tomar café, quando meu irmão de Ribeirão Preto, gerente no Aeroporto de Ribeirão sugeriu que era fácil conseguir uma carona de avião para São Paulo. Surgiu a carona e eu fui para São Paulo, próximo de Campinas o piloto recebeu a mensagem que o aeroporto em São Paulo estava fechado para pouso e decolagem, que era muito comum, devido o mal tempo em São Paulo. Aterrissamos em Campinas. Avisei ao piloto que ia ficar em Campinas, e fui para casa de uma colega de turma em Ribeirão Preto e uma amiga enfermeira de Fortaleza [risos]. Em Campinas em conversa, no Hospital, onde as colegas trabalhavam, recebi um convite para reestruturar o centro cirúrgico, do referido hospital para iniciar Cirurgia Cardíaca em Campinas. Achei a idéia fantástica e tomei a decisão de pedir demissão de Ribeirão Preto e ir trabalhar em Campinas. Decisão muito difícil... [chora]. Fui estruturar esse centro cirúrgico, que era um centro cirúrgico comum a Santa Casa de Campinas e ao hospital universitário da UNICAMP. Posteriormente, surgiu um concurso para UNICAMP fui aprovada, passei a trabalhar na UNICAMP e em seguida, entrei na docência, ajudei a estruturar o Curso de Enfermagem da UNICAMP, na época todos docentes eram assistenciais, ou seja, ocorria a integração docente-assistencial. Todos os professores deveriam ser docentes e assistenciais. Você tinha que saber o que ensinava. O docente ministrava a aula teórica e durante o estágio levava o aluno para a clínica ou setor de sua experiência clínica. A minha especialização em Ribeirão Preto tinha sido em Enfermagem médica-cirúrgica. Trabalhei em centro cirúrgico e

> em clínica cirúrgica. Eu fui professora da primeira turma de Enfermagem da UNICAMP. Assim, comecei na docência não por acaso, mas por causa do avião que me fez pousar pela primeira vez em Campinas (HÉSTIA).

Héstia vivenciou a docência e a assistência, uma busca pela profissionalização no contexto em que estava inserida, sendo exigido que a docência e a assistência andassem juntas. As palavras de Héstia são embaladas pelo riso e pelo choro. Pelo riso, pelo fato de rememorar a sua aventura do pouso do avião que não aconteceu e que por essa razão, não chegou ao seu destino traçado ao sair de casa e pelo choro por fazer revisitar a sua dor de precisar tomar uma decisão que envolvia mudar de cidade e de trabalho.

Cada colaborada possui um jeito único de narrar e de iniciação na docência. Vejamos o que relata Hera:

> Iniciar a docência foi fácil. Simples. Quando eu cheguei do Rio de Janeiro, eu trouxe uma encomenda da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e fui entregar na Escola de Enfermagem São Vicente de Paula, à diretora. Nesse dia a escola estava precisando de uma professora para o curso de auxiliar de enfermagem e a diretora perguntou se eu não gostaria ficar na vaga que estava precisando ser preenchida urgentemente. Era um fim de semana e no início da semana eu já comecei como professora no Curso de Auxiliar de Enfermagem. Eu estava chegando de vez na docência.

Hera, ao retornar dos seus estudos no Rio de Janeiro, adentra a docência na escola onde se formou. Podemos perceber sua identificação com a docência. Para ela, não houve dúvida quanto a aceitar o convite, e a sua permanência foi uma consequência. Já Atena, ao revisitar os caminhos que trilhou para se fazer professora-enfermeira revela que sempre quis ser docente.

> Sempre quis ser professora em casa, botava até tijolo, uma telha, garrancho para ser meu aluno [...]. Quando eu fiz vestibular para enfermagem eu já tinha feito o Curso Normal e já ensinava educação de adultos. Quando eu estava no último ano enfermagem a direção da escola criou um programa de monitoria, foi feita uma seleção e podia participar quem estava cursando último ano. Eu fiz a seleção para monitoria, e a partir daí começou minha preparação para o ensino da Enfermagem, porque eu acompanhava uma professora nas aulas em sala e também no estágio. Às vezes era um quebra-cabeça danado, porque muitas vezes o meu estágio era no mesmo horário dos alunos que eu tinha que acompanhar. Então, eu tinha que driblar a enfermeira da unidade em que eu estava. As pedia para o colega que estava na mesma unidade que tinha aluno para observar os meus alunos. Foram oito colegas aprovadas nessa monitoria, quando nós nos formamos, a

> escola que era ainda a São Vicente de Paulo, agregada a Universidade Federal do Ceará, abriu um processo seletivo para professor.

Atena iniciou a docência antes do cursar Enfermagem, porém, suas experiências nesse mister estão imbricadas na formação em Enfermagem. Vejamos o que ela revela:

> Naquela época a EESVP não tinha dinheiro, viviam de subsídio do Governo Federal, doações, eventos e de taxas que as alunas pagavam como se fossem uma mensalidade, mas essa taxa era muito baixa, era simbólica. Quem foi aprovado entrou como professor assistente da professora que era titular da disciplina, só que a professora que eu fui ser assistente passou na seleção do mestrado na Escola Ana Nery da UFRJ e eu tive que assumir a disciplina. Era uma disciplina que não era nem de cuidados de enfermagem, era de administração de serviço em enfermagem. Foi muito bacana e desafiador porque eu tinha feito a seleção para área de Enfermagem Cirúrgica, porque a minha paixão sempre foi cirurgia, e eu tinha passado para ensinar, para acompanhar a professora da área de Enfermagem Cirúrgica que era uma irmã, que faleceu há poucos dias. Mas com a professora da área de administração saiu para fazer o Mestrado, a diretora chamou e disse: Você vai ensinar Administração. Eu disse: Mas eu fiz para Enfermagem Cirúrgica. Mas eu vou botar você para ensinar Administração. E assim aconteceu a minha entrada no ensino de graduação da enfermagem, em 1974 iniciava a docência no Curso de Graduação em Enfermagem. Eu devo ser a professora do Curso de Enfermagem mais velha, mais antiga da UECE e viciada em sala de aula, mesmo em função de gestão eu não consigo largar a sala de aula, desde que me formei pela EESVP que hoje é o curso da UECE, que ingressei como professora e nunca mais parei. (ATENA).

Atena demonstrou o desejo de ser professora desde criança. Depois fez o Curso Normal e trabalhou com educação de adultos. Já no curso de Enfermagem viveu a experiência da monitoria, participou de uma seleção e assumiu uma disciplina na graduação de Enfermagem. A narrativa de Atena revela que o seu encontro com a docência aconteceu antes do ingresso na Enfermagem e suas palavras dão ideia de um envolvimento e dedicação com a docência.

Deméter, em sua narrativa, iniciou a docência no Curso de Auxiliar de Enfermagem. Vejamos o que ela diz:

> Antes de ingressar o curso de enfermagem eu já tinha feito o curso de Técnico em Contabilidade. No curso de Enfermagem não era difícil arrumar emprego, as melhores alunas às vezes conseguiam durante o estágio. Quando eu estava no segundo ano de Enfermagem na EESVP surgiu a oportunidade de ser professora no Curso de Auxiliar de Enfermagem. Então eu comecei a docência no Auxiliar e depois de

> formada fui trabalhar na graduação. E assim comecei minha carreira profissional. Eu fiz licenciatura e em 1961 eu fui fazer pós-graduação em Saúde Pública, voltei em 1962 e1963 entrei na Universidade Federal do Ceará, antes eu trabalhava na EESVP como voluntária. A Irmã Leonie pediu para eu ficar dando expediente na escola como colaboradora, eu fiquei afastada da UFC (Universidade Federal do Ceará) dando aula na EESVP. Foi assim que eu comecei a ser professora.

O relato de Deméter demonstra sua relação de afeto com as irmãs e a escola, cabendo a colaboração, bem como um percurso na docência antes mesmo de terminar a graduação. Estes são caminhos trilhados e a constituíram professora-enfermeira. Em razão do que nos revelaram as colaboradoras, compreendemos que

> Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo.(PERAZZO, 2015, p.123).

Assim, o sujeito é trazido à cena. Valorizamos sua concepção de mundo e suas subjetividades. Ocorre uma ligação com o cotidiano, a memória e as várias práticas sociais. E na “arte da escuta” pesquisador e narrador precisam construir pontes. Nem sempre é fácil, mas, sem essas pontes, não se chega a cada memória que os narradores carregam e, muitas vezes, durante a realização das entrevistas, foi preciso parar “de escutar o que eu podia extrair da narrativa e começava a ouvir a pessoa toda” (ERRANTE, 2000). Também foi nesses momentos que as narradoras revelaram sua humanidade. Assim, as cinco narradoras continuaram na docência e constituíram vivências como professoras de História da Enfermagem. Na subseção a seguir, abordamos sobre suas experiências docentes com o ensino de História e, e com base nelas, as suas concepções de História.

8.3 ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA: A EXPERIÊNCIA DOCENTE

A renovação historiográfica originária dos *Annales* ampliou a concepção de fontes e de objetos, e a narrativa histórica perdeu a linearidade. Assim, o ensino de História também passou por mudanças. Os conteúdos antes

trabalhados na perspectiva tradicional privilegiavam a História eurocêntrica, linear e cronológica, os grandes sujeitos, utilizando como estratégia o monólogo do professor, verdades absolutas trabalhadas por meio da transmissão, que passou a empregar outras linguagens com esteio na contextualização, no estudo das fontes e na problematização já discutidos no decorrer do texto. Não se trata, contudo, apenas de

> Substituir uma explicação ultrapassada, defasada, por uma melhor, mais "verdadeira", com pretensões realistas. Não é, pois, questão de substituir uma versão simplicista por uma versão mais complexa e sofisticada. Também não se trata da substituição de um material didático por outro, que renove a linguagem os as técnicas, tornando-as mais adaptadas às realidades dos alunos. Em resumo, professor, não adianta você se tornar um professor "atualizado", criativo, divertido e motivador. (CABRINI, 2005, p. 41).

A autora assevera que a mudança no ensino de História não significa apenas uma mudança na metodologia do professor, no material didático e nas relações com os alunos. É maior do que isso, pois envolve a concepção de História que o professor possui, constituída pelas lentes com as quais ele enxerga o mundo, sua concepção de homem e sociedade, seu arcabouço teórico e sua prática. A seguir a voz de Ártemis.

> Eu trabalhava e estudava. Pobre tem que trabalhar e estudar. Comecei no Hospital Pronto Socorro de Assistência Municipal. Aprendi a datilografar fazendo ofícios na EESVP, fiz ofícios para Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas. Dona Darcy Vargas tinha estudado com a Irmã Breves no Rio de Janeiro e a Irmã Breves ficava sempre batalhando pela escola, muito dedicada, arranjava tudo. Fui Secretária da EESVP, organizei muita coisa, documentos, fichas, eu fazia pagamentos, ia receber dinheiro em banco. Era de muita confiança. [...] Eu também fui professora na escola. Eu me lembro do material das aulas de Fundamentos da Enfermagem, que as irmãs conseguiam e a gente usava nas aulas. Quando eu ensinava a História da Enfermagem eu recordava as aulas que a irmã dava quando eu era aluna e tinha também um livro que era muito usado lá e eu tinha o meu quando era professora e dei não faz muito tempo. A História da Enfermagem era uma cadeira separada das outras. Eu considero muito importante, se não tiver História da Enfermagem como é que você vai conhecer a profissão que você vai fazer parte dela. A gente ensinava toda História, desde o tempo quando foi fundada a enfermagem, a história de Florence Nightingale e outras coisas também, o começo da enfermagem o que era, como foi feita, quem entrava na enfermagem quando começou. [...] Eu acho que aquele era tempo bom, porque a vida era outra. [Se emociona] não é como agora a maior dificuldade de vida. Tudo é difícil... [chora]. Naquele tempo a gente passava o dia na escola despreocupada. Se fosse preciso dormia lá... (ÁRTEMIS).

Ártemis não teve alternativa se não se emocionar ao rememorar a sua experiência docente que esteve entrelaçada com tantas funções profissionais que desempenhou e que lhe renderam tantas alegrias.

Eis um registro do Diário de Campo (2017).

> A menina protegida de Dom Antonio era alegre. Ela também deve ter dado muita alegria a ele. Não o decepcionou em nada, nem nos estudos nem na profissão. Não constituiu família e fez do seu trabalho o seu casamento. Conseguiu muito respeito e admiração de todos. E hoje, foi tanta dor que nem a proteção de Dom Antonio foi capaz de ampará-la. É muita espera pelo que deveria ser presença. Foi preciso escutar a pessoa toda para além da pesquisa, viver a “arte da escuta”. A entrevista é de fato, uma relação de confiança.

Ártemis revela que, ao se tornar professora de História da Enfermagem, se inspirou nas suas professoras para criar sua situação de ensino baseado na experiência discente.

Nos estudos de Thompson (1981), a experiência está expressa como categoria de análise a serviço da reflexão de práticas sociais. Thompson (1981, p. 16) institui íntima relação entre o pensamento e a realidade e determina que “[...] a experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento”; visto que os homens e mulheres pensam sobre o que acontece a eles e ao mundo. No entendimento do autor é por via da experiência humana que o sujeito é posto na história. E aqui nos respaldamos no conceito de experiência de Thompson, pois, na definição desse autor, a categoria experiência é indispensável ao historiador, "[...] já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento" (1981, p. 15). Isso ocorre porque pensamento e matéria estão implicados e estabelece um diálogo entre o ser social e a consciência social.

> O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem à experiência modificada; essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. (THOMPSON,1981, p.16).

Nesse sentido, as narrativas das colaboradoras por meio das entrevistas compreendem seus sucessos, fracassos, frustrações e percepções

de modo aparentemente desconexas, mas que encontram sentidos ao serem analisadas como totalidade social. Assim, apreendemos que a análise do processo histórico e da totalidade dá sentido ao que em si mesmo é percebido como um acontecimento particular. E as experiências particulares demonstram a trajetória da disciplina História da Enfermagem na formação do enfermeiro. Compreendemos, todavia, que há diversas maneiras de viver experiências, de lhes dar sentido. Nossa opção aqui se circunscreve na análise das experiências das professoras com a História da Enfermagem com base na concepção de História que elas possuem.

Ártemis nos traz uma concepção da história tradicional, linear e cronológica, fruto do seu tempo, de um período em que esse era o modelo a ser seguido. Foi o que suas professoras e o material a que teve acesso ensinaram. Sua formação ocorreu no final dos anos de1950, período em que a renovação historiográfica dos *Annales* não era difundida no Brasil. Assim, um acontecimento particular, como a experiência docente de Ártemis, está relacionado com outras ocorrências. A expressão “a gente ensinava toda História, desde o tempo quando foi fundada a enfermagem” nos dá a dimensão de linearidade, cronologia e transmissão.

Héstia relata sua experiência docente e indica que os caminhos trilhados e as escolhas realizadas definiram seu percurso na docência.

> A minha experiência em Ribeirão Preto me trouxe muitos aprendizados, na assistência, na docência e na história da enfermagem. Vivenciei o reconhecimento social da enfermagem, quando fui fazer uma compra no comércio em Ribeirão Preto e o vendedor perguntou pelos fiadores e eu disse que não tinha, depois me perguntou o nome, profissão, local de trabalho, quando disse que era enfermeira e trabalhava no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, o vendedor falou Ah! Enfermeira Padrão não precisa de fiador. Quanta felicidade! Eu fiz compras sem fiador. A enfermagem tinha um reconhecimento social. Mas sempre temos que voltar às origens. [chora]. Vivenciei a morte do meu pai quando estava em Ribeirão e tive que voltar, não ia deixar minha mãe sozinha. Deixei Ribeirão Preto, onde eu era feliz e sabia. Retornei ao Ceará e vivenciei outras experiências profissionais. Como docente na UECE tive a oportunidade se trabalhar com a história da enfermagem, vivenciamos as lacunas, os alunos chegam desinteressados. Eu não acho que a Enfermagem é menor [se emociona], mas nem todos os alunos que ingressam no curso comungam do mesmo pensamento. Então, precisamos desmistificar os estereótipos que ainda existem na Enfermagem e a História é um bom caminho para isso. A história diz muito de nós, as nossas raízes e como a enfermagem é entremeada em nosso jeito de ser na profissão. Tive a oportunidade de ensinar a história enfermagem abordando a história mundial, nacional e local,

> buscando estudar nossas origens de maneira contextualizada e que possam interessar aos alunos. É importante os alunos conheceram como o nosso curso começou. As demais professoras que também atuaram na disciplina procuram sempre fazer um ensino mais dinâmico, inserindo os alunos no processo e usando outras linguagens como música, teatro, cordel buscando despertar o interesse dos jovens. A história não deve ser positivista. Eu não acho que a Enfermagem é menor [se emociona], mas os alunos que ingressam no curso não comungam do mesmo pensamento. Então, precisamos desmistificar os estereótipos que ainda existem na Enfermagem. A história ajuda o enfermeiro a entender o papel da sua profissão na sociedade. (HÉSTIA).

Nesse dia registramos no Diário de Campo:

> Pelas expressões, gestos e palavras dão para perceber uma frustração que talvez ela esteja procurando resolver. Ela gostaria de ter feito mais pela história da enfermagem do seu curso, mas não teve forças diante das disputas de poder que envolvem o currículo. Seu choro é também por essa razão.

A experiência docente de Héstia é permeada de acontecimentos pessoais, como a morte do pai e, em decorrência deste fato, o seu retorno ao Ceará. Há um recomeço profissional e ela, como professora de História da Enfermagem, reconhece a importância dos estudantes se interessarem pelo assunto. Percebe, no entanto, que alguns estereótipos precisam ser desfeitos, pois, a Enfermagem não precisa deles. Os estudantes merecem conhecer a história da sua profissão e a nossa narradora deixa claro que esse conhecimento contribui na maneira de ser na profissão. A concepção de História para Héstia não tem nada de tradicional ou positivista. Sua experiência permitiu absorver a ideia de que a História ensinada deve ser contextualizada, problematizadora e a aula dinâmica e ativa, envolvendo a participação do estudante. Na sua narrativa, fica evidente que o ensino de História na formação acadêmica inicial possibilta que o enfermeiro entenda a inserção da sua profissão na sociedade. A narrativa de Héstia nos leva a refletir a ideia de que

> Cada pessoa, valendo-se dos elementos de sua cultura, socialmente criados e compartilhados, conta não apenas o que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Por meio dessa organização, cada narrador dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós. (KHOURY, 2001, p.84).

Assim, toda narrativa tem sua singularidade. Vejamos o que narra Hera.

> [...] Eu comecei substituindo uma colega efiquei professora a minha vida inteira. [...] Eu não fui uma grande cuidadora, mas fui uma cuidadora, disso eu tenho a minha consciência tranquila. Até porque como professora, eu acredito que a pessoa só pode aprender se eu souber fazer, então eu tinha que saber fazer o que o outro tinha que aprender. Também estive na gestão. Foram muitos embates nesses 40 anos de trabalho, quando o curso de enfermagem veio da EESVP para a UECE veio o imobiliário e os documentos, era muita coisa, especialmente, do curso de auxiliar de enfermagem que estava sendo extinto aqui naquela época, veio toda a documentação da graduação e do auxiliar de enfermagem, os diários de classe, pastas de alunos, quando eu fui procurar o documento, foi uma tristeza tão grande, estava como um montão de lixo, tudo misturado jogado numa sala, pronto para desaparecer para sempre. Você não pode imaginar o quanto fiquei zangada. [...] Tudo isso é história da enfermagem da UECE. É que muitas coisas ficaram nos bastidores. [...] Como defensora da enfermagem, ensinei História da Enfermagem, a gente ensinava história e legislação. Naquela época não tinha muito material, tinha o livro da Waleska Paixão e eu lembro que tinha um livro de um médico de Belo Horizonte, um livro tão mal feito, mas no geral não tinha muita literatura não. Nas aulas a gente percebia que a história da enfermagem é muito ligada com a religião e com a religião católica, o que era ensinado abrangia as freiras depois a Florence, São Vicente de Paula e Santa Luiza de Marilac, que começaram o trabalho na França cuidando dos pobres e doentes. Tem também São Camilo de Lelis que foi enfermeiro, por isso a Ordem dos Camilianos atua na saúde. A história é raiz, o enfermeiro precisa conhecer as origens da sua profissão, estudar a história da minha profissão sempre foi muito caro, outro dia eu fiquei feliz porque encontrei uma ex-aluna ela me reconheceu me abraçou e me contou que tinha feito um concurso para a Secretaria de Saúde na cidade de Caucaia-CE e teve história da enfermagem na prova. Ela colocou a mão na cintura e falou professora eu lembrei tanto da senhora, do que a senhora falava nas aulas, passou um filme na minha cabeça, fiz a prova e deu tudo certo. E eu pensei como é horrível você ser uma enfermeira chegar a um lugar ou ir fazer uma prova e não saber nada da história da enfermagem. Até para um debate político, para reivindicar uma melhoria da profissão a história ajuda. No meu tempo teve muitas mudanças na grade curricular, na época da ditadura militar mudou, ficou mais física, química. Eu sei que hoje muita coisa mudou também, não sei se para pior, porque não chamar a disciplina de história, acho uma inconsequência porque história não pode mudar o nome, me diga que outro nome você vai chamar, não conheço outro se não for história. Eventos? Coisas que aconteceram? Ética? Essas mudanças melhoraram alguma coisa? Agora se a disciplina mudou de nome e está atingindo os objetivos dela, não interessa o nome que ela tenha, eu posso está errada, pode ser coisas da minha época, mas o primeiro curso do Ceará, pioneiro do Nordeste devia ter mais zelo com a história. (HERA).

Após um dos encontros com Hera registramos no Diário de Campo:

> A realização de toda entrevista exige um planejamento. E com essa entrevista não foi diferente, planejamento cuidadoso e detalhado. Mas nossa colaboradora estava mais agressiva de que nos outros dias. Com o gravador e a câmara desligados conversamos um pouco e foi possível compreender que esse é o jeito de Hera olhar o mundo. Ao final da entrevista ela estava bem mais calma.

Escutar a narrativa de Hera e perceber sua concepção de História é também identificar um conflito que cercou a professora-enfermeira, ou seja, ser uma enfermeira que não se dedicou ao cuidado e assistência, cerne da Enfermagem, e ser uma professora cuja formação é a Enfermagem. “Eu não fui uma grande cuidadora, mas fui uma cuidadora, disso eu tenho a minha consciência tranquila. Até porque eu fiquei professora a minha vida inteira” - expressa esse conflito, entretanto, demonstra também que este foi apaziguado, pelo menos na sua maneira de enxergar a si mesma.

A experiência na docência e na gestão fez Hera questionar as reformulações curriculares. Ela reconhece que 40 anos de plena atividade envolveram alguns embates e estes, de algum modo, deixaram marcas. Narra os bastidores da História da Enfermagem da UECE, consoante ela se refere, abordando a falta de preservação dos documentos originários da criação do curso. Somam-se a isso sua crítica às mudanças de nome da disciplina História da Enfermagem e se esta atende os objetivos propostos. Como vimos na seção anterior, o formato da disciplina que se ocupa da História aborda outras dimensões que, embora relevantes, suprimem a História da Enfermagem do currículo.

Hera lembra-se de que a História ensinada no seu tempo de docente responsável pela disciplina, contemplava a legislação. Reconhece a escassez de material, o uso do livro da Waleska Paixão e defende o argumento de que a História da Enfermagem ajuda no entendimento da profissão, numa concepção de História que não fique presa ao passado, mas que o passado ajude no presente e ilumine o futuro. A narrativa de Hera questiona se as mudanças curriculares realizadas na trajetória do curso contribuíram para sua melhoria e assevera que há pouco zelo com a História da Enfermagem no âmbito do currículo.

No trabalho de história oral com as professoras-enfermeiras, ficou evidente a importância de estabelecer o respeito mútuo e a confiança com as

narradoras. Foi preciso mais tempo para que Atena pudesse conversar conosco, e isso teve um significado relevante para nós. Ela, porém, nos ensinou muita coisa, mas o maior aprendizado ocorreu no processo que antecedeu a realização da entrevista. A percepção de algumas disputas de poder na academia que gravitam ao redor do currículo, de projetos, concepções e, sobretudo, de grupos.

No Diário de Campo registramos:

> A universidade é o lugar do diverso. É essa diversidade que faz a riqueza, que traz tantos benefícios para a ciência, a pesquisa, a sociedade. Os embates são parte do caminho. Existem boas lutas para se escolher na vida. Mas quantos adoecimentos também são gerados na vida das pessoas frutos desses processos às vezes, tão desumanos.

A narrativa de Atena tem em sua composição aspectos importantes em relação à própria percepção a respeito da profissão, do currículo e da história, abrindo possibilidades para adentrarmos diversos assuntos.

> [...] Professora na graduação e na pós-graduação e também ensinei história da enfermagem no auxiliar de enfermagem. Ao longo do curso de enfermagem tiveram algumas modificações no currículo, essas modificações ocorreram em decorrência das mudanças proposta pelo MEC, das resoluções que nortearam o currículo e foram fazendo vários ajustes na matriz curricular. Como por exemplo, metodologia do trabalho científico que passou a ser uma disciplina obrigatória, nasceu de uma experiência que eu desenvolvia com os alunos da disciplina Administração em Enfermagem que eu herdei lá atrás. Os alunos se iniciavam na escrita de um projeto, coletavam os dados, escreviam o relatório e apresentavam os resultados, tivemos até prêmio na Semana Universitária com a produção deles. Nessas mudanças, já teve Exercícios de Enfermagem que era a disciplina que trazia os conteúdos de História, hoje tem alguma coisa em Ética, mas não sei, faz tempo que não olho para essas questões do currículo. Agora, a disciplina 'A universidade, o curso e a profissão' traz um pouco de História que os alunos possam compreender de onde e como surgiu a profissão que eles escolheram para cursar na universidade e para falar da universidade você precisa saber como ela se formou.

Atena relatou as mudanças que provocaram as alterações no currículo. Confirma que a História, anteriormente, era trabalhada na disciplina Exercício de Enfermagem e que a disciplina A Universidade, o Curso e a Profissão traz um pouco a História da Enfermagem, pois trata de outras dimensões, de outras temáticas, sendo, possível constatar que a História é trabalhada de modo breve, porque ocupa pouco espaço no currículo prescrito. Prosseguindo sua narrativa, conta como a disciplina está organizada.

> No entanto, são 34 horas para tratar de três dimensões grandes e você não pode falar sobre a formação da universidade, como ela funciona, o que o aluno pode desfrutar, que direitos ele tem como aluno sem também falar sobre os deveres. [...]. No tocante a profissão tem uma dimensão da profissão, que não é só história, você tem as entidades de classe. E é preciso dá um destaque, até porque você não é enfermeiro se você não tiver inscrição no COREN, você só é bacharel, como na área de Direito, por exemplo. Você só é advogado se você tiver a inscrição da OAB, você só é enfermeiro se tiver número de registro no COREN do estado onde desenvolve suas atividades profissionais. Da profissão, você tem que falar das nossas entidades associativas e o que cada uma faz a Associação Brasileira de Enfermagem? O que o COREN faz? Quais são as obrigações dela com os enfermeiros que são associados? Quais são as obrigações dos enfermeiros para o COREN e do COREN para os enfermeiros? Quais são as obrigações dos sindicatos? O enfermeiro em relação ao sindicato e o sindicato em relação ao enfermeiro? Então, tudo isso é dito quando se fala em profissão tem história, quase cinquenta anos para se ter um conselho de enfermagem, o primeiro sindicato é no começo da década de setenta, do século passado, dois sindicatos, no Rio Grande do Sul. E a ABEN que é uma entidade de noventa anos, foi a que deu sustentação e está lá, até hoje batalhando pela enfermagem. Hoje ela tem um rumo mais científico-cultural com a realização de eventos nacionais. [...] Então, quando você fala na universidade você fala um pouquinho, na profissão indica textos para eles lerem, a gente sempre traz um livro que fale da profissão, nesse ano a gente vai ler um livro que fala da professora Wanda Horta que é uma paraense que se formou na USP. Em geral os alunos se empolgam com os conteúdos que são discutidos na disciplina, fazem perguntas, mas nem todos, até porque você faz um levantamento no primeiro dia de aula, você tem mais ou menos 35% de alunos que não têm certeza se quer ficar no curso. Na disciplina a primeira nota eu peço uma síntese do livro recomendado para o semestre e na segunda nota é uma arte com sobre o tema ser enfermeiro, já foi paródia, cordel, pintura, teatro. Tiveram umas pinturas que foram para uma exposição no Hall da Universidade para as pessoas apreciarem as pinturas dos alunos.

A narrativa de Atena confirma as evidências apontadas nas matrizes curriculares e na observação em sala de aula, de que a disciplina se ocupa de temáticas pertinentes à formação do profissional de Enfermagem e a História se insere na matriz curricular de modo sutil. Também revela os desafios vivenciados para trabalhar a História da Enfermagem, utilizando outras linguagens.

> Agora momento lamentação, depois de um esforço danado para motivar o aluno para fazer as coisas, eles fizeram seis quadros, desses seis quadros, quatro eram obras muito boas, levamos para o curso e mandaram tirar essas “porcarias”, um foi para a secretaria do curso e outros para minha casa. [...] Contudo, eu acho **que a história deveria está no currículo de uma maneira mais atraente**, mas se tivesse uma disciplina história da enfermagem e não fosse obrigatória não teria aluno matriculado, porque história na cabeça de muita gente é uma coisa chata de estudar, **há uma tendência da história da enfermagem ficar na época da paixão**. Se eu falar somente da Florence, da Ana Néri, sem trabalhar os influenciadores da

> enfermagem da atualidade, o que estão fazendo e contribuindo com a enfermagem, se isso não for trabalhado, você pergunta para um aluno de graduação do último semestre quem é uma enfermeira de projeção nacional que você já ouviu falar e que ela faz para enfermagem crescer, o aluno não vai ter nada para te dizer, talvez fique reduzido aqui no Ceará, mencione o nome da Florence. Também olhar para o passado, o período da Segunda Guerra Mundial, compreender a participação das enfermeiras brasileiras. É o que eu sempre falo para os meus alunos, respeito depende de competência. Se você não tem competência no que você faz, ninguém te respeita você entrega o seu cabelo para qualquer pessoa fazer tratamento seja umas luzes, seja uma escova, seja o que for você só entrega se você confiar no trabalho dela.

Atena analisa a História da Enfermagem no currículo, apontando a necessidade de trabalhá-la de modo significativo para os estudantes. É importante ressaltar que, na disciplina História da Enfermagem, o estudante é o sujeito do momento; ele faz a História. Assim, a História amplia o capital cultural do estudante, transforma a pessoa num cidadão de nível superior. Para tanto, depende também da sensibilidade do professor que ministra a disciplina e do seu capital cultural. Ao fim de sua narrativa, Atena relata as dispustas que envolve o currículo do curso.

> Na minha experiência no curso, ocorreram algumas mudanças no currículo, em algumas eu fui contra, mas quando eu sou contra é logo vencido, os professores começaram a quebrar as disciplinas, por exemplo: tem uma disciplina, que envolvia a criança e o adolescente, uma carga horária razoável, mas como tinha docente que estuda adolescente defendeu: "eu não quero continuar com essa disciplina junta, tem que separar minha disciplina vai ser só sobre adolescentes". A disciplina referente a Saúde do adulto que engloba clínica médica, clínica cirúrgica, doenças transmissíveis, o docente que estuda doenças transmissíveis se posicionou "eu quero uma disciplina só de doenças transmissíveis", assim, vão fatiando as disciplinas, distribuindo as cargas horárias. Se o professor tive força no colegiado ele consegue o que ele quer. Na mudança da última matriz eu participei do NDE (Núcleo Docente Estruturante) houve participação do colegiado, reuniões e todos puderam se posicionar, em algumas coisas eu dei minha opinião, mas, não quis dar a minha opinião sobre o que eu não sei. É um espaço de disputa, quem gritar mais faz o que, ou seja, inclui o que deseja, por exemplo, quando eu defendi a disciplina de metodologia da pesquisa fizesse parte do bloco de disciplinas obrigatórias, eu não estava reivindicando uma coisa que já existia dentro de outro conteúdo, não existia. E a história quem poderia brigar por ela não brigou e eu não quis mais me desgastar com essas disputas. Eu entendo que um enfermeiro que não conhece a história, não compreende suas raízes, de onde veio, para onde vai e porestá assim no presente. Saber da importância social da profissão, porque ainda hoje há aquela ideia de que o médico é o chefe do enfermeiro, eu disse para médico que queria convocar reunião da enfermagem, o senhor não convoca reunião de enfermagem, se quer uma reunião com a enfermagem é só dizer pra mim, "olha eu estou querendo uma pauta da reunião com o pessoal da enfermagem", que eu coloco você vai ter

> o tempo que precisa, agora você convocar, não meu bem, porque eu nunca convoquei os seus colegas, quero nem saber!

Narrando sua experiência docente, ela nos leva a pensar que, independentemente de cursar Enfermagem, Atena já queria ser professora. Sua atuação profissional é marcada pela docência em todos os níveis de ensino. Aluna e depois professora da EESVP, aponta suas vivências como professora de História da Enfermagem e as modificações no currículo do curso.

De modo preciso, a colaboradora registra com exemplos da prática as disputas de poder no tocante ao currículo, o que corrobora as posições apontadas pelos teóricos que fundamentaram as nossas discussões sobre currículo. E aqui lembramos que Foucault (2008) define conhecimento como o resultado das relações de poder nos diversos segmentos da sociedade, que contribuem para o seu constructo. Os conhecimentos componentes dos currículos escolares são frutos de discursos e permitidos pelos segmentos sociais que os autorizam. Assim sendo, podemos apreender como os saberes são arbitrários e submetidos a transformações no decorrer do tempo histórico, recebendo influência dos diversos segmentos da sociedade. Atena demonstra que a constituição curricular conforma fronteiras estabelecidas tanto para demarcar uma finitude aos conteúdos curriculares quanto para definir o que é e o que não é conteúdo curricular.

Como pode ser observado no relato de Atena, há um entendimento de que o respeito do profissional de Enfermagem é uma conquista fruto do conhecimento, da competência e do compromisso, e que a submissão decorre do desconhecimento, sendo necessário, portanto, que os estudantes recebam uma formação qualificada, capaz de prepará-los para a profissão e as relações com os demais profissionais da área da saúde. No seu relato, há evidências de desvalorização da história no curso, como o fato de ninguém ter lutado pela história no currículo, os trabalhos produzidos pelos alunos que não puderam ser expostos no *hall* do curso e o fato de ter professor defendendo outras temáticas importantes para o curso, enquanto a História não teve nenhuma voz em sua defesa, ficando subentendido como algo de menor valor. Reconhece que a História deveria estar no currículo de modo mais atraente e que, no entendimento de muita gente, é chato estudar História. Nesse sentido, é importante observar que

> É nesse campo que um professor de História da Enfermagem pode fazer a grande diferença, ajudando, com entusiasmo e vibração, a transmitir o conteúdo da profissão relativo ao passado, à dinâmica de fazer o aluno ingressante participar e viver a situação presente e, principalmente, pensar na construção de um futuro desejável. (OGUISSO; CAMPOS, 2013, p. 49).

Assim, o professor pode contribuir para que a História ensinada faça sentido para os estudantes e que esta contribua na constituição da sua identidade profissional.

As informações de Atena sobre a disciplina A enfermagem, o Curso e a Profissão', corrobora as observações das aulas que realizamos durante um semestre. São três dimensões trabalhadas em 34 horas e a História é abordada de modo breve, pois, "traz um pouco de História que os alunos possam compreender de onde e como surgiu a profissão que eles escolheram para cursar", como registrou Atena. A colaboradora descreve os conteúdos trabalhados nas dimensões da disciplina, apontando que acerca ofício são discutidas as entidades associativas, ao passo que, no tocante a Universidade, há a necessidade de abordar como esta constituiu os direitos e deveres dos estudantes. A seu turno, na dimensão do curso, envolve a história de sua origem. Atenas compreende que a História não deve estar presa ao passado. Defende uma história contextualizada que dialogue com o presente. Reconhece que a História é um aspecto relevante na formação do enfermeiro, porém, na disciplina, pouco tempo é dedicado a ela e que esta não deve ficar presa ao passado, mas dialogar com o presente.

No tocante à carga horária da disciplina, "[...] a força da influência de disciplinas como História da Enfermagem na formação profissional não pode ser medida apenas pela carga horária de seu conteúdo" (OGUISSO; CAMPOS, 2013, p. 50), contudo, defendemos o argumento de que pode passar despercebida quando trabalhada de modo breve junto com outras temáticas e que não façam nenhum apelo aos estudantes. Sendo assim, Silva Júnior (2016) observou que "[...] a renovação da História e sua interlocução com as demais Ciências Sociais, pretendidas pela História Nova foram enunciadas para a História da Enfermagem". Assim, o ensino de História da Enfermagem pode ser trabalhado com os estudantes de graduação de maneira que enseje algum

significado para sua formação, pois “[...] a História da Enfermagem é um terreno altamente fecundo para a ampliação do capital cultural de estudantes de graduação e uma forma de iniciá-los na pesquisa e no compromisso com os valores da profissão, desde os primeiros períodos.” (ALVES; SILVA JÚNIOR, 2006, p. 185). Portanto, configura-se relevante discutir sua inserção no currículo. As palavras do autor são animadoras e situam o ensino de História da Enfermagem como algo relevante na formação inicial do enfermeiro.

Escutar a narrativa das colaboradoras é conhecer os percursos da disciplina História da Enfermagem do curso em que foram alunas e professoras; é perceber o entrelaçamento com as fontes escritas, que evidenciaram o percurso da disciplina, na perspectiva de que

> [...] a história possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o inventam. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 29).

Desse modo, há um diálogo entre o pesquisador e as fontes escolhidas. A triangulação dos dados recolhidos das fontes utilizadas no nosso estudo se completou para atender o objetivo desta tese. Toda fonte é, contudo, uma constituição permanente e tem em si possibilidades de leituras diversas, e a história oral “[...] não termina quando o gravador é desligado, quando o documento é depositado, quando o livro é escrito; ela começa a viver naquele dia” (PORTELLI, 2016. p. 43). Nosso diálogo com as fontes escolhidas constituíram a tessitura científica acerca do objeto estudado. A Figura 23 demonstra as fontes com as quais dialogamos para responder aos objetivos da pesquisa.

Figura 23- Representação gráfica dos caminhos delineados para desvelar o objeto da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, como *os gritos de galos* em uma sintonia não planejada tecem a manhã e o poeta tece o poema, desvelamos o objeto, para o propósito desta tese, surgindo a tessitura cientifica. Deixamos entrar os *fios de sol.*

9 CONCLUSÃO: LUZ BALÃO

A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido,
se eleva por si: luz balão.
(Poema *Tecendo a Manhã*- João Cabral de Melo Neto)

Na cena poética de João Cabral de Melo Neto a imagem é completada com a manhã tecida, o verso é escrito, está exposto o movimento do nascer ao clarear do dia. Assim, a nossa caminhada no doutorado possibilitou cursar disciplinas, fazer leituras, participar de grupo de pesquisa, da constituição do NUDIHMEn, desenvolver a pesquisa, aprender. O percurso se completa, surge a tessitura científica desse percurso. São os fios de sol que completam a cena descrita pelo Poeta, - metáfora que seguimos em toda a narração do texto, explicitada no capítulo introdutório deste estudo, quando mencionamos a escolha do objeto de pesquisa, sua relevância, objetivos e o nosso encontro com o tema.

A orientação desta pesquisa nos guiou pelos melhores caminhos, acompanhou nossas escolhas e foi presença indispensável para o delineamento da investigação que ora completa a cena do *toldo de um tecido.* Nessa tessitura sentimos angústia pelas dificuldades e receio no que diz respeito ao fim da investigação ora pressionada pelo tempo e em outras circunstâncias pela responsabilidade de realizarmos uma pesquisa pela qual objetivamos analisar a trajetória do ensino de História da Enfermagem no curso de formação desse profissional na UECE, desde a sua origem na Escola de EESVP, considerando a importância da História no ententimento de inserção dessa profissão na sociedade.

Na pesquisa, adotamos uma posição multirreferencial como suporte teórico-filosófico. Apoiamo-nos na compreensão da História dos *Annales,* no entendimento de que, como movimento de renovação historiográfica, ressignificou os modos de ensinar a História e apoiada numa fundamentação de currículo, uma vez que acompanhamos a trajetória da disciplina História da Enfermagem desde a origem do curso (1943) até agora (2018), assumimos para o nosso diálogo o currículo prescrito.

Com base no método histórico, recorremos às fontes documentais escritas e orais. Assim, utilizamos documentos oficiais, institucionais e privados. Na história oral utilizamos 12 entrevistas do banco do NUDIHMEn e também entraram em cena cinco colaboradoras, denominadas de deusas gregas - Ártemis, Héstia, Hera, Atena e Deméter - que nos concederam voz para narrar as vivências,concepções e experiências das professoras enfermeiras com o ensino de História da Enfermagem na formação inicial acadêmica, com vistas ao entendimento da História na inserção dessa profissão na sociedade.

E no universo complexo da pesquisa, repleto de pluralidade e contradições, bem como nos movimentos de idas e vindas, fomos tecendo os dados da pesquisa que também nos levaram à observação em sala de aula.

Acreditamos que a discussão no texto sobre o percurso teórico-metodológico, os fluxos dos dados, tenham evidenciado o caminho trilhado por nós para atingir os resultados do estudo, na intenção de que sirvam de norte para outros pesquisadores na definição ou redefinição dos caminhos de uma investigação.

A articulação do curso de Enfermagem com a realidade social, a concepção de profissional que se adota, a constituição dos processos de decisões em torno do currículo, o estabelecimento e/ou ausência de relações dos docentes com a História da Enfermagem na pós-graduação *stricto sensu* incide na História ensinada na formação inicial acadêmica e o seu lugar no currículo. Isto porque o ensino de História no curso possui natureza social, isto é, originada nas concepções de História das professoras adquiridas nas experiências como discentes e no exercício da docência.

Os dados evidenciaram que as mudanças curriculares identificadas na trajetória do Curso de Enfermagem/UECE se deram vinculadas ao contexto em que estiveram inseridas, no Brasil, na região Nordeste ou mesmo do Ceará, sob influência sucedida do panorama político, econômico, social e cultural, como atuação das congregações religiosas, papel da mulher na sociedade, contexto de secas e epidemias, ditadura à democracia, crise e abertura econômica, neoliberalismo e globalização, reformas, movimento popular, mudança cultural e demandas da população na área da educação e da saúde. Essas mudanças também puderam ser constatadas na legislação, que incidiu na constituição da

profissão do enfermeiro no Brasil, bem como na atuação da ABEN em prol dessa profissão.

Esta pesquisa destacou dimensões importantes para os estudos acerca do ensino de História da Enfermagem. Nela podemos revelar a trajetória do ensino dessa disciplina na graduação, mostrando os caminhos trilhados e que lugar ocupa no currículo prescrito, na formação do enfermeiro, bem como no currículo praticado.

Os estudos sobre o ensino de História da Enfermagem revelados no EQ foram evidenciados na segunda seção, desde as bases de dados e periódicos escolhidos para compor o EQ; e foi gerado conhecimento acerca das pesquisas na área do ensino de História, apontando a ausência de investigações sobre este na graduação de Enferamgem, sobretudo, da trajetória dessa disciplina no currículo, viés que adotamos no nosso estudo.

Concernente ao objetivo específico de mapear a inserção do ensino de História da Enfermagem nas matrizes curriculares da graduação desde a sua origem, na EESVP até a atual proposta curricular vivenciada pelo curso na UECE, a investigação cumpriu adequadamente seu propósito e verificou, por meio da análise das 12 matrizes produzidas pelo curso na sua trajetória mediante o contexto de cada época e a legislação que as balizaram, bem como dos programas de ensino da disciplina e dos conteúdos trabalhados, como esta disciplina se inseriu em cada matriz curricular. Os resultados indicam que o curso, nas suas duas primeiras fases, como escola isolada (1943-1955) e escola agregada à UFC (1956-1975) teve na matriz curricular uma disciplina específica de História da Enfermagem e na sua terceira fase como curso anexado a UECE, na elaboração da primeira matriz (1979) do curso nessa condição, a História da Enfermagem passou a ser trabalhada como temática diluída em outra disciplina. Esses resultados sinalizam as mudanças na legislação, do contexto socioeconômico que demandou um perfil de profissional para cada temporalidade. É mais do que isso, entretanto, pois envolve as disputas de poder em torno do currículo, seja ele exercido na micro ou macroesfera, o que, muitas vezes, são conflitos necessários, fruto da tensão que envolve os sujeitos e suas identidades. Ocorre que, nem sempre, essas forças são equilibradas, provocando inclusões e exclusões no/do currículo que em disputa sempre suscita mudanças e uma contextualização.

Comparando, porém, como a disciplina está posta no currículo nos cursos de Enfermagem das IES cearenses, que seguem as mesmas DCNs (2001), a existência de uma disciplina específica de História da Enfermagem está bem mais presente, demarcando um espaço no currículo prescrito em relação ao curso investigado. Constata-se, nesse sentido, a ausência do curso de Enfermagem da UECE, de uma disciplina no currículo prescrito que contemple a História da Enfermagem de modo mais evidente, mesmo o curso com sua origem assentada na primeira escola de Enfermagem do Ceará e possuindo uma carga de historicidade, esse aspecto não teve relevância com a manutenção da disciplina na graduação. É a UECE abrindo mão do seu protagonismo na História da Enfermagem.

Apesar de consideramos o contexto em que as mudanças curriculares ocorreram e demandou um perfil de enfermeiro, e que esta formação se volte, essencialmente, para o cuidado, a ausência de uma maior atuação da História no currículo, coaduna-se com ao referencial teórico, na perspectiva de que o currículo pode ser compreendido como uma seleção reguladora dos conteúdos que serão ensinados e aprendidos (SACRISTÁN, 2013). Assim, alguns conteúdos terão maior espaço no currículo em detrimento de outros.

No que concerne aos achados da pesquisa, também foi possível constatar que, desde que a disciplina História da Enfermagem foi ministrada, no início do curso em 1943, pela Irmã Maria José Santos, com carga horária de 15 horas, teve flutuação de carga horária como disciplina específica de 15, 16, 20 e 30 horas. A História, como temática inserida em uma disciplina, também teve variações na carga horária e na denominação da disciplina. ‘Exercícios de Enfermagem e/ou Processos Históricos e Exercícios de Enfermagem’ 60h; Integração do Estudante ao Curso e a Profissão 34h; A Enfermagem, o Curso e a Profissão’ 34h; A carga horária dedicada a História inserida como temática nessas disciplinas, contudo, não ultrapassou 12 horas em Exercicios de Enfermagem e, nas demais disciplinas, oito horas, considerando o material de aula analisado e a observação em sala de aula, respectivamente.

Quanto ao objetivo de Verificar como os conteúdos da História da Enfermagem se inserem na matriz curricular atual em vigência, evidenciando o lugar da História na formação do Enfermeiro do curso de Enfermagem da UECE**,** observando as aulas durante um semestre e comparando as temáticas

trabalhadas, a sequência em que os conteúdos foram abordados na disciplina, constatamos que os conteúdos de História estão diluídos com outros temas, que, embora relevantes, deixam pouco tempo para que a História seja, de fato, contemplada.

Na disciplina observada, A enfermagem, o curso e a profissão, foram trabalhados conteúdos relevantes e atualizados, mas não fica evidente se os conteúdos de História trabalhados de modo breve e introdutório farão algum apelo aos estudantes para buscarem conhecer a História da sua futura profissão e, assim, entender também a inserção desta na sociedade. O lugar é tênue e o que é ainda mais preocupante é que esta tenuidade se encontra na dependência de posições subjetivas advindas dos professores que respondem pela disciplina para contemplar os conteúdos de História no seu planejamento e/ou articular com as demais temáticas trabalhadas.

Relacionando a análise documental com este objetivo, notamos que a História perdeu espaço no currículo. Ainda que a formação do enfermeiro tenha como foco a assistência e o cuidado, o desaparecimento da palavra História do nome da disciplina e a redução dos conteúdos fazem com que os estudantes se distanciem das raízes históricas de sua profissão. A História na disciplina observada está presente e distante, chega e vai embora, se aproxima dos estudantes e se distancia. Esse movimento ocorre pelo espaço demarcado no currículo prescrito, ou seja, a História está inserida entre outras temáticas que embora próximas, não se articulam.

Assim, embora a História tenha perdindo espaço no currículo, qual o perfil do egresso e qual a importância da História para o curso? O Projeto Pedagógico do Curso aponta um enfermeiro bacharel,

> [...] com formação generalista, critica e refelexiva, capaz de avaliar o homem no processo saúde-doença, considerando o perfil epidemológico nacional com enfoque na região de atuação, considerando as dimenções biopsicossociais e seus determinantes; identificando os fenômenos de enfermagem, intervindo e avaliando os resultados alcaçados, com autonomia e competência política.
> (PPC, 2004, p.18).

Se o perfil do egresso almeja um profissional crítico-reflexivo, autônomo e com a necessária competência política, a História é relevante para a formação. Assim, a disciplina História da Enfermagem é um convite aberto para que a pessoa constitua o seu sentimento de identidade, como ser temporal.

Por meio das narrativas das colaboradoras, chegamos à discussão do último objetivo específico ao qual nos propusemos responder nesta investigação, isto é, identificar as experiências e as concepções dos professores acerca da História da Enfermagem para a formação dos futuros profissionais e a inserção dessa profissão na sociedade.

As narrativas das cinco colaboradoras revelam que as experiências que tiveram com o ensino de História da Enfermagem permearam a perspectiva positivista, demarcando seus universos de estudantes, formadas em um contexto anterior á propagação das ideias dos *Annales* no Brasil. Estavam inseridas numa concepção de História, tradicional, cronológica, linear, com foco nas datas e nos heróis. Posteriormente, as experiências vividas por elas foram ressiginificadas, deixaram marcas, formaram e as transformaram em professoras de História da Enfermagem e que desenvolveram suas concepções de História. Na narrativa dessas professoras restou clara a importância que atribuem ao ensino de História na formação acadêmica inicial do enfermeiro, ou seja, a compreensão das raízes históricas para o entendimento da inserção da profissão na sociedade. Assim, os significados que elas atribuem ao ensino de História na formação do enfermeiro incluem, também, o desafio de um lugar para a História no currículo prescrito, comungando com as ideias discutidas no referencial teórico desta tese sobre o currículo, envolvendo relações de saber/poder definindo os espaços dos componentes curriculares. Assim, depreendemos nas falas das narradoras que a História é essencial na formação do enfermeiro, porém, na reformulação da matriz curricular (2005.1), ainda em vigência (2018), não houve voz para defender a inserção da História da Enfermagem no currículo, de modo que esta tivesse mais visibilidade e, portanto, um lugar.

De tal intento, queremos destacar o fato de que, por meio das cinco colaboradoras da pesquisa, foi possível compreender que a História da Enfermagem é relevante na formação do enfermeiro, confirmando a tese de que o ensino de História da Enfermagem na formação acadêmica inicial do enfermeiro contribui [substancialmente] no entendimento de inserção dessa profissão na sociedade.

A compreensão dos agentes do curso também indica que a História é importante para o profissional de Enfermagem, atuante na sociedade como

cidadão e profissional. Tal entendimento está demarcado no PPC pela concepção de sociedade, que a prevê como digna, justa e democrática; e de homem sujeito de transformação e "[...] também na sua historicidade, como ser socialmente determinado". (P. 23). São concepções filosóficas que orientam a opção pedagógica e política para a formação do enfermeiro da UECE. Nelas está evidente o fato que o colegiado e o corpo docente do curso entendem a relevância da História.

Acreditamos na importância de registrarmos algumas dificuldades vivenciadas no decorrer da pesquisa, pois entendemos que podem servir de alerta para outros pesquisadores quando de uma provável investigação. Os desafios encontrados estão expressos na sequência.

- Falta de documentos do Curso de Enfermagem da UECE, pois foram extraviados de acordo com as informações fornecidas pelo coordenador do Arquivo da PROGRAD. Constatamos que a instituição, infelizmente, não disseminava uma política de guarda e manutenção do acervo documental. Inclusive, documentos mais recentes, da fase do curso já anexado à UECE, não foram localizados.
- Limitações de algumas colaboradoras da pesquisa advindas da idade e dos problemas de saúde, o que demandou mais tempo para a realização das entrevistas e maior cuidado com a condução da história oral.
- Dificuldade de adentrar o universo da sala de aula para o início da observação.
- Não familiarização com a História da Enfermagem, configurando-se em descobertas e aproximações diárias.
- Recorte temporal amplo que, embora tenha possibilitado analisar a trajetória da disciplina no curso, dificultou o aprofundamento do contexto investigado.

No decorrer da investigação fomos, paulatinamente, entendendo que os desafios fazem parte do universo do pesquisador e que, para cumprir seu desiderato, é preciso traçar caminhos, fazer escolhas e aprender a lidar, sobretudo, com a gestão do tempo.

Analisando a inserção do ensino de História no currículo, os conteúdos trabalhados, as experiências e as concepções de História das professoras, à luz das bases de análises que delineiaram o estudo, comprovamos que o lugar da História na formação do enfermeiro do curso de Enfermagem da UECE é tênue, considerando seu significado e importância para a formação do profissional enfermeiro e a inserção deste mister profissional na sociedade.

As conclusões desta tese, em realidade, também apontam para a necessidade de novos estudos com suporte nas muitas pistas lançadas pelos achados.

Chegando ao final desta tessitura científica, seguem algumas sugestões que não entendemos como singulares e verdadeiras, mas que podem apontar caminhos.

- Estudos futuros que se voltem à temática em foco e que tragam para o cerne da investigação os estudantes que já cursaram a disciplina.
- Adotar medidas organizacionais articuladas com a Secretaria do curso para a guarda dos documentos produzidos na atualidade para que possam subsidiar pesquisas futuras.
- Reestruturar o PPC do curso, de modo a contemplar os conteúdos de História da Enfermagem, com visibilidade e lugar no currículo prescrito.

- Promover a articulação dos professores do Curso de Enfermagem com o NUDIHMEn, de modo que possibilitem aos estudantes da graduação a interação com a História da Enfermagem por meio das fontes e do próprio Museu.

Portanto, outras pesquisas podem ser desenvolvidas e outros caminhos trilhados, porém, *a manhã é tecida, os raios de sol surgem.* O Poeta tece o texto, a tessitura científica se completa. “*Luz balão*”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Paula Costa Alves; Silva Júnior, Osnir Claudiano da. Páginas de história da enfermagem: o jubileu de ouro de uma obra (1951-2001). **Esc Anna Nery. Revista Enfermagem**, v. 10, n. 2, p. 181-6, 2006.

ALVES, Valéria Aparecida. Contracultura e Resistência no Brasil Autoritário dos anos 70. In:SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, 2017. Brasília, **Anais...**Brasília: [s.n.],2017.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Edusc, 2007.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres no cotidiano: educação e regras de civilidade (1920/1950). **Dimensões,** v. 33, p. 336-359,2014.

ARAÚJO, Aline Corrêa de; SANNA, Maria Cristina. Ciências Humanas e Sociais na formação das primeiras enfermeiras cariocas e paulistanas. **Rev Bras Enferm,** Brasília,v. 64, n. 6, p. 1106-13, 2011.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARDOINO, Jacques. Nota a propósito das relações entre a abordagem multirreferencial e a análise institucional: (História ou histórias?). In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Reflexões em torno de uma abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

APPLE, M. W. **Ideology and curriculum**. Boston: Routledge and Kegan Paul, 1979.

APPADURAI, Arjun. **La modernidad desbordada**: Dimensiones culturales de la globalización. Buenos Aires: FCE, 2001.

ALCÂNTARA G. **A Enfermagem moderna como categoria profissional:** obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira. 1963. 145f. Tese (Doutorado em Enfermagem) Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1963.

ARAÚJO, Aline Corrêa de; LIMA, Raquel Josefina de Oliveira; SANNA, Maria Cristina. Programa educativo de escolas de enfermagem e o currículo da escola de enfermeiras do hospital São Paulo.**Hist. Enf. Rev. Eletr (Here**),v. 4 n. 2, 2013.

ALCÂNTARA, Glete. 1966. O ensino da ética e da história da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem,** v. 19, n. 4, p. 393-402.

BRAVO, Maria Inês Souza. Política de saúde no Brasil. **Serviço Social e Saúde**: Formação e Trabalho Profissional. 2001. Disponivel em: <http://www.fnepas.org.br/pdf/servico_social_saude/texto1-5.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da super modernidade. Campinas: [s.n.], Papirus,1994.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Historiografia, processo ensino-aprendizagem e ensino de história. **Revista Metáfora Educacional versão on-line**, n. 9, dez. 2010.

BARBOSA, J.G. Uma escola multirreferencial: a difícil arte de se autorizar, o pensamento plural de Jacques Ardoino e a educação. In: MACEDO, R. S.; BARBOSA, J. G.; BORBA, S. **Jacques Ardoino e a educação** (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BARREIRA, Ieda de Alencar; BAPTISTA Suely de Souza. O movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa em História da Enfermagem. **Rev. Bras. Enferm,** Brasília, v. 56, n. 6, p. 702-706, 2003.

BARROS, Aparecida de; CYRILLO, Cláudia Cristina Pereira. A dramatização como recurso no processo ensino-aprendizagem na disciplina de História da Enfermagem. **Cogitare Enferm**., v. 11, n. 1, p. 44-49, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERRY, Karhlenn S. Estruturas da bricolagem e da complexidade. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em Educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre:Artmed, 2007.

BOFF, L. **Saber Cuidar:** ética do humano - compaixão pela Terra. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

BORBA, Sérgio da Costa. Aspectos do conceito de multirreferencialidade nas ciências e nos espaços de formação. In: BARBOSA, Joaquim (Org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFScar, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **La Reproduction:** éléments pour une théorie du systèmed'enseignement. Paris: Minuit, 1970.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 21.855**. Concede equiparação à Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. Brasília, 26 de setembro de 1946.

_____. Ministério da Educação. **Decreto nº 20.109**. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa, as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. Brasília, 15 de junho de 1931.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº 775**. Dispõe sobre ensino de enfermagem no País e dá outras providências. Brasília, 06 de agosto de 1949.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto 27.426/49.** Aprova o Regulamento básico para os cursos de enfermagem e de auxiliar de enfermagem**.** Brasília, 14 de novembro de 1949.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº 7.498**. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e dá outras providências. Brasília, 25 de junho de 1986.

_____. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES nº 03/2001.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. 07 de novembro de 2001.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1961.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.721, de 15 de dezembro de 1994**. Fixa os mínimos de conteúdo e duração do curso de graduação em Enfermagem. Brasília, DF: 15 de dezembro de 1994.

_____. Ministério da Educação. **Decreto nº 5.800**, **de 8 de junho de 2006**. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB. Brasília, DF: 8 de junho de 2006.

_____. Ministério da Educação**. Decreto nº 9.057**, **de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 25 de maio de 2017.

_____. Ministério da Educação **Portaria nº 1.134**, **de 10 de outubro de 2016.** Revoga a Portaria MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, e estabelece nova redação para o tema. Brasília, DF: 10 de outubro de 2016.

_____. **Decreto nº 791/1890**. Cria no Hospício Nacional de Alienados uma Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. Brasília, 27 de setembro de 1890.

_____. **Decreto nº 508/1890**. Approva o regulamento para a Assistencia Medico-Legal de Alienados. Brasília, 21 de junho de 1890.

_____. **Decreto Federal nº 791/1890**. Evidencia a justificativa para a criação da primeira escola de Enfermagem no Brasil. Brasília, 27 de setembro de 1890.

BRASIL. **Lei nº5. 540/68.** Reforma Universitária. Fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média. Brasília, 28 de novembro de 1968.

_____. **Decreto nº 1.920, de 25 de julho de 1953**. Cria o Ministério da Saúde e dá outras providências. Brasília, 25 de julho de 1953.

_____. **CRFB/88**. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.

_____. **Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 19 de setembro 1990.

_____. **Lei nº 8.142/90**. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Brasília. 28 de dezembro de 1990.

_____. **Lei nº 8.689/1993**. Dispõe sobre a extinção do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) e dá outras providências. Brasília, 28 de julho de 1993.

_____. **Resolução nº 4/2009**. Determinou a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional, bacharelados, na modalidade Presencial. Brasília, 6 de abril de 2009.

_____. **Decreto-Lei nº 869**. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. Brasília, 12 de setembro de 1969.

_____. **Lei nº 6.494/77.** Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de ensino profissionalizante do 2º grau e supletivo, e dá outras providências. 07 de dezembro de 1977.

_____. Parecer n. 163/72 de 28 de janeiro de 1972. Dispõe sobre o currículo mínimo dos cursos de enfermagem e obstetrícia. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Serviços de Saúde Pública. **Enfermagem, legislação e assuntos correlatos.** 3ª. ed. Rio de Janeiro: MS, 1974.

_____. **Parecer nº 314/94**. Dispõe sobre o novo currículo mínimo do curso de graduação em Enfermagem. 06 de abril de 1994.

_____. **Resolução CNE/CES Nº 3/2001**. Instituiu as Diretrizes Curriculares de Enfermagem. 07 de novembro de 2001.

BRASIL. **Decreto Presidencial nº 79.172, de 26 de janeiro de 1977**. Cria a Universidade Estadual do Ceará e dá outras providências. Fortaleza. 26 de janeiro de 1977.

BARTHES R. **Imagem e Moda**. Tradução Ivone Benedetti. São Paulo:Martins Fontes, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou oficio do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na Época de Filipe II** -Vol. I. Tradução Ministério da Cultura Francês. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. 2. ed. Porto: Porto, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. A Escrita da História. **Novas Perspectivas**, São Paulo, v. 2, 1992.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. **Revista de Enfermagem Referência,** n. 6,p.167-177, mar. 2012.

CABRINE, Conceição. et al. **O ensino de história**: revisão urgente. São Paulo: Educ, 2005.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. Fundamentos para o estudo da história da enfermagem. In: OGUISSO, Taka (Org.) **Trajetória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed amp. Baueri, SP: Manole, 2007.

CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. 5 ed. Campinas, SP: Campus, 2007.

CARLOS, Djailson José Delgado; PADILHA, Maria Itayra; VILLARINHO; BORENSTEIN, Mariana Vieira Miriam Süsskind, MAIA, Ana Rosete Camargo Rodrigues. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). **Rev Rene,**v. 15, n. 2, p. 326-33, 2014.

CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de História da Enfermagem**: Formação inicial e identidade profissional. 2012. 172f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CARRIJO; Alessandra Rosa; LEITE, Maria Madalena Januário. História, instituições e enfermagem. In: OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de. (Org.). **História da Enfermagem:** Instituições & Práticas de Ensino e Assistência. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2015.

CARRIJO, Alessandra Rosa; LEITE, Maria Madalena Januário. História, Instituições e enfermagem. In: OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; FREITAS, Genival Fernandes de. (Org.) **Pesquisa em História da Enfermagem**. 2. ed. Barueri. São Paulo: Manole, 2011.

CAVALCANTI, Fillipe Manoel Santos. **A formação em enfermagem no Brasil e as imposições do capital em crise.** 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

CEARÁ. **Decreto nº 11.233de 10 de março de 1975**. Cria a Universidade Estadual do Ceará – UECE. Fortaleza. 10 de março de 1975.

_____. **Resolução nº 2.75 de 5 de março de 1975**. Cria a Universidade Estadual do Ceará e dá outras providências. Fortaleza. 5 de março de 1975.

_____. **Parecer nº 30/87**. Apreciação currículo de Enfermagem. Fortaleza. 1 de abril de 1987.

CERRI, L.F. Ensino de História e concepções historiográficas. **Espaço Plural (Unioeste),** v. 10, p. 149-154, 2009.

CORBELLINI, Valéria Lamb; MEDEIROS, Marilú Fontoura. Fragmentos da história: a enfermeira tornando-se sujeito de si mesma. **Rev. bras. enferm**., v.59, n.spe, p.397-402, 2006.

COSTA, Dayana Firmino Barradas. **Nem dama, nem freira, enfermeira ou do ideário pedagógico da profissionalização de Enfermagem no Brasil (1931 a 1961).** 2012. 130f.Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Curitiba, 2012.

COSTA, Fernando José Monteiro da. **DA CAPO AL CODA, manualística de Educação Musical em Portugal (1967-2004)**: configurações, funções, organização. 2010. 540f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Reconhecimento da Licenciatura do Curso de Enfermagem Processo nº 23001.000363/88-09**. Brasíla: Ministério da Educação, 1990.

D'ANTONIO, Patricia. Thinking about place: researching and reading the global history of nursing. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 766-72, 2009.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Maria Iorio; LEITINHO, Meirecele Calíope. Currículo – uma discussão conceitual necessária. DIAS, Ana Maria Iório (org.). **Docência para a educação superior**: reflexão crítica e debate interdisciplinar em torno do fazer e do pensar acadêmicos. São Paulo: Edições Hipótese, 2017.

DI LASCIO, Cecília Maria Domenico Sanioto. O ensino de história na formação do enfermeiro. **Rev. bras. Enferm.,**Brasília, v. 38, n.2, 1985.

ERRANTE, Antonoine. Mas afinal a memória é de quem? Histórias Orais e modos de lembrar e contar. História da Educação. **ASPHE/FaE/UFPel**, Pelotas v. 8, p.141-174, set. 2000.

ESPIRITO SANTO, Tiago Braga do. **Enfermeiras francesas na capital do Brasil (1890-1895).** 2007. 162f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FAGUNDES, Norma Carapi; BURNHAM, Teresinha Fróes. Transdisciplinaridade, Multirreferencialidade e Currículo. **Revista da FACED**, n. 05, 2001. p. 39 - 55.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará.** 2. ed. Fortaleza: Livro Técnico, 2007.

FEBVRE, Lucien. De 1892 a 1933: exame de consciência de uma história e de um historiador. In: FEBVRE, Lucien. **Combate pela história**. 2. ed. Lisboa: Presença. 1989.

FERNANDES, Josicelia Dumêt; REBOUÇAS, Lyra Calhau. Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Enfermagem: avanços e desafios. **Rev Bras Enferm**.,v. 66, p. 95-101, 2013.

FERREIRA, Marieta de M. Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História Oral,** v. 1, 1998, p. 19-30.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 1, p.314-332, dez.2002,

FONSECA, Selva Guimarães; COUTO, Regina Célia do. A formação de História no Brasil: perspectivas desafiadoras do nosso tempo. In:**Espaços de formação do professor de História**. Campinas: Papirus, 2008.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria & Educação**, v. 5, p. 28-49, 1992.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. A verdade e as formas Jurídicas. **Cadernos PUC.** Rio de Janeiro, n. 16. 1979.

FRAZÃO, Eneida Schramm. **30 anos: Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo** -1943-1973. Fortaleza: [s.n], 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLAN, Elisângela. **Jornada do HISTEDBR**.2013.Disponviel em: <histedbr.fe.unicamp.br>. Acesso em: 5 maio 2018.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Pesquisa em Educação Métodos e Epistemologias.** 2. ed. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2012.

GASPARETTO JUNIOR, Antônio. **Fernand Braudel**. 2006. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/fernand-braudel/>. Acesso em: 15 set. 2018.

GATTI, B. A. Algumas Considerações Sobre Procedimentos Metodológicos nas Pesquisas Educacionais, **Revista Eccos**, v.1, p.63-79, 1999. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/07.pdf>. Acesso em: nov. 2018.

GEOVANINI, Telma. **História da enfermagem:** versões e interpretações. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

GERMANO, Raimunda Medeiros. Percurso revisitado: o ensino de enfermagem no Brasil. **Pro-Posições,** v. 14, n. 1, jan./abr. 2003.

GOODSON, Ivor. **Currículo:** teoria e história. Petropólis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

_____. **As políticas de currículo e de escolarização**: abordagens históricas. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **O Currículo em Mudança**: estudos na construção social do currículo. Portugal: Porto, 2001.

GRIX, J. **Introducing studentes to the generic terminology of social research**. [S.l.]: Politics, 2002.

GONÇALVES, Sun-Eiby Siebra. **História da Formação da Enfermeira no Brasil:** o Estado da Arte. 2017. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

HENDERSON, Virginia. **Princípios básicos sobre cuidados de enfermagem.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HESS, Remi. **Produzir sua obra:** o momento da tese. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

ITO, Elaine Emi; PERES, Aida Maris; TAKAHASHI, Regina Toshie; LEITE, Maria Madalena Januário. O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. **Rev. esc. enferm**. **USP,** v.40, n.4, p.570-575, 2006.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia:** a formação do homem grego. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KHOURY, Y. A. Narrativas orais na investigação da História Social. In: **Projeto História, PUC-SP**, São Paulo, n. 22, p. 84, jun. 2001,

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em Educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KLETEMBERG, Denise Faucz; SIQUEIRA, Márcia T. D; MANTOVANI, Maria de Fátima; PADILHA, Maria Itayra, AMANTE, Lúcia Nazareth, ANDERS, Jane Cristina. O Processo de Enfermagem e a Lei do Exercício Profissional. **BrasEnferm**, Brasília, v. 63, n. 1, p. 26-32, 2010.

KLETEMBERG, Denise Faucz, Márcia T. A. Dalledone Siqueira. A criação do ensino de enfermagem no Brasil. **Revista Cogitare Enfermagem,** v. 8, n. 2, 2003.

KUCINSKi, Bernardo. **O fim da ditadura militar.** São Paulo: Contexto, 2001.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques. **A História nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso na escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva. Ensino de enfermagem: retrospectiva, situação atual e perspectivas. **R. Bras. Enferm**., Brasília, v, 47, n.3, p. 270-277, jul./set. 1994.

LUCHESI, LB, Amorim WM, Porto F. Ensino da metodologia de pesquisa em história da enfermagem: avaliação de estratégia pedagógica para a graduação. **Rev. de Pesq.:** cuidado é fundamental Online**,** v. 1, n. 2, p. 434-446,set/dez. 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

LOPES, Roberlândia Evangelista. **A inserção do auxiliar de enfermagem:** contribuições para o ensino em enfermagem. 2017. 145f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

LOURENÇO, Elaine. História Nova do Brasil: revisitando uma obra polêmica. **Rev. Bras. Hist**.,São Paulo,v. 28, n. 56, 2008.

MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática**: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUES, Maria Anunciada Nunes; TAVARES, Terezinha de Jesus Lima. **Documento Diagnóstico do Curso de Enfermagem da UECE, de setembro de 1991.** Fortaleza: UECE. 32p.

MARTINS FILHO, Antonio. **A Universidade no Brasil**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1973.

MARTINS, João Batista. Multirreferencialidade e educação. In. BARBOSA, Joaquim (Org.). **Reflexões em torno da abordagem multuirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 21– 34.

_____. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. **Revista Brasileira de Educação,** São Paulo, v. 01, n. 26, p. 85-182, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a06.pdf >. Acesso: 15 jul. 2016.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MAYRING, Ph. **Introdução à pesquisa social qualitativa**. 5. ed. Weinheim: Beltz, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral Como Fazer Como Pensar**. 2. ed. Contexto: São Paulo. 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José, C.S.B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELO NETO, João Cabral. **Tecendo a manhã**. Disponível em: <https://www.revistabula.com/449-os-10-melhores-poemas-de-joao-cabral-de-melo-neto/>. Acesso em: 13 set. 2015.

MENDES, Emanoela Therezinha Bessa. **A Formação da enfermeira cearense e a escola de enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1977).**2013. 307f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

MENESES, Abel Silva de; SANNA Maria Cristina. Produção do conhecimento sobre história da enfermagem na pós-graduação.**Hist. Enf. Rev. Eletr (Here**),v. 2, n. 1, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOEHLECKE, S.; CATANI, A. M. Reforma e Expansão do Acesso ao Ensino Superior: balanço e proposições. In: Política para as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes). In: OLIVEIRA, João F. et al. **Políticas de acesso e expansão da educação superior:** concepções e desafios. Brasília: INEP, 2006.

MOREIRA, A. F. B. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas. São Paulo: Papirus, 1990.

MOREIRA, A. et al. História, Memória & Relíquias: Um pouco da História da Enfermagem no Brasil. **Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental,** Rio de Janeiro, Ano 5, n. 2, 2001.

MOREIRA, Almerinda. A profissionalização da Enfermagem In: OGUISSO, Taka (org.). **Trajetória Histórica e Legal da Enfermagem**. 2.ed. [S.l.]. Barueri: Manole, 2007.

MOREIRA, A. A primeira escola de enfermagem. In: GEOVANINI, T. et al. **História da Enfermagem:** versões e interpretações. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

MOREIRA, A. F. B; SILVA, T. T Sociologia e teoria crítica do currículo**:** uma introdução**.** In: MOREIRA, A. F. B; SILVA, T. T **Currículo Cultura e Sociedade**. 2. ed. São Paulo:Cortez, 1995.

MOTTA, Maria de Graça Corso da; ALMEIDA, Miriam de Abreu. Repensando a licenciatura em enfermagem à luz das diretrizes curriculares. **Rev. bras. Enferm.,**v. 56, n.4, p.417-419, 2003,

NASCIMENTO, Maria Elisa Brum do; OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. Caminhos e desafios da enfermagem no Brasil. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 23, p. 131–142, set. 2006.

NÓBREGA-THERRIEN, Silva Maria; THERRIEN, Jacques . O estado da questão: aportes teórico-metodológicos e relatos de sua produção em trabalhos científicos. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino de; NUNES, João Batista Carvalho; NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria (Orgs**.). Pesquisa científica para iniciantes:** caminhando no labirinto. Pesquisa científica para iniciantes: caminhando no labirinto. Fortaleza: EdUECE, 2010, v. 1, p. 37-50.

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de. **Enfermeira, profissão**, **saberes e prática**: potencialidades, limites e possibilidades. Fortaleza: EdUECE, 2007.

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de; SILVA Marcelo Gurgel Carlos da. Enfermagem no Ceará: fatos, reflexões e propostas para preservação da história e memória da profissão**. Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 61, n. 2, p. 258-61, 2008.

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria et al. Ensino de enfermagem no Ceará de 1942-1956: a memória que projeta o futuro**. Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 61, n. 1, p. 125-30, 2008.

NÓBREGA -THERRIEN, Silvia Maria; BARRETO, Marcília Chagas; ALMEIDA, Maria Irismar de; MOREIRA, Thereza Maria Magalhães. Formação profissional: mudanças ocorridas nos Cursos de Enfermagem, CE, Brasil. **Rev. bras. enferm**., v. 61, n.3, p.354-360, 2008.

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; MENDES, Emanoela Therezinha Bessa; ALMEIDA, Maria Irismar de. Tendências do Ensino Superior no curso de Enfermagem nos anos 1943-1979 no estado do Ceará-Brasil: uma análise crítica de documentos, arquivos e relatos orais. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA Y DE NÍVEL SUPERIOR, 7., 2014. Rosário. **Anais...**Rosário:CIDU, 2014, p. 304-310.

NÓBREGA-THERRIEN, Sílvia Maria. Escola São Vicente de Paulo, Ceará: história e memória de uma proposta ousada – 1865-1943. In: OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de (Org.) **História da Enfermagem:** Instituições e práticas de ensino e assistência. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2016.

OGUISSO, Taka; CAMPOS, PFS. Por que e para que estudar história da enfermagem? **Enfermagem em Foco,** v. 4, n. 1, p. 49-53, 2013.

OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de. (Org.) **História da Enfermagem:** Instituições & Práticas de Ensino e Assistência. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2015.

OLIVEIRA, Beatriz Guitton Renaud Baptista de. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-7, 2006.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de; LIMA, Tatiana De Lurdes; BALUTA, Victor Hugo. A formação do profissional enfermeiro, no contexto das reformas de ensino no Brasil. **Revista Grifos**, n. 36/37, 2014.

PACHECO, José Augusto. **O que se entende por currículo**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Escritos Curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. O ensino de História da Enfermagem nos cursos de graduação de Santa Catarina. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4 n. 2, p. 325-336, 2006.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. **Rev. bras. enferm**.,v.58, n.6, p.723-726, 2005.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; BORENSTEIN Miriam Süsskind. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto & Contexto Enferm**.,v.14, n.4, p.575-84, 2005.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; BORENSTEIN, Miriam Susskind. História da Enfermagem: ensino, pesquisa e Interdisciplinaridade. **Esc. Anna Nery. Revista Enferm., v.**10, n. 3, p. 532 – 8, 2006.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; KLETEMBERG, Denise Faucz; GREGÓRIO, Vitória Regina Petters; BORGES, Laurete Medeiros; BORENSTEIN, Miriam Süsskind. A produção da pesquisa histórica vinculada aos programas de pós-graduação no Brasil, 1972 a 2004. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 671-9,out./dez.2007.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; SOBRAL, Vera Regina Salles; LEITE, Lúcia Maria Ramalho, PERES, Maria Angélica A.; PERES, ARAÚJO, Andreia C. de. Enfermeira - a construção de um modelo a partir do discurso médico. **Rev.Esc.Enf.USP,** v.31, n.3, p.437-51, dez, 1997.

PADILHA, Maria Itayra; BORENSTEIN, Miriam Susskind; CARVALHO Maria Aline Lima; FERREIRA, Aline Coelho. Pesquisa em história da enfermagem: realidade brasileira. **Rev Esc Enferm USP,** v. 46, n. 1, p. 192, 2012.

PAIXÃO, Waleska. **Páginas de história da enfermagem.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1951.

PERAZZO, Priscila F. Narrativas Orais de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, 2015.

PEREIRA, Mariza da Costa. **Maria Grasiela Teixeira Barroso:** um estudo sobre suas contribuições para a formação da enfermeira Cearense. 2047. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

PEREIRA NETO, A. F.; MACHADO, B. A.; MONTENEGRO, A. História Oral no Brasil: uma análise da produção recente (1998/2008). **História Oral**, v. 10, n. 2, p. 113-126, jul./dez. 2007.

PERES, Maria Angélica de Almeida; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermeira no Brasil (1923-1931) **Esc. Anna Nery,** Rio de Janeiro, v.18, n.1, 2014.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho Algumas Reflexões Sobre a Ética na História Oral. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, São Paulo, n. 15, abr., 1997.

_____. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTO, F. Pesquisar história da enfermagem no Brasil: o que temos a dizer? [editorial]. **Online Braz J Nurs**, v. 16, n. 1, p. 01- 05, 2017.

PORTO, F; Oguisso T. Nome da “Mãe dos Brasileiros”. **Enfermagem em Foco,**v, 2, p. 77-80, 2011.

PATTON, M. Q. **Qualitative Evaluation and Research Methods**. Califórnia: SAGE Publications, 1990.

QUEIRÓS, PJ. Contribuição da História da Enfermagem para a construção da identidade profissional. **Hist enferm Rev eletrônica**, v. 6, n. 2, p. 167-9, 2015.

REBOUÇAS, Talita Silva. **A História da disciplina História da Enfermagem no ensino de enfermagem.** 2013. 56f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, U2013.

RENOVATO, Rogério Dias; BAGNATO, Maria Helena Salgado. Educação Sanitária e o Serviço Especial de Saúde Pública (1942-1960): A doença não conhece fronteiras. História da Enfermagem - **Revista Eletrônica (HERE**), v. 2, p. 105-125, 2011.

RIBEIRO, Jorge Ponciano; ESPERIDIÃO, Marcelo Tavares Elizabeth; MUNARI, Denize Bouttelet. Análise das diretrizes curriculares: uma visão humanista na formação do enfermeiro. **R Enferm UERJ**,v. 2, p. 403-9, 2005.

RIZZOTTO, M. L. F. A origem da Enfermagem Profissional no Brasil: determinantes históricos e conjunturais. In: DERMEVAL Saviani, LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Org.). **Navegando na história da educação brasileira**. Campinas: Graf FE, 2006, p. 1-19.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e Incertezas do Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

_____. 2013. O que significa o currículo? In: J.G. SACRISTÁN (org.).**Saberes e incertezas sobre o currículo.** Porto Alegre: Penso, p. 16-35.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spíndola Silveira Truzzi**. História & Documento e método de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SANNA, M.C. História da enfermagem brasileira: contribuições e perspectivas para o desenvolvimento da profissão [painel]. **Enfermagem Atual,** Rio de Janeiro,v. 3, n. 16, p. 7-13, 2003.

SANTIAGO, Emiliane Silva. **Currículo da Escola de Enfermagem Ribeirão Preto-USP:** Inovações de Profa. Glete de Alcântara (1953-1963). 2015. 257f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, SãoPaulo, 2015.

SANTOS, T.C.F. História da enfermagem brasileira: contribuições e perspectivas para o desenvolvimento da profissão [painel]. **Enfermagem Atual**, Rio de Janeiro,v. 3, n. 16, p. 7-13, 2003.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Perfil de egresso de Curso de Enfermagem nas Diretrizes Curriculares Nacionais: uma aproximação. **Rev. bras. enferm**.,v.59, n.2, p.217-221, 2006.

_____. Currículos de enfermagem do Brasil e as diretrizes: novas perspectivas. **Rev. bras. enferm**., v.56, n.4, p.361-364. 2003.

SANTOS, Regina Maria dos; TREZZA, Mª Cristina S. Figueiredo; CANDIOTTI, Zandra Maria Cardoso; LEITE, Joséte Luzia. A enfermagem como objeto da história: uma reflexão sobre o tema. **Rev. bras. enferm**., v.54, n.4, p.638-644, 2001.

SCHIMIDT, E. S. Currículo: uma abordagem conceitual e histórica. **Publ. UEPG.Hum., Ci. Soc. Apl., Letras e Artes,**Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 59-69, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006

SECAF, Vitória. Uma experiência no ensino de história da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 30, p. 76-81, 1977.

SGUISSARD, V. Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária**. Educação & Sociedade,** Campinas, v. 29, n. 105, p. 991-1022, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302008000400004&ng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2018.

SILVA, Andréa da Costa. **A formação da enfermeira no Estado do Ceará com base na análise dos currículos (1979-2013**): trajetória e tendências. 2015. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

SILVA, A.L.C.; BARROS, S.M.P. de; VIEIRA, T.T. Marco conceitual e estrutural dos currículos dos cursos de graduação em enfermagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 31, Fortaleza, 1979. **Anais.** Fortaleza: ABEn, 1979. p.108-114.

SILVA JUNIOR, Osnir Claudiano. Pesquisa documental. In: OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; FREITAS, Genival Fernandes de. (Org.) **Pesquisa em História da Enfermagem**. 2. ed. Barueri. São Paulo: Manole, 2011.

SILVA JUNIOR, Osnir Claudiano da. História Social: possibilidades Teórico-metodológicas em Estudos Históricos na Enfermagem. In: OGUISSO, Taka. FREITAS, Genival Fernandes de. GONZÁLEZ, José Siles. (Orgs.) **Enfermagem:** História dos cuidados e métodos. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2016.

SILVA, Maria Regina Guimarães e GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939-1942). **Rev. bras. Enferm.,** v.62, n.2, p. 317-322, 2009.

SILVA, Rosiele Pinho Gonzaga da; RODRIGUES, Rosa Maria. Mudança curricular: desafio de um curso de graduação em enfermagem. **Rev. bras. enferm**., v.61, n.2, p.233-238, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Teorias do currículo**: uma introdução crítica. Porto,Portugal: Porto Editora, 2000.

_____. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Apresentação. In: GOODSON, Ivor. **Currículo:** teoria e história. Petropólis, RJ: Vozes, 2013.

TAVANO, Patricia Teixeira; ALMEIDA, Maria Isabel de.Currículo: um artefato sócio-histórico-cultural.**Rev. Espaço do Currículo (online),** João Pessoa, v.11, n.1, p. 29-44, jan./abr. 2018.

TEIXEIRA, Virginia Mascarenhas Nascimento. **De práticos a enfermeiros:** os caminhos da enfermagem em Belo Horizonte (1897-1933). 2012. 222f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

TELLES, I. M. O auxiliar de enfermagem: direção, localização, nº de alunas. **Rev Anais de Enfermagem,** v. 4, n. 1, jan. 1951.

THOMPSON, P. **A voz do passado:** História Oral. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**: Fortaleza: UECE, 2004.

_____. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**: Fortaleza: UECE, 2007.

_____. **Projeto Revisão Curricular do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem.** Fortaleza: UECE, 1985.

VENDRUSCOLO, Dulce Maia Silva; MANZOLLI, Maria Cecília. O currículo na e da enfermagem: por onde começar e recomeçar. **Rev. Latino-Am**. **Enfermagem**,v.4, n.1, p.55-70.1996,

VIETTA, Edna Paciência; UEHARA, Marlene; SILVA NETTO, Kelly Ap. Evolução da enfermagem no contexto do hospital-escola: depoimentos de enfermeiros representantes da década de 70. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. Ribeirão Preto, v.4, n. 3, 1996.

WOOD G, LOBIONDO HJ. **Pesquisa em Enfermagem**: métodos, avaliação crítica. 4a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

YOUNG, M. **O currículo do futuro**: da “nova sociologia da educação” a uma teoria crítica do aprendizado. Campinas: Papirus, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ-UECE

Centro de Educação– UECE

Programa de Pós-Graduação em Educação

Doutorado em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

PESQUISA: **ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: TRAJETÓRIAS E LUGAR NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO.**

PROPONENTE: MARIA NAHIR BATISTA FERREIRA TORRES
ORIENTADORA: SÍLVIA MARIA NÓBREGA-THERRIEN

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa **Ensino de História da Enfermagem: trajetórias e lugar na formação do enfermeiro** sob responsabilidade da pesquisadora Maria Nahir Batista Ferreira Torres. O conteúdo será gravado em áudio e as gravações serão utilizadas exclusivamente para os fins da pesquisa. O foco são os professores ou ex-professores que lecionaram a disciplina História da Enfermagem na Escola São Vicente de Paulo – EESVP, posteriormente, UECE. Informamos que a pesquisa não lhe trará nenhum ônus e que você tem a liberdade para participar ou não, sendo-lhe reservado o direito de desistir da mesma no momento em que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação neste estudo. Haverá riscos mínimos para os sujeitos/participantes da pesquisa como se emocionarem ao acionar suas memórias e histórias. Este estudo é importante porque seus resultados trarão benefícios como a valorização das memórias dos sujeitos/participantes; preservação da memória da Enfermagem cearense;

Conhecimento da história da Enfermagem; Contribuição da constituição da disciplina História da Enfermagem no currículo da graduação; Compreensão a cerca do ensino de História da Enfermagem na graduação. Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente, no endereço Rua Irmã Simas,145 Bloco III Apartamento 302, bairro Varjota, Fortaleza-Ceará, CEP 60165-220 e pelo e-mail nahir701@hotmail.com e telefone (85)9.98223420. Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi. Horário de funcionamento de 8h ás 12h e 14h ás 17h. Fone/fax (85) 31019890, e-mail: cep@uece.br.

Tendo sido informado sobre a pesquisa, concordo em participar da mesma de forma livre e esclarecida.

Nome:

RG:

Endereço:

Fone:

Fortaleza,_____de_____de 2016.

Assinatura do Participante	Assinatura da Pesquisadora responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador.

APÊNDICE B – Pauta de entrevista

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ-UECE

Centro de Educação– UECE

Programa de Pós-Graduação em Educação

Doutorado em Educação

PAUTA DE ENTREVISTA DESTINADA ÀS PROFESSORAS ENFERMEIRAS QUE MINISTRARAM E/OU MINISTRAM A DISCIPLINA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NO CURSO DE ENFERMAGEM DA UECE.

PESQUISA: ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: TRAJETÓRIAS E LUGAR NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO.

Pesquisadora: Profa. Maria Nahir Batista Ferreira Torres

Orientador: Profa. Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

Objetivo Geral: Analisar a trajetória do ensino de História da Enfermagem no curso de formação desse profissional na UECE, desde a sua origem na Escola de EESVP, considerando a importância da história no ententimento de inserção dessa profissão na sociedade.

PERFIL DAS COLABORADAS

Professor (a) entrevistado (a):

Graduação: Instituição:

Titulação: Área de Pós- Graduação:

Tempo de experiência no ensino superior:

Experiência na Educação Básica: ( ) Sim ( ) Não Tempo:

Tempo que leciona ou lecionou a (Disciplina) História da Enfermagem:

Idade: (opcional)

1. **INICIAÇÃO A DOCÊNCIA**
   - 1.1 Escolha para cursar Enfermagem
   - 1.2 Iniciação na docência

2. **EXPERIÊNCIA DISCENTE**
   - 2.1 Conteúdos trabalhados
   - 2.2 Perfil da professora
   - 2.3 Materiais utilizados
   - 2.4 Percepções sobre a disciplina

3. **EXPERIÊNCIA DOCENTE**
   - 3.1 O trabalho com a disciplina História da enfermagem
   - 3.2 Materiais usados
   - 3.3 Mudanças da disciplina no currículo (nome, ementas, carga horária, professor)
   - 3.4 Receptividade dos estudantes

4. **CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA**
   - 4.1 Percepções acerca da História e o seu ensino
   - 4.2 Percepções da importância da história no ententimento de inserção dessa profissão na sociedade.

APÊNDICE C – Roteiro de observação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ-UECE

Centro de Educação– UECE

Programa de Pós-Graduação em Educação

Doutorado em Educação

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DESTINADO À DISCIPLINA A ENFERMAGEM, O CURSO E A PROFISSÃO COM REGISTRO EM DIÁRIO DE CAMPO.

PESQUISA: ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: TRAJETÓRIAS E LUGAR NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO.

Pesquisadora: Profa. Maria Nahir Batista Ferreira Torres

Orientador: Profa. Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

Objetivo Geral: Analisar a trajetória do ensino de História da Enfermagem no curso de formação desse profissional na UECE, desde a sua origem na Escola de EESVP, considerando a importância da história no ententimento de inserção dessa profissão na sociedade.

Local:

Data:

Professora:

Semestre:

Quantidade de alunos:

Horário:

Objetivo: Observar a inserção dos conteúdos de História da enfermagem na disciplina A enfermagem, o curso e a profissão.

1. **Caracterização da disciplina:**
   (nome, ementa, carga horária, número de créditos)

2. **Conteúdos curriculares:**
   a. Conteúdos que são trabalhados na disciplina.
   b. Organização dos conteúdos.
   c. Conteúdos aos quais se dedica maior tempo.
   d. Indicação por parte do professor de que a história da enfermagem será trabalhada em outra disciplina.
3. **Materiais bibliográficos utilizados pelo professor**

ANEXOS

ANEXO A- Matriz curricular (1943-1946)

Distribuição em séries de disciplinas dos currículos da EESVP

Disciplinas 1ª e 2ª Séries PRELIMINAR - JÚNIOR 1º Ano (10 meses)	**C/H**	**Disciplinas 3ª Série INTERMEDIÁRIA 2º Ano (12 meses)**	**C/H**	**Disciplinas 4ª Série SENIOR 3º ano (12 meses)**	**C/H**
Anatomia e Fisiologia	180	Dietética Infantil	45	Deontologia	60
Atadura	20	Doenças Contagiosas	45	Doenças Venéreas	45
Dietética/Dietoterapia	40	Enfermagem de doenças contagiosas	90	Enfermagem Aperfeiçoada	40
Drogas e Soluções	30	Enfermagem em Pediatria	45	Enfermagem em doenças venéreas	30
Enfermagem de Patologia Externa	90	Enfermagem em primeiros socorros	60	Enfermagem em Higiene e Saúde Pública	30
Enfermagem de Patologia Interna	90	Enfermagem obstetétrica	30	Enfermagem em Oftalmologia e Otorrinolaringologia	30
Ética	40	Obstetrícia	90	Enfermagem Psiquiátrica	45
Higiene	30	Pediatria	45	Higiene e Saúde Pública	40
Higiene Mental	45	Primeiros Socorros	90	Oftalmologia	45
História da Enfermagem	30	Técnica de Sala de Operação	30	Otorrinolaringologia	45
Massagem	20			Psiquiatria	45
Matéria Médica	90			Tuberculose	45
Microbiologia	65				
Nutrição Geral	30				
Patologia Externa	90				
Patologia Geral	80				
Patologia Interna	30				
Química Aplicada	180				
Técnica Adiantada	20				
Técnica Preliminar	430				
Carga Horária 1º ANO	**1.630**	**Carga Horária 2º ANO**	**570**	**Carga Horária 3º ANO**	**500**

Matriz curricular (1943-1946)

Estágio Práticos

ANO 1943 A 1946

Campos de Pratica	**Carga Horária DIURNA(hs)**	**Carga Horária NOTURNA(hs)**	**TOTAL Carga Horaria**
Cirurgia da criança	56	5	61
Cirurgia de Homens	73	20	93
Cirurgia de Mulheres	69	17	86
Ginecologia	50	11	61
Medicina de crianças	53	8	61
Medicina de Mulheres	199	15	214
Psiquiatria	30		30
Sala de Operações	80		80
Total da Carga Horária	**610**	**76**	**686**

ANEXO B - Matriz curricular (1947-1952)

Distribuição em séries de disciplinas dos currículos da EESVP

ANO 1947 A 1952

Disciplinas **1ª Série/Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **2ª Série/Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **3ª Série/Ano**	**C/H**
Dietoterapia		Dietética Infantil		Deontologia	
Enfermagem de Patologia Cirúrgica		Doenças Transmissíveis		Enfermagem em Psiquiatria	
Enfermagem de Patologia Médica		Enfermagem de Primeiros Socorros		Enfermagem em Saúde Pública	
Enfermagem de Tisiologia		Enfermagem em Pediatria		Enfermagem em Oftalmologia	
Farmacologia		Enfermagem nas Doenças Transmissíveis		Enfermagem em Otorrinolaringologia	
Física Médica		Enfermagem Obstétrica		Higiene e Saúde Pública	
Fisioterapia		Ética Profissional		Oftalmologia	
Patologia Cirúrgica		Ginecologia		Otorrinolaringologia	
Patologia Geral		Obstetrícia		Psiquiatria	
Patologia Médica		Pediatria		Revisão de Técnica	
Psicologia		Puericultura		Tisiologia	
Sociologia		Socorros de Urgência		Veneralogia e Dermatologia	
		Técnica de Sala de Operações			
Carga Horária- "NÃO INFORMA"	----	**Carga Horária- "NÃO INFORMA"**	----	**Carga Horária- "NÃO INFORMA"**	----

Matriz curricular (1947-1952)

ARQUIVO NUDIHMEn

Estágios Práticos

Campos de Pratica	**Carga Horária DIURNA(hs)**	**Carga Horaria NOTURNA(hs)**	**TOTAL Carga Horaria**
Berçário	30	--	30
Clínica Cirúrgica	80	6	86
Clínica Dermatológica	30	--	30
Clínica Ginecológica	37	6	43
Clínica Médica	96	8	104
Clínica Obstétrica	25	6	31
Clínica Oftalmológica	25	6	31
Clínica Otorrinolaringologica	22	8	30
Clínica Pediátrica	85	7	92
Clínica Psiquiátrica	32	--	32
Clínica Tisiológica	60	--	60
Dietética	28	--	28
Doenças Transmissíveis	50	8	58
Pré-Clínica	172	--	172
Saúde Pública	60	--	60
Socorro de Urgência	30	--	30
Total da Carga Horária	**862**	**55**	**917**

ANEXO C - Matriz curricular (1953-1963)

Distribuição por séries/ano de disciplinas dos currículos da EESVP/UC

Disciplinas **1º Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **2º Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **3ºAno**	**C/H**
Anatomia e Filosofia	180	Dietética Infantil	30	Clínica Ortopédica	45
Técnicas de Ataduras	30	Dietoterapia	40	Deontologia	50
Drogas e Soluções	30	Doenças Transmissíveis	30	Dermatologia e Veneralogia	60
Farmacologia/ Farmacologia e Terapêutica	180	Enfermagem em Doenças Transmissíveis	70	Enfermagem em Saúde Pública	80
Ética/Ética Profissional	30	Enfermagem de Patologia Cirúrgica	90	Enfermagem em Oftalmologia	20
Higiene Individual	30	Enfermagem em Patologia Médica	70	Enfermagem Otorrinolaringológica	30
História da Enfermagem	30	Enfermagem em Patologia	90	Enfermagem Pediátrica	60
Massagem	30	Enfermagem em Ginecologia	30	Enfermagem em Tisiologia	70
Microbiologia/ Microbiologia e Parasitologia	70	Enfermagem em Urologia	30	Enfermagem Obstétrica	80
Nutrição/Nutrição e Dietética	30	Enfermagem em Socorro de Urgência	50	Enfermagem Ortopédica	70
Patologia Geral	80	Ginecologia e Urologia	30	Enfermagem Psiquiátrica	60
Pedagogia	30	Patologia Cirúrgica	90	Ética	30
Psicologia	20	Patologia Médica	90	Higiene e Saúde Pública	80
Química e Bioquímica	80	Pediatria	90	Obstetrícia	70
Saneamento	30	Puericultura	70	Oftalmologia	30

Técnica de Enfermagem	430	Socorro de Urgência	50	Organização e Administração Hospitalar	70
Sociologia		Sala de Operações	90	Otorrinolaringologia	20
		Tisiologia	70	Psiquiatria	20
				Revisão de Técnicas	70
				Serviço Social	50
Carga Horária	**1.310**	**Carga Horária**	**1.110**	**Carga Horária**	**1.065**

Matriz curricular (1953-1963)

Estágios Práticos

CAMPOS DE PRÁTICA	DIURNO		NOTURNO		OBSERVAÇÕES
Quantidade de horas realizadas	**máximo**	**mínimo**	**máximo**	**mínimo**	
Administração	96 0	57 0	0	0	Surge a partir da turma de 1963.
Banco de Sangue e Laboratório	30 45	25 0			Ofertada pela última vez a turma de 1964
Berçário	30				Ofertada pela última vez a turma de 1964
Clínica Cancerologica	31	13 0	1 0		
Clínica Cirúrgica/Enfermagem Cirúrgica	87	82 0	24 0	1 0	
Clínica Dermatológica/Dermatologia	42	15 0			
Clínica Ginecológica/Ginecologia	30	15 0	3 0	2 0	
Clínica Médica/Enfermagem Médica	92	81 0	24 0	4 0	
Clínica Obstétrica Maternidade/Enfermagem Obstétrica e Ginecológica	60	42 0	4 0	3 0	
Clínica Oftalmologia	22	15 0			
Clínica Otorrinolaringologia	22	14 0			
Clínica Pediátrica/Enfermagem Pediátrica	61	43 0	2 0	1 0	
Clínica Psiquiátrica/Enfermagem Psiquiátrica	31	30 0			
Clínica Tisiológica	61	43 0			
Dietética Infantil	29		1 0		

Doenças Contagiosas/Transmissíveis/Enfermagem em Doenças Transmissíveis	61	30 0		2 0	
Ortopedia	28 0	14 0			Oferecida apenas para a turma de 1961.
Pré-clínico/Estágio de Adaptação	164	144 0			
Sala de Operações/Enfermagem em Centro Cirúrgico	88	48 0			
Saúde Pública/Enfermagem em Saúde Publica	61	60 0			
Socorro de Urgência/Sala de Urgência/Socorro de Urgência	31	29 0		2 0	
CARGA HORÁRIA TOTAL	**805hs a 1.568 hs**		**1hs a 16hs**		

ANEXO D - Matriz curricular (1964-1966)

Distribuição de disciplinas em séries dos currículos da EESVP

Disciplinas **1º Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **2º Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **3º Ano**	**C/H**
Anatomia e Fisiologia	170	Anatomia e Fisiologia	170	Administração Aplicada a Enfermagem	50
Bioquímica	70	Bioestatística	14	Antropologia	20
Cultura Religiosa I	30	Cultura Religiosa II	30	Cultura Religiosa III	30
Educação Sanitária	30	Deontologia	30	Saúde Pública/Enfermagem de Saúde Pública	90
Ética/Moral	36	Enfermagem Cirúrgica	80	Obstetrícia/Enfermagem Obstétrica e Ginecológica	90
Farmacologia	20	Enfermagem de Doenças Transmissíveis	30	Enfermagem Pediátrica	80
Fundamentos de Enfermagem	488	Enfermagem em Sala de Operação	110	Inglês III	30
História da Enfermagem	20	Enfermagem Médica	140	Problemas de Enfermagem (Ética III)	15
Inglês I	30	Enfermagem Psíquica	40		
Microbiologia e Parasitologia	120	Epidemiologia	14		
Nutrição	30	Higiene Mental	20		
Psicologia Geral	70	Inglês II	30		
Relações Humanas	16	Noções de Enfermagem de Saúde Pública	10		
Saneamento	20	Psicologia do Desenvolvimento	30		
Sociologia	40				
Carga Horária	**1.190**	**Carga Horária- 578**	**748**	**Carga Horária**	**405**

MATRIZ CURRICULAR (1964-1966)

Estágios Práticos

CAMPOS DE PRÁTICA	Carga Horária DIURNO	Carga Horária NOTURNO	TOTAL Carga Horária
Adaptação	144	-	144
Administração Aplicada a Enfermagem	300	-	300
Enfermagem Cirúrgica	250	-	250
Enfermagem de Saúde Pública	230	-	230
Enfermagem em Centro Cirúrgico	180	24	204
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	70	-	70
Enfermagem Médica	320	24	344
Enfermagem Obstetrícia e Ginecologia	300	24	324
Enfermagem Pediátrica	200	24	224
Enfermagem Psiquiátrica	180	-	180
Nutrição e Dietética	20	-	20
CARGA HORÁRIA TOTAL	**2.194**	**96** **120**	**2.290** **2.314**

ANEXO E - Matriz curricular (1967-1969)

Distribuição em séries de disciplinas dos currículos da EESVP

Disciplinas **1ª Série/Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **2ª Série/Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **3ª Série/Ano**	**C/H**
Anatomia e Filosofia	160	Bioestatística	15	Administração Aplicada a Enfermagem	50
Bioquímica	80	Cultura Religiosa II	30	Antropologia	20
Cultura Religiosa I	32	Deontologia	36	Cultura Religiosa III	30
Educação Sanitária	30	Enfermagem Cirúrgica	88	Saúde Pública/Enfermagem de Saúde Pública	90
Ética	34	Enfermagem em Centro Cirúrgico	98	Enfermagem Obstétrica	90
Farmacologia	20	Enfermagem Médica e Doenças Transmissíveis	122	Enfermagem Pediátrica	80
Fundamentos da Enfermagem	488	Enfermagem Psiquiátrica	58	Inglês III	30
História da Enfermagem	20	Epidemiologia	15	Problemática da Enfermagem/Ética	15
Inglês I	32	Higiene Mental	22		
Introdução a Filosofia	20	Inglês II	30		
Nutrição	22	Psicologia do Desenvolvimento	30		
Parasitologia e Microbiologia	130				
Patologia Geral	15				
Psicologia Geral	68				
Saneamento	20				
Sociologia	40				
Carga Horária 1.179	**1.211**	**Carga Horária**	**544**	**Carga Horária**	**405**

Matriz curricular (1967-1969)

Estágios Práticos

CAMPOS DE PRÁTICA	Carga Horária DIURNO	Carga Horaria NOTURNO	Carga Horária TOTAL
Adaptação	144	-	144
Administração Aplicada a Enfermagem	300	-	300
Enfermagem Cirúrgica	250	-	250
Enfermagem de Saúde Pública	230	-	230
Enfermagem em Centro Cirúrgico	180	24	204
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	70	-	70
Enfermagem Médica	320	24	244
Enfermagem Obstetrícia e Ginecologia	300	24	324
Enfermagem Pediátrica	200	24	
Enfermagem Psiquiátrica	180	-	180
Nutrição e Dietética	20	-	20
TOTAL	**2.194**	**96**	**2.290**

ANEXO F - Matriz curricular (1970-1973)

Distribuição de disciplinas em séries dos currículos da EESVP

Disciplinas **1ª Série/Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **2ª Série/Ano**	**C/H**	**Disciplinas** **3ª Série/Ano**	**C/H**
Anatomia e Fisiologia	160	Bioestatística	15	Administração Aplicada a Enfermagem	50
Bioquímica	70 a 90	Cultura Religiosa (extinta em 1972)	30	Antropologia	20
Cultura Religiosa	30 a 32	Deontologia	36	Bioestatística	15
Educação Sanitária	30	Enfermagem Cirúrgica	88a 180	Cultura Religiosa/ Introdução a Pesquisa	30
Ética	30	Enfermagem em Centro Cirúrgico	90 a 98	Enfermagem de Saúde Pública	90
Farmacologia	20 a 45	Enfermagem Médica e Doenças Transmissíveis	122	Enfermagem Obstétrica	90
Fundamentos da Enfermagem	428 a 488	Enfermagem Psiquiátrica	58	Enfermagem Pediátrica	80
História da Enfermagem	20	Epidemiologia	15	Epidemiologia	15
Inglês	30 a 32	Higiene Mental	20 a 22	Inglês (extinta em 1973)	30
Introdução a Filosofia	20	Inglês	30	Moral e Cívica (extinta em 1973)	28
Moral e Cívica	28	Moral e Cívica (Problemas Brasileiros)	28	Problemas de Enfermagem/Exercício de Enfermagem Legislação Profissional	15
Nutrição	22 a 30	Psicologia do Desenvolvimento	30		
Parasitologia e Microbiologia	130				
Patologia Geral	12				

Psicologia Geral	68				
Saneamento	20				
Sociologia	40				
Carga Horária 1166 a 1222	**1.158 a 1.275**	**Carga Horária 650 a 542**	**562 a 664**	**Carga Horária 480 a 436**	**463**

Matriz curricular (1970-1973)

Estágios Práticos

CAMPOS DE PRÁTICA	**Carga Horária DIURNO**	**Carga Horaria NOTURNO**	**Carga Horaria TOTAL**
Adaptação	144		144
Administração Aplicada a Enfermagem	300		300
Enfermagem Cirúrgica	250		250
Enfermagem de Saúde Pública	230		230
Enfermagem em Centro Cirúrgico	180	24	204
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	70		70
Enfermagem Médica	320	24	344
Enfermagem Obstetrícia e Ginecologia	300	24	324
Enfermagem Pediátrica	200	48 24	??? 200
Enfermagem Psiquiátrica	180		180
Nutrição e Dietética	20		20
CARGA HORÁRIA TOTAL 2.314 a 2.410	**2.194**	**120 a**	**2.194**

ANEXO G - Matriz curricular (1974-1978)

Distribuição de disciplinas dos currículos da EESVP

Disciplinas	Crd	C/H	Disciplinas	Crd	C/H
1º SEMESTRE			**2º SEMESTRE**		
Biologia	6	90	Bioquímica	6	90
Cálculo	6	90	Embriologia e Histologia	6	90
Estudos dos Problemas Brasileiros I	2	30	Estudos dos Problemas Brasileiros II	2	30
Física	6	90	Psicologia I	4	60
Química	6	90			
TOTAL	**26**	**390**	**TOTAL**	**18**	**270**
3º SEMESTRE			**4º SEMESTRE**		
Anatomia	6	90	Deontologia e Ética Profissional	3	45
Biofísica	4	60	Fisiologia	6	90
Microbiologia	3	45	Fundamentos da Enfermagem I	4	60
Nutrição e Dietética	4	60	Imunologia	4	60
Sociologia	4	60	Parasitologia	3	45
TOTAL	**21**	**315**	**TOTAL**	**20**	**300**
5º SEMESTRE			**6º SEMESTRE**		
Fundamentos da Enfermagem II	11	165	Enfermagem Psiquiátrica	9	135
História da Enfermagem	2	30	Farmacologia	6	90
Saúde da Comunidade	4	60			
TOTAL	**17**	**255 105**	**TOTAL**	**15**	**225**
7º SEMESTRE			**8º SEMESTRE**		
Enfermagem Médico Cirúrgica	13	195	Enfermagem Doenças Transmissíveis	6	90
Epidemiologia	4	60	Enfermagem Materno Infantil	13	195
Estatística Vital e Demográfica	4	60			
TOTAL	**21**	**315**	**TOTAL**	**19**	**285 225**
9º SEMESTRE			**Disciplinas OPTATIVAS**		

Administração Aplicada a Enfermagem	9	135	Antropologia Cultural	4	60
Didática Aplicada a Enfermagem	4	60	Dietoterapia	4	60
Enfermagem em Saúde Pública	9	135	Enfermagem em Centro Cirúrgico	8	120
Exercício de Enfermagem	4	60	Enfermagem em Obstetrícia	4	60
			Estatística	6	90
			Genética e Evolução	4	60
			Ginástica	2	30
			Higiene e Saneamento	3	45
			Introdução a Pesquisa	4	60
			Medidas Gerais de Profilaxia	4	60
			Patologia Geral	4	60
			Processos Patológicos Gerais	4	60
			Psicologia II	4	60
			Puericultura	4	60
			Relações Humanas	4	60
			Supervisão e Treinamento de Pessoal de Enfermagem	4	60
TOTAL	**26**	**390**	**TOTAL**	**67**	**1.005**

Estágios Práticos

ANO 1974 A 1978

CAMPOS DE PRÁTICA	**Carga Horária DIURNO**	**Carga Horaria NOTURNO**	**Carga Horaria TOTAL**
Nada consta	Nada consta	Nada consta	Nada consta
CARGA HORÁRIA TOTAL			**1.537**

ANEXO H - Matriz curricular (1979)

Disciplinas	C	CH	Disciplinas	C	CH
1º Semestre	**32**	**320**	**2º Semestre**	**14**	**210**
Comunicação e Expressão I	8	120	Comunicação e Expressão II	8	120
Introdução a Universidade e ao Curso	3	45	Metodologia do Trabalho Científico	4	60
Estudo dos Problemas Brasileiros I	2	30	Estudo dos Problemas Brasileiros II	2	30
Sociologia	4	60			
Fundamentos de Matemática	5	75			
3º semestre	**26**	**390**	**4º semestre**	**26**	**390**
Psicologia I	4	60	Psicologia II	4	60
Bioquímica	6	90	Microbiologia	4	60
Histologia e Embriologia	6	90	Genética e Evolução	4	60
Anatomia Humana	6	90	Parasitologia	4	60
Estatística Vital e Demográfica	4	60	Fisiologia	6	90
5º semestre	**28**	**420**	**6º semestre**	**32**	**480**
Higiene e Saneamento	4	60	Enfermagem Psiquiátrica	9	135
Nutrição e Dietética	6	90	Saúde da Comunidade	4	60
Processos Patológicos Gerais	4	60		19	285
Farmacologia	6	90			
Epidemiologia	4	60			
Exercício de Enfermagem	4	60			
7º semestre	**32**	**480**	**8º semestre**	**24**	**360**
Enfermagem Médico Cirúrgica	13	195	Enfermagem em Saúde Publica	9	135
Enfermagem em Doenças transmissíveis	6	90	Administração Aplicada a Enfermagem	9	135
Enfermagem Materno Infantil Didática	13	195	Aplicada a Enfermagem	4	60
			Prática de Educação Física	2	
			Optativas 20 300	20	300
			Dinâmica de Grupo	4	60
			Neurologia do Desenvolvimento	4	60
			Desenvolvimento de Comunidade e Comunicação	4	60
			Estatística	4	60
			Economia	4	60
TOTAL	**108/1620**			**116/1740**	

MATRIZ CURRICULAR (1979)

Disciplinas práticas de Estágio

Disciplina	Semestre	Crédito	Carga Horária	T	P
Fundamentos de Enfermagem	6º	19	285	125	160
Enfermagem Psiquiátrica	6º	9	135	45	90
Enfermagem Médico Cirúrgica	7º	13	195	75	120
Enfermagem em Doenças transmissíveis	7º	6	90	30	60
Enfermagem Materno Infantil	7º	13	195	75	120
Enfermagem em Saúde Pública	8º	9	135	0	135
Administração Aplicada a Enfermagem	8º	9	135	45	90
TOTAL		**78**	**1170**	**395**	**775**

ANEXO I - Matriz curricular (1981.2)

Disciplinas	C	CH	Disciplinas	C	CH
1º Semestre	**20**	**300**	**2º Semestre**	**20**	**300**
Comunicação e Expressão I	6	90	Comunicação e Expressão II	4	60
Metodologia do Trabalho Científico	4	60	Introdução a Estatística	4	60
Introdução a Filosofia	4	60	Técnicas Gerais de Laboratório	4	60
Introdução a Universidade e ao Curso	2	30	Biologia Molecular	4	60
Cálculo I	4	60	Química Geral	4	60
3º Semestre	**34**	**510**	**4º Semestre**	**28**	**420**
Histologia e Embriologia Geral	6	90	Microbiologia	4	60
Anatomia Humana	6	90	Genética e Evolução	4	60
Parasitologia	4	60	Imunologia	4	60
Estatística Vital e Demográfica	4	60	Fisiologia	6	90
Bioquímica	6	9	Higiene e Saneamento	4	60
Introdução a Psicologia	4	60	Estudo dos Problemas Brasileiros	12	30
Sociologia Aplicada	4	60	Psicologia Aplicada a Saúde	4	60
5º Semestre	**32**	**480**	**6º Semestre**	**20**	**300**
Farmacologia	**6**	**90**	Didática Aplicada a Enfermagem	4	60
Processos Patológicos Gerais	4	60	Exercício de Enfermagem	4	60
Fundamentos de Enfermagem I	8	120	Fundamentos de Enfermagem II	12	180
Nutrição e Dietética	6	90			
Saúde da Comunidade	4	60			
Epidemiologia	4	60			
7º Semestre	**34**	**510**	**8º Semestre**	**34**	**510**
Enfermagem Médico Cirúrgica I	12	180	Enfermagem Psiquiátrica	10	150
Enfermagem Materno Infantil	12	180	Enfermagem em Saúde Publica	14	210
Enfermagem em Doenças transmissíveis	10	150	Socorro de Urgência	2	30
			Administração Aplicada a Enfermagem	6	90
			Estudo dos Problemas Brasileiros II	2	30
9º Semestre			**OPTATIVAS**		
Estágio Enfermagem Materno Infantil	16	240	Antropologia Cultural	4	60
Estágio Enfermagem Médico Cirúrgica	16	240	Dinâmica de Grupo	4	60
			Francês Instrumental I	4	60
			Francês Instrumental II	4	60

			Fundamentos da Matemática	6	90
			Ginástica Masculina	2	30
			Ginástica Feminina	2	30
Optativas (Licenciatura)	**36**	**540**	Inglês Instrumental I	4	60
Didática Geral	4	60	Inglês Instrumental II	4	60
Psicologia da Adolescência	4	60	Introdução a Economia	4	60
Psicologia da Aprendizagem	4	60	Introdução a Sociologia	4	60
Estrutura e Funciona e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus	4	60	Língua Estrangeira Instrumental	4	60
Praticas de Ensino de Enfermagem I	6	90	Prática de Educação Física	2	30
Praticas de Ensino de Enfermagem II	14	210	Química Orgânica	4	60
TOTAL	184/2760			154/2310	

MATRIZ CURRICULAR (1981.2)

Disciplinas práticas de Estágio

Disciplina	Semestre	Crédito	Carga Horária	T	P
Fundamentos de Enfermagem I I	6º	12	180	20	160
Enfermagem Médico Cirúrgica	7º	12	180	135	45
Enfermagem Materno Infantil	7º	12	180	135	45
Enfermagem em Doenças transmissíveis	7º	10	150	60	90
Enfermagem Psiquiátrica	8º	10	150	60	90
Enfermagem em Saúde Pública	8º	14	210	75	135
Administração Aplicada a Enfermagem	8º	6	90	60	30
Estágio Enfermagem Materno Infantil	9º	16	240	15	225
Estágio Enfermagem Médico Cirúrgica	9º	16	240	15	225
TOTAL		**108**	**1620**	**575**	**1045**

ANEXO J- Matriz curricular (1985.2)

Disciplinas	C	CH	Disciplinas	C	CH
1º Semestre	**26**	**390**	**2º Semestre**	**36**	**540**
Introdução a Universidade e ao Curso	2	30	Introdução a Psicologia	4	60
Filosofia Geral e da Ciência	4	60	Sociologia Aplicada	4	60
Sociologia Geral	4	60	Histologia e Embriologia Geral	6	90
Técnicas Gerais de Laboratório	4	60	Anatomia Humana	8	120
Biologia Celular e Molecular	4	60	Parasitologia	4	60
Matemática Aplicada a Biologia	4	60	Bioquímica Fundamental	6	90
Química Orgânica	4	60	Estatística Vital e Demográfica	4	60
3º Semestre	**16**	**240**	**4º Semestre**	**18**	**270**
Genética e Evolução	4	60	Fisiologia	6	90
Microbiologia	4	60	Saúde da Comunidade	4	60
Higiene e Saneamento	4	60	Epidemologia	4	60
Psicologia Aplicada a Saúde	4	60	Imunologia	4	60
5º Semestre	**20**	**300**	**6º Semestre**	**24**	**360**
Fundamentos de Enfermagem II	8	120	Fundamentos de Enfermagem II	12	180
Farmacologia	8	120	Didática Aplicada a Enfermagem	4	60
Processos Patológicos Gerais	4	60	Exercício de Enfermagem	4	60
			Metodologia de Pesquisa em Enfermagem	4	60
7º Semestre	**34**	**510**	**8º Semestre**	**32**	**480**
Enfermagem Médico-Cirúrgica I	12	180	Enfermagem e Saúde Pública	14	210
Enfermagem Materno Infantil	12	180	Enfermagem Psiquiátrica	10	150
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	10	150	Administração Aplicada a	6	90
			Enfermagem Socorros de Urgência	2	30
9º Semestre	**32**	**480**	**Optativas (Licenciatura)**	**36**	**540**
Estágio Enfermagem Materno Infantil	16	240	Didática Geral	4	60
Estágio Enfermagem Médico-Cirúrgica	16	240	Psicologia da Adolescência	4	60
			Psicologia da Aprendizagem	4	60
			Estrutura e Funcionamento do Ensino I e II Graus	6	90
			Praticas de Ensino de Enfermagem I	6	90
			Praticas de Ensino de Enfermagem II	14	210
TOTAL	**128/1920**			**146/2190**	

ANEXO L - Matriz curricular (1985.2)

Disciplinas optativas Matriz Curricular (1985.2)

Disciplinas optativas	C	CH	Disciplinas	C	CH
Comunicação e Expressão I	6	90	Epidemiologia e Saúde Ambiental	8	120
Comunicação e Expressão II	4	60	Patologia Geral	4	60
Português Instrumental	4	60	Prática de Educação Física	2	30
Francês Instrumental I	4	60	Ginástica Masculina	2	30
Francês Instrumental II	4	60	Ginástica	2	30
Inglês Instrumental I	4	60	Ginástica Corretiva (Masculina)	2	30
Introdução a Filosofia	4	60	Ginástica Aeróbica	2	30
Filosofia	4	60	Ginástica Feminina	2	30
Metodologia do Trabalho Científico	4	60	Ginástica Corretiva (Feminina)	2	30
Introdução a Sociologia	4	60	Iniciação ao Voleibol	2	30
Estudo dos Problemas Brasileiros I	2	30	Voleibol Masculino	2	30
Estudo dos Problemas Brasileiros II	2	30	Voleibol	2	30
Fórum Acadêmico I - Humanas	1	15	Voleibol Feminino	2	30
Fórum Acadêmico I - Saúde	1	15	Handebol	2	30
Fundamentos Sócio Filosóficos	6	90	Futebol de Salão	2	30
Bioquímica da Enfermagem	6	90	Futebol de Campo	2	30
Genética Geral	4	60	Basquete	2	30
Fórum Acadêmico - Ciências da Saúde	1	15	Fundamentos de Matemática	**6**	**90**
Sociologia Aplicada a Saúde	4	60	Bioquímica	**6**	**90**
Bases Teóricas da Administração	2	30	Introdução a Estatística	**4**	**60**
Elementos Básicos de Pesquisa	4	60	Introdução a Economia	**4**	**60**
Ética e legislação	4	60	Monografia de Enfermagem	**2**	**30**
Imunologia Básica			Nutrição e Dietética	**6**	**90**

MATRIZ CURRICULAR (1985.2)

PRÁTICAS DE ESTÁGIO

Disciplina	Semestre	Crédito	Carga Horária	T	P
Fundamentos de Enfermagem I I	6º	12	180	20	160
Enfermagem Médico Cirúrgica	7º	12	180	135	45
Enfermagem Materno Infantil	7º	12	180	135	45
Enfermagem em Doenças transmissíveis	7º	10	150	60	90
Enfermagem Psiquiátrica	8º	10	150	60	90
Enfermagem em Saúde Publica	8º	14	210	75	135
Administração Aplicada a Enfermagem	8º	06	90	60	30
Estágio Enfermagem Materno Infantil	9º	16	240	15	225
Estágio Enfermagem Médico Cirúrgica	9º	16	140	15	225
TOTAL		108	1620	575	1045

ANEXO M- Matriz curricular (1997.1)

Disciplinas	C	CH	Disciplinas	C	CH
1º Semestre	**32**	**544**	**2º Semestre**	**22**	**374**
Fundamentos Sócio-Filosóficos	6	102	Antropologia Filosófica	2	68
Anatomia, Embriologia e Histologia	12	204	Bioagentes Patogênicos e Imunologia	8	136
Fundamentos de Biologia	6	102	Fisiologia Bioquímica e Biofísica	10	170
Integração ao curso e a profissão	4	68			
Bioestatística	4	68			
3º Semestre	28	476	**4º Semestre**	16	306
Farmacologia	8	136	Psicologia Aplicada a Saúde	4	68
Epidemiologia e Saúde Ambiental	8	136	Semiologia e Semiotécnica I	10	170
Planejamento e Políticas em Saúde	4	68	Ética e Legislação	4	68
Patologia Geral	4	68			
Metodologia de Pesquisa em Enfermagem	4	68			
5º Semestre	42	714	**6º Semestre**	18	306
Semiologia e Semiotécnica II	8	136	Administração do Processo de Trabalho em Enfermagem	8	136
Enfermagem em Saúde Mental	8	136	Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente	10	70
Enfermagem em Saúde do Adulto I	12	204			
Nutrição e Prática educativa em Saúde	6	102			
Enfermagem em Saúde Coletiva	8	136			
7º Semestre	50	510	**8º Semestre**	32	544
Enfermagem em Saúde do Adulto II	16	272	Monografia I	2	34
Enfermagem em Saúde do Adulto III	6	102	Estagio Curricular Supervisionado na Rede Ambulatorial	15	255
Gerenciamento do Processo de Trabalho em Enfermagem	8	136	Estagio Curricular Supervisionado na Rede Básica	15	255
9º Semestre	32	510	**Optativas**	26	442
Estagio Curricular Supervisionado na Rede Hospitalar	30	510	Introdução a Tanatologia		
Monografia	2	34	Introdução a Informática		
			Práticas Alternativas em Saúde	4	68

			Enfermagem em Sociedade	2	34
			Elementos Básicos em Pesquisa	4	68
			Bases Teóricas em Administração	2	34
			Socorro de Urgência	2	34
			Comunicação em Enfermagem	2	34
			Enfermagem em Projetos Especiais I	2	34
			Enfermagem em Projetos Especiais II	2	34
TOTAL:	**164 / 2788**			**116 / 1972**	

ANEXO N- Matriz curricular (2005.1)

Disciplinas	C	CH	Disciplinas	C	CH
1º Semestre	**32**	**544**	**2º Semestre**	**30**	**510**
Fundamentos Sócio-Filosóficos	3	102	Antropologia Filosófica	4	68
Anatomia Humana	8	136	Imunologia	4	68
Fundamentos de Biologia	6	102	Metod. de Pesquisa em Enfermagem	4	68
Psicologia Aplicada a Saúde	4	68	Fisiologia e Biofísica	10	170
A Enfermagem o Curso e a Profissão	2	34	Bioquímica	4	60
Embriologia e Histologia	6	102	Bioestatística	4	60
3º Semestre	**32**	**544**	**4º Semestre**	**32**	**544**
Patologia Geral	8	136	Enfermagem em Saúde Mental	8	136
Microbiologia	4	68	Epidemiologia	4	68
Parasitologia	4	68	Ética e Legislação em Enfermagem	4	60
Bases Filosóficas e Teóricas da Enfermagem	4	68	Semiologia e Semiotecnica e Processo do Cuidar	16	272
Farmacologia	4	136			
Nutrição e Dietética	4	68			
5º Semestre	**30**	**510**	**6º Semestre**	**30**	**510**
Enfermagem em Saúde do Adulto	16	272	Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente	12	204
Enfermagem Perioperatória e CME (Central de Material e Esterilização)	4	68	Enfermagem em Saúde da Mulher	12	204
Políticas e saberes em Saúde Coletiva	6	102	Administração do Processo de Trabalho em Enfermagem	6	102
Educação em Saúde e Ambiente	4	68			
7º Semestre	**28**	**476**	**8º Semestre**	**32**	**544**
Gerenciamento em Enfermagem	8	136	Internato I	30	510
Enfermagem em Saúde Coletiva	12	204	Monografia I	2	34
Enfermagem Geriátrica e Gerontológica					
9º Semestre	**32**	**544**			
Internato II	30	510			
Monografia II	2	34			
TOTAL	**154/2618**			**124/2108**	

MATRIZ CURRICULAR (2005.1)

Disciplinas Optativas

Disciplinas optativas	C	CH	Disciplinas optativas	C	CH
Introdução a Tanatologia	2	34	Psicologia Social e Saúde	4	68
Socorro de Urgência	2	34	Psicologia da Educação	6	102
Práticas Alternativas de Saúde	4	68	Didática Geral	4	68
Enf. em Saúde do Adulto I	12	204	Ética e Legislação	4	68
Enfermagem e o Trabalho com Grupos	2	34	Métodos Qualitativos em Enfermagem	4	68
Enfermagem em Projetos Especiais I	2	34	Planejamento e Políticas de Saúde	4	68
Enfermagem em Projetos Especiais II	2	34	Bases Teóricas da Administração	2	34
Atividades Acadêmicas Cientificas e Culturais	12	204	Enfermagem e Sociedade	2	34
Estágio Curricular Supervisionado Rede Ambulatorial	15	255	Elementos Básicos de Pesquisa	4	68
Estágio Curricular Sup. Rede Básica	15	255	Farmacologia	8	136
Atividade complementares			Monitoria I	1	17
			Monitoria II	1	17
			Monitoria III	1	17
			Monitoria IV	1	17
			Monitoria V	1	17
			Monitoria VI	1	17
			Monitoria VII	1	17
			Iniciação Cientifica e Cultural I	1	17
			Iniciação Cientifica e Cultural II	1	17
			Iniciação Cientifica e Cultural III	1	17
			Iniciação Cientifica e Cultural IV	1	17

			Iniciação Cientifica e Cultural V	1	17
			Iniciação Cientifica e Cultural VI	1	17
			Iniciação Cientifica e Cultural VII		
			Extensão I	1	17
			Extensão II	1	17
			Extensão III	1	17